

Fátima Regina Machado

Experiências Anômalas na Vida Cotidiana

Experiências extra-sensório-motoras
e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo

*Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos
para a obtenção do grau de
Doutora em Psicologia*

Área de concentração: Psicologia Social
Orientador: Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos

São Paulo
2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Machado, Fátima Regina.

Experiências anômalas na vida cotidiana: experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo / Fátima Regina Machado; orientador Esdras Guerreiro Vasconcellos. -- São Paulo, 2009.

344 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Experiências anômalas 2. Psicologia anomalística 3. Crenças religiosas 4. Atitudes 5. Bem-estar subjetivo 6. Atribuição de causalidade I. Título.

BF1031-1038

Experiências Anômalas na Vida Cotidiana:
Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com
crenças, atitudes e bem-estar subjetivo

Fátima Regina Machado

BANCA EXAMINADORA

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Assinatura: _____

Tese defendida e aprovada em: ____/____/____

DEDICATÓRIA

A Wellington Zangari, meu mestre e meu amor...

A minha mãe, Therezinha, sempre!

*Ao Nonno Alberto, que gostava de fazer “levantamentos
de quantidades” e sempre implicava com o sentido
vago das palavras “pouco” e “muito”.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos, pela acolhida, pela paciência e pelas dicas valiosas.

Aos Profs. Eda Tassara e Geraldo José de Paiva, pelos importantes comentários e sugestões feitos no Exame de Qualificação desta tese.

Aos colegas de orientação Esther, Fábio, João, Helder, Sônia e Déborah pela paciência ao ouvir e pelo interesse em opinar.

Às secretárias do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Nalva e Cecília, pela disponibilidade e pelo sorriso amigo que sempre nos recepciona.

Aos colegas do Inter Psi: Vanessa, Everton, Cristina, Fernando, Cecília, Zacarias, Maciel, Rafael, Rosana, Leonardo e Vera, pelo incentivo e pela troca sempre proveitosa.

Àqueles que serviram de juízes para a validação semântica do questionário elaborado para esta pesquisa.

Aos que colaboraram para a coleta de dados: Esther, Felipe, Cassandra e Esdras; Áurea e Norma do Artesanato Costa; e o Prof. Romeu Pereira da Faculdade Diadema.

A todos os respondentes que se dispuseram a fornecer os dados que tornaram possível a realização deste trabalho.

A Altay Alves Lino de Souza, pela generosidade em esclarecer dúvidas sobre estatística e sobre o SPSS.

A minha família – meu pai, Natal, meus sogros, José e Dirce, meu irmão e minha cunhada, José Luis e Sandra, e meus sobrinhos, Lucas e Larissa, pelo incentivo, pelo apoio e pela compreensão de minhas ausências.

Um especial agradecimento à sobrinha Larissa que, do alto dos seus 12 anos de idade, não só me auxiliou na entrada dos dados no computador, como vibrou com a pesquisa.

E muito especialmente a Wellington Zangari, sem palavras para expressar o quão grata sou pelo seu apoio incondicional em todos os sentidos e em todos os momentos. Sua presença constante e amiga foi grandemente responsável por ser possível finalizar esta pesquisa.

RESUMO

MACHADO, Fátima Regina. *Experiências Anômalas na Vida Cotidiana: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo*. São Paulo, 2009. 344p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Este survey interseccional teve como objetivo verificar a prevalência de experiências anômalas extra-sensório-motoras (ou experiências psi) comparando características demográficas, práticas, crenças, religiosidade e níveis de bem-estar subjetivo (BES) de experienciadores (EXPs) e não experienciadores (NEXPs) de psi. Para a coleta de dados, foi elaborado e aplicado o Questionário de Prevalência e Relevância de Psi (Q-PRP) com 35 itens, juntamente com a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) (Albuquerque e Tróccoli, 2004). Dos 306 respondentes (idades de 18 a 66 anos) que participaram da pesquisa, 82,7% alegaram ter vivenciado pelo menos uma experiência anômala extra-sensório-motora. Não foi encontrada diferença significativa entre EXPs e NEXPs em termos de gênero, renda, estado civil, religião e religiosidade. No entanto, verificou-se que EXPs crêem significativamente mais em percepção extra-sensorial, psicocinesia, reencarnação, vida após a morte e “práticas alternativas”. EXPs indicaram que suas experiências psi afetaram suas atitudes, crenças e tomadas de decisão. Tal influência está significativamente relacionada à atribuição de causalidade feita para as experiências psi vivenciadas. As atribuições de causalidade são coerentes com a crença, adesão ou postura religiosa dos EXPs. Quanto aos níveis de BES, os EXPs pontuaram mais no fator “afetos negativos”, o que sugere que EXPs têm um nível de BES mais baixo que os NEXPs. Os dados foram discutidos em detalhes enfatizando-se a complexidade de suas associações e correlações. Os resultados não são conclusivos, mas apontam tendências que deverão ser exploradas de forma mais aprofundada em próximos estudos.

ABSTRACT

MACHADO, Fátima Regina. *Anomalous Experiences in the Daily Life: Extrasensorimotor experiences and their association with beliefs, attitudes and well-being*. São Paulo, 2009. 344p. Doctoral Dissertation. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

The aim of this cross-sectional survey was to verify the prevalence of anomalous extrasensorimotor experiences (or psi experiences) and compare psi experiencers (EXPs) and non experiencers (NEXPs) in terms of demographic variables, beliefs, “alternative practices” and subjective wellbeing (SWB) levels. In order to collect data, it was used the 35-item *Questionário de Prevalência e Relevância de Psi* (Q-PRP) elaborated for this research, and the *Escala de Bem-Estar Subjetivo* (EBES) (Albuquerque e Trócoli, 2004). From the 306 respondents (age from 18 to 66), 82,7% claimed at least one psi experience. No significant differences between EXPs and NEXPs were found in terms of sex, income, marital status, religion and religiosity. However, EXPs believe significantly more in extrasensory perception, psychokinesis, reincarnation, survival after death, and “alternative practices”. EXPs indicated that psi experiences have affected their attitudes, beliefs and decisions. Such influence is significantly related to the attribution of causality they make to their own psi experiences. Attributions of causality were coherent to EXPs’ s beliefs. As to SWB, EXPs tend to punctuate higher in terms of “negative affects” than NEXPs, what suggests that EXPs have a lower level of SWB than NEXPs. Data were discussed in detail emphasizing the complexity of associations and correlations among them. Results are not conclusive, but point to tendencies which must be explored more profoundly in next studies.

Sumário

Apresentação (p.1)

PARTE 1 – Revisão da bibliografia e referenciais teóricos

Capítulo 1 – Introdução às Experiências Anômalas (p.5)

- 1.1- Conceituação e importância do estudo das experiências anômalas (p.5)
- 1.2- Delimitação e limitações do objeto de estudo (p.9)
- 1.3- Estudos que motivaram esta pesquisa (p.17)

Capítulo 2 – Tópicos de Psicologia Social (p.43)

- 2.1- Esquemas (p.44)
- 2.2- Atitudes (p.48)
 - 2.2.1- Mudanças de atitudes (p.51)
- 2.3- Atribuição de Causalidade (p.53)
 - 2.3.1- Uma Teoria Geral para a Atribuição de Causalidade (p.62)
- 2.4- Bem-estar subjetivo (p.73)
- 2.5- Estresse, *coping* e crença: um retorno à atribuição de causalidade (p.84)

PARTE 2 – Apresentação da estrutura da pesquisa

Capítulo 3 – Retomada e Detalhamento dos Objetivos da Tese (p.92)

- 3.1- Objetivos gerais (p.92)
- 3.2- Objetivos específicos (p.94)

Capítulo 4 – Hipóteses norteadoras da pesquisa (p.97)

Capítulo 5 – Método e procedimentos (p.101)

- 5.1- Da amostra (p.102)
- 5.2- Dos instrumentos utilizados (p.105)
 - 5.2.1- A Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) (p.106)
 - 5.2.2- O Questionário de Prevalência e Relevância de Psi (Q-PRP) (p.110)
 - 5.2.2.1- Da validação semântica do Q-PRP (p.112)
 - 5.2.2.2- Pré-teste e ajustes no Q-PRP (p.117)
- 5.3- Dos procedimentos de coleta e análise dos dados (p.121)

PARTE 3 – Apresentação e análise dos dados

Capítulo 6 – Apresentação dos Dados Coletados (p.126)

- 6.1- Perfil da amostra (p.127)

6.1.1- Dados demográficos (p.128)

6.1.1.1- Gênero (p.128)

6.1.1.2- Idade (p.129)

6.1.1.3- Local de Nascimento e de Residência (p.131)

6.1.1.4- Estado Civil (p.133)

6.1.1.5- Escolaridade (p.134)

6.1.1.6- Trabalho e Renda Mensal (p.138)

6.1.2- Crenças e Práticas (p.142)

6.1.2.1- Crença, adesão ou postura religiosas (p.142)

6.1.2.2- Religiosidade (p.147)

6.1.2.3- Crença em percepção extra-sensorial (ESP) (p.148)

6.1.2.4- Crença em psicocinesia (PK) (p.149)

6.1.2.5- Crença em reencarnação (p.150)

6.1.2.6- Crença na sobrevivência da alma ou do espírito (p.151)

6.1.2.7- Crença em cristais, pêndulos, numerologia e astrologia (p.153)

6.1.2.8- Prática de técnicas mentais (p.156)

6.1.2.9- Uso de drogas (p.157)

6.1.2.10- Ajuda de profissionais da área da saúde mental (p.158)

6.1.2.11- Busca de Informação, ajuda ou aconselhamento (p.160)

6.2- Experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor (psi) (p.166)

6.2.1- Dimensão social das experiências psi (p.172)

6.2.2- Conteúdo e “formato” das experiências vivenciadas (p.174)

6.2.3- Compartilhamento das experiências (p.176)

6.2.4- Influência da religião para lidar com experiências psi (p.177)

6.2.5- Experiências psi e mudanças de crença e de atitude (p.179)

6.2.6- Experiências psi e tomadas de decisão (p.190)

6.2.7- Opiniões e sentimentos acerca das experiências psi (p.192)

6.2.8- Interesse por experiências psi (p.194)

6.2.9- Atribuição de causalidade para as experiências psi (p.195)

6.3- Níveis de bem-estar subjetivo dos respondentes (p.220)

Capítulo 7 – Discussão dos resultados (p.232)

Considerações Finais (p.270)

Fontes de Referência (p.275)

Anexos

Anexo 1 – Brevíssimo histórico do desenvolvimento das pesquisas das experiências anômalas relacionadas a psi ou experiências extra-sensório-motoras

Anexo 2 – Material utilizado para a coleta de dados

Anexo 3 – Guia para realização de Análise de Conteúdo com meta-questionário elaborado para a validação semântica do Q-PRP.

Anexo 4 – Análise de Conteúdo: comentários, sugestões e percentuais de concordância entre os juízes para cada item do Q-PRP.

Anexo 5 – CD contendo todas as tabelas de frequência, porcentagem, associações e correlações dos dados coletados geradas pelo SPSS.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

- Tabela 1:** Porcentagens de estudantes universitários que relataram significação social de psi. (p.19)
- Tabela 2:** Porcentagens de estudantes universitários que alegaram ter vivenciado pelo menos uma experiência psi ou experiência correlata. (p.20)
- Tabela 3:** Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Gênero (p.128)
- Tabela 4:** Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Idade (p.130)
- Tabela 5:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a idade (p.130)
- Tabela 6:** Frequências e percentuais de dados demográficos: Local de Nascimento (p.132)
- Tabela 7:** Frequências e percentuais de dados demográficos: Local de Residência (p.133)
- Tabela 8:** Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Estado Civil (p.134)
- Tabela 9:** Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Escolaridade (p.136)
- Tabela 10:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Escolaridade. (p.136)
- Tabela 11:** Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Estudo (p.138)
- Tabela 12:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Estudo (p.138)
- Tabela 13:** Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Trabalho (p.139)
- Tabela 14:** Direção do Efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Trabalho. (p.139)
- Tabela 15:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Sustento (p.140)
- Tabela 16:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Sustento (p.142)
- Tabela 17:** Frequências e percentuais referentes à crença, adesão e postura religiosa na amostra geral (N = 306). (p.145)
- Tabela 18:** Frequências e percentuais referentes à crença, adesão e postura religiosa dentre os EXPs (N = 253). (p.146)
- Tabela 19:** Frequências e percentuais referentes à crença, adesão e postura religiosa dentre os NEXPs (N = 53). (p.147)
- Tabela 20:** Direção do efeito das diferenças significantes entre “Crença, Adesão ou Postura Religiosas” e “Religiosidade” de EXPs e NEXPs. (p.148)
- Tabela 21:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a crença em percepção extra-sensorial (ESP). (p. 149)
- Tabela 22:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a à crença na psicocinesia (PK). (p. 150)
- Tabela 23:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a à crença na reencarnação. (p.151)
- Tabela 24:** Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a crença na sobrevivência da alma ou do espírito. (p.153)
- Tabela 25:** Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença nos cristais. (p.154)
- Tabela 26:** Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença nos pêndulos. (p.155)

- Tabela 27:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença na numerologia. (p.155)
- Tabela 28:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença na astrologia. (p.155)
- Tabela 29:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à descrença em cristais, pêndulos, numerologia e astrologia. (p.156)
- Tabela 30:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à prática de técnicas mentais. (p.157)
- Tabela 31:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto ao uso de drogas ou medicamentos que provocaram expansão da consciência. (p.158)
- Tabela 32:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a profissionais de saúde mental. (p.159)
- Tabela 33:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a médiuns e/ou paranormais. (p.162)
- Tabela 34:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a cartomantes e/ou tarólogos. (p.163)
- Tabela 35:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a astrólogos. (p.163)
- Tabela 36:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a curadores espirituais. (p.163)
- Tabela 37:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a quiromantes. (p.164)
- Tabela 38:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a jogadores de búzios. (p.164)
- Tabela 39:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consultas a outros não mencionados nas alternativas. (p.164)
- Tabela 40:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à avaliação das consultas. (p.165)
- Tabela 41:** Crenças e práticas: Pedidos de informação, ajuda, aconselhamento (p.166)
- Tabela 42:** Freqüências e percentuais de respondentes que tiveram ao menos uma experiência de ESP. (p.167)
- Tabela 43:** Freqüências e percentuais de respondentes que tiveram ao menos uma experiência de PK. (p.167)
- Tabela 44:** Freqüências e porcentagens das experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor dos respondentes. (p.170)
- Tabela 45:** Significância da diferença de freqüências experiências psi vivenciadas por respondentes religiosos e não religiosos. (p.171)
- Tabela 46:** Freqüências, percentuais e direção do efeito para a associação entre gênero e compartilhamento de experiências psi. (p.177)
- Tabela 47:** Significância quanto à influência da religião para lidar com as experiências psi. (p.178)
- Tabela 48:** Freqüência e percentual de NEXPs (N = 53) que foram influenciados em suas crenças religiosas por causa das experiências psi de terceiros. (p.179)
- Tabela 49:** Freqüência e percentual daqueles que adotaram uma religião por causa de experiências psi. (p.181)
- Tabela 50:** Freqüência e percentual daqueles que deixaram de ter uma religião específica e passaram a freqüentar religiões diferentes por causa de experiências psi. (p.181)
- Tabela 51:** Freqüência e percentual dos que se tornaram esotéricos por causa de experiências psi. (p.182)

Tabela 52: Freqüência e percentual dos que se passaram a crer mais em Deus por causa de suas experiências psi. (p.183)

Tabela 53: Freqüência e percentual daqueles cujas crenças religiosas não foram influenciadas por experiências psi. (p.183)

Tabela 54 - Freqüência e percentual daqueles cujas crenças religiosas foram influenciadas por experiências psi por causas outras que não as listadas nas alternativas. (p.184)

Tabela 55 - Freqüência e percentual daqueles cujas crenças religiosas foram confirmadas por causa de experiências psi. (p.185)

Tabela 56: Freqüências, porcentagens e diferenças significantes entre as opiniões e sentimentos do NEXPs e EXPs sobre psi. (p.194)

Tabela 57: Associações significantes entre atribuições para sonhos ESP e outras variáveis. (p.206, 207 e 208)

Tabela 58: Associações significantes entre atribuições para ESP em Vigília com Fato e outras variáveis. (p.209 e 210)

Tabela 59: Associações significantes entre atribuições para ESP em Vigília com Alguém/Algo e outras variáveis (p.210)

Tabela 60: Associações significantes entre atribuições para OBE com ESP e outras variáveis (p.211)

Tabela 61: Associações significantes entre atribuições para PK com Objetos e outras variáveis. (p.212)

Tabela 62: Associações significantes entre atribuições para PK com Luz Elétrica/Aparelhos e outras variáveis. (p.213)

Tabela 63: Associações significantes entre atribuições para PK com Água e outras variáveis. (p.214)

Tabela 64: Associações significantes entre atribuições para PK com Fogo e outras variáveis. (p.215)

Tabela 65: Associações significantes entre atribuições para PK com Pedras e outras variáveis. (p.216)

Tabela 66: Associações significantes entre atribuições para PK com Dejetos e outras variáveis. (p.217)

Tabela 67: Associações significantes entre atribuições para PK com Ar/Temperatura e outras variáveis. (p.218)

Tabela 68: Associações significantes entre atribuições para ESP de Local Assombrado e outras variáveis. (p.219)

Tabela 69 - Médias dos fatores “Afetos Positivos”, “Afetos Negativos” e “Satisfação com a Vida” entre os EXPs e NEXPs (p.221)

Tabela 70 - Resultados do Teste t para duas amostras independentes para “Afetos Positivos”, “Afetos Negativos” e “Satisfação com a Vida” entre os EXPs e NEXPs. (p.222)

Tabela 71 - Resultados do Teste do “U” de Mann-Whitney” para “Afetos Positivos”, “Afetos Negativos” e “Satisfação com a Vida” entre os EXPs e NEXPs. (p.222)

Tabela 72 - Matriz de Associações Significantes entre Variáveis do Perfil dos EXPs (p. 224 a 231)

Quadro 1: Expressões que resumem a descrição das experiências anômalas extra-sensório-motoras (p.168)

Apresentação

Esta tese de doutoramento apresenta uma pesquisa de levantamento de dados cujo objetivo foi verificar a prevalência de experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo em dada população brasileira ao modo como tem sido feito em outras amostras populacionais. As experiências extra-sensório-motoras enfocadas nesta tese dizem respeito a interações entre seres humanos e entre estes e o ambiente que não obedecem aos padrões de comunicação e interação ambiental convencionais. Essas experiências compõem o conjunto das chamadas *experiências anômalas*, que recebem esse adjetivo pelo fato de não se enquadrarem no paradigma científico vigente, constituindo, assim, uma *anomalia*, no sentido proposto por Thomas Kuhn (1962).

Para a apresentação do tema de pesquisa e dos conceitos que nortearam a busca de associações e correlações dentre os dados coletados, bem como da discussão dos resultados encontrados, esta tese foi dividida em três partes.

A **Parte 1**, intitulada *Revisão Bibliográfica e Referenciais Teóricos*, é composta de dois capítulos. O **Capítulo 1**, *Introdução às Experiências Anômalas*, trata do conceito de experiências anômalas e da importância de seu estudo. Apresenta a lista de classificação dessas experiências expondo mais detalhadamente as experiências relacionadas a psi, que correspondem às experiências extra-sensório-motoras, centro de interesse desta pesquisa. Assim, delimita-se o objeto de estudo desta tese e expõem-se as limitações de pesquisa impostas por esse objeto. Ainda no Capítulo 1 são apresentados estudos que

serviram de motivação para este trabalho. O **Capítulo 2**, *Tópicos de Psicologia Social*, faz uma revisão de conceitos, teorias e estudos sobre crenças, atitudes, atribuição de causalidade e bem-estar subjetivo – que inevitavelmente inclui considerações sobre estresse e *coping*. Esses tópicos provocaram a busca de associações entre as vivências sob exame e aspectos psicossociais, por isso a revisão da literatura realizada ajudará na discussão dos dados. Especial interesse é devotado às crenças e atribuições de causalidade religiosas.

A **Parte 2**, *Apresentação da Estrutura da Pesquisa*, foi dividida em três capítulos a fim de retomar os objetivos do estudo realizado (**Capítulo 3**) bem como suas hipóteses norteadoras (**Capítulo 4**), e expor de modo detalhado o método e os procedimentos de coleta de dados (**Capítulo 5**).

A **Parte 3**, *Apresentação e Análise dos Dados Coletados*, está dividida em dois capítulos: o **Capítulo 6**, que descreve os dados coletados e apresenta suas associações e correlações com o auxílio de tabelas; e o **Capítulo 7**, que traz a discussão dos resultados “em diálogo” com outros estudos e aspectos teóricos tratados na Parte 1.

O último tópico, **Considerações Finais**, revisita as hipóteses norteadoras deste trabalho e aponta possibilidades de desdobramentos da pesquisa realizada por meio de outros procedimentos que venham a complementar as informações obtidas.

Após a lista de **Fontes de Referência** utilizadas na tese, são apresentados **Anexos**, que trazem um breve histórico do desenvolvimento da pesquisa de experiências anômalas extra-sensório-motoras (**Anexo 1**); o material utilizado para coleta de dados, composto pelos instrumentos: (a) Q-PRP (Questionário de Prevalência e Relevância das Experiências Psi) – construído e validado

semanticamente em especial para esta pesquisa – e (b) EBES (Escala de Bem-Estar Subjetivo) construída e validada no Brasil por Annelise Albuquerque, publicada em conjunto com Tróccoli (Albuquerque e Tróccoli, 2004) (**Anexo 2**); o guia para realização de Análise de Conteúdo com meta-questionário elaborado para a validação semântica do Q-PRP (**Anexo 3**); o resultado da Análise de Conteúdo realizada com comentários, sugestões e percentuais de concordância entre os juízes para cada item do Q-PRP (**Anexo 4**); e, finalmente, um *compact disc* (CD) contendo todas as tabelas de freqüências, porcentagens, associações e correlações dos dados coletados geradas pelo *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) na sua versão 13 para Windows (**Anexo 5**).

Espera-se ter cumprido os objetivos específicos da pesquisa e, por meio dos resultados obtidos, que se possa chamar a atenção da comunidade acadêmica, de profissionais de saúde – em especial os psicólogos – e de assistência social para a importância de lançar-se ao estudo das chamadas experiências anômalas – com destaque para as de tipo extra-sensório-motor, narradas em todos os tempos e culturas – a fim de compreendê-las e poder auxiliar o ser humano a lidar com elas da melhor forma possível.

Parte 1

Revisão da bibliografia e referenciais teóricos

Capítulo 1

Introdução às Experiências anômalas

1.1- Conceituação e importância dos estudos das experiências anômalas

Relatos das chamadas *vivências* ou *experiências anômalas* acompanham toda a história da humanidade, nas mais diferentes culturas. O adjetivo *anômalas* deriva do grego *anomalos* que segundo Cardeña, Lynn e Krippner:

...significa *irregular, diferente* ou *desigual*, em contraste a *homalos*, que significa *o mesmo* ou *comum*. (...) Definimos uma *experiência anômala* como uma experiência incomum... ou aquela que, embora seja vivenciada por um número substancial de pessoas numa população..., desvia-se da experiência ordinária ou das explicações da realidade que são comumente aceitas.¹ (Cardeña, Lynn e Krippner, 2000: 3-4)

Portanto, nessa última acepção, entende-se por *anômalo* aquilo que não se encaixa no paradigma científico vigente. Desta forma, nas definições apresentadas, o adjetivo *anômalo* não denota necessariamente patologia. Dentre as experiências anômalas relatadas ao longo da história da humanidade,

¹ Traduzido do original em inglês: "...meaning irregular, uneven or unequal, in contrast to *homalos*, which means the same or common. (...) We define an *anomalous experience* as an uncommon experience... or one

destacam-se as experiências psi ou extra-sensório-motoras – que serão tratadas mais detalhadamente adiante –, as experiências fora-do-corpo², as experiências de memórias de vidas passadas³, as experiências de quase-morte⁴, as experiências de curas anômalas⁵, as experiências alucinatórias⁶, as experiências místicas⁷, as experiências de abduções por seres alienígenas⁸, a sinestesia⁹ e os sonhos lúcidos¹⁰. Apesar da grande quantidade de relatos registrados, o estudo das *experiências anômalas* ainda é, de certa forma, considerado marginal na Psicologia e em outras disciplinas. No entanto, a despeito do grau de interesse pela investigação e dos critérios que essas disciplinas adotem para definir os padrões de normalidade ou de anomalia, as referidas experiências anômalas *insistem* em ocorrer. Essa *insistência* motivou a *American Psychological Association* a publicar em 2000 – com segunda impressão em 2001 – um volume

that, although it may be experienced by a substantial amount of the population..., is believed to deviate from ordinary experience or from the usually accepted explanations of reality.”

² As chamadas experiências fora-do-corpo (*out-of-body experiences* ou OBEs) referem-se à experiência de uma pessoa sentir sua consciência desprendida de seu corpo físico, podendo observar-se como se estivesse em um local acima de onde se encontraria fisicamente, além de poder viajar por outros ambientes próximos e até mesmo locais distantes, o que popularmente é denominado “viagem astral”. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 6)

³ As memórias de vidas passadas referem-se à nítida impressão que uma pessoa tem de ter sido uma outra pessoa em tempos remotos, sem que essa impressão anule a identidade atual. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 10)

⁴ As experiências de quase morte consistem em uma forte vivência com conteúdos transcendentais e/ou místicos que ocorre em situações que envolvem intenso perigo físico ou emocional. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 9)

⁵ Experiências de curas anômalas dizem respeito à cura de doenças cuja explicação não pode ser encontrada do ponto de vista do *mainstream* científico. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 11)

⁶ As experiências alucinatórias são de tipo perceptivo que ocorrem sem a presença de um estímulo objetivo, ainda que tenha objetivamente um forte impacto perceptivo. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 3)

⁷ Experiências místicas referem-se às experiências transcendentais, ou seja, um sentimento intuitivo do universo, de unidade com o cosmos, o que contribuiu para a origem de muitas religiões. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 12)

⁸ As experiências de abdução por seres alienígenas referem-se a memórias reais subjetivas de ter sido secretamente levado – ainda que contra a vontade – por seres extra-terrestres a supostas naves espaciais. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 8)

⁹ A sinestesia é um tipo de experiência em que um determinado tipo de percepção sensorial é vivenciado involuntariamente como se fosse de outra modalidade perceptiva. Por exemplo: ao olhar para algo, o percipiente percebe esse algo em termos de paladar ou de audição. (Cardeña, Lynn e Krippner, 2001, Capítulo 4)

dedicado ao estudo empírico de tais experiências, o *Varieties of Anomalous Experiences: Examining the Scientific Evidence*, organizado por Etzel Cardeña, Steven J. Lynn e Stanley Krippner. O livro traz capítulos escritos pelos organizadores e diversos colaboradores, estudiosos das anomalias em questão¹¹, mostrando que o estudo dessas experiências nem sempre foi negligenciado, como enfatiza sua parte introdutória que apresenta um breve histórico das pesquisas realizadas acerca do assunto¹².

Ainda na Introdução, os organizadores apontam uma série de motivos que fundamentam a importância do estudo das experiências anômalas – justificativas com as quais comungo. Especialmente apoiados em William James – a quem rendem tributo já no título do livro, parafraseando o seu clássico *Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature*, publicado originalmente em 1902 – partem do seguinte princípio:

¹⁰ São denominados sonhos lúcidos aqueles em que o sonhador sabe que está sonhando e pode, potencialmente, interferir de forma consciente nos rumos que a narrativa onírica toma. (Capítulo 5 – *Varieties of...*)

¹¹ Além dos organizadores Etzel Cardeña (que, à época da publicação do livro, pertencia ao Departamento de Psiquiatria dos Uniformed Services University of Health Services, Bethesda, EUA, atualmente catedrático na Universidade de Lundi, Suécia), Steve Jay Lynn (do Departamento de Psicologia da State University of New York at Binghamton, EUA) e Stanley Krippner (do Saybrook Institute School de San Francisco, CA, EUA), os autores cujos textos ajudam a compor o livro *Varieties of Anomalous Experiences* são: Howard Berenbaum e John Kerns (ambos do Departamento de Psicologia da State University of Illinois at Champaign-Urbana, EUA), Chitra Raghavan (do Departamento de Psiquiatria da Yale University, New Haven, CT, EUA), Ronald J. Pekala (do Coatesville VA Medical Center, West Chester, PA), Richard P. Bentall (do Departamento de Psicologia da University of Manchester, Inglaterra), Lawrence E. Marks (do John B. Pierce Laboratory, e da Yale University, New Haven, CT, EUA), Stephen LaBerge (do The Lucidity Institute, Palo Alto, CA, EUA), Jayne Gackenbach (do Departamento de Psicologia da Athabasca University, Alberta, Canadá), Carlos S. Alvarado (diretor dos International and Domestic Programs da Parapsychology Foundation, hoje em Greenport, NY, EUA e atualmente membro pesquisador da Division of Perceptual Studies – da University of Virginia, Charlottesville, EUA), Elisabeth Targ (do California Pacific Medical Center, San Francisco, CA, EUA) Marilyn Schilitz (do Institute of Noetic Sciences, Sausalito, CA, EUA), Harvey Irwin (do Departamento de Psicologia da University of New England, Armidale, New South Wales, Austrália), Stuart Appelle (do Departamento de Psicologia da State University of New York, Brockport), Leonard Newman (Departamento de Psicologia da State University of Illinois, Chicago), Antonia Mills (do First Nations Studies, University of Northern British Columbia, Prince George, Canadá), Bruce Greyson (da antiga Division of Personality Studies – hoje Division of Perceptual Studies – da University of Virginia, Charlottesville, EUA), Jeanne Achterberg (do Saybrook Institute School de San Francisco, CA, EUA) e David M. Wulff (do Departamento de Psicologia da Wheaton College, Norton, MA, EUA).

¹² O estudo das experiências anômalas fez emergir uma nova área na Psicologia chamada Psicologia Anomalística, que se ocupa do estudo psicológico de experiências alegadamente anômalas.

Parafraseando William James: a Psicologia não pode se dizer abrangente se falhar em dar conta das variedades das experiências distintas daquelas consideradas normais. Para compreendermos completamente a totalidade da experiência humana, precisamos fornecer explicações razoáveis dos fenômenos que, embora incomuns... são uma parte importante da totalidade da experiência humana...¹³

(Cardeña, Lynn e Krippner, 2000: 16)

Os autores salientam que essas experiências, para além do aspecto idiossincrático, afetam as relações sociais e são afetadas por elas, e que o conhecimento mais profundo dessas experiências permite, ainda, estabelecer a diferenciação entre o patológico e o anômalo. Portanto, o estudo acadêmico-científico dessas experiências tem especial importância porque permite:

- (a) auxiliar a minorar o problema do preconceito e da ignorância acerca do assunto, que fazem com que muitos(as) psicólogos(as) e outros(as) profissionais de saúde não saibam lidar com essas questões quando elas lhes são apresentadas em sua prática profissional;

- (b) oferecer subsídios a esses(as) profissionais de saúde de uma forma geral e aos psicólogos, em particular, a fim de que possam ajudar as pessoas a

¹³ Traduzido do original em inglês: “To paraphrase William James, psychology cannot claim to be comprehensive if it fails to account for varieties of experiences distinct from those considered normal. To

lidarem com suas vivências anômalas, ou seja, a administrar o(s) impacto(s) que elas causam.

Além desses aspectos, o livro considera também os desafios que a investigação desse tópico apresenta. Ressalta-se, no entanto, que apesar de haver dificuldades a serem enfrentadas – seja pela complexidade desse objeto de estudo, seja pela resistência acadêmica em abordar o assunto – elas não devem tolher o estudo do tema, mas sim estimular um trabalho investigativo e instigante. É essa a perspectiva motivadora da pesquisa de levantamento e análise de dados aqui apresentada, sob o título *Experiências Anômalas na Vida Cotidiana: Experiências extra-sensório-motoras e sua associação com crenças, atitudes e bem-estar subjetivo*.

1.2- Delimitação e limitações do objeto de estudo

Como foi dito, de acordo com o já mencionado *Varieties of Anomalous Experience*, há dois tipos de experiências consideradas anômalas: as incomuns e aquelas que, embora sejam relatadas por um considerável número de pessoas, não se encaixam nas explicações oferecidas pelo paradigma científico vigente. Nesta pesquisa, o foco de interesse se concentrou em experiências do segundo tipo, mais especificamente nas experiências anômalas apontadas por Targ, Schlitz e Irwin (2001) no Capítulo 7 do referido volume como “experiências relacionadas a psi” (*psi-related experiences*), ou simplesmente, *experiências psi*, como se costuma dizer. Utiliza-se *psi* – nome da 23ª letra do alfabeto grego (Ψ) –

como um termo neutro para denominar as experiências ou fenômenos extra-sensório-motores cuja natureza e formas de funcionamento ainda não estão claras, permanecendo uma incógnita. Assim, *psi* é pretensamente utilizada do mesmo modo que a letra “x” na Matemática. Desse modo, as experiências psi são anômalas na medida em que se referem a interações entre organismos e seu ambiente que aparentemente desafiam os construtos científicos de tempo, espaço e energia.

As experiências psi são estudadas sistematicamente há mais de um século¹⁴ e, como já foi comentado em outras ocasiões (Machado, 1996 e 2003), o histórico do estudo de psi é uma história de resistência para permanecer nos limites científicos e dentro do mundo acadêmico. Primeiro sob a alcunha de Pesquisa Psíquica, na Inglaterra, e Metapsíquica, na França, hoje é mais conhecida popularmente como Parapsicologia. No entanto, devido a todos os prejuízos causados pelo mau uso do termo *parapsicologia* proposto por Max Dessoir em 1899 e adotado e popularizado pelo pesquisador norte-americano Joseph Banks Rhine entre as décadas de 1920 e 1970 nos EUA, grande parte da comunidade internacional de pesquisadores da área¹⁵ tem optado por utilizar o termo **pesquisa de psi** (*psi research*), ou, simplesmente, **pesquisa psi** para se referir a esse campo de estudo. No Brasil, especialmente devido ao embate entre espíritas kardecistas e católicos que utilizam o termos e alguns conhecimentos de

that, although unusual... are an important part of the totality human experience.

¹⁴ Para um histórico do desenvolvimento das pesquisas das experi-ências anômalas relacionadas a psi, ver **Anexo 1**.

¹⁵ Ao se falar na comunidade internacional de pesquisadores de psi, remete-se àqueles que são membros ou afiliados à *Parapsychological Association* (PA), associação internacional fundada em 1957 que desde 1969 é membro da Associação Americana para o Progresso da Ciência. A PA conta com cerca de 300 membros espalhados pelo globo, com uma maior concentração nos EUA e países Europeus, especialmente Alemanha, Inglaterra e Holanda. Alguns desses membros são também afiliados da Parapsychology Foundation (PF), a mais importante fundação que fomenta pesquisas na área, que tem representantes afiliados em vários países, incluindo o Brasil (Fátima Regina Machado e Wellington Zangari).

Parapsicologia de modo enviesado em benefício de suas respectivas crenças (cf. Machado, 1996 e 2005), tem-se preferido usar *pesquisa psi* para marcar a abordagem científica das experiências anômalas extra-sensório-motoras.

As experiências psi são divididas em dois grandes grupos: as experiências extra-sensoriais e as experiências extra-motoras. Esses dois grupos, por sua vez, apresentam subdivisões. As experiências extra-sensoriais correspondem ao que se chama de **percepção extra-sensorial** ou ESP (do inglês *extrasensory perception*), popularmente conhecida como “sexto sentido”. Essas experiências dizem respeito à suposta comunicação direta, imediata (sem a utilização de qualquer mediação física conhecida) entre duas ou mais mentes (**telepatia**) – conhecida popularmente como transmissão de pensamento; ao conhecimento imediato de eventos distantes, cuja fonte de informação seria o próprio ambiente (**clarividência**)¹⁶; e à obtenção de informações imediatas do futuro (**precognição**)¹⁷. As experiências extra-motoras correspondem ao que se denomina **psicocinesia** ou PK (do inglês *psychokinesis*) e dizem respeito à intervenção no ambiente de modo anômalo. A PK é popularmente conhecida como “poder da mente sobre a matéria”. Há duas categorias de efeitos

¹⁶ Popularmente o termo clarividência é utilizado para designar experiências que envolvam a visualização anômala de uma cena ou pessoa. Porém, de acordo com a nomenclatura formal utilizada na pesquisa psi, o sentido é outro. Como foi dito, refere-se à suposta captação/transmissão de informação diretamente do/pelo ambiente. A divisão entre clarividência e telepatia é didática, uma vez que não é possível reconhecer de modo pontual a fonte de informação nas ocorrências psi cotidianas de tipo extra-sensorial. No entanto, essa diferenciação é importante para definir controles experimentais adotados em estudos específicos. Ainda assim, há que se considerar que permanece a dificuldade de delimitação entre telepatia e clarividência. Por isso, adota-se também o termo “percepção extra-sensorial em geral” ou GESP (do inglês *general extrasensory perception*) para referir à percepção extra-sensorial sem a preocupação com a fonte de informação da mensagem conhecida de modo anômalo. Outro enigma ainda não solucionado é a questão da captação ou da transmissão de informação. O processo anômalo de comunicação de informação partiria do suposto emissor ou seria prerrogativa de uma capacidade sensível do chamado receptor? Ou ambos, emissor e receptor seriam agentes desse processo? Questões que ainda permanecem sem resposta.

¹⁷ Considerando-se o fator *tempo*, pode-se ainda ter uma outra classificação: retrocognição (informação colhida ou transmitida do passado de modo, portanto, anômalo), simulcognição (informação colhida ou transmitida de algo ocorrendo naquele exato momento da captação/transmissão anômala) e a já mencionada precognição (informação colhida ou transmitida do futuro de modo também anômalo). Nesta classificação,

psicocinéticos: **macro-PK**, que se refere a eventos observáveis, tais como movimentação e/ou ruptura de objetos, aparecimento de água ou fogo espontâneo, chuvas de pedras, correntes de ar, mudanças de temperatura em ambientes fechados, aparecimento de dejetos em alimentos, acender e apagar de luzes, acionamento de equipamentos elétricos/eletrônicos, tudo isto de modo anômalo, ou seja, sem que se possa encontrar explicação física conhecida para sua ocorrência; e **micro-PK**, que refere-se a efeitos não-observáveis, mas mensuráveis do ponto de vista estatístico, como por exemplo, influência em equipamentos como geradores de números aleatórios¹⁸. Podem ser incluídos na categoria de micro-PK os efeitos chamados bio-PK, ou seja, influência biológica, verificada, por exemplo, pela medição de variáveis fisiológicas em testes de influência anômala sobre sistemas vivos. No âmbito popular, os efeitos de macro-PK são associados aos chamados fenômenos *Poltergeist*¹⁹, e os efeitos micro-PK – mais especificamente bio-PK – são associados a curas anômalas, por exemplo (ex.: Radin, Machado e Zangari, 2002; Rebman, J. M., Wezelman, R. Radin, D. I., Hapke, R. A. e Gaughan, K., 1996).

assume-se a hipótese de que se psi existe, desafia os limites de tempo e espaço impostos pela concepção linear de temporalidade.

¹⁸ “Um gerador de números aleatórios é um gerador que produz *seqüências* de números de acordo com uma distribuição de probabilidades dada e que aparenta aleatoriedade. Número aleatório é uma observação aleatória de uma distribuição uniforme.” (Cf. informação publicada no site de Sistemas Simbólicos, de Decisão, e de Informação (SSDI), seção de ensino e de investigação do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Nova de Lisboa (UNL): <http://ssdi.di.fct.unl.pt/lei/mq/Docs/Praticas/P08/RT-P6.htm>)

¹⁹ “*Poltergeist*, do alemão *polter* = barulhento e *geist* = espírito (“espírito barulhento”) foi o termo popularizado por Martinho Lutero durante a Reforma Protestante usado para designar e, ao mesmo tempo, explicar determinados eventos que, segundo acreditava-se religiosa e popularmente – e ainda acredita-se – seriam provocados por espíritos desencarnados ou até mesmo por demônios.” (Machado, 2003: 12, referindo-se a Roll, 1977: 382) O termo é utilizado por espíritas para denominar a ação de supostos espíritos desencarnados em ambientes onde ocorrem eventos físicos de tipo anômalo. Os *Poltergeists* são considerados, por vezes, casos de assombração (*hauntings*) devido à movimentação de objetos. Mas enquanto a duração de eventos *Poltergeist* é curta (horas, dias, meses), os *hauntings* estariam ligados à suposta presença de um fantasma (espectro) que habitaria um local por anos, décadas, séculos, e não envolveria necessariamente fenômenos de efeito físico. Há, contudo, divergências dentre os pesquisadores com respeito a essa diferenciação. (Machado, 2003: 78 a 80)

A classificação dos fenômenos ou experiências descrita acima segue a nomenclatura proposta pelo já citado Joseph Banks Rhine, que juntamente com sua esposa, a pesquisadora Louisa Ella Rhine mudaram os rumos da história da pesquisa de psi no século XX. Apesar de a grande maioria dos pesquisadores da área adotarem a terminologia proposta por Rhine, há ainda muita controvérsia sobre a denominação dos fenômenos parapsicológicos. Essa diversidade não é boa para o campo, pois a falta de consenso na utilização dos termos em determinada área provoca confusão pela possibilidade de haver/surgirem diferentes significados para um mesmo termo e/ou diferentes termos para um mesmo fenômeno.

A questão da nomenclatura utilizada na Parapsicologia ou pesquisa psi é tema de discussão de vários autores (Zingrone e Alvarado, 1987) e ocupou, e continua ocupando, espaço nas discussões em congressos e conferências, na tentativa de padronização terminológica (Machado, 1997). Para citar alguns exemplos, pode-se lembrar os encontros/congressos ocorridos até meados do século XX em Copenhague (1921), Varsóvia (1923), Paris (1927), Atenas (1930), Sienna (1949), Utrecht (1953). O I Congresso Internacional de Parapsicologia realizado em Utrecht²⁰, na Holanda, em 1953, teve como finalidade estabelecer a terminologia a ser empregada pelos pesquisadores. Naquele momento:

²⁰ Em 2008, foi realizado o *Utrecht II: Charting the future of Parapsychology* na Universidade de Utrecht, na Holanda, 55 anos após o *Utrecht I*, ou o *Primeiro Congresso Internacional de Parapsicologia*. O evento foi organizado em conjunto pela *Parapsychology Foundation* e pela *Het Johan Borgman Fonds*. Recebi o honroso convite de participar como *invited speaker* no Utrecht 2, oportunidade em que falei sobre as pesquisas de campo sobre hauntings a *Poltergeists*, fazendo uma revisão de seus estudos e apontando direcionamentos para o aprimoramento das investigações e tendências de pesquisa. – para o que dei ênfase aos aspectos psicossociais das mesmas. *Utrecht I*, ou o *Primeiro Congresso Internacional de Parapsicologia* havia sido realizado em Universidade de Utrecht em 1953, com a finalidade de estabelecer a terminologia a ser empregada pelos pesquisadores, tendo sido convidados para o evento grandes expoentes da pesquisa na área.

Optou-se pela nomenclatura proposta por Thouless e Wiesner (1947). Ficou decidido que os fenômenos parapsicológicos em geral seriam chamados de fenômenos psi, que foram subdivididos em dois grandes grupos: *psi-gamma*, correspondente aos fenômenos subjetivos, e *psi-kappa*, correspondente aos fenômenos objetivos. Atualmente, pesquisadores que admitem a intervenção de seres incorpóreos chamam os fenômenos que supostamente seriam produzidos por esses seres de *psi-theta*²¹. (Machado, 1997)

Apesar dessa tentativa de unificação da terminologia, a forma mais comum de se referir aos fenômenos pelos pesquisadores acadêmicos é aquela proposta por Joseph Banks Rhine. Rhine adotou para denominação dos fenômenos subjetivos o termo *percepção extra-sensorial* e, para os objetivos, *psicocinesia*²². Essa nomenclatura se refere, sobretudo, à função psi, ou seja, à faculdade atribuída à mente capaz de produzir fenômenos psi.

De qualquer modo, em que pese a importância do vocabulário empregado em uma área de estudo, neste caso a categorização de psi se dá de forma didática, com base principalmente em estudos fenomenológicos realizados por meio da análise de relatos coletados ao longo da história humana. Desde que o ser humano começou a registrar sua história por meio de gravuras e escrituras,

²¹*Theta* é o nome da primeira letra da palavra *thanatos*, que significa 'morte' em grego.

²²Os termos percepção extra-sensorial e psicocinesia não foram cunhados por J.B.Rhine. O termo percepção extra-sensorial foi usado anteriormente por Pagenstecher (1924) e Sainville (1927) com o mesmo sentido empregado por Rhine. O termo psicocinesia foi usado por Holt em 1914 para designar o poder necessário

temos evidências de que muitos fenômenos que ocorriam no cotidiano eram atribuídos a forças sobrenaturais ou divinas. Muitos desses fatos considerados *estranhos* foram sendo desvendados e nomeados à medida que a humanidade se desenvolvia e aprendia a descobrir e dominar a natureza. Mas, como nos lembra Louisa Rhine:

...a natureza não é tão rigorosa quanto aos seus limites como procuram ser as classificações feitas pelo homem. (...)
...a própria realidade... não é tão divisível como pensamos...ou como desejaríamos que fosse. (Rhine, 1966: 42)

Problemas terminológicos à parte, há um outro ponto nevrálgico, talvez mais importante que o desencontro de termos e conceitos: a questão da realidade ontológica de psi. Este é um problema que permanece em suspenso do ponto de vista científico, dados os obstáculos impostos pela dificuldade de reprodução dos supostos fenômenos psi em ambiente controlado. Além disso, há que se considerar que novos conhecimentos desafiam paradigmas e provocam reações contrárias fortemente fundamentadas no medo da mudança, fomentadas pelo desafio que o novo representa. (Kuhn, 1962; Vasconcellos, 2000a) No caminho tortuoso e, por vezes, *perigoso* da história da ciência – lembremo-nos de Copérnico, Galileu... – psi é um elemento desafiador que ainda carece de elucidação. Seus limites, sua realidade ontológica, seus contornos subjetivos desafiam certezas propostas pelo paradigma científico vigente. Isto causa um

para a realização da comunicação mediúnica. Boirac usou o termo psicocinesia vital em 1908 com um

certo desconforto, pode suscitar preconceito, põe em xeque crenças pessoais e por isso, talvez, estejamos muitos passos atrás do que poderíamos estar com relação à decifração desse enigma.

Preconceitos e possíveis rugas acadêmicas à parte, nunca se pôde extinguir o interesse por esse tópico. À custa de embates científicos e dificuldades de desenvolvimento de métodos adequados de investigação, a pesquisa psi sobrevive até hoje. Promissora? Talvez. Mas ainda sem as grandes respostas desejadas por cétricos e crédulos²³. Apesar da grande freqüência de experiências anômalas em determinadas amostras apontada por vários estudos de levantamento de dados (ex.: Blackmore, 1984; Greeley, 1975, 1985; Haraldsson e Houtkooper, 1991, 1996; Irwin, 1985a e 1985b; Kohr, 1980; Palmer, 1979; Richards, 1990; Thalbourne, 1981), por coletâneas de narrativas de experiências cotidianas (ex.: Rhine, 1956, 1978; Gauld e Cornell, 1979; Schouten, 1981), por resultados de experimentos laboratoriais que evidenciam a possibilidade de ocorrência de tais fatos por meio de capacidades humanas (cf. Irwin, 1999; Radin, 1997) e da administração de testes psicológicos a sujeitos experienciadores de psi (ex.: Haight, 1979; Honorton, 1992), ainda não há uma teoria científica consistente e aceita em consenso para explicar, de um ponto de vista objetivo, os mecanismos envolvidos nesses eventos. Não há ainda como considerar absolutamente demonstrada a existência de psi e, uma vez apostando em sua existência, saber a natureza de psi, se ESP e PK, na verdade, são dois lados de uma mesma moeda, ou, melhor dizendo, se têm uma mesma natureza, apenas manifestando-se de forma distinta (Braude, 1986).

sentido semelhante à psicocinesia de Rhine. (Zingrone e Alvarado, 1987, p. 51)

Vale lembrar, contudo, que o estudo das experiências consideradas anômalas não deve ter necessariamente como pressuposto que o pesquisador assuma a existência ontológica de processos *paranormais*. Independentemente de minha crença individual, cumpre dizer que no que concerne em especial às experiências psi, ponto central desta pesquisa, inscrevo-me dentre aqueles que reconhecem que a demonstração científica objetiva de tais processos é ainda uma questão em aberto e dependente de maiores esforços experimentais. Permanecendo ainda como algo a ser desvendado por completo, claro está que se pode certamente ter acesso aos contornos das experiências psi por meio de sua descrição e dos resultados das pesquisas experimentais já realizadas. E desses contornos, depreender pistas de seu *modus operandi* e verificar sua repercussão na vida daqueles que narram ter passado por essas experiências. Este é o caminho escolhido para a realização da pesquisa ora apresentada.

1.3- Estudos que motivaram esta pesquisa

Devido à grande abertura da cultura brasileira a eventos e “causos” característicos das experiências anômalas a comunidade científica internacional que se dedica ao estudo de experiências anômalas costuma dizer que o Brasil é um *celeiro de psi*. Essa afirmação foi corroborada por um estudo preliminar²³ que realizei em 1994, na cidade de São Paulo, juntamente com o psicólogo e

²³ É curioso observar como os resultados obtidos nas pesquisas até o momento servem tanto para alimentar as crenças daqueles que consideram psi uma realidade demonstrada como para aqueles que negam sua existência, o que mantém um diálogo tenso entre os pesquisadores e especuladores do tema.

²⁴ Trabalho apresentado na 37ª Convenção Anual da Parapsychological Association em agosto de 1994 em Amsterdã, Holanda. Consta nos anais da convenção e já foi traduzido para o espanhol e o inglês, sendo publicado em revistas especializadas, conforme consta no item Fontes de Referência.

pesquisador Wellington Zangari, acerca da prevalência²⁵ e relevância das chamadas *experiências psi* e experiências correlatas (também anômalas, como experiências fora-do-corpo e experiências de quase-morte, por exemplo) na vida de estudantes universitários brasileiros (Zangari e Machado, 1996). Naquela ocasião, utilizamos, como modelo, o estudo de levantamento de dados (*survey*) realizado pelo psicólogo norte-americano John Palmer (1979), na década de 1970, com alunos da Universidade de Virgínia e com residentes, não-estudantes, da cidade de Charlottesville, VA, EUA. Em ambas pesquisas não foi possível – nem houve intenção de – verificar se as vivências alegadas correspondiam ou não a eventos psi genuínos – ou seja, se se referiam de fato a algo que escapa à compreensão científica atual. As experiências anômalas foram consideradas como fatos psíquicos do ponto de vista dos experienciadores. Ambos os levantamentos de dados apresentaram números bastante significativos quanto à porcentagem de pessoas que afirmam ter passado por pelo menos uma experiência psi ou correlata (nos EUA, 55% e no Brasil, 89,5% das respectivas amostras). Os estudos apontaram, ainda, que tais experiências provocaram, em seus experienciadores, mudanças de atitudes e influenciaram a tomada de decisões no que diz respeito a diversos aspectos²⁶ como pode ser observado nas Tabelas 1 e 2 a seguir (Zangari e Machado, 1996):

²⁵ O artigo *Survey: Incidence and Social Relevance of Brazilian University Students' Psychic Experiences*, que apresenta essa pesquisa, leva erroneamente, em seu título, o termo “incidência”. À época, por falta de conhecimento mais aprofundado na pesquisa de levantamento de dados, denominamos “incidência” o que, na verdade, se trata de “prevalência” em estatística e na pesquisa epidemiológica. Incidência é um termo que, a rigor, pode se referir a dois significados: número de novos casos surgidos numa determinada população e num determinado intervalo de tempo ou proporção de novos casos surgidos numa determinada população e num determinado intervalo de tempo. “Prevalência”, por sua vez, refere-se ou ao número total de casos existentes numa determinada população e num determinado momento temporal ou proporção de casos existentes numa determinada população e num determinado momento temporal. Portanto, assim como na presente pesquisa, o referido estudo preliminar realizado em 1994 tratava da prevalência de experiências psi, não de sua incidência.

²⁶ Comentários sobre os resultados obtidos em 1994 serão feitos ao longo das considerações sobre os resultados obtidos na presente pesquisa, de forma comparativa.

Tabela 1: Porcentagens de estudantes universitários que relataram significação social de psi.

Item	Brasil N = 181	EUA N = 268	
Salvo em crise	(a)	(b)	(c)
Salvou a si mesmo	26	7	$p < .0000002$
Foi salvo por alguém	27	5	$p < .0000002$
Salvou outra pessoa	18	4	$p = .000002$
Mudança de atitudes em relação a:			
Si mesmo	48	36	$p = .024$
Humanidade	35	26	$p = n.s.$
Sociedade	5	8	$p = n.s.$
Crenças espirituais	58	25	$p < .0000002$
Natureza	21	5	$p = n.s.$
Vida (sentido da)	40	31	$p = n.s.$
Morte	37	20	$p = .00002$
Guerra	6	8	$p = .94$
Sexo, amor	37	18	$p = .000012$
Família	45	16	$p < .0000002$
Educação	16	8	$p = .014$
Negócios	14	7	$p = .04$
Ciência	3	8	$p = .04$
Riqueza	20	14	$p = .22$
Fama	11	13	$p = .99$
Mídia	8	4	$p = n.s.$
Arte, lazer	40	25	$p = .0018$
Outros	6	8	$p = .94$
Decisões influenciadas quanto a:			
Amigos	42	15	$p = .000002$
Escola	44	13	$p < .0000002$
Exército	3	2	$p = .99$
Emprego	20	5	$p = .0000052$
Férias	13	6	$p = .014$
Mudar-se	18	3	$p < .0000002$
Política	2	1	$p = n.s.$
Denominação religiosa	20	12	$p = .04$
Casamento	21	6	$p = .000004$
Filhos (tê-los ou não)	18	1	$p < .0000002$
Nome dos filhos	7	1	$p = .0012$
Lar	8	2	$p = .0024$
Carro ou aparelhos	8	2	$p = .0024$
Saúde	21	8	$p = .0001$
Estilo de vida	49	26	$p = .000002$
Outros	7	4	$p = n.s.$

Legenda:

(a) Os números desta coluna se referem à porcentagem de respondentes que relataram a experiência indicada, considerando o N da amostra do levantamento brasileiro (Zangari e Machado, 1994).

(b) Os números desta coluna se referem à porcentagem de respondentes que relataram a experiência indicada, considerando o N da amostra estadunidense (Palmer, 1979).

(c) Os números desta coluna se referem ao valor de p resultante da comparação estatística entre os resultados de Palmer (1979) e os de Zangari e Machado (1994).

Tabela 2 – Porcentagens de estudantes universitários que alegaram ter vivenciado pelo menos uma experiência psi ou experiência correlata.

Item	Brasil N =181		EUA N = 268	
ESP em vigília	47(a)	(b)	39(c)	$p = n.s.$ (d)
Mais de uma		81		
Visão (Alucinação)		71		
Evento trágico		65		
Membro da família		65		
Dentro de 24 horas		83		
Contou a alguém		61		
Sonhos com ESP	64(a)	(b)	38(c)	$p < .0000002$ (d)
Mais de um		92		
Especialmente vívido		97		
Evento trágico		71		
Membro da família		75		
Dentro de 24 horas		83		
Contou a alguém		63		
Influência por ESP	63(a)	(b)	20(c)	$p < .0000002$ (d)
Mais de uma		98		
Emoção		74		
Pensando no percipiente		52		
Membro da família		38		
RSPK (Poltergeist)	17(a)	(b)	6(c)	$p = .0003$ (d)
Mais de uma		75		
Outra pessoa presente		59		
Experiências fora-do-corpo	31 (a)	(b)	25(c)	$p = n.s.$ (d)
Mais de uma		63		
Viu o corpo físico		57		
Viajou		68		
Adquiriu informação por ESP		40		
Visto como uma aparição		17		
Produzida à vontade		19		
Aparições	62 (a)	(b)	17(c)	$p < .0000002$ (d)
Mais de uma		91		
Vista		60		
Ouvida		81		
Tocada		57		
Membro da família		47		
Falecida		35		
Informação ESP adquirida		21		
Viveu em uma casa mal-assombrada	14 (a)		8(c)	$p = n.s.$ (d)
Memórias de vidas passadas	18 (a)	(b)	9(c)	$p = .008$ (d)
Mais de uma		72		
Sonhos		66		
Mais do que o tempo de vida		27		
Pessoa famosa		36		
Lembra de detalhes		42		
Detalhes verificados		27		

Legenda:

- (a) Porcentagem de respondentes brasileiros que vivenciaram cada uma das experiências em questão.
- (b) Porcentagens de respondentes brasileiros que alegaram ter vivenciado a experiência em questão, considerando-se como N o número de respondentes que indicou ter vivenciado pelo menos uma vez a experiências enfocada.
- (c) Porcentagem de respondentes estadunidenses que vivenciaram cada uma das experiências em questão, segundo os dados coletados por Palmer.
- (d) Significação estatística da distinção dos resultados obtidos por Palmer (1979) e por Zangari e Machado (1994), considerando-se o valor de p resultante da comparação entre os dados apresentados.

Além dessa pesquisa de levantamento de dados, realizei, em minha dissertação de mestrado em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), um estudo sobre a utilização e deturpação das pesquisas científicas de psi em prol da defesa da fé católica e da fé espírita no Brasil (Machado, 1996). Nessa dissertação:

apresento um estudo comparativo entre três abordagens adotadas para o estudo dos chamados fenômenos parapsicológicos, com concentração de interesse no tratamento dado à investigação dos chamados casos *Poltergeist*. Os propositores das diferentes abordagens em questão foram Oscar Gonzáles-Quevedo²⁷, Hernani Guimarães Andrade²⁸ e William Roll²⁹, a cada um dos quais dedico um capítulo, expondo sua trajetória de estudos, seu envolvimento com a Parapsicologia e sua abordagem de pesquisa. (Machado, 2005)³⁰

²⁷ Oscar Gonzáles-Quevedo, padre jesuíta espanhol, veio para o Brasil na década de 1960 para cumprir a missão de esclarecer o povo sobre as “superstições e credices espíritas” que se alastravam pelo país. Dedicou-se – e ainda dedica-se – à divulgação de estudos sobre a paranormalidade, adotando uma abordagem tendenciosa primando pelo ataque ao espiritismo e defendendo a religião católica.

²⁸ O Engenheiro Hernani Guimarães Andrade, falecido em 25 de abril de 2003, dedicou-se a estudar a paranormalidade, defendendo sub-repticiamente uma visão espírita. Essa defesa era feita de forma explícita ao adotar pseudônimos com os quais assinava textos publicados principalmente no meio espírita.

²⁹ William Roll é um pesquisador dinamarquês, membro da *Parapsychological Association*, residente há décadas nos Estados Unidos. Suas pesquisas consistem principalmente na investigação dos chamados fenômenos *Poltergeist* (ou psicocinesia recorrente espontânea, mais comumente conhecida como “poder da mente sobre a matéria”) e sua história como pesquisador demonstra sua preocupação em seguir rigorosamente o protocolo científico em suas pesquisas de campo e de laboratório.

³⁰ Machado, Fátima Regina (2005). Parapsicologia no Brasil: Entre a cruz e a mesa branca. *Boletim Virtual de Pesquisa Psi*, Vol 2. www.pesquisapsi.com.br

Um dos aspectos mais importantes a serem observados nesse trabalho é o fato de a abordagem adotada pelo pesquisador ou orientador daqueles que vivenciam experiências psi ou parapsicológicas influenciar sobremaneira sua vida e o modo como lidar com as ocorrências. Esta questão vai ao encontro do estudo ora proposto, uma vez que a interpretação das experiências ditará a influência da experiência de psi nas crenças e atitudes dos experienciadores e talvez, potencialmente, em seu bem-estar no que se refere à sua possível ligação essas vivências.

Em minha tese de doutoramento em Comunicação e Semiótica, também na PUCSP, investiguei, do ponto de vista semiótico, a função e o significado dos chamados fenômenos *Poltergeist* que, como já foi mencionado, se enquadram na categoria de experiências psicocinéticas. O termo “fenômeno”, nessa tese, foi utilizado no sentido proposto por Charles Sanders Peirce, conhecido como Pai da Semiótica, que considera *phaneron* ou fenômeno tudo o que se apresenta à mente, seja correspondente à realidade ou à ficção. (Peirce, 1983: 85) Não discuti a ontologia dos *Poltergeists*, mas suas implicações enquanto fatos psíquicos e sua função social/comunicacional. (Machado, 2003)

Tanto na pesquisa de levantamento de dados comentada acima quanto na dissertação e na tese elaboradas, interessou-me especialmente a relação que se estabelece entre as experiências psi e a religiosidade das pessoas que as vivenciam. Daí surgiu o interesse em investigar mais a fundo o impacto das experiências psi nas crenças e atitudes, sobretudo religiosas, de seus experienciadores, bem como o inverso, ou seja, como tais crenças e atitudes influenciaram nas experiências psi. E a partir daí, outra preocupação se levantou: pessoas que relatam ter vivenciado experiências psi apresentariam níveis de

bem-estar diferentes daqueles que não relatam experiências desse tipo? Este questionamento decorre do primeiro na medida em que a visão de mundo se apresenta como um fator fundamental que interfere diretamente no modo de lidar com a rotina e os imprevistos. Crenças e atitudes estão intimamente ligadas à visão de mundo dos indivíduos, influenciando e sendo influenciadas por suas vivências. Assim, se experienciar psi se mostrar como vetor de mudança ou reafirmação de crenças e atitudes, haverá também alguma associação possível entre a vivência de experiências psi e o nível de bem-estar em uma dada população?

A partir desse interesse, busquei literatura que fornecesse subsídio para planejar uma pesquisa que respondesse, pelo menos em parte, as minhas indagações. Nessa busca ficou evidente que não há muitas pesquisas que tratem da correlação entre experiências anômalas de uma forma geral e de experiências psi, em particular, e bem-estar; e que ainda carecemos de dados estatísticos sobre a ocorrência de psi e de seu impacto na vida de seus experienciadores. Isto foi confirmado nas conversas que tive com o psicólogo norte-americano especialista em psicologia das experiências anômalas, o Dr. Carlos S. Alvarado, professor-assistente de pesquisa em Medicina Psiquiátrica da Universidade de Virgínia, EUA, durante estágio de pesquisa que realizei sob sua orientação em janeiro/fevereiro de 2005, no *Department of Personality Studies* (hoje denominado *Department of Perceptual Studies*) daquela universidade.

Além do já mencionado estudo realizado por Palmer (1979) e de outros *surveys* que tratam de experiências anômalas em geral, quatro outros estudos chamaram sobremaneira minha atenção e contribuíram para a elaboração da presente pesquisa: a clássica coletânea de casos espontâneos realizada por

Louisa Rhine (1965), publicada nos EUA originalmente com o título *Hidden Channels of the Mind*, traduzido para o português como “Canais Ocultos do Espírito” (1966); e os artigos *Psychic Experiences in Multinational Human Values Study: Who Reports Them?*, de Haraldsson e Houtkooper (1991); *Psychic And Spiritual Experiences, Health, Well-Being, and Meaning in Life*, de Kennedy, Kanthamani e Palmer (1994); *An Exploratory Study of the Effects of Paranormal and Spiritual Experiences on Peoples' Lives and Well-Being* de Kennedy e Kanthamani (1995).

O clássico *Hidden Channels of the Mind* de Louisa Rhine ajudou a pensar a elaboração do instrumento utilizado para a coleta de dados para esta pesquisa. O livro trata da análise de uma coleção de casos de experiências psi narradas espontaneamente em cartas enviadas ao Laboratório de Parapsicologia da *Duke University* entre o final da década de 1940 e início da década de 1950. Louisa Rhine selecionou, analisou e classificou 996 casos³¹ que pareciam envolver o acesso a algum tipo de informação que não foi transmitida ou captada através de meios convencionais. Para a pesquisadora, efeitos psicocinéticos narrados faziam parte da obtenção de informações por meio de percepção extra-sensorial. Por exemplo: um relógio parar de funcionar no momento da morte de alguém que estava distante, poderia servir como modo de “comunicação anômala” do fato ocorrido a um parente.

³¹ Os casos coletados e analisados por Louisa Rhine encontram-se arquivados no *Rhine Research Center*. O Laboratório de Parapsicologia deixou de funcionar na Universidade de Duke em 1965, por ocasião da aposentadoria de J.B.Rhine. Foi, então, transferido para uma casa em frente ao campus leste da universidade, onde Rhine fundou a *Foundation for Research on the Nature of Man*, que abrigava o *Institute for Parapsychology*. Em 1995, por ocasião das comemorações do centenário do nascimento de Rhine, a fundação passou a se chamar *Rhine Research Center*, dirigido por Sally Rhine Feather, filha dos Rhine. O Instituto de Parapsicologia do *Rhine Research Center* foi, talvez, o mais famoso laboratório de Parapsicologia do mundo. Os Rhine e os pesquisadores que lá trabalharam com eles criaram os fundamentos da Parapsicologia com a conhecemos hoje.

Para a seleção dos casos compilados foram considerados os seguintes critérios: (a) clareza na narração da experiência, (b) descrição das circunstâncias que acompanharam a experiência pessoal do narrador e (c) correspondência da “mensagem” recebida com a realidade, ainda que a princípio não parecesse ter qualquer conexão com o real. Mesmo ciente da falibilidade do testemunho humano, a pesquisadora ponderou que:

...se ESP ocorre na natureza, deve fazê-lo mais de uma vez. Se for aptidão humana, mesmo rara, observando-se cuidadosamente as ocasiões em que entrou em ação com certa probabilidade, acumular-se-iam os seus aspectos verdadeiros, enquanto se cancelariam os erros devidos à memória individual, observação etc. (...) ...perto da metade das cartas que citavam experiências pessoais recebidas pelo Laboratório de Parapsicologia relatavam uma ou mais ocorrências que preenchiam as condições. (...) Revelam-se muitas semelhanças entre essas experiências... Ainda mais, por meio dos tipos de semelhanças, é possível vislumbrar no fundo certa base lógica que resultaria dificilmente tão só de uma série de enganos de testemunhas, interpretações exageradas, imaginação, coincidência e outras circunstâncias. (...) Uma única experiência de certa espécie provavelmente não chegará a convencer. Uma centena ou um milhar de experiências semelhantes, contudo, não se afasta com a mesma facilidade.” (Rhine, 1966: 20 e 21)

O estudo realizado por Louisa Rhine não teve a intenção de provar a existência de psi, mas sim de verificar como as experiências psi ou extra-sensório-motoras ocorrem, suas características. Por isso serviu – e continua servindo – como subsídio para o incremento das pesquisas laboratoriais e para aperfeiçoamento das questões elaboradas nas pesquisas de levantamento de dados. Dentre os resultados³² obtidos por Louisa Rhine pode-se destacar as seguintes observações:

- a) A ligação emocional entre as pessoas facilita a ocorrência de psi (experiências extra-sensório-motoras).
- b) O repouso ou atividades motoras repetitivas e monótonas são as situações mais propícias para a ESP – por isso os sonhos são “ambientes” privilegiados para ocorrências extra-sensoriais.
- c) Situações de crise, em especial de morte, são os principais contextos que envolvem os casos relatados.
- d) A personalidade influi na abertura a experiências desse tipo.
- e) As quatro formas de acesso à informação por ESP detectadas foram:

³² Este trecho consiste em um resumo das informações acerca da pesquisa realizada por Louisa Rhine publicadas no artigo ESP: Uma breve revisão de suas pesquisas e algumas reflexões (Machado e Zangari,

e.1- forma realística³³ (44%): a informação chega à mente do receptor da mensagem à semelhança da descrição fotográfica ou da filmagem cinematográfica. A maior parte dessas experiências ocorre durante os sonhos, havendo também experiências alucinatórias, portanto, durante a vigília ou em estados hipnagógicos ou hipnopômnicos, que poderiam ser consideradas realistas tamanha a riqueza de detalhes que apresentam. Dos casos de experiências realísticas analisados, 91% envolveram mensagens consideradas completas.

e.2- forma não-realística (21%): a informação chega revestida de características metafóricas, disfarçada em linguagem simbólica ou ficcional. A dramatização da informação mascara o conteúdo da mensagem, “*entretanto, o sonho, em seu significado mais profundo, é perfeitamente verdadeiro*”.³⁴ Dos casos de experiências não-realísticas analisados, 72% envolviam mensagens consideradas completas.

e.3- forma alucinatória (9%): a informação vem em forma de alucinação visual, olfativa, auditiva, tátil ou gustativa. Dos casos de experiências alucinatórias analisados, 32% apresentaram mensagens consideradas completas.

³³ Preservam-se aqui os termos utilizados pela autora na classificação, tal qual constam em sua tradução para a edição do livro em português lançada no Brasil, com o título *Canais Ocultos do Espírito* em 1966.

³⁴ É comum que as pessoas religiosas ou ligadas a algum tipo de crença mística utilizem figuras religiosas ou míticas para *dramatizar* o conteúdo dessas experiências. (Ex.: ver a figura de Cristo conduzindo alguém = morte), o que pode fazer confundir experiências místicas e experiências psi.

e.4- forma intuitiva (26%): esse tipo de experiência se dá por meio de uma sensação, um sentimento ou uma emoção, que faz com que a pessoa que vivencia essa experiência saiba que *algo* irá ocorrer, sem saber exatamente o *quê*, apesar de poder por vezes saber *com quem*. Essa informação aparece como que do nada, “*sem que haja qualquer motivo óbvio para que se saiba, ou sem qualquer ligação racional com os pensamentos que se tenha interrompido*” (Rhine, 1966: 63). Dos casos de experiências realísticas analisados, 55% envolveram mensagens consideradas completas.

Quanto à ocorrência das experiências de ESP, aparentemente não há distinção significativa entre o número de experienciadores homens e mulheres, tampouco em relação à faixa etária. A diferença ocorre, no entanto, no que diz respeito ao relato das experiências. Para cada dez mulheres que relatam suas experiências psi a parentes ou amigos, apenas um homem o faz. Por isso, talvez haja a impressão de que as mulheres sejam mais propensas a vivências psi. Isto depende, também, da cultura em que se está inserido. No Brasil, por exemplo, a narração de experiências de tipo ESP ou PK é tema comum em roda de amigos. O mesmo parece não ocorrer nos Estados Unidos com tanta frequência. As experiências extra-sensoriais são narradas, em média, por cerca de 50% das amostras estudadas. Esta é a média aproximada dos resultados das pesquisas de levantamento de dados realizadas nos Estados Unidos (Palmer, 1979), na Austrália, (Irwin, 1985b), em Israel (Glickson, 1990) e Islândia, Grã-Bretanha, Suécia e Estados Unidos (Haraldsson, 1985).

No artigo *Psychic Experiences in the Multinational Human Values Study: Who Reports Them?*, publicado em 1991, Haraldsson e Houtkooper analisam o banco de dados concernente a 3 das 120 questões de um amplo *survey* (*European Human Values Survey*; ver Harding, Phillips, e Fogarty, 1986) realizado em 13 países da Europa, além dos EUA, do qual participaram como respondentes 18.607 adultos. Os autores tomaram para análise exclusivamente as três questões sobre experiências anômalas, a saber: (a) experiências de telepatia; (b) experiências de clarividência e; (c) experiências de contato com mortos. Essas questões haviam sido usadas previamente no estudo de levantamento de dados *The Ultimate Values, of American Population* (McCready e Greeley, 1976) e ajudaram a compor o *European Human Values Survey*.

No que diz respeito à ocorrência das experiências anômalas relatadas, Haraldsson e Houtkooper verificaram que 34% da população européia relatam experiências telepáticas; 21% afirmam ter vivenciado experiências clarividentes; e 25% indicaram ter tido algum contato com os mortos. Já nos Estados Unidos, a porcentagem foi maior: 54%, 25% e 30%, respectivamente. Mulheres relataram mais experiências que os homens na Europa: 38% e 30%, respectivamente. Nos Estados Unidos, a mesma diferença em relação ao gênero foi encontrada: 59% e 47%, respectivamente.

O nível educacional dos respondentes pareceu não influenciar a vivência ou não de experiências, não havendo correlação significativa entre o relato dessas experiências e o grau de escolaridade. Da mesma forma, não houve qualquer diferença significativa entre subgrupos formados por pessoas casadas ou solteiras: na Europa, 31% e 36%, respectivamente. No entanto, a porcentagem de pessoas com experiências anômalas entre aquelas com situação conjugal

“irregular” (separados, 53%; divorciados, 47%; “amigados”, 44%) foi significativamente maior que os grupos de casados e de solteiros. Nos Estados Unidos, cerca de metade dos casados e solteiros (51% e 53%, respectivamente), relataram experiências anômalas, contra cerca de dois terços dos “amigados” (65%), dos separados (66%) e dos divorciados ou viúvos (64%).

Quanto ao item bem-estar psicológico, os pesquisadores utilizaram a *Bradburn Affect Scale* (Bradburn, 1969), uma escala de 10 itens, para medir esta variável. O resultado mostra que as pessoas que relatam experiências anômalas não se diferenciam do ponto de vista do bem-estar psicológico daquelas que não relatam experiências anômalas.

Por fim, um interessante resultado acabou por emergir da análise obtida pela regressão múltipla dos dados, qual seja, a de que algumas variáveis, advindas da dimensão “religiosidade”, parecem afetar a frequência dos relatos. A crença na reencarnação, a crença em algum tipo de força espiritual e o fato de desfrutar de momentos de oração ou meditação parecem contribuir significativamente para a crença na existência dos fenômenos parapsicológicos em geral e para a frequência dos relatos de experiências psi, como já havia sido encontrado em outros estudos congêneres (Haraldsson, 1981; Tobacyk e Mildford, 1983).

O artigo *Psychic And Spiritual Experiences, Health, Well-Being, and Meaning in Life*, de Kennedy, Kanthamani e Palmer (1994), consiste na apresentação de um estudo de levantamento de dados (*survey*) que se configurava num primeiro passo para a realização de um projeto maior que visava investigar os efeitos de psi e outras experiências anômalas na vida de seus experienciadores, especialmente no que diz respeito a sua saúde e bem-estar. Há

que se lembrar que Palmer, anteriormente, havia feito um estudo (*survey*) em Virgínia (Palmer, 1979), cujos resultados apontavam para a relevância e impacto de experiências psi no cotidiano. No entanto, esse estudo meramente quantitativo não dava conta da magnitude dos efeitos ou da direção desses impactos. Portanto, havia essa lacuna a ser preenchida.

Kennedy, Kanthamani e Palmer chamam a atenção para evidências de que vivenciar experiências anômalas pode ser um fator condutor de saúde e bem-estar. Em suas palavras:

...Joan Borysenko, co-fundadora da *Mind/Body Clinic da Harvard Medical School*, relata que o encontro com uma pessoa aparentemente paranormal em um aeroporto, seguido de uma série de experiências de regressão a vidas passadas, ajudaram-na a superar uma série de problemas psicológicos que uma extensa terapia não tinha conseguido resolver (Borysenko, 1993). Ela observa que suas experiências não fornecem evidências científicas para a realidade da existência de vidas passadas, mas fornecem evidências de que experiências anômalas podem ajudar pessoas a superar difíceis problemas psicológicos. Da mesma forma, o pesquisador de doenças do coração Dean Ornish acredita que “abrir o coração” para “experimentar uma força superior” se constitui em um importante componente de seu programa para reversão de doenças cardíacas (Ornish, 1990, capítulo 9). Embora Ornish discuta

o estudo de Byrd (1988) sobre os efeitos aparentemente paranormais da oração em pacientes cardíacos, seu principal foco de interesse é o fato de essa atitude de abertura reduzir reações fisiológicas adversas a situações estressantes. Aqui também são encontrados benefícios tangíveis sem a necessidade de resolver a questão da realidade das “forças superiores”.³⁵ (Kennedy, Kanthamani e Palmer, 1994: 353-354)

Assim, os autores lembram que a palavra *experiência* remete-se a uma vivência individual, que pode corresponder ou não a um fato objetivo (cf. corrobora Irwin, 1999). Salientam que até o momento da publicação do artigo ora apresentado havia pouca literatura com informação a respeito da relação entre experiências parapsicológicas e saúde (exs.: Blackmore, 1988; Milton, 1992; White, 1990), uma vez que se privilegiava o enfoque nas crenças nos fenômenos paranormais e não nos efeitos dessas experiências. Cabe aqui observar que esse direcionamento de atenção sofreu mudança ainda na década de 1990, quando estudos sobre possíveis efeitos fisiológicos de psi foram intensificados principalmente em pesquisas laboratoriais de bio-PK, nas chamadas pesquisas de influência mental à distância sobre organismos vivos ou DMILS (do inglês *distant*

³⁵ Traduzido do original em inglês: “... Joan Borysenko, cofounder of the Mind/Body clinic at Harvard Medical School, reports that an encounter with an apparently psychic person in an airport, followed by a series of past-life regression experiences, helped her overcome a serious psychological problem that an extensive therapy had failed to resolve (Borysenko, 1993). She notes that her experiences do not provide evidence for the reality of past lives, but they provide evidence that anomalous experiences can help some people overcome difficult psychological problems. Likewise, heart disease researcher Dean Ornish believes that “opening your heart” to “experience a higher force” is an important component of his program for reversing heart disease (Ornish, 1990, ch.9). Although Ornish discusses Byrd’s (1988) Study of the apparent paranormal effect of prayer on heart patients, his primary focus is that this attitude of openness reduces

mental influence on living systems). Porém, o estudo das crenças paranormais nunca foi abandonado.

O estudo realizado por Kennedy, Kanthamani e Palmer teve como objetivos: (a) coletar informações básicas *cross-sectional* sobre experiências anômalas e medidas relacionadas à saúde e (b) encontrar sujeitos para investigações posteriores. Para a coleta dos dados, foi feita a aplicação de um questionário composto por pequenas escalas, cujas perguntas abordavam temas como bem-estar, saúde mental, estilo de vida saudável, sentido para a vida, experiências transcendentais e paranormais (psi); sintomas lobo-temporais e absorção. Foram enviados 500 questionários a estudantes da *Duke University* escolhidos por meio da seleção aleatória da página, coluna e linha do livro de registro acadêmico. Destes, 105 estudantes universitários responderam o questionário e enviaram-no aos pesquisadores até uma data-limite estabelecida.

Como resultado, especialmente no que interessa ao tema ora estudado, os pesquisadores obtiveram que 59% da amostra relataram ter vivenciado experiências psi e/ou transcendentais/espirituais e estes apresentaram um maior senso de sentido na vida. Segundo os autores:

O sentido para a vida está sendo cada vez mais reconhecido como um importante fator de bem-estar e saúde (Antonovsky, 1987; Kobasa, 1979; Zika e Chamberlain, 1992). (...) É necessário aguardar por mais pesquisas para inferir o motivo pelo qual ocorreram correlações entre sentido para a vida e experiências anômalas no presente

estudo. As experiências anômalas poderiam contribuir para dar sentido à vida de uma pessoa, como tem sido relatado nos casos de experiências de quase-morte. (Gallup, 1982, Greyson e Stevenson, 1980; Ring, 1984), ou o sentido para a vida poderia criar um cenário psicológico condutor de experiências anômalas.³⁶ (Kennedy, Kanthamani e Palmer, 1994: 371)

O estudo indicou bons indícios de que vivenciar experiências anômalas traz benefícios aos experienciadores, promovendo incremento de seu bem-estar, sendo os resultados consistentes com estudos realizados anteriormente³⁷ e aponta novas perspectivas de pesquisa a partir dos dados analisados.

O artigo publicado por Kennedy e Kanthamani em 1995, *An Exploratory Study of the Effects of Paranormal and Spiritual Experiences on Peoples' Lives and Well-Being*, mostra uma continuidade do estudo realizado com Palmer, publicado em 1994. O estudo feito por Kennedy e Kanthamani (1995) teve como objetivos: (a) desenvolver questionários e (b) coletar dados para avaliar os efeitos de experiências místicas e paranormais na vida das pessoas levando em conta

to resolve the issue of the reality of the 'higher forces'."

³⁶ Traduzido do original em inglês: "Meaning in life is increasingly recognized as an important factor in well-being and health (Antonovsky, 1987; Kobasa, 1979; Zika e Chamberlain, 1992). (...) Inferences about why the correlations between meaning in life and anomalous experiences occurred in the present study must await further research. The anomalous experiences could contribute to a person's sense of meaning in life, as has been reported for near-death experiences (Gallup, 1982; Greyson e Stevenson, 1980; Ring, 1984), or meaning in life could create a psychological set conducive to anomalous experiences."

³⁷ Exemplos desses estudos são aqueles realizados por: Hay e Morisy (1978), que tratam do equilíbrio entre afetos positivos e negativos correlacionados positivamente com experiências místicas; Kass, Friedman, Leserman, Zuttermeister e Benson (1991), que verificaram que experiências e crenças espirituais estão positivamente correlacionadas com propósito de vida e satisfação; Gabbard e Twemlow (1984), que aplicaram aplicação uma escala de bem-estar a pessoas que relatavam experiências fora-do corpo e a cinco grupos controles. Como resultado dessa última pesquisa, obteve-se que pessoas que relatam esse tipo de experiência são americanos saudáveis "na média". E ainda, a correlação entre experiências místicas e afetos

estudos anteriores que apontam a abertura à possibilidade da vida para além do material como um fator condutor de bem-estar. (Borysenko, 1993; Gartner, Larson e Allen, 1991; Koenig, 1990; Larson et al., 1992; Ornish, 1990) Os autores chamam a atenção para o crescente interesse nesse tipo de correlação que fica evidente na realização de pesquisas sobre a relação entre saúde e espiritualidade, com destaque para experiências de quase morte que sempre apontaram resultados positivos em termos de mudanças ou transformações na vida de seus experienciadores. Porém, Kennedy e Kanthamani constatarem que a busca por esse tipo de correlação não se estendeu de forma mais consistente para outros tipos de experiências anômalas, tais como as experiências psi. Relembrem o fato de que alguns pesquisadores já haviam tocado nessa questão sem muito aprofundamento, como as pesquisadoras Blackmore (1988) e Milton (1992). No entanto, insistem na importância da busca por correlações entre experiências anômalas em geral e experiências psi em particular, e níveis de bem-estar, assim como seus efeitos propriamente ditos, uma vez que essas correlações podem: (a) fornecer *insights* sobre os fatores motivadores dessas experiências, o que elucidaria aspectos cognitivos dessas vivências – e, em última instância, auxiliaria na pesquisa da realidade ontológica dos chamados fenômenos psi ou parapsicológicos; (b) abrir a possibilidade de desenvolver modos de ajudar os experienciadores de psi a compreender melhor suas vivências por meio da literatura especializada; e (c) ajudar profissionais da área de assistência social e de saúde a lidar com pessoas que relatam esses tipos de vivências. Sobre esse ponto, há uma ampla discussão a respeito do fato de pessoas que passam por experiências parapsicológicas ficarem perturbadas com

positivos não é surpreendente uma vez que intensos afetos positivos são considerados características

essas vivências e necessitarem de aconselhamento a fim de saberem mais e aprenderem a lidar com elas. (Hastings, 1983; Siegel, 1986, Weiner, 1980)

Abrindo aqui um parêntese muito necessário, note-se que falar na importância do aconselhamento não significa empregar um caráter patológico a psi ou a qualquer outro tipo de experiência anômala. Significa, sim, colaborar no reconhecimento de experiências anômalas e de transmissão de informações que auxiliem seus experienciadores a encarar suas vivências como algo próprio da natureza humana. Apesar de estudos apontarem para o fato de as experiências anômalas contribuírem para o bem-estar, há vivências perturbadoras, especialmente aquelas que dizem respeito a precognição envolvendo ocorrências trágicas. Muitas pessoas encaram essa experiência não como fruto de uma capacidade de conhecimento antecipado de informação, mas atribuem a si a responsabilidade do ocorrido, como se o fato de “antever o evento” funcionasse como um gatilho para que ele efetivamente ocorresse. A informação sobre as características dessas experiências e sobre a frequência com que elas ocorrem com outras pessoas costuma deixar os experienciadores mais tranquilos, uma vez que, de certa forma, não se sentem mais sozinhos e não precisam duvidar de sua sanidade. No entanto, pessoas que sofram de alguma psicopatologia podem também vivenciar experiências extra-sentório-motoras ou utilizar as características de experiências psi como conteúdo de seus delírios. Nesse caso, o conhecer as características das experiências psi possibilitaria identificar traços psicopatológicos e fazer o encaminhamento a profissionais competentes para avaliação diagnóstica e possível tratamento.

Voltando ao estudo de Kennedy e Kanthamani, este implicou no desenvolvimento de dois questionários com base em trabalhos publicados anteriormente, em estudos exploratórios feitos com outros questionários, na experiência anterior com pessoas que relatam experiências anômalas e nas vivências anômalas dos próprios pesquisadores. Os dois questionários desenvolvidos (*Index of Changes Resulting from Experiences* e *Checklist of effects of Experiences*) foram aplicados em conjunto com o *Life Experience Questionnaire*, um questionário de duas páginas que seria comentado em outro artigo. O estudo enfoca experiências anômalas – que os autores dividiram em experiências paranormais e experiências transcendentais – com especial atenção aos efeitos das experiências e à interação entre seus diferentes tipos. Os respondentes não apenas respondiam objetivamente as questões propostas, mas podiam descrever suas experiências. Os sujeitos da pesquisa constituíram uma amostra de conveniência composta por 120 pessoas que já se diziam interessadas pelo assunto e/ou que diziam passar por experiências anômalas, uma vez que os autores não estavam interessados em uma amostra aleatória da população em geral.

Como resultado, essa pesquisa obteve que 96% da amostra relataram ter tido pelo menos uma experiência paranormal – resultado devido provavelmente ao fato de o público ser interessado no assunto – e 83% relataram ter tido pelo menos uma experiência transcendental. Quanto aos efeitos provocados por essas experiências, Kennedy e Kanthamani relatam que:

O questionário *Index of Changes Resulting From Experiences...* indicou um aumento no interesse e na crença

em aspectos espirituais e aumento do bem-estar. ...as mudanças mais extremas tiveram relação com os itens relacionados com a espiritualidade ou com aspectos religiosos. Preponderância de respostas positivas também foi encontrada nos itens relacionados a bem-estar, tais como sentimentos de felicidade e bem-estar, sensação de conexão com os outros, otimismo sobre o futuro, propósito ou sentido para a vida e motivação para a manutenção da saúde. Respostas recíprocas foram encontradas nos itens negativos de bem-estar: sentimentos de solidão ou isolamento, depressão ou ansiedade e preocupação e medo do futuro.³⁸ (Kennedy e Kanthamani, 1995: 254)

Os dados demonstraram que esses efeitos se deram de forma geral devido à combinação de diferentes experiências. Quanto maior o número de experiências, maiores são os efeitos. Foi, assim, encontrada uma correlação positiva entre as magnitudes de mudanças em bem-estar e espiritualidade com o número de experiências anômalas, o que corrobora a hipótese de McClenon (1994) elaborada com base em experiências pessoais e observações de campo. Os efeitos positivos corroboram a hipótese de que as ocorrências de experiências anômalas seriam guiadas por motivações ou necessidades (Broughton, 1988;

³⁸ Traduzido do original em inglês: "The Index of Changes Resulting From Experiences questionnaire... indicated increased interest and belief in spiritual matters and increased well-being. ...the most extreme changes were for spirituality-related items such as desire to achieve a higher consciousness, belief in life after death, and interest in spiritual or religious matters. A preponderance of positive responses were also found on well-being items such as feelings of happiness and well-being, sense of connection to others, optimism about the future, purpose or meaning for life, and motivation to maintain health. Reciprocal responses were found on the negative well-being items: feelings of isolation or loneliness, feelings of depression or anxiety, and worry and fears about the future."

Stanford, 1974a, 1974b; Weiner and Geller, 1984). Os dados revelam também que apenas 9% da amostra disseram que a experiência foi assustadora, sem nenhum valor positivo.

Kennedy e Kanthamani terminam o artigo apresentando algumas sugestões para próximas pesquisas. Os autores reconhecem que o fato de os respondentes serem sujeitos que já demonstravam interesse por Parapsicologia deve ter influenciado na magnitude dos resultados obtidos. Sugerem, assim, que a pesquisa seja estendida a outros grupos e que as pesquisas englobem vários tipos de experiências anômalas, pois observa-se que os diferentes tipos de experiências anômalas tendem a estar correlacionados. E ainda chamam a atenção para as pesquisas de levantamento de dados (*surveys*) realizadas por Greeley (1975)³⁹ e Palmer (1979) que mostram que a distinção entre aqueles com muitas experiências anômalas versus aqueles com poucas ou nenhuma é mais interessante do que a distinção entre “aqueles com” e “aqueles sem” alguma/nenhuma experiência. Senso assim, Kennedy e Kanthamani sugerem que mais questionários sejam aplicados, primeiramente a populações selecionadas e, posteriormente, a amostras aleatórias, utilizando-se questionários padronizados a fim de possibilitar comparação mais eficaz dentre os dados obtidos.

Os resultados obtidos dos artigos resenhados acima serviram de motivação para a presente pesquisa na medida em que se mostram por vezes contraditórios – como no caso da correlação entre níveis de bem-estar e frequência de

³⁹ Kennedy e Kanthamani destacam resultados interessantes que a pesquisa de levantamento de dados (*survey*) que Greeley (1975) realizou com 1.460. Nessa pesquisa, Greeley verificou que: (a) experiências psi estão correlacionadas tanto com afetos positivos quanto negativos separadamente, mas não estão correlacionadas com o equilíbrio; (b) experiências místicas têm correlação positiva com afetos positivos e correlação negativa com aspectos negativos (Bradburn Scale); (c) satisfação na vida e experiências místicas mantêm uma correlação positiva; (d) equilíbrio entre afetos positivos e negativos estão correlacionados positivamente com experiências místicas.

experiências anômalas encontradas por Haraldsson e Houtkooper (1991) e Kennedy e Kanthamani (1995) – e intrigantes, na medida em que apontam para uma presença significativa de experiências anômalas na vida cotidiana. Os questionários aplicados tratam de diversas experiências anômalas em conjunto, o que parece ser relevante se considerarmos o alerta de Kennedy e Kanthamani (1995) para o fato de que os efeitos que se refletem das experiências anômalas se dão por experiências inter-relacionadas. Porém, como já foi colocado, na pesquisa ora apresentada **optou-se** por focar as experiências psi propriamente ditas em amostra aleatória de conveniência, não por população selecionada como fez Kennedy e Kanthamani, especialmente devido aos interesses que norteiam este trabalho traduzidos na apresentação de seus objetivos⁴⁰:

⁴⁰ Os objetivos serão retomados na Parte 2 desta tese, onde são apresentados de forma ampliada e detalhada.

O B J E T I V O S	<p>GERAL:</p> <p>Verificar a prevalência de experiências anômalas relacionadas a psi (extra-sensório-motoras), buscando possíveis associações dessas experiências com crenças, atitudes e níveis de bem-estar subjetivo de seus experienciadores, de modo a reconhecer características dos experienciadores de psi, contrastando-as com as características de não experienciadores.</p> <hr/> <p>ESPECÍFICOS:</p> <p>(a) Verificar a associação entre experiências psi ou extra-sensório motoras e dados demográficos como gênero, idade, renda, escolaridade e, especialmente, filiação religiosa, além de sua associação com crenças e práticas dos respondentes.</p> <p>(b) Verificar a associação entre a vivência de experiências extra-sensório-motoras e a crença na existência de psi (percepção extra-sensorial e psicocinesia).</p> <p>(c) Verificar o conteúdo das experiências extra-sensório-motoras e sua dimensão social.</p> <p>(d) Verificar as causa(s) às quais os experienciadores atribuem a suas experiências psi e sua possível associação às crenças religiosas desses experienciadores, ao enfrentamento e às atitudes com relação às experiências psi.</p> <p>(e) Verificar a relevância (impacto social) das experiências psi para as pessoas que as vivenciam, especialmente no que diz respeito a suas crenças, mudanças de atitudes e práticas religiosas.</p> <p>(f) Verificar a associação entre a vivência de experiências extra-sensório-motoras e os três maiores componentes do bem-estar subjetivo: afeto positivo, afeto negativo e satisfação com a vida, e comparar os níveis de bem-estar subjetivo de experienciadores e não experienciadores de psi.</p>
--	---

A opção de focalizar as experiências relacionadas a psi ou experiências aparentemente extra-sensório-motoras tem por base a tentativa de trazer à discussão o tema a fim de despertar o interesse pelo assunto verificando a prevalência dessas experiências numa população brasileira para futuramente aprofundar esse estudo correlacionando essas experiências e sua frequência com os demais tipos de experiências anômalas.

Para dar conta das tarefas que os objetivos que direcionam esta pesquisa propõem, foram estudados tópicos de Psicologia Social não apenas para a elaboração do instrumento de pesquisa que será apresentado na **Parte 2**, mas também para a discussão dos dados e correlações encontradas. No próximo capítulo são apresentados esses tópicos por meio de uma revisão bibliográfica. Note-se que não há praticamente menção a estudos especificamente voltados a experiências psi, um dos motivos pelo qual se optou por explorar essa área que carece de estudos mais aprofundados, especialmente no Brasil, onde são quase inexistentes.

Capítulo 2

Tópicos de Psicologia Social

Neste capítulo são apresentados os tópicos de Psicologia Social que serviram de base para a elaboração do instrumento de coleta de dados e para a análise dos dados coletados, considerando as conexões que se estabelecem entre eles. Os tópicos sob exame – esquemas, atitudes, atribuição de causalidade, bem-estar subjetivo – pressupõem ou se imbricam com outros conceitos. Esses conceitos estão destacados em negrito ao longo do texto. Alguns deles – estresse, *coping* e crenças – além do destaque, também serão apresentados em item a parte para esclarecer ou complementar os principais tópicos abordados nesta tese. Vale ressaltar que as crenças enfocadas na análise dos resultados da coleta de dados são especialmente – mas não exclusivamente – as crenças religiosas, uma vez que um dos aspectos fundamentais desta pesquisa consistiu em verificar a associação entre a vivência de experiências extra-sensório-motoras e a adesão a crenças religiosas, bem como as mudanças de atitude relacionadas ao comportamento religioso a partir, pretensamente, da atribuição de causalidade direcionada às experiências psi vivenciadas no cotidiano. É apresentada uma revisão relativamente ampla e abrangente de cada tópico com ênfase em alguns aspectos de maior interesse para esta pesquisa. Assim, será dado destaque à Teoria de Atribuição de Causalidade proposta por Spilka, Shaver e Kirkpatrick (1985/1997)⁴¹, que além de servir como uma teoria

⁴¹ O primeiro ano mencionado refere-se à data de primeira apresentação da teoria proposta no artigo *A General Attribution Theory for the Psychology of Religion* publicado no *Journal for the Scientific Study of*

geral de atribuição, se presta muito especialmente ao desenho teórico da atribuição de causalidade religiosa.

No que se refere ao bem-estar subjetivo, foram também consideradas as pesquisas que têm sido realizadas em âmbito geral, uma vez que, pouquíssimos são os estudos especificamente voltados à investigação da correlação entre experiências de tipo extra-sensório-motor e bem-estar subjetivo. Como já mencionado, uma breve revisão sobre os estudos de estresse e *coping* é também apresentada, a fim de dar subsídios para a discussão dos dados que dão conta do enfrentamento das experiências psi no cotidiano, apontando para uma direção de pesquisa que se mostra bastante promissora e merece ser mais bem explorada em futuros estudos.

Feitas estas considerações, segue a apresentação dos tópicos de Psicologia Social, iniciando pelas questões da percepção relacionadas aos esquemas e à formação e mudanças de atitude. Afinal, para compreender a dimensão social do ser humano, é preciso compreender como reconhecemos e interagimos com nosso meio, pois é a partir daí que as relações sociais e os significados são construídos.

2.1- Esquemas

Somos equipados fisiologicamente para interagir com o ambiente. Essa interação aciona um processo interpretativo pelo qual filtramos e avaliamos constantemente aquilo que nos chega por meio de nossos sentidos. Da interpretação do ambiente e de nossas próprias reações (comportamentos) aos

mais variados estímulos nascem hábitos interpretativos denominados **esquemas**. Os esquemas são responsáveis pela organização do conhecimento adquirido ou construído individual e coletivamente. Assim, como afirma McIntosh, com base em outros autores, um esquema consistiria numa...

...estrutura cognitiva ou representação mental que contém um conhecimento organizado sobre um domínio particular, incluindo a especificação das relações entre os seus atributos⁴² (Fiske e Linville, 1980; Gardner, 1985; Taylor e Croker, 1981). (McIntosh, 1995/1997: 172)

Da mesma forma que a interação de um indivíduo com o ambiente ajuda a construir seus esquemas, os esquemas influenciam o modo como esse indivíduo percebe o mundo. As relações entre os elementos do esquema são impostas sobre as configurações dos estímulos, por isso os esquemas influenciam no modo como as pessoas percebem, como as pessoas compreendem os eventos e como os avaliam. Assim como esquemas são construídos por meio da experiência, experiências prévias constroem **sistemas de crença** (McIntosh, 1995/1997: 171 a 183). Só percebemos as coisas para as quais há um esquema interpretativo estabelecido (Neisser, 1976).

Esquemas operam em vários níveis de generalidade, sendo que esquemas mais gerais englobam esquemas mais específicos. Assim, por exemplo, a idéia de Deus (um esquema abstrato) engloba idéias sobre morte, moral, conduta etc.

Usualmente as pesquisas não tratam de esquemas mais abstratos, pois estes não se prestam a testes de realidade. No entanto, como os esquemas em geral - abstratos ou não - aparentemente funcionam de uma mesma maneira, a investigação de esquemas não abstratos ajuda a compreender esquemas de nível mais abstrato, como as concepções religiosas.

Os esquemas também afetam o processamento de informação permitindo que as pessoas preencham lacunas no *input* de dados perceptivos quando realizam suas interpretações, "adivinhando" eventos ocorridos a partir de um resultado observado. Portanto, as pessoas conseguem ir além da informação dada e completam o quadro do que é percebido (McIntosh, 1995/1997: 173)

Esquemas são ainda responsáveis pelo fato de o mundo parecer coeso. Essa coesão é resultante das ligações do indivíduo com a realidade proporcionadas por relações esquemáticas estabelecidas, o que está intimamente relacionado com as atividades cognitivas. Segundo Hastie (1981), um evento pode ser avaliado como congruente, incongruente ou irrelevante, dependendo de um esquema em particular. A reação a mudanças ocorridas no entorno do indivíduo também são influenciadas pelos esquemas ou *mapas* do ambiente que esse indivíduo possui (Bowlby, 1969).

Há estudos que demonstram que o processamento cognitivo se dá de forma mais rápida para materiais relevantes do que para materiais que dizem respeito a esquemas irrelevantes. (Taylor e Crocker, 1981) Frente a eventos ambíguos, a avaliação é feita pelo esquema que é mais forte. Além disso, pessoas que têm esquemas altamente desenvolvidos realizam predições e

⁴² Traduzido do original em inglês "... is a cognitive structure or mental representation containing organized knowledge about a particular domain, including a specification of the relations among its attributes (Fiske e Linville, 1980; Gardner, 1985; Taylor e Croker, 1981)."

avaliações de modo mais confiante e muito mais rapidamente do que pessoas que não possuem esquemas bem definidos, a não ser que a informação processada traga novas implicações para o esquema e/ou é periférica ao esquema estabelecido. Os indivíduos podem utilizar a heurística - *atalhos mentais* - para chegar rápida e eficientemente a uma conclusão sem passar por muitas análises detalhadas (McIntosh, 1995/1997: 154).

A religião pode ser encarada como um esquema cognitivo na medida em que as crenças organizam a realidade. Isto ocorre com as pessoas com orientação intrínseca, ou seja, aquelas para as quais a religião serve como a estrutura dentro da qual estruturam suas vidas. Nessa medida, a **religiosidade intrínseca** está relacionada com a vida como um todo, sendo integradora e fornecedora de sentido. (Allport, 1966; Allport e Ross, 1967) Indivíduos com **esquemas religiosos** podem empregar a heurística para resolver problemas que são relevantes para o domínio religioso, como por exemplo, encontrar sentido no infortúnio, explicar ocorrências que aparentemente desafiam a ordem natural das coisas, dar significado à vida.

Apesar de propensos à estabilidade, esquemas podem ser modificados pela experiência. No processo perceptivo, há uma tendência à adaptação dos dados captados a esquemas já estabelecidos - ao que se denomina *assimilação* - e uma tendência a evitar a inclusão de novos dados - processo de *acomodação*. Essa tendência tem um caráter de manutenção da integridade e de defesa da permanência do sistema de crenças de um indivíduo, uma vez que mesmo pequenas modificações podem provocar mudança num esquema. A mudança de um esquema envolve **mudanças de atitude**, o que não se constitui em um processo tranqüilo para o indivíduo, pois implica na alteração de sua visão de

mundo, o que poderá resultar numa experiência bastante traumática ou transformadora.

2.2- Atitudes

Chamamos de atitudes as avaliações que decorrem do processo interpretativo que se dá pelo filtro dos esquemas. As atitudes consistem, portanto, nas reações positivas ou negativas adotadas em relação a objetos de percepção, quais sejam pessoas, coisas, idéias ou circunstâncias.

Atitudes podem ter base afetiva, cognitiva ou comportamental. As **atitudes de base afetiva** correspondem às reações emocionais que temos em relação ao objeto que gera a atitude. As **atitudes de base cognitiva**, por sua vez, dizem respeito à apreciação que fazemos do objeto da atitude ao considerarmos os aspectos positivos e negativos desse objeto. E, finalmente, as **atitudes de base comportamental** nascem da nossa percepção das ações ou comportamentos observáveis que temos com relação ao objeto que provoca a atitude. De acordo com Daryl Bem (1972) em sua *Teoria da Autopercepção*, algumas pessoas não têm consciência de como se sentem em relação a um determinado objeto até que se dão conta de como se comportam em relação a ele.

Segundo Tesser (1993), algumas atitudes estariam ligadas à constituição genética. Isto significa que os indivíduos herdariam dos progenitores predisposições a certas atitudes. Assim, haveria correlação entre atitudes e temperamento. No entanto, sabe-se que também as experiências sociais (cognitivas e comportamentais) desempenham papel fundamental para moldar as atitudes.

Se por um lado atitudes de base cognitiva dizem respeito à “apreciação” que o indivíduo faz do objeto percebido, considerando vantagens e desvantagens que esse objeto possa efetivamente lhe proporcionar, as atitudes de base afetiva, ao contrário, não estão fundamentadas em uma avaliação lógica racional dos estímulos percebidos. As atitudes de base afetiva fundamentam-se em crenças, valores morais, reações estéticas e respostas condicionadas por reações emocionais experimentadas no cotidiano que acabam por se tornar um “hábito de sentimento” em relação a determinado objeto. Essas atitudes podem ser criadas ou aprendidas por condicionamento clássico ou por condicionamento operante. Como explicam Aronson, Wilson e Akert:

O condicionamento clássico é aquele em que um estímulo que provoca uma resposta emocional é repetidamente experimentado juntamente com um estímulo neutro que não produz esse efeito, até que esse último assume as propriedades emocionais do primeiro. (...)

No condicionamento operante, o comportamento que resolvemos livremente manifestar aumenta ou diminui em frequência, dependendo se é seguido por reforço positivo ou por punição. (Aronson, Wilson e Akert, 2002:144)

Há diversos estudos especialmente voltados à publicidade que demonstram que a mudança de atitude se dá utilizando-se ou provocando a ocorrência de uma situação que tenha a mesma base da atitude a ser modificada. Para mudar uma atitude de base cognitiva, por exemplo, deve-se usar

argumentos racionais, ao passo que apenas por meio de afetos se pode mudar uma atitude de base afetiva. Para mudar atitudes de base comportamental, deve-se provocar comportamentos específicos na direção pretendida. (Edwards, 1990; Edwards e von Hippel, 1995; Shavitt, 1989; Snyder e DeBono, 1989)

Há pessoas que assumem atitudes de acordo com o modo como se sentem com relação o que se lhes apresenta (objeto de percepção). Se se sentem bem, têm uma atitude positiva. Se se sentem mal, têm uma atitude negativa. Contudo, adotar essa regra pode ser levar a equívocos pois por vezes é difícil saber de onde vêm os sentimentos: é o objeto propriamente dito que faz com que o indivíduo se sinta de tal forma ou sua atitude decorre de algum outro fator do qual, no momento, ele não está consciente?

Uma vez que as atitudes de base afetiva não são norteadas pela lógica nem tampouco por um exame racional das situações, são muito resistentes a mudanças, uma vez que mudá-las significa contestar e desafiar os valores pessoais que marcam a identidade do indivíduo. Quanto mais acessível for uma determinada atitude em relação a um objeto ou, em outros termos, quanto maior for a força de associação entre um objeto e a avaliação que fazemos dele, mais cristalizada será essa atitude, portanto, mais difícil será modificá-la (Fazio, 1989).

Diferentes teóricos expressam distintas opiniões acerca da acessibilidade da atitude. Tesser (1993), ao tratar das predisposições atitudinais, fala da importância da hereditariedade para a força de associação entre objeto e atitude: atitudes herdadas da família com relação a determinado objeto são muito fortes. Krosnick e Abelson (1992), entre outros, chamam a atenção para a importância pessoal atribuída a um objeto de percepção e para a quantidade de informação que se tem acerca do objeto perante o qual assumimos uma atitude: quanto mais

importante para nós é o objeto ou quanto mais bem informados somos acerca de um tópico, mais forte é nossa atitude em relação a ele. Apesar das divergências quanto à natureza da força de acessibilidade da atitude, há consenso sobre a consideração de um aspecto para medir essa força: o grau em que a atitude é acessível à memória do sujeito que percebe. Isto permite que se determine a probabilidade de que as pessoas se comportem de modo compatível com sua atitude.

2.2.1- Mudanças de atitudes

Mudanças de atitudes ocorrem freqüentemente como reação a influências sociais. Como já foi dito, há atitudes que são mais resistentes a mudanças. Aquelas de base afetiva são as mais resistentes porque dependem de vivências transformadoras para que ocorram mudanças internas relacionadas a crenças e valores pessoais. Nesse sentido as emoções se mostram como importante fator para a mudança de atitude uma vez que sinalizam como nos sentimos com relação a algo e estão fortemente envolvidas nas experiências que provocam transformações ou adequações. Como um exemplo pode-se mencionar a provocação do medo, um recurso muito utilizado na educação de crianças ou na doutrinação religiosa. O medo por si só não tem o poder de mudar atitudes. Para que ocorra uma mudança, é preciso que o sujeito que sofre o medo conheça ou que lhe sejam apresentadas formas de se livrar dessa emoção negativa – o que corresponderia à tomada da atitude desejada pelo disciplinador. Esse “antídoto” seria o ingrediente motivador para a mudança de atitude pretendida (Aronson, Wilson e Akert, 2002: 153). Vale lembrar que o medo exagerado pode fazer com

que seu percipiente se sinta ameaçado e se negue a pensar naquilo que provoca tal emoção negativa, adotando uma postura defensiva como um recurso psicológico com vistas a manter sua integridade pessoal.

Fundamental para a compreensão do mecanismo de mudança de atitude é o conceito de **dissonância cognitiva**. Chamamos de *dissonância cognitiva* o processo psicológico que envolve o confronto entre cognições díspares que provoca uma crise de interpretação. Um indivíduo passa por uma dissonância cognitiva quando se vê numa situação que desafia suas crenças de um modo geral, ou seja, suas certezas sobre como o mundo funciona, como as pessoas devem se comportar e assim por diante. Em outras palavras: seu paradigma ou visão de mundo é abalado por uma experiência desafiadora. Em Psicologia Social, o conceito de dissonância cognitiva diz respeito, originalmente, ao processo desencadeado quando um indivíduo faz alguma coisa que ameaça a imagem que ele tem de si mesmo, principalmente se ele não conseguir explicar seu comportamento atribuindo-o a circunstâncias externas. (Festinger, 1957) Assim, quando um sujeito não encontra uma justificativa externa para uma conduta incompatível com o que considera como padrão, procura uma justificativa interna. Por exemplo: ao mentir – comportamento inaceitável do ponto de vista moral – o sujeito pode justificar essa ação argumentando que a mentira serviu para não causar sofrimento a pessoas de quem ele gosta. Desta forma, o indivíduo realiza o que é chamado de **defesa de atitude contrária**, que consiste na busca de justificativas internas para opiniões ou comportamentos que são induzidos a apresentar mas que vão contra suas atitudes estabelecidas.

A busca de justificativas internas ou externas realizada na tentativa de compreender o mundo ou de dar conta de um determinado comportamento reflete

o fato de que as pessoas estruturam a realidade em termos causais, ou seja, estão sempre procurando o quê ou quem causa eventos ou é responsável por determinados comportamentos (Glock e Piazza, 1981). Desta forma, a **atribuição de causalidade** está intimamente ligada à correlação entre atitudes de base cognitiva e de base afetiva. É por meio dos fatores afetivos e cognitivos que estão na base de suas atitudes que o ser humano realiza julgamentos perceptivos a todo instante, buscando sentido para as situações cotidianas vivenciadas, fazendo, desta forma, atribuições de causalidade de modo intermitente.

2.3- Atribuição de Causalidade

Fritz Heider (1896-1988) é considerado o pai dos estudos da atribuição por ter sido pioneiro na investigação daquilo que denominou **psicologia ingênua** ou *do senso comum*, procurando compreender como o ser humano se comporta, como observamos nosso próprio comportamento e o comportamento alheio e como, a partir daí, chegamos a conclusões. Assim, em termos gerais, considerando o trabalho de Heider, a teoria da **atribuição de causalidade** estaria ligada à percepção social dos indivíduos, a fim de tentar compreender o comportamento das pessoas, buscando explicações razoáveis para esses comportamentos (Heider, 1958).

Segundo Heider, há basicamente dois tipos de atribuição de causalidade: (1) **atribuição interna**, que se origina a partir das disposições de personalidade, das atitudes e do caráter, portanto centrada na pessoa; e (2) **atribuição externa**, que emerge do contexto em que se inserem as situações vivenciadas pelos indivíduos. Heider postula que preferimos fazer atribuições internas a atribuições

externas porque localizamos usualmente as causas dos comportamentos nas pessoas e não no contexto em que elas se inserem. Desse postulado nasceram pesquisas voltadas a investigar as informações que utilizamos para realizar atribuições internas (ex.: Jones e Davis, 1965).

A partir das idéias de Heider, outros pesquisadores se ocuparam do estudo dos mecanismos envolvidos na atribuição de causalidade em busca de uma teoria unificada que explicasse esse processo. Desta forma, seguindo os passos de Heider, Kelley (1967), por exemplo, apresentou um **modelo de covariação**. Seguindo os passos de Heider, Kelley postula que os dados reunidos para fazer uma atribuição dizem respeito às covariações do comportamento de uma pessoa ao longo do tempo e em situações diferentes. Assim, Kelley propôs três tipos de covariação: (a) **consenso**, que corresponde às maneiras como as pessoas se comportam com relação a um mesmo estímulo; (b) **distintividade**, que diz respeito ao modo como a pessoa de quem estamos “julgando” o comportamento reage a outros estímulos; e (c) **consistência**, que refere-se à freqüência com que o comportamento observado entre a mesma pessoa e o mesmo estímulo ocorre em momentos e situações diferentes. Segundo Kelley, quando esses três pontos (fontes de informação) são confrontados, e se combinam em um ou dois padrões distintos, pode-se fazer uma atribuição clara, sendo geralmente feita: (a) uma atribuição interna quando o consenso e a distintividade são baixos, mas a consistência é alta; (b) uma atribuição externa quando os três aspectos são igualmente altos ou relevantes; ou (c) uma atribuição situacional ou externa, um tipo especial de atribuição que ocorre quando a consistência é baixa e não temos condição de fazer uma atribuição interna ou externa com clareza. Nesse último

caso se considera que alguma coisa de incomum ocorreu naquela circunstância e levou àquele determinado comportamento.

O modelo da covariação parte do princípio de que fazemos atribuições causais de forma racional e lógica. As atribuições internas são comumente realizadas por uma questão de **saliência perceptual**, ou seja, percebemos de imediato o que está mais acessível aos nossos sentidos (cf. Taylor e Fiske, 1975). Dessa forma, como enfatizou Heider (1958), as pessoas nos parecem ser aquilo que vemos e ouvimos delas, e essa informação captada parece bem lógica e razoável. Observa-se, no entanto, que freqüentemente distorcemos informações para atender à necessidade de manter a auto-estima elevada. Ocorre, também, de usamos atalhos mentais para fazer atribuições, o que nos coloca em risco de realizar a julgamentos incorretos. De um modo ou de outro, aos julgamentos incorretos chama-se **erro fundamental de atribuição**, termo cunhado por Ross (1977). Segundo Ross, esse tipo de erro mais comum em termos de julgamentos sociais ocorre porque existe uma inclinação em julgar o comportamento dos outros pelo tipo de pessoas que são, e não pelas circunstâncias que estão vivenciando. Desta forma, o conceito de *erro fundamental de atribuição* é importante para lembrar que o contexto deve ser considerado ao se julgar o comportamento de alguém, considerando-se, contudo, que ainda que se conheça a situação (contexto) de uma pessoa, não necessariamente se tem acesso ao modo como ela a interpreta.

Vale lembrar que o erro fundamental da atribuição não se aplica na mesma medida às atribuições que fazemos a nós mesmos. Tendemos a recorrer a atribuições situacionais para explicar nosso próprio comportamento: aqueles que observam uma ação e seu ator tendem a fazer atribuições disposicionais

(internas); aqueles, que por sua vez são os autores da ação tendem a realizar atribuições situacionais (externas). De acordo com Jones e Nisbett (1972), essa divergência de atribuição se dá devido à saliência perceptual: notamos mais diretamente nossa situação (contexto) do que nosso comportamento propriamente dito (disposição interna), ao passo que aqueles que nos observam terão uma percepção inversa, como demonstrou um estudo realizado por Storms (1973). Por outro lado, atores têm mais informação sobre si mesmos do que os seus observadores, estando mais conscientes de seu padrão de comportamento em situações variadas (Kelley, 1967).

O processo de atribuição interna inclui uma segunda etapa que consiste numa tentativa de ajuste da atribuição realizada levando-se em conta o contexto. É comum que essa segunda etapa não ocorra ou, se ocorrer, que não seja feito um ajuste suficiente no caso de os “juízes” ou “atribuidores” estarem ocupados com outros interesses. A primeira etapa – atribuição interna – é espontânea e ocorre de imediato. Já a segunda etapa – o ajuste de acordo com o contexto do que estão sendo “juízes” – exige esforço e atenção consciente (Gilbert e Osborne, 1989; Gilbert, Pelham e Krull, 1988).

É fato que necessidades, desejos, medos e esperanças influenciam nas atribuições na medida em que buscamos ver o mundo de modo a nos sentirmos melhor tanto em relação a nós mesmos quanto em relação à vida em geral. Fazemos, portanto, **atribuições interesseiras** quando nossa auto-estima está ameaçada: tendemos a assumir nossos sucessos como conquistas próprias e atribuímos aos outros nossos fracassos, como demonstram estudos realizados por Carver, De Gregorio e Gillis (1980), Davis e Stephan (1980), Elig e Frieze (1979), McAllister (1996) e Whitley e Frieze (1985). Além disso, há que se

considerar que a cultura desempenha um papel fundamental na ocorrência do erro fundamental de atribuição: a cultura ocidental, por exemplo, incita a preferência por atribuições disposicionais (internas) a atribuições situacionais (externas), como foi apontado em estudos realizados por Lee, Hallahan e Herzog (1996), Miller (1984), Morris e Peng (1994).

Os aspectos teóricos relacionados à atribuição de causalidade abordados até aqui revisam as pesquisas que têm sido realizadas sobre esse tópico no que se refere principalmente às atribuições relacionadas a comportamentos ou atitudes sociais. Esses aspectos são importantes para a compreensão de outras propostas que visam explicar a atribuição de causalidade praticada com relação a outros eventos ou experiências humanas específicos. Como um dos principais aspectos investigados nesta pesquisa consiste em verificar mudanças de atitude relacionadas ao comportamento religioso a partir, pretensamente, da atribuição de causalidade direcionada às experiências extra-sensório-motoras vivenciadas no cotidiano, meu interesse se volta para a **Teoria Geral de Atribuição** proposta por Spilka, Shaver e Kirkpatrick (1985/1997), que procuraram, a partir de estudos anteriores, construir uma teoria geral que também servisse de base para a compreensão do processo de atribuições religiosas. A proposta de Spilka, Shaver e Kirkpatrick nasceu especialmente da junção de três teorias: a Teoria da Emoção proposta por Schachter (1971), a Teoria da Auto-Percepção proposta por Bem (1972) e a Teoria da Atribuição para a Motivação proposta por Weiner (1972).

Em sua **Teoria da Emoção**, Schachter (1971) postula que não há um determinante fisiológico específico para uma experiência emocional. Uma experiência emocional seria assim considerada de acordo com um rótulo cognitivo dado a um conjunto de reações fisiológicas resultante de uma interpretação que

conteria e ao mesmo tempo seria determinada por uma atribuição. O rótulo cognitivo é necessário para que uma experiência seja reconhecida como emocional porque, como observa Marañon em um estudo de 1924, palpitações, tremores, enrubescimento da face etc., podem ser induzidos artificialmente com uma injeção de adrenalina, sem que o sujeito experimental reconheça ter vivenciado uma emoção. Com base em um estudo empírico, Schachter e Singer (1962) concluíram que uma injeção de adrenalina só causará emoção se o sujeito em quem ela for aplicada não tiver conhecimento da origem de seus sintomas físicos e buscar uma interpretação que poderia ser de caráter emocional. Levando isso em conta, esses pesquisadores realizaram um estudo com sujeitos que recebiam uma injeção de adrenalina sem saber do que se tratava. Observaram que esses sujeitos interpretavam suas sensações como euforia ou raiva dependendo do “cenário” criado para o experimento. Isto demonstra que o contexto influencia as interpretações ou, nesse caso, a atribuição de causalidade. Da mesma forma, conclui-se que a classificação e atribuição de causa a experiências cotidianas vão depender do contexto, considerando-se aspectos culturais e a ligação emocional do sujeito da experiência com esses aspectos. Portanto, de acordo com a Teoria da Emoção de Schachter (1971), para que uma experiência seja reconhecida como emocional é preciso, além de um fator físico, de um fator interpretativo.

A **Teoria da Auto-Percepção** de Bem está relacionada à formação de auto-conceitos a partir de uma avaliação que o próprio indivíduo faz de seus sentimentos e ações. Essa avaliação é realizada de forma intermitente por toda a vida, uma vez que interpretações em particular podem afetar comportamentos que, por sua vez, incitarão novas interpretações e assim por diante (Proudford e

Shaver, 1975/1997: 141). Levando isso em conta, Bem coloca a seguinte proposição central para a Teoria da Auto-Percepção:

As pessoas conhecem suas próprias atitudes, emoções e outros estados internos inferindo-os por meio de observações de seu próprio comportamento explícito e/ou das próprias circunstâncias em que esse comportamento ocorre. Assim, na medida em que as pistas internas são fracas, ambíguas ou não-interpretáveis, o indivíduo está na mesma posição de um observador externo, um observador que deve necessariamente se basear aquelas mesmas pistas para inferir os estados internos do indivíduo⁴³. (Bem, 1972: 2)

Essa teoria explica os resultados dos experimentos de mudança de atitude projetados para testar a teoria da dissonância cognitiva (Brehm e Cohen, 1962; Festinger, 1957). É importante ressaltar que os julgamentos realizados pelos sujeitos têm caráter prático, uma vez que afetam fortemente comportamentos futuros.

A **Teoria da Atribuição para a Motivação** proposta por Weiner (1972), terceira teoria que ajuda a compor a chamada Teoria Geral da Atribuição, está centrada na perspectiva de dimensões da personalidade descritas como *locus*

⁴³ Traduzido do original em inglês: “Individuals come to “know” their own attitudes, emotions, and other internal states partially by inferring them from observations of their own overt behavior and/or the circumstances in which this behavior occurs. Thus, to the extent that internal cues are weak, ambiguous, or uninterpretable, the individual is functionally in the same position as an outside observer, an observer who must necessarily rely upon those same cues to infer the individuals’ inner states.”

interno e externo de controle de reforço (Rotter, 1966). Em outras palavras: pessoas que se situam no extremo da dimensão interna tendem a acreditar que elas são responsáveis pela maior parte dos eventos que vivencia, isto é, consideram suas decisões e esforços como determinantes em suas vidas. Por outro lado, pessoas que se situam no extremo da dimensão externa acreditam que as decisões dos outros ou que alguma força externa, como o acaso ou a sorte, são mais importantes do que seus próprios esforços. Dependendo do modo como lidam com as dimensões externas e internas, as pessoas podem ser classificadas em *high achievers* (aquelas que são geralmente bem sucedidas na realização de tarefas) ou *low achievers* (que pessoas que não costumam ser bem sucedidas na realização de tarefas) e isto ajuda a predizer uma série de atitudes e comportamentos e, conseqüentemente, as atribuições que essas pessoas fazem. Para Weiner, os *high achievers* atribuem seus sucessos e suas falhas ao próprio esforço (uma variável interna controlada pelo próprio indivíduo) e os *low achievers* atribuem o fato de terem conseguido algum êxito à facilidade da tarefa realizada, por exemplo – uma variável externa, não controlada pelo indivíduo – e atribui as falhas a sua falta de habilidade – uma variável interna, que também não está sob seu controle. Depois de uma falha, os *high achievers* continuam tentando realizar uma tarefa, aumentando o esforço pessoal empregado. Já os *low achievers*, depois de uma falha, desistem da tarefa. Portanto, diferentes atribuições pautadas nas dimensões internas e externas de controle de esforço afetam comportamentos, e, desta forma, afetam atitudes.

No caso das religiões, por exemplo, que ajudam a formar esquemas que pautam comportamentos cotidianos, uma das funções das doutrinas e símbolos é atribuir poder ao ator ou às forças naturais ou supostamente sobrenaturais que

estariam, em diferentes graus, no controle da vida dos indivíduos. Nesse sentido, a Psicologia da Religião é a disciplina que busca, dentre outros objetivos, caracterizar os modos como os indivíduos usam as religiões, ou melhor dizendo, as explicações religiosas para compreender, explicar e/ou justificar o mundo que os cerca e suas próprias experiências. Para isto, usa de teorias e métodos de diferentes correntes da Psicologia, e em especial a Teoria da Atribuição de Causalidade, que faz parte do arcabouço teórico da Psicologia Social. Segundo Spilka, Shaver e Kirkpatrick:

A Teoria da Atribuição também se aplica à percepção de eventos do mundo exterior tais como flutuações econômicas, acidentes e guerras. Por essa razão, alguns têm ido além da análise de experiências pessoais de Proudfoot e Shaver para considerar as atribuições religiosas como parte do conjunto de esforços explanatórios de uma pessoa (Gorsuch e Smith, 1983; Pargament e Sullivan, 1981; Ritzema, 1979; Spilka e Schmidt, 1983). Para esses autores, a religião provê um amplo "sistema de significado" para interpretar toda a gama de eventos da vida, não apenas como uma estrutura que serviria para rotular estados emocionais internos⁴⁴.
(Spilka, Shaver e Kirkpatrick, 1985/1997: 154)

⁴⁴ Traduzido do original em inglês: "Attribution theory also applies to the perception of events in the outside world such as economic fluctuations, accidents, and wars. For this reason, some have gone beyond Proudfoot and Shaver's analysis of personal experiences to view religious attributions as part of one's overall explanatory efforts (Gorsuch e Smith, 1983; Pargament e Sullivan, 1981; Ritzema, 1979; Spilka e Schmidt,

2.3.1- Uma Teoria Geral da Atribuição de Causalidade

William James (1842-1910) foi um pioneiro ao introduzir o estudo das experiências religiosas no meio acadêmico com seu livro *Variedades da Experiência Religiosa*, publicado originalmente em inglês em 1902. O tema religião aparece com mais frequência nos estudos da Sociologia e da Antropologia, disciplinas que se preocupam especialmente em verificar a função cognitiva da religião por meio do estudo de seus símbolos, diferentes instituições, denominações e práticas, itens que permitem às pessoas dar sentido às suas experiências (Bellah, 1970b; Douglas, 1966; Geertz, 1973). Esta abordagem contrasta com a abordagem de cientistas sociais, teólogos e filósofos da primeira metade do século XX.

Segundo Spilka, Shaver e Kirkpatrick (1985/1997), teologias diferentes oferecem explicação para tudo em todos os períodos da história, em todo o mundo, havendo opções de interpretação dentro de cada estrutura religiosa. A religião funcionaria como um sistema cognitivo que teria a função de reduzir a ansiedade diante de problemas de interpretabilidade diante de situações-limite. (Little e Twiss, 1973). No entanto, apesar de as explicações religiosas serem bastante acessíveis e abrangentes, nem todas as pessoas, mesmo as mais religiosas explicam tudo em termos religiosos. Portanto, há fatores que determinam os momentos em que ou as explicações religiosas ou as mão-religiosas seriam apropriadas. A Psicologia busca exatamente compreender os modos de realização das escolhas efetuadas a fim de explicar ocorrências

1983). To these authors, religion provides a broad-scale "meaning system" for interpreting the whole range of life events, not just a framework for labeling internal emotional states."

cotidianas. A Psicologia Social pode dar conta dessas questões porque tem sob seu enfoque as crenças, o self e as experiências pessoais, tópicos que foram abordados por James (1902) e estão organizados em torno da Teoria da Atribuição (Kelley, 1967; Shaver, 1975).

Como já foi mencionado no tópico anterior, Spilka, Shaver e Kirkpatrick tentam integrar os esforços teóricos existentes, expandindo-os por meio da incorporação de mais literatura acerca da atribuição de causalidade acrescida também de mais estudos empíricos sobre a religião. Tentam organizar uma teoria formal da atribuição para a Psicologia da Religião, apresentando axiomas, corolários e derivações. Mas essa teoria não se restringiria apenas a atribuições especificamente religiosas, tendo um caráter geral e, portanto, passível de ser aplicada de modo amplo às atribuições de causalidade realizadas cotidianamente na busca de compreensão de eventos os mais diversos. Propõem, portanto, uma Teoria Geral da Atribuição.

Os axiomas e corolários que compõem a Teoria Geral da Atribuição de Spilka, Shaver e Kirkpatrick (1985/1997) são os seguintes:

Axioma 1: As pessoas procuram explicar suas experiências e os eventos atribuindo a eles causas, isto é, fazendo atribuições causais⁴⁵. (p.154)

Corolário 1: Com freqüência, um evento ou experiência tem muitas causas possíveis e, talvez, incompatíveis e, nesse caso, a tarefa do atribuidor é escolher entre essas causas ou

ordená-las em termos de sua relativa importância ou impacto causal⁴⁶. (p. 155)

Corolário 2: Em casos em que o presumido agente causal é um ator humano, ou de tipo humano, as atribuições são freqüentemente feitas a alguns traços duradouros ou a outras características do ator⁴⁷. (p. 155)

Corolário 3: Em casos em que o agente causal presumido é um ator, as atribuições são feitas freqüentemente às razões do ator ou às suas intenções⁴⁸. (p. 155)

Axioma 2: O processo de atribuição é motivado por (1) uma necessidade ou desejo de perceber eventos no mundo como significativos, (2) necessidade ou desejo de prever ou controlar eventos e (3) necessidade ou desejo de proteger, manter ou incrementar o auto-conceito e a auto-estima⁴⁹. (p.156)

⁴⁵ Traduzido do original em inglês: “People seek to explain experiences and events by attributing them to causes, that is, by ‘making causal attributions.’”

⁴⁶ Traduzido do inglês: “Often, an event or experience has many possible and perhaps compatible causes, in which case the attributor’s task is to choose among them or rank them in terms of relative importance or causal impact.”

⁴⁷ Traduzido do original em inglês: “In cases where the presumed causal agent is a human or human-like actor, attributions are frequently made to some enduring trait(s) or other characteristic(s) of the actor.”

⁴⁸ Traduzido do original em inglês: “In cases where the presumed causal agent is an actor, attributions are frequently made to the actor’s reason(s) or intention(s).”

⁴⁹ Traduzido do original do inglês: “The attributions process is motivated by (1) a need or desire to perceive events in the world as meaningful, (2) a need or desire to predict or control events, and (3) a need or desire to protect, maintain, and enhance one’s self-concept and self-esteem.”

Corolário 1: A atividade de atribuir consiste, em parte, de uma tentativa individual de compreender eventos e interpretá-los em termos de algum amplo sistema de crença-significado⁵⁰. (p. 156)

Corolário 2: A atividade de atribuir consiste, em parte, de uma tentativa individual de manter controle sobre eventos e experiências, para aumentar a probabilidade de conseqüências positivas e evitar as conseqüências negativas⁵¹. (p. 156)

Corolário 3: A atividade de atribuir consiste em parte da tentativa de um indivíduo manter sua segurança pessoal e um auto-conceito positivo, incluindo um esforço geral para a auto-valorização e a proteção tanto do eu físico quanto do auto-conceito contra ameaças⁵². (p. 157)

Axioma 3: Os processos de atribuição são iniciados quando ocorrem eventos que (1) não podem ser prontamente assimilados no sistema de crenças-significado do indivíduo, (2) tem implicações no que diz respeito à possibilidade de

⁵⁰ Traduzido do original em inglês: “Attributional activity consists in part of an individual’s attempt to understand events and interpret them in terms of some broad meaning-belief system.”

⁵¹ Traduzido do original em inglês: “Attributional activity consists in part of an individual’s attempt to maintain effective control over events and experiences, in order to increase the probability of positive outcomes and avoid negative outcomes.”

⁵² Traduzido do original em inglês: “Attributional activity consists in part of individual’s attempt to maintain personal security and a positive self-concept, including a general striving toward self-enhancement and the protection of both the physical self and the self-concept against threat.”

controle de conseqüências futuras ou (3) alteram significativamente a auto-estima de modo positivo ou negativo⁵³. (p. 158)

Axioma 4: Uma vez que o processo de atribuição se inicie, as atribuições específicas escolhidas serão aquelas que melhor (1) restaurarem a coerência cognitiva ao sistema de crenças-significado do atribuidor; (2) estabelecerem um senso de confiança de que conseqüências futuras serão satisfatórias ou controláveis; e (3) minimizarem ameaças à auto-estima e maximizarem a capacidade de auto-valorização⁵⁴. (p. 154)

Axioma 5: O grau no qual uma atribuição em potencial será percebida como satisfatória (e, portanto, provavelmente será escolhida) vai variar em função de (1) características do atribuidor; (2) contexto em que a atribuição é feita; (3) características do evento que está sendo explicado; e (4) contexto do evento que está sendo explicado⁵⁵. (p. 159)

⁵³ Traduzido do original em inglês: “Attributional processes are initiated when events occur that (1) cannot be readily assimilated into the individuals meaning-belief system, (2) have implications regarding the controllability of future outcomes, or (3) significantly alter self-esteem either positively or negatively.”

⁵⁴ Traduzido do original em inglês: “Once the attribution process has been engaged, the particular attributions chosen will be those that best (1) restore cognitive coherence to the attributor’s meaning-belief system, (2) establish a sense of confidence that future outcomes will be satisfactory or controllable, and (3) minimize threats to self-esteem and maximize the capacity for self-enhancement.”

⁵⁵ Traduzido do original em inglês: “The degree to which a potential attribution will be perceived as satisfactory (and hence likely to be chosen) will vary as a function of (1) characteristics of the attributor, (2)

Axioma 6: Sistemas de conceitos religiosos oferecem várias explicações muito significativas para eventos – em termos de Deus, pecado, salvação etc. – assim como uma gama de possibilidades para intensificar os sentimentos de controle e de auto-estima (ex.: fé pessoal, orações, rituais e assim por diante)⁵⁶. (p. 159)

Corolário 1: Sistemas de conceitos religiosos abastecem os indivíduos com um sistema de crença-significado integrado e abrangente que está bem adaptado para acomodar e explicar eventos no mundo⁵⁷. (p. 160)

Corolário 2: Sistemas de conceitos religiosos satisfazem a necessidade ou o desejo de predizer e controlar eventos, seja por meio de mecanismos para influenciar diretamente futuros resultados (forma extrínseca) ou por meio da suspensão ou abdicação da necessidade de controle direto (forma intrínseca)⁵⁸. (p.160)

the context in which the attribution is made, (3) characteristics of the event being explained, and (4) the context of the event being explained.”

⁵⁶ Traduzido do original em inglês: “Systems of religious concepts offer individuals a variety of meaning-enhancing explanations of events – in terms of God, sin, salvation, and so on – as well as a range of possibilities for enhancing feelings of control and self-esteem (e.g., personal faith, prayer, rituals, and so forth).”

⁵⁷ Traduzido do original em inglês: “Systems of religious concepts provide individuals with a comprehensive, integrated meaning-belief system that is well adapted to accommodate and explain events in the world.”

⁵⁸ Traduzido do original em inglês: “Systems of religious concepts satisfy the individual’s need or desire to predict and control events, either through mechanisms for directly influencing future outcomes (extrinsic form) or through suspension or relinquishing of the need for direct control (intrinsic form).”

Corolário 3: Sistemas de conceitos religiosos possuem uma variedade de meios para a manutenção e a intensificação da auto-estima, incluindo o cuidado condicional e incondicional positivos, e oportunidades de crescimento e desenvolvimento espiritual⁵⁹. (p. 160)

Com base nesses axiomas e corolários, Spilka, Shaver e Kirkpatrick propuseram um **modelo do processo de atribuição** segundo o qual...

...um atribuidor entra numa situação com uma predisposição geral a favor ou contra o uso de atribuições religiosas para explicar eventos (o que é usualmente chamado de religiosidade); o contexto do atribuidor, então, exerce uma influência nessa propensão numa ou noutra direção. Disso resulta um nível de disponibilidade (Fiske e Taylor, 1984; Rholes e Pryor, 1982) para cada um dos sistemas de crença-significado de modo que, tudo o mais sendo igual, o sistema de maior disponibilidade será primeiro a ser invocado para formular uma atribuição. O atribuidor, então, considera a natureza do evento a ser explicado em conjunção com o contexto desse evento. Se o sistema dominante fornecer uma explicação satisfatória, a atribuição escolhida será desse tipo; na medida em que esse sistema

⁵⁹ Traduzido do original em inglês: “Systems of religious concepts possess a variety of means for the maintenance and enhancement of self-esteem, including unconditional positive regard, conditional positive regard, and opportunities for spiritual growth and development.”

falhar em oferecer uma explicação aceitável, o atribuidor irá se voltar para o outro sistema de explicação. Embora acreditemos que em nossa cultura a explicação naturalista esteja mais comumente disponível e, portanto, seja primeiro avaliada (*The God of the gaps theology*; Gorsuch e Smith, 1983), nossa visão também pode acomodar o caso alternativo da mesma forma⁶⁰. (Spilka, Shaver e Kirkpatrick, 1985/1997: 161)

Considerando o modelo do processo de atribuição exposto, Spilka, Shaver e Kirkpatrick propuseram quatro derivações dos axiomas 5 e 6 apresentados anteriormente e de seus respectivos corolários. Essas derivações versam, respectivamente, sobre (1) as características do atribuidor, (2) o contexto do atribuidor, (3) as características do evento e (4) o contexto do evento:

Derivação 1: A probabilidade de escolher uma atribuição religiosa em vez de uma não-religiosa para uma experiência ou evento em particular é determinada em parte por características disposicionais do atribuidor, tais como: (1) a relativa disponibilidade de sistemas de crença-significado

⁶⁰ Traduzido do original em inglês: "...an attributor enters a situation with a general predisposition toward or against the use of religious attributions for explaining events (which is usually called "religiosity"); the attributor's context then exerts an influence on this propensity in one or the other direction. The outcome is an availability level (Fiske e Taylor, 1984; Rholes e Pryor, 1982) for each of the meaning-belief systems such that, all else being equal, the system of greater availability will be invoked first to formulate an attribution then considers the nature of the event to be explained in conjunction with the context of the event. If the dominant system provides a satisfactory explanation, the attribution chosen will be of this type; to the extent that this system fails to offer an acceptable explanation, the attributor will turn to the other exploratory system. Although we believe that the more common case in our culture is the one in which a naturalistic explanation is more available and hence evaluated first (the "god of the gaps" theology; Gorsuch e Smith, 1983), our view can accommodate the alternative case as well."

religiosos e naturalistas; (2) a crença sobre a relativa eficácia dos mecanismos religiosos e naturalistas para controlar eventos e (3) a relativa importância das fontes religiosas e naturalistas de auto-estima⁶¹. (p. 164)

Derivação 2: O contexto do atribuidor influencia a relativa probabilidade de uma atribuição religiosa em vez de uma não-religiosa pela alteração temporária (1) da relativa disponibilidade dos dois sistemas de crença/significado; (2) da percepção que o atribuidor tem da eficácia dos mecanismos de controle religiosos *versus* mecanismos de controle naturalistas; ou (3) a relativa saliência dessas fontes de auto-estima competidoras⁶². (p. 166)

Derivação 3: Características de eventos que influenciam a escolha entre atribuições religiosas e não-religiosas incluem (1) o grau de congruência entre os eventos a serem explicados e os sistemas de crença-significado do atribuidor; (2) o grau de efetividade dos mecanismos de controle religiosos e naturalistas percebidos no controle de eventos semelhantes; e (3) o grau em que as explicações religiosas

⁶¹ Traduzido do original em inglês: “ The likelihood of choosing a religious rather than a non-religious attribution for a particular experience or event is determined in part by dispositional characteristics of the attributor such as (1) the relative availability to that person of religious and naturalistic meaning-belief systems, (2) beliefs about the relative efficacy of religious and naturalistic mechanisms for controlling events, and (3) the relative importance of religious and naturalistic sources of self-esteem.”

⁶² Traduzido do original em inglês: “The attributor’s context influences the relative likelihood of a religious rather than a nonreligious attribution by temporarily altering (1) the relative availability of the two meaning –

e naturalistas representam fontes potenciais de auto-estima⁶³. (p. 167)

Derivação 4: O contexto em que um evento a ser explicado ocorre influencia a probabilidade de atribuições religiosas *versus* naturalistas por (1) afetar a plausibilidade ou disponibilidade relativa de várias explicações; (2) prover informação sobre a eficácia de vários mecanismos para controlar, potencialmente, eventos semelhantes, ou (3) influenciar o grau de impacto que um evento tem sobre a auto-estima do atribuidor⁶⁴. (p. 168)

Considerando estudos anteriores (Clark, 1929; Coe, 1900; Starbuck, 1899 e Wilson, 1978), Spilka, Shaver e Kirkpatrick salientam que as características do atribuidor religioso (ou não-religioso) dependerão em especial das influências sociais recebidas por ele desde a infância. Além disso, alertam que há que se considerar também o fato de o indivíduo dispor ou não de uma linguagem religiosa, ou seja, de um vocabulário que traga significantes que produzam significados religiosos, ainda que de modo não intencional ou consciente. Autores

belief systems, (2) the attributor's perception of the efficacy of religious versus naturalistic control mechanisms, or (3) the relative salience of these competing sources of self-esteem."

⁶³ Traduzido do original em inglês: "Characteristics of events that influence the choice between religious and nonreligious attributions include (1) the degree to which the event to be explained is congruent with the individual's meaning-belief systems, (2) the degree to which religious and naturalistic mechanisms for controlling similar events are seen to be effective, and (3) the degree to which religious and naturalistic explanations represent potential sources of self-esteem."

⁶⁴ Traduzido do original em inglês: "The context in which a to-be-explained event occurs influences the likelihood of religious versus naturalistic attributions by (1) affecting the relative plausibility or availability of various explanations, (2) providing information about the efficacy of various mechanisms for potentially controlling similar events, or (3) influencing the degree to which the event impacts on the attributor's self-esteem."

como Laski (1961) e Bourque e Back (1971) já apontavam para o fato de que pessoas com “linguagem religiosa” tendem a descrever suas experiências em termos religiosos. No dizer de Bernstein:

A linguagem marca o que é afetivamente, cognitivamente e socialmente relevante, e a experiência é transformada pelo que é feito relevante.⁶⁵ (Bernstein, 1964: 117, citado por Spilka, Shaver e Kirkpatrick, 1985/1997: 162)

Desta forma, atribuições a Deus ou a qualquer figura religiosa dependerão da imagem que cada indivíduo tem da divindade, variando, por exemplo, de um Deus amoroso, piedoso e misericordioso a um Deus arbitrário, punitivo e ameaçador. E essa imagem que se tem de Deus estaria ligada ao background familiar e à disposição para manter um auto-conceito positivo. (Spilka, Addison e Rosensohn, 1975)

Outra disposição importante no que concerne às características do atribuidor refere-se ao grau de crença na relativa eficácia dos mecanismos religiosos e não-religiosos para controlar e predizer resultados. As pessoas fazem mais atribuições religiosas na medida em que percebem que seus esforços por outras vias ou de outra natureza não surtem efeito.

Há que se considerar também a religiosidade intrínseca e a religiosidade extrínseca. A **religiosidade intrínseca** refere-se ao total comprometimento ou envolvimento com a religião, o que coloca o viver religiosamente acima de outras considerações. A **religiosidade extrínseca**, por sua vez, é utilitária, orientada

para o cumprimento de objetivos não-religiosos, o que inclui a segurança pessoal diante de ameaças. Assim, chamamos de orientação extrínseca e intrínseca para a religião o conjunto de determinados componentes de significado, controle e auto-estima que co-ocorrem e são manifestados em expressões religiosas. Na religiosidade intrínseca, Deus é considerado como fonte de amor incondicional e de apoio, o que gera sentimentos de controle pessoal e de controle de Deus, além de alta auto-estima. A religiosidade extrínseca, por sua vez, traz uma imagem sombria de Deus, gerando sentimentos de ameaça conseqüente baixa da auto-estima.

Se a atribuição de causalidade está intimamente ligada à questão da auto-estima, está também fortemente associada com o que chamamos de bem-estar subjetivo, que por sua vez está imbricado com os modos de enfrentamento dos conflitos cotidianos (*coping*) e com o estresse. Esses tópicos serão tratados a seguir, pois também ajudarão a refletir sobre os resultados obtidos da pesquisa de levantamento de dados realizada para esta tese.

2.4- Bem-Estar Subjetivo

Há uma linha de pesquisa em Psicologia Social com o objetivo de verificar e compreender a avaliação que as pessoas fazem de suas vidas chamada Psicologia Positiva. Esse novo ramo da Psicologia, que se dedica à investigação de aspectos positivos da experiência humana e, em última instância, à compreensão do que seria *felicidade*. De acordo com Seligman e

⁶⁵ Traduzido do original em inglês: “Language marks out what is relevant affectively, cognitively and socially, and experience is transformed by what is made relevant.”

Csikszentmihalyi (2000) esta é uma das principais preocupações da Psicologia no século XXI, havendo seus estudos se iniciado nas últimas décadas do século XX.

A Psicologia Positiva busca dados especialmente por meio da medição dos níveis de **bem-estar subjetivo (BES)** dos indivíduos. BES é um construto que envolve pesquisas sobre diferentes aspectos tais como: felicidade, afeto positivo, afeto negativo e avaliação subjetiva da qualidade de vida. Não há uma definição exata admitida em consenso acerca do espectro conceitual coberto por esses termos, por isso há certa dificuldade na padronização dos modos de mensurá-los. Campbell (1976), por exemplo, considera que o BES se refira a uma experiência interna, pessoal e, desta forma, em sua opinião, condições externas não deveriam fazer parte de sua definição ou de sua mensuração. No entanto, pesquisas demonstram que fatores internos e externos parecem contribuir igualmente para os níveis de bem-estar dos indivíduos, como será exposto mais adiante. A despeito das discordâncias mencionadas, pode-se dizer que há concordância dentre os pesquisadores de que o BES está vinculado a diferentes esferas da vida e das atividades humanas (Paschoal e Tamayo, 2008) e que os componentes ou dimensões do BES são: satisfação com a vida, presença de experiências emocionais positivas e ausência de experiências emocionais negativas (Albuquerque e Tróccoli, 2004; Anguas, 1997; Suh e Osihi, 2002).

Satisfação com a vida é um construto multidimensional e dinâmico, uma vez que é passível de alteração com o passar do tempo. Seu grau depende da auto-imagem e do momento vivenciado pelo indivíduo, desde sua condição de humor, suas emoções, suas condições físicas até situações propiciadas pelo seu ambiente social. Como apontam Albuquerque e Tróccoli:

A dimensão satisfação com a vida é um julgamento cognitivo de algum domínio específico na vida da pessoa; um processo de juízo e avaliação geral da própria vida (Emmons, 1986); uma avaliação sobre a vida de acordo com um critério próprio (Shin e Johnson, 1978). O julgamento da satisfação depende de uma comparação entre as circunstâncias de vida do indivíduo e um padrão por ele escolhido. (Albuquerque e Tróccoli, 2004: 154)

Apesar das flutuações momentâneas, há um componente contínuo de medida da satisfação com a vida. Esse componente que permanece está relacionado a uma satisfação global não restrita a determinados aspectos pontuais da vida, independentemente, portanto, de variações momentâneas de humor, por exemplo. Ainda assim, para evitar viés na coleta de dados, recomenda-se que, quando possível, as medidas de BES sejam tomadas em situações constantes ou sistematicamente variadas.

Para os outros componentes do BES, os **afetos positivos e negativos**, que correspondem às experiências emocionais positivas e negativas, os pesquisadores Albuquerque e Tróccoli adotam as seguintes definições partilhadas por outros pesquisadores da área:

Afeto positivo é um contentamento hedônico puro experimentado em um determinado momento como um estado de alerta, de entusiasmo e de atividade. É um sentimento transitório de prazer ativo; mais uma descrição

de um estado emocional do que um julgamento cognitivo. Afeto negativo refere-se a um estado de distração e engajamento desprazível que também é transitório, mas que inclui emoções desagradáveis como ansiedade, depressão, agitação, aborrecimento, pessimismo e outros sintomas psicológicos aflitivos e angustiantes (Diener, 1995). (Albuquerque e Tróccoli, 2004: 154)

Considerando as definições dos componentes de BES apresentadas, pode-se dizer que um indivíduo apresenta alto índice de bem-estar subjetivo quando se mostra satisfeito com sua vida no que diz respeito a sua qualidade em âmbito geral, englobando fatores relacionados à saúde (bem-estar físico, funcional, emocional e mental) e ao contexto social (trabalho, família, amigos, circunstâncias da vida) (Gill e Feinstein, 1994), e quando, além disso, o sujeito vivencia muitas experiências emocionais positivas e poucas ou raras experiências emocionais negativas. Embora possa haver mudanças com relação à classificação de experiências como positivas ou negativas, vale lembrar que, segundo Diener, Suh e Oishi (1997), as medidas de BES têm demonstrado de moderada e alta estabilidade ao longo do tempo.

Com a finalidade de medir os níveis de BES foram criadas escalas para a obtenção de dados de modo objetivo, apesar de seu conteúdo ser composto de questões cujas respostas têm caráter subjetivo. Dentre as escalas mais freqüentemente usadas para medir BES estão a Escala de Bem-Estar Subjetivo (*Subjective Well-Being Scale* ou SWBS) desenvolvida por Lawrence e Liang (1988); a Escala de Satisfação com a Vida (*Satisfaction with Life Scale* ou SWLS)

desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985), que está contida na SWBS; e a Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo (*Positive Affect / Negative Affect Scale* ou PANAS), desenvolvida por Watson, Clark e Tellegen (1988).

Além da utilização de escalas que exploram medidas globais de BES, é interessante considerar medidas adicionais para complementação ou confrontação de dados. Essas medidas adicionais consistem em procedimentos tais como: coleta de relatos informativos; registro de lembranças de eventos positivos; realização de entrevistas; medições qualitativas, como, por exemplo, a verificação do humor do indivíduo que responde a uma escala relacionada a BES em dado momento; e medidas fisiológicas que podem apontar fatores biológicos responsáveis por alterações na avaliação do BES. A correlação de diferentes formas de medidas e/ou coleta de dados empresta maior confiabilidade aos resultados, mas ainda há poucos estudos realizados com múltiplas formas de mensuração de BES (Albuquerque e Tróccoli, 2004: 155).

Os resultados até agora obtidos nas pesquisas são diversos e deixam bastante claro que a cultura é uma variável importante a ser considerada no estudo do BES, uma vez que ajuda a definir padrões de realização pessoal e grupal (Suh e Oishi, 2002). Uma cultura supõe experiências partilhadas que formam paradigmas (visões de mundo). É composta por crenças, expectativas e pressuposições que concorrem para a construção de sentido das experiências vivenciadas pelos indivíduos que dela fazem parte, portanto o aspecto cultural deve ser levado em conta na mensuração do BES de uma dada população. Porém, na análise do BES é importante considerar não apenas a influência social, mas também aspectos idiossincráticos, como a personalidade dos indivíduos que

igualmente ajudar a tecer aspectos importantes de sua visão de mundo e de seus modos de interpretar suas experiências pessoais.

O professor Ed Diener, do Departamento de Psicologia da Universidade de Illinois, é um dos maiores pesquisadores de BES, e tem dezenas de artigos publicados a respeito do tema. (Exs.: Diener, Horwitz e Emmons, 1985; Diener e Oishi, 2000; Diener, Sandvik, Seidlitz e Diener, 1993) Em parceria com David G. Myers, escreveu o artigo “Who is Happy?” (1995), que faz uma excelente revisão dos resultados obtidos em levantamentos de dados acerca dos níveis de bem-estar subjetivo medidos em diferentes pesquisas até o ano de sua publicação, tentando traçar assim o perfil das “pessoas felizes”. A partir da análise dos dados das pesquisas realizadas, Diener e Myers concluíram que não há variações significativas dos índices de BES considerando-se: faixa etária, gênero, raça, situação financeira⁶⁶.

Quanto à situação financeira vale dizer que os estudos demonstram que países mais ricos por vezes apresentam maior BES. Porém há alguns países que contrariam esse dado, como o Japão, por exemplo, que tem uma das maiores rendas *per capita* do mundo, mas cuja população não tem um alto índice de BES. Inversamente, há países como Porto Rico, na América Latina, cujo povo apresenta níveis de BES muito mais elevados do que poderia sugerir sua riqueza (Suh e Oishi, 2002). Portanto, não fica claro se a ligação entre a riqueza de um país e o BES de seu povo se deve aos recursos materiais que o dinheiro proporciona ou às características do país, uma vez que os países mais ricos em

⁶⁶ Até onde pude apurar, esses resultados não têm apresentado grandes variações em pesquisas realizadas mais recentemente.

geral têm uma democracia mais consolidada, por exemplo. Neste ponto, a influência cultural parece ser maior do que a influência econômica.

Os pesquisadores Eunkook Suh e Shigehiro Oishi, dos Departamentos de Psicologia da Universidade da Califórnia e da Universidade de Minnesota, respectivamente, salientam que:

Uma vez que uma nação se torna rica o suficiente para suprir as necessidades básicas (alimentação, abrigo) da maioria das pessoas, o aumento da prosperidade econômica não garante incremento de BES. Cada vez mais países ao redor do globo estão ultrapassando o nível do "limiar" de rendimento (PIB de aproximadamente US\$ 10,000), o que significa que modelos puramente econômicos são limitados no que diz respeito à predição de diferenças nacionais quanto ao BES nos anos vindouros.⁶⁷ (Suh e Oishi, 2002)

Apesar desses dados, a renda não pode ser desprezada quando se trata de compor o conjunto de fatores que contribuem para o BES. Como demonstra uma pesquisa realizada por Inglehart (1990), obviamente há uma correlação positiva entre rendimentos e BES, pois as necessidades básicas devem ser atendidas. Trata-se, porém, de uma correlação modesta. Um maior poder de compra por parte de pessoas que já tenham suprido essas necessidades não

⁶⁷ Traduzido do original, em inglês: "Once a nation becomes rich enough to fulfill most people's basic needs (food, shelter), further economic prosperity does not guarantee further increase of SWB. More and more countries around the globe are surpassing this "threshold" level of income (GNP of roughly \$10,000), which means pure economic models will have limited success in predicting national differences in SWB in coming years." (Suh e Oishi, 2002)

garante um incremento do BES. Aliás, nem mesmo a satisfação das necessidades básicas garante o BES. Em seu livro *Who is Happy in Young Adulthood*, Ashley S. Holland conta, ao mencionar uma pesquisa feita por Diener, Horwitz e Emmons (1985) com 49 das 100 pessoas mais ricas dos EUA, que “pessoas abastadas admitiram que ser rico pode fazer você feliz ou infeliz, dependendo de como o dinheiro é utilizado”. Mesmo para aquelas pessoas que ganham uma fortuna na loteria, a alteração no nível de BES é passageira, pois assim como ocorre com eventos trágicos, por exemplo, a exposição ao evento vai tornando o indivíduo habituado a ele e esse episódio não altera o BES se considerada a vida do indivíduo como um todo. (Brickman, Coates e Janoff-Bulman, 1978; Myers e Diener, 1995)

Não apenas indicadores sociais, mas também indicadores subjetivos são importantes na avaliação de qualidade de vida – aspecto intrínseco do BES – uma vez que cada pessoa reage de um modo em circunstâncias semelhantes (Diener e Suh, 1997). Assim, levando em conta que idade, gênero, raça e situação financeira não são preditores seguros de BES, pesquisadores têm investigado qual seria o perfil das pessoas felizes.

Diener (2001) ressalta que o BES não está necessariamente associado com saúde mental. Uma pessoa pode ser desequilibrada mentalmente, mas isso não determinará sua infelicidade. A saúde psicológica é necessária, mas não é suficiente para garantir um elevado nível de BES.

Na busca pelo perfil das pessoas felizes, quatro traços básicos foram encontrados. As pessoas que poderiam ser rotuladas como felizes seriam aquelas que: 1) têm elevada auto-estima – considerando-se neste aspecto, o auto-engrandecimento que é bastante comum na população norte-americana, por

exemplo; 2) têm senso de controle pessoal – considerando-se, inclusive, uma percepção exagerada e ilusória de controle; 3) são otimistas – por vezes de modo ingênuo perante a realidade; 4) são extrovertidas. Segundo alguns autores, a combinação desses elementos resultaria numa pessoa feliz (Campbell, 1981; Dember e Brooks, 1999; Diener, Sandvik Pavot e Fujita, 1992; Larson, 1989; Myers, 1993; Seligman, 1991). Isto, porém, é discutível, na medida em que o conjunto dessas características aponta uma tendência, mas não algo definitivo. Os itens listados acima são recursos ou fatores que se prestam à manutenção da saúde física e psicológica no **enfrentamento** cotidiano da vida, especialmente em **situações estressantes**, como demonstram Taylor e Armor (1996) numa pesquisa sobre a saúde física e psicológica dos norte-americanos. Mas as ilusões positivas mencionadas não são comuns para os asiáticos, por exemplo, e, portanto, não afetam da mesma forma seus níveis de bem-estar (Lee e Seligman, 1997). Além disso, sabe-se também que bem-estar ou felicidade não é privilégio apenas de pessoas extrovertidas. E sabe-se ainda que em culturas coletivas, ou seja, nas quais o grupo tem mais importância do que o indivíduo, e nas quais a auto-estima não é valorizada há pessoas felizes, como também podemos encontrar pessoas infelizes em culturas individualistas. Possivelmente os países mais ricos, com maior liberdade e ênfase no individualismo, como os EUA, por exemplo, apresentem níveis elevados de BES porque os indivíduos alcançam maior índice de auto-realização, uma vez que se permitem pensar em si mesmos, em seus anseios e têm meios econômicos para levar a cabo suas pretensões especialmente em termos educacionais e profissionais. Porém, são países que também apresentam altas taxas de divórcios ou separações e suicídios. Isto talvez ocorra porque numa cultura individualista há menor intensidade de suporte

social em períodos problemáticos. Nações mais pobres apresentam escores médios ou baixos de BES, mas por serem em geral coletivistas e oferecerem uma estrutura social mais segura em termos de suporte interpessoal, há menos pessoas isoladas e deprimidas, como apontam Albuquerque e Tróccoli (2004: 153-154). Portanto, as quatro características citadas que delineariam o perfil das pessoas felizes podem fornecer boas pistas, mas não definem com total segurança o perfil desejado.

A **religiosidade** parece ser um fator de grande influência nos níveis de BES. Além de geralmente adotarem um estilo de vida mais honesto e saudável, as pessoas religiosas se sentem mais confiantes e conseguem enfrentar os momentos de crise de modo mais satisfatório, principalmente aquelas que se engajam em grupos religiosos e participam dos cultos. Myers e Diener (1995) citam diversas pesquisas cujos resultados corroboram essas afirmações (Exs.: Batson, Schoenrade e Ventis, 1993; Harvey, Barnes e Greenwood, 1987; McIntosh e Spilka, 1990; Witter, Stock, Okun e Haring, 1985; entre outras).

Apesar dos vários indicadores do que poderia promover o BES, e em meio a tantas controvérsias, há consenso de que ainda não se pode afirmar com certeza onde reside o segredo do bem-estar pleno. Como já foi mencionado, as pesquisas realizadas baseiam-se em respostas dadas de forma subjetiva. A perguntas do tipo: “Você se sente feliz?” “O que faz com que você se sinta feliz?”, as respostas só poderão ser dadas de forma totalmente subjetiva. Mesmo quando se coloca uma escala de 0 a 6, por exemplo, para medir se em determinadas situações a pessoa se sente *extremamente feliz (6), muito feliz (5), feliz (4)... (0) nada feliz*, só se pode contar com um julgamento pessoal do indivíduo, que, como já foi dito, é influenciado pela cultura em que está inserido (Suh e Oishi, 2002).

As primeiras pesquisas de BES foram realizadas predominantemente nos EUA. Desta forma, os instrumentos utilizados para mensurar o nível de bem-estar das populações têm, conseqüentemente, o viés da cultura americana. Ao longo do tempo, na medida em que foi ficando claro o papel fundamental da cultura para a avaliação de BES, sentiu-se necessidade de elaboração de escalas adaptadas à cultura da população investigada. No Brasil há pouca pesquisa empírica sobre BES talvez por causa da carência de instrumentos adequados para a coleta de dados. A Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) desenvolvida por Albuquerque para sua tese de doutoramento e publicada na revista científica *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Albuquerque e Tróccoli, 2004) vem ajudar a preencher essa lacuna. Essa escala desenvolvida e validada no Brasil foi escolhida para compor o conjunto de instrumentos utilizados para a coleta de dados para a realização da pesquisa proposta nesta tese, e será apresentada detalhadamente na Parte 2.

A correlação de BES com atividades ou experiências humanas diversas tem sido tema de diversas pesquisas. Há algumas pesquisas que procuram investigar a associação entre a prevalência ou a freqüência de experiências anômalas e níveis de bem-estar subjetivo. Porém, não se pode dizer ainda que haja um consistente conjunto de dados que aponte numa direção específica. Esta tese busca chamar a atenção para esse aspecto mais do que trazer dados contundentes e decisivos acerca da conexão de experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor e níveis de BES, como ficará mais claro na Parte 2, ao serem retomados e detalhados os objetivos da pesquisa de levantamento de dados realizada e posteriormente, na discussão dos dados coletados.

Antes de passar à Parte 2, porém, serão apresentadas algumas considerações pontuais a respeito de estresse, coping e crenças, aspectos intrínsecos aos tópicos de Psicologia Social tratados até o momento.

2.5. Estresse, *coping* e crenças: um retorno à atribuição de causalidade

O termo *stress* foi usado primeiramente pelo endocrinologista Hans Selye (1907-1982) na década de 1930 para identificar respostas fisiológicas em animais de laboratório frente a eventos ameaçadores (Selye, 1936). Segundo Selye (1936), o **estresse** seria uma resposta fisiológica a fatos ameaçadores. A partir dos estudos de Selye (1955, 1956), as pesquisas sobre o estresse têm como foco a reação do corpo às ameaças ambientais de todo tipo, incluindo, portanto, as de ordem psicológica, que podem afetar o corpo de modo extraordinário (Cannon, 1942) comprometendo a saúde física, a saúde mental e, conseqüentemente, o **bem-estar subjetivo**.

Há diferentes perspectivas para o estudo do estresse. De acordo com a perspectiva adotada, pesquisadores têm desenvolvido instrumentos destinados a medir fatores que estariam relacionados ou associados ao estresse. Um exemplo é a escala desenvolvida por Holmes e Rahe (1967) para avaliar a capacidade de reajustamento social frente a uma situação estressante. A construção desse instrumento foi baseada na premissa de que o nível de estresse de um indivíduo está associado com o grau de capacidade que uma pessoa tem de reajustar sua vida para enfrentar um evento externo, seja ele positivo ou negativo. Outros exemplos são as perspectivas que consideram como fatores associados ao estresse os traços de personalidade (Schroeder e Costa, 1984; Watson e

Pennebaker, 1989), a pobreza, o racismo, a hostilidade e a agressão (Jackson e Inglehart, 1995).

Não há estudos definitivos ou escalas precisas que indiquem relações causais entre o estresse e os fatores a ele associados, uma vez que a maioria dos estudos realizados não são experimentais (Aronson, Wilson e Akert, 2002: 326). No entanto, pesquisas que apontam para a associação entre determinados fatores e níveis de estresse são bem-vindas na medida em que essas descobertas se constituem em pistas que podem servir de base para intervenções sociais e médicas importantes para a garantia da manutenção da saúde em sentido amplo. (Vasconcellos, 1992, 2000b)

O modo como um indivíduo lida com suas experiências cotidianas mostra-se como um fator fundamental para os níveis de estresse. Mesmo situações objetivas reconhecidamente estressantes podem ter diferentes efeitos na vida de uma pessoa, dependendo do modo como ela interpreta aquela situação. De acordo com Griffin e Ross (1991), Lazarus (1966, 1993) e Lazarus e Folkman (1984), o estresse problemático é o de tipo subjetivo, pois é a interpretação de um fato que o caracteriza ou não como estressante. Assim, o estresse ocorrerá na medida em que o sujeito se sinta incapaz de lidar com as exigências provocadas por determinada situação. Portanto, um fator fortemente associado ao nível de estresse é o grau de **controle percebido**, ou seja, a **crença** que um sujeito tem no seu poder pessoal de influenciar o ambiente por meio do suposto controle que tem sobre seu entorno ou sobre situações em que está envolvido. Essa crença tem se mostrado mais importante do que o controle real que as pessoas têm das situações que vivenciam (cf.; Burger; 1992; Langer e Rodin, 1976). É interessante notar que quando um indivíduo é levado a crer que tem uma situação sob controle

e, posteriormente, esse controle lhe é tirado ou sua crença de controle é abalada, o sujeito sofre mais estresse do que se jamais tivesse vivenciado alguma percepção de controle daquela situação (Schulz, 1976).

Por outro lado, o exagero do controle percebido pode levar alguém a fazer uma **atribuição interna** frente a situações vivenciadas, pois o indivíduo pode desenvolver a crença de é responsável por quaisquer eventos da vida cotidiana. Esse “exagerado” controle percebido pode desencadear mais estresse, gerando o que Abramson, Seligman e Teasdale (1978) chamam de **desamparo aprendido**. O desamparo aprendido se refere ao estado de pessimismo resultante da atribuição que uma pessoa faz a fatores internos (que são de sua responsabilidade), estáveis (que não se alteram com o tempo) e globais (que se aplicam a um grande número de situações) ao passar por eventos negativos.

O **enfrentamento**, ou modo como as pessoas reagem a eventos estressantes, é comumente conhecido como ***coping***. O conceito de *coping* surgiu de duas abordagens distintas: (1) experimentação com animais e (2) psicologia psicanalítica do ego. Na experimentação com animais o coping está relacionado especialmente ao comportamento evitação e de escapada). Pouco se pode aprender sobre o *coping* humano por meio dessa abordagem, uma vez que os modos de enfrentamento humano incluem o *coping* cognitivo e o defensivo. Assim, o segundo tipo de abordagem – a psicologia psicanalítica do ego – que está intimamente relacionada com aspectos cognitivos, permite diferenciar entre vários processos que as pessoas utilizam para lidar com problemas de relacionamento, numa hierarquia de estratégias desde as mais simples e “ingênuas” até as mais complexas e “maduras”.

De acordo com Aronson, Wilson e Akert (2002: 335 a 337), há diferentes tipos de *coping* que variam de acordo com as características do sujeito que vivencia uma experiência de estresse: (a) personalidade (pesquisas demonstram que pessoas otimistas reagem melhor ao estresse e são mais sadias do que as pessoas pessimistas); (b) abertura aos outros (escrever ou contar a alguém sobre um problema pode ajudar a pessoa a compreendê-lo melhor e a superá-lo, uma vez que tentar suprimir pensamentos negativos pode levar a uma obsessão por esses mesmos pensamentos); (c) apoio social (percepção de que as outras pessoas são receptivas e são sensíveis às nossas dificuldades).

Lazarus e Folkman (1984) consideram o *coping* como um processo de constante mudança cognitiva e de esforços comportamentais para "gerenciar" demandas internas e externas específicas que exigem muito esforço ou que excedem as habilidades de uma pessoa. Por exigir esforço, o *coping* difere do comportamento adaptativo automatizado. Os **traços de coping** seriam definidos como propriedades pessoais utilizadas pelos indivíduos para reagir de uma determinada forma frente aos acontecimentos da vida. Os **estilos de coping** se diferenciariam desses traços na medida em que se refeririam aos modos mais amplos ou gerais de alguém se relacionar com determinados tipos de pessoas e situações. Haveria, portanto, uma diferença entre estilos cognitivos e controles cognitivos, uma vez que estes últimos podem influenciar a atividade de *coping* embora não possam ser considerados explicitamente como estilos de *coping*. Assim, há dificuldade em medir ou prever processos de *coping* devido à complexidade observada nos modos como as pessoas enfrentam o cotidiano.

Ainda de acordo com Lazarus e Folkman (1984), o *coping* seria, portanto, um processo de defesa para lidar com o estresse, independentemente do

resultado da estratégia empregada. Segundo esse ponto de vista, nenhuma estratégia pode ser considerada melhor ou pior que outra, ficando esse julgamento sujeito à interpretação do contexto da situação estressante, desde que não se confunda *coping* com o resultado do enfrentamento. No entanto, pode-se dizer que o *coping* eficiente é aquele que permite que uma pessoa tolere, minimize, aceite ou ignore o que não pode ser dominado.

Os modos como alguém enfrenta as situações cotidianas estressantes – sejam elas positivas ou negativas⁶⁸ – é determinado, em parte, por seus recursos pessoais: saúde, crenças religiosas, ou crenças sobre controle – como já mencionado – motivação, habilidades sociais, apoio social e recursos materiais. Nesta tese o que mais interessa é a questão da **crença religiosa** que, postula-se, esteja vinculada à atribuição de causalidade realizada frente à vivência de experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor devido ao fato de elas parecerem desafiar a estrutura de realidade que nos é comumente apresentada pela ciência e pelas vivências corriqueiras, ou pelo fato de as experiências extra-sensório-motoras enfocadas nesta tese se enquadrarem nas concepções religiosas adotadas pelos sujeitos da pesquisa. Desta forma, a **crença** - seja em explicações religiosas ou, por oposição, as naturalistas, traduzidas na aposta da existência de interações ambientais anômalas porém absolutamente naturais – deve se mostrar como fundamental para o modo de enfrentamento desse tipo de experiências. Assim, no que tange às atribuições religiosas – conforme será exposto na Parte 2 – a adesão religiosa ou as crenças dos sujeitos da pesquisa serão consideradas como esquemas que inevitavelmente auxiliam no processo de

⁶⁸ O estresse que tem implicações negativas é chamado de *distress*, enquanto que o *eustress* refere-se a uma forma positiva de estresse que estaria relacionada a eventos considerados ou interpretados desejáveis ou positivos (Selye, 1974).

coping e seu resultado. Como escreve McIntosh, ao tratar da religião como um esquema e suas implicações para a relação entre religião e *coping*:

Hastie (1981) observou que qualquer evento específico pode ser avaliado como congruente, incongruente ou irrelevante no que diz respeito a um esquema em particular. (...) A principal tarefa de *coping* de indivíduos que passam por um momento estressante é assimilar suas experiências em seus esquemas cognitivos já existentes ou mudar seus esquemas básicos sobre si próprios e seu mundo (acomodação), ou ambos (Horowitz, 1976; Janoff-Bulman, 1989). (...) Claro que nem todo mundo tem um esquema religioso, e os esquemas religiosos de muitas pessoas podem ser periféricos ou não-desenvolvidos. Alguns provavelmente têm outros esquemas que preenchem as mesmas funções de um esquema religioso. Essas são variáveis de diferenças individuais que podem ser examinadas numa perspectiva que considera a religião como um esquema.⁶⁹ (McIntosh, 1995/1997: 178)

Nessa perspectiva, o referencial teórico apresentado servirá como um esquema para a discussão dos dados coletados na pesquisa aqui proposta.

⁶⁹ Traduzido do original em inglês: "Hastie (1981) noted that any specific event can be evaluated as congruent, incongruent, or irrelevant with regard to a particular schema. (...) A major coping task of people experiencing potentially stressful life changes is assimilating their experiences into their extant cognitive schemas or changing their basic schemas about themselves and their world (accommodation), or both (Horowitz, 1976; Janoff-Bulman, 1989). (...) Of course, not everyone has a religious schema, and many people's religious schema may be peripheral and undeveloped. Some probably have other schemas that fulfill the same functions that a religious schema can. These are individual-differences variables that can be examined in the religion-as-schema perspective."

Tendo sido, pois, apresentada a revisão da bibliografia estudada para fundamentar este trabalho, a seguir, na Parte 2, serão expostos o método e os procedimentos adotados para a realização da pesquisa. Os conceitos tratados serão retomados na Parte 3, quando da discussão dos dados.

Parte 2

Apresentação da Pesquisa de Levantamento de Dados

Capítulo 3

Retomada e Detalhamento dos Objetivos da Tese

Neste breve capítulo, são retomados os objetivos desta tese detalhando o que se pretendeu e especificamente se buscou verificar por meio da coleta e análise de dados realizada. Desta forma, os objetivos se dividem em “gerais” e “específicos”, sendo os “gerais” referentes não apenas ao propósito dos procedimentos adotados, mas também em sentido mais amplo no que se pretende quanto à repercussão desta pesquisa.

3.1. Objetivos Gerais

A pesquisa realizada teve, como primeiro objetivo geral, verificar a prevalência das experiências anômalas relacionadas a psi (extra-sensório-motoras) em uma amostra de conveniência da população de estudantes universitários e trabalhadores da cidade de São Paulo e da Grande São Paulo (cujas características serão explicitadas no Capítulo 5) de modo a reconhecer características dos experienciadores de psi, contrastando-as com as características de não experienciadores.

O cumprimento do primeiro objetivo geral exposto visa atingir ainda outros dois objetivos, relacionados à repercussão que se pretende causar com esta pesquisa: destacar a importância do estudo das experiências anômalas ajudar a diminuir o preconceito e a ignorância acerca do assunto, que fazem com que

muitos(as) psicólogos(as) e outros(as) profissionais de saúde não saibam lidar com essas questões quando elas lhes são apresentadas em sua prática profissional; e oferecer subsídios a esses(as) profissionais de saúde de uma forma geral e aos psicólogos, em particular, a fim de que possam ajudar as pessoas a lidarem com suas vivências anômalas, ou seja, a administrar o(s) impacto(s) que elas causam. Obviamente este não é um estudo definitivo nem tampouco abrangente o suficiente a ponto de proporcionar o esclarecimento de todas as indagações sobre o tema. No entanto, pretende-se que este sirva de incentivo para que mais pesquisas desse tipo sejam realizadas e que se mantenha discussão sobre esse tópico que tem se mostrado de interesse especialmente de alunos de graduação e de pós-graduação. Esse interesse ficou patente durante a apresentação do projeto desta pesquisa a graduandos e pós-graduandos durante o 6º Seminário de Psicologia e Senso Religioso⁷⁰, realizado em São Paulo, em 2007. Houve grande interesse por parte dos estudantes que questionaram o fato de esse tema não ser tratado especialmente no curso de Psicologia. Além dessa, também em outras oportunidades, em conversas com profissionais da área de saúde e assistência social foi levantado o mesmo questionamento quanto a seus cursos de formação.

Em seguida, são apresentados os objetivos específicos com o detalhamento da busca de dados e suas conexões a fim de realizar um mapeamento das experiências considerando suas características e as características de seus experienciadores em contraste com não experienciadores.

⁷⁰ Os Seminários de Psicologia e Senso Religioso são promovidos pela Associação Nacional de Pesquisa e

3.2. Objetivos Específicos

Considerando o primeiro objetivo geral, que norteou a elaboração do estudo ora apresentado, a pesquisa realizada buscou atingir os seguintes objetivos específicos:

- a)** Verificar a associação entre experiências psi ou extra-sensório motoras e dados demográficos como gênero, idade, renda, escolaridade e, especialmente, filiação religiosa, além de sua associação com crenças e práticas dos respondentes.

- b)** Verificar a associação entre a vivência de experiências extra-sensório-motoras e a crença na existência de psi (percepção extra-sensorial e psicocinesia).

- c)** Verificar o conteúdo das experiências extra-sensório-motoras e sua dimensão social.
 - c.1.** Em que medida o conteúdo das alegadas experiências psi estão relacionados a outras pessoas ou dizem respeito a aspectos da vida do(a) próprio(a) experienciador(a).

 - c.2.** Se as experiências psi foram socializadas, ou seja, relatadas a outras pessoas.

d) Verificar as causa(s) às quais os experienciadores atribuem a suas experiências psi e sua possível associação às crenças religiosas desses experienciadores, ao enfrentamento e às atitudes em relação à experiências psi.

d.1. Como os(as) experienciadores(as) de psi enfrentam/lidam com suas experiências (Têm medo? Querem livrar-se desse “dom”? Encaram a experiência como uma coisa sem importância? Sentem-se pessoas especiais? etc.).

e) Verificar a relevância (impacto social) das experiências psi para as pessoas que as vivenciam, especialmente no que diz respeito a suas crenças, mudanças de atitudes e práticas religiosas.

e.1. Se essas experiências provocaram alguma mudança nas relações sociais dos(as) experienciadores(as).

e.2. Se essas experiências influenciaram as crenças religiosas ou a/não-religiosas dos(as) experienciadores(as). Em caso afirmativo, em que consistiu essa influência?

e.2.1- Confirmou crenças religiosas?

e.2.2- Suscitou novas crenças religiosas?

e.2.3- Promoveu mudança de filiação religiosa?

e.2.4- Provocou mudança de hábitos em relação a rituais (acender velas, fazer orações etc.)?

e.2.5- Reforçou ou compeliu à prática da caridade?

- f) Verificar a associação entre a vivência de experiências extra-sensório-motoras e os três maiores componentes do bem-estar subjetivo: afeto positivo, afeto negativo e satisfação com a vida e comparar níveis de bem-estar subjetivo de experienciadores e não experienciadores de psi.

Neste último tópico vale observar que não houve pretensão de medir o bem-estar dos experienciadores na ocasião de suas experiências psi. Os níveis de bem-estar medidos correspondem ao momento da participação do respondente na pesquisa. Procura-se, assim, verificar se há diferença de níveis de bem-estar subjetivo, considerando seus três principais componentes – afeto positivo, afeto negativo e satisfação com a vida – entre experienciadores e não experienciadores de psi.

Tendo re-apresentado e detalhado os objetivos desta pesquisa, passo ao também breve Capítulo 4 que traz as hipóteses que nortearam este trabalho.

Capítulo 4

Hipóteses norteadoras da pesquisa

Com base nos resultados de estudos comentados na Parte 1 e que serviram de motivação e referencial metodológico para este trabalho, a pesquisa aqui apresentada foi norteadora pelas seguintes hipóteses:

- a) **Há associação significativa entre determinados dados demográficos e a prevalência de experiências psi, sobretudo no que se refere à filiação e/ou crenças religiosas.** Apostou-se que a prevalência de experiências psi fosse significativamente maior dentre pessoas religiosas, em especial adeptos das cosmologias das religiões mediúnicas (Umbanda, Candomblé, Espiritismo Kardecista dentre outras). Estudos anteriores sugerem que tais crenças podem ser condutoras das experiências psi (Machado e Zangari, 1996; Zangari, 1996, 2006) dado que não apenas sua existência e presença são aceitas como também são esperadas e vistas como sinal de elevação espiritual.
- b) **Aqueles que vivenciam experiências anômalas extra-sensório-motoras tendem a atribuí-las a fatores externos, sobretudo religiosos.** Devido às características extraordinárias das experiências anômalas, que desafiam os limites de atuação e interação do ser humano com o ambiente, os experienciadores tenderiam a atribuir suas experiências a fatores externos especialmente sobrenaturais.

Especialmente sistemas de crença religiosos oferecem explicações para as mais variadas ocorrências anômalas. Estando largamente disponíveis a cultura, estas seriam as referências mais acessíveis no momento da atribuição de causalidade para as experiências psi.

- c) **Há associação significativa entre a crença na existência de psi (interações extra-sensório-motoras) e a vivência de experiências anômalas relacionadas a psi.** Esta hipótese tem como base estudos experimentais realizados pela Dra. Gertrude Schmeidler na década de 1940 sobre a influência da crença ou não na possibilidade da ocorrência de percepção extra-sensorial (ESP). Schmeidler descobriu que as pessoas que não acreditavam na ESP tinham um desempenho abaixo do esperado pelo acaso em testes realizados com cartas Zener⁷¹, ao passo que as pessoas que acreditavam atuavam acima do esperado. Ela chamou de *cabras* pessoas que não acreditavam na possibilidade da ESP e de *ovelhas* as pessoas que acreditavam, e o efeito da crença na ocorrência de psi ficou conhecido como *sheep and goat effect* (efeito cabra-ovelha) (Schmeidler, 1945; Schmeidler e Murphy, 1946). A consideração do fator “crença em psi” representou uma inovação na pesquisa experimental, além de trazer pistas sobre a

⁷¹ As cartas Zener ou cartas ESP, como também são chamadas, foram desenvolvidas no final da década de 1920 pelo psicólogo Karl Zener, uma autoridade em teoria da percepção. A pedido de J.B. Rhine, Zener criou um baralho com símbolos simples, fáceis de visualizar e distintos entre si para serem utilizados em testes de percepção extra-sensorial. Cada carta desse baralho traz um de cinco símbolos diferentes: círculo, cruz, ondas, quadrado e estrela. Ao todo, o baralho tem vinte e cinco cartas, havendo, portanto, cinco cartas de cada símbolo. Os procedimentos nos testes com cartas Zener variavam de acordo com os objetivos dos estudos experimentais. Em um dos testes, por exemplo, o sujeito deveria adivinhar a seqüência aleatória de cartas observadas pelo experimentador – separado do sujeito por um anteparo. O sujeito deveria anotar a seqüência de símbolos em uma folha de respostas. A probabilidade de acertos esperados ao acaso girava em

ocorrência de casos espontâneos ocorridos no cotidiano (Machado e Zangari, 1998). Considerando, portanto, estudos sobre o efeito cabra-ovelha, postulou-se que a crença na possibilidade de real ocorrência de interações extra-sensório-motoras se mostraria positivamente associada à vivência de experiências psi na verificação dos dados coletados nesta pesquisa.

- d) **Há correlação entre o conteúdo das experiências psi de tipo extra-sensorial e aspectos considerados relevantes na vida dos(as) experienciadores(as) de psi.** Esperava-se que o estudo realizado corroborasse os resultados de estudos anteriores, como o realizado por Louisa Rhine (1966) que indica que as experiências extra-sensoriais se revelariam como fonte de informações importantes relacionadas ao cotidiano e a eventos marcantes (positivos ou negativos, com preponderância de eventos negativos, tais como acidentes e/ou mortes) ocorridos na vida dos próprios(as) experienciadores(as) e/ou de pessoas a eles(as) afetivamente ligadas. Esperava-se, ainda, que os experienciadores de psi tivessem compartilhado suas experiências, dada a relevância das informações adquiridas supostamente de modo anômalo e a pretensa possibilidade de evitar situações desagradáveis que são, via de regra, apresentadas como informação.
- e) **Não há correlação significativa entre os níveis de bem-estar subjetivo de experienciadores e não experienciadores de psi.**

Apesar de o estudo realizado por Kennedy e Kanthamani (1995) apontar para uma correlação positiva entre bem-estar e experiências anômalas, há que se lembrar que os sujeitos da referida pesquisa tratavam-se de pessoas interessadas pelo tema e/ou que já alegavam vivenciar experiências psi. Ao contrário, no estudo realizado por Haraldsson e Houtkooper (1991), com uma amostra aleatória, não houve diferenciação, do ponto de vista do bem-estar psicológico, entre as pessoas que relatam experiências anômalas e aquelas que não relatam tais experiências. Como o presente estudo foi realizado com uma amostra de conveniência, porém aleatória no que se refere à vivência ou não de experiências psi, interesse, desinteresse ou indiferença pelo tema, esperava-se obter resultados semelhantes aos encontrados por Haraldsson e Houtkooper, o que sugeriria que os efeitos de psi que afetam o bem-estar, se existem, talvez estejam correlacionados com o momento das experiências, mas não se mantenham ao longo do tempo.

A seguir, no Capítulo 5, são apresentados o Método e os Procedimentos seguidos para o cumprimento dos objetivos pretendidos e verificação das hipóteses apresentadas.

Capítulo 5

Método e Procedimentos

Para o cumprimento dos objetivos pretendidos – expostos detalhadamente no Capítulo 3 – e a verificação das hipóteses apresentadas no Capítulo 4, foi realizado um *survey* de tipo interseccional. Segundo o metodólogo Earl Babbie:

Num *survey* interseccional, dados são colhidos, num certo momento, de uma amostra selecionada para descrever alguma população maior na mesma ocasião. Tal *survey* pode ser usado não só para descrever, mas também para determinar relações entre variáveis na época do estudo. (Babbie, 2003: 101)

Apesar de uma pesquisa de levantamento de dados possibilitar apenas a verificação de associações entre variáveis, não a causalidade de comportamentos como observam Aronson, Wilson e Akert (2002: 24), esse foi o desenho escolhido para realizar o estudo proposto porque este não teve a pretensão de investigar as causas das experiências psi ou descrever seu *modus operandi*, mas sim realizar uma espécie de mapeamento e reconhecimento de possíveis associações ou correlações a partir da perspectiva dos sujeitos de experiências anômalas de tipo extra-sensório motor e suas interpretações das próprias experiências por meio da utilização de um questionário aliado a uma escala de bem-estar subjetivo. A partir dos dados que foram coletados e analisados, outros estudos de

cunho qualitativo poderão ser levados a cabo futuramente. Vale salientar, no entanto, que embora a pesquisa proposta tenha um caráter eminentemente quantitativo, não deixa de abordar, sob certo ponto de vista, alguns aspectos qualitativos das experiências apontadas pelos participantes. Isto poderá ser percebido mais claramente na exposição analítica da composição dos instrumentos utilizados que será feita adiante. Neste capítulo 5 são apresentados detalhes deste estudo concernentes à amostra, aos instrumentos utilizados, à coleta dos dados e aos procedimentos e recursos utilizados para sua compilação e análise.

5.1- Da amostra

Inicialmente, havia a pretensão de se fazer um mapeamento da prevalência e das características das experiências psi e de seus experienciadores na população brasileira. No entanto, uma série de fatores, especialmente no que diz respeito a tempo e recursos exigidos para a realização de uma pesquisa desse porte, fez com que a pretensão de realizar uma pesquisa que permitisse alcançar resultados que possibilitassem a generalização de dados para a população brasileira arrefecesse e desse lugar a um objetivo menos ambicioso e “mais possível” dentro das condições de que dispunha a pesquisadora. Optou-se, então, por trabalhar com uma amostra de conveniência, composta por estudantes universitários e/ou trabalhadores/empresários que estudam e/ou trabalham na cidade de São Paulo e na Grande São Paulo. Desta forma procurou-se atender ao interesse em verificar a prevalência e relevância de experiências anômalas relacionadas a psi (extra-sensório-motoras) em parte da população do Brasil, mas

sabendo-se que os resultados encontrados seriam meramente sugestivos, indicativos talvez de tendências, mas não poderiam ser generalizados.

Sendo um dos objetivos principais desta pesquisa verificar a prevalência das experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor de modo a reconhecer características dos experienciadores de psi contrastando-as com as características de não experienciadores, buscou-se realizar a coleta de dados sem previamente selecionar respondentes que seriam experienciadores ou não experienciadores de psi, a fim de verificar por meio dos dados coletados, a prevalência dessas experiências na amostra sob exame. Optou-se, assim por estabelecer a seleção da amostra mais pela “fonte” de respondentes do que propriamente por suas características, uma vez que o estudo também objetivava verificar essas características por meio dos dados coletados. Assim, foram coletados dados em salas de aula de universidades e faculdades da capital paulista e da Grande São Paulo e de trabalhadores (empregados, empregadores e autônomos). O único critério adotado para que fosse aceita a participação de pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa foi de que tivessem no mínimo 17 anos de idade. Esse limite foi estabelecido porque é a partir dessa idade que geralmente alunos ingressam nos cursos de graduação. Procurou-se, desse modo, garantir que tanto a coleta de dados realizada nas salas de aula quanto em empresas, estabelecimentos comerciais ou com trabalhadores autônomos estivesse pareada por idade com o grupo de estudantes universitários. Tomou-se, o cuidado de não procurar respondentes em grupos religiosos específicos para evitar, no conjunto das respostas aos instrumentos utilizados para a coleta de dados, viés principalmente nas questões que tratam de crenças e atribuição de causalidade.

Os participantes da pesquisa compuseram uma amostra de conveniência uma vez que as pessoas ou grupos de pessoas que a compõem foram alunos da pesquisadora ou de colaboradores que auxiliaram na coleta de dados, e trabalhadores autônomos ou funcionários ou donos de empresas ou estabelecimentos comerciais conhecidos da pesquisadora. A escolha pela coleta de dados preferencialmente em salas de aula, empresas ou estabelecimentos comerciais se deu com o objetivo de facilitar essa tarefa, uma vez que, obtido o consentimento do grupo ou do responsável pelo grupo para propor a participação de seus membros na pesquisa, foi possível aplicar um bom número de questionários de cada vez, otimizando o tempo gasto nessa etapa. É importante salientar, no entanto, que embora muitos dos respondentes fossem conhecidos da pesquisadora (e ainda que tivessem sido o ponto de contato da pesquisadora com um grupo de pessoas que participou da pesquisa) não foram fornecidos aos participantes detalhes da pesquisa ou de seu tema por parte da pesquisadora ou de seus colaboradores que pudesse enviar os resultados. Ao serem convidadas a participar como respondentes, as pessoas eram informadas de que a pesquisa dizia respeito à vivência ou não de experiências no cotidiano, sem tocar no termo “experiência anômala” ou qualquer outra referência à percepção extra-sensorial ou psicocinesia, como pode ser observado na folha de apresentação do material de coleta de dados apresentado no **Anexo 2**. (Mais detalhes a esse respeito serão expostos e comentados no item 5.3.) Ainda que alunos da pesquisadora tenham participado da pesquisa, vale ressaltar que as disciplinas lecionadas para esses alunos não tinham relação com o tema da pesquisa ora apresentada.

Não houve preocupação em coletar dados em todas as áreas da cidade de São Paulo (Zonas Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro) nem tampouco em cada um

dos municípios que compõem a Grande São Paulo, uma vez que os estudantes e não-estudantes podem habitar ou não as redondezas de seus locais de estudo e de trabalho. Há que se observar ainda que muitos dos respondentes cujos dados foram coletados em seu local de trabalho também são estudantes universitários, não tendo sido feita distinção entre dados coletados em sala de aula e dados coletados em locais de trabalho no caso dos respondentes que são estudantes e também trabalhadores.

O projeto de pesquisa previa a participação de 250 a 300 respondentes neste estudo, tendo efetivamente participado **306** respondentes. O período de coleta de dados se estendeu de outubro de 2007 a julho de 2008.

5.2- Dos instrumentos utilizados

A coleta de dados foi feita por meio dos seguintes instrumentos:

- o Q-PRP (Questionário de Prevalência e Relevância das Experiências Psi), um questionário impresso auto-aplicável concernente aos dados demográficos e às experiências psi, elaborado e validado especialmente para a pesquisa proposta;
- a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) desenvolvida e validada no Brasil por Albuquerque e Tróccoli (2004).

O material impresso recebido e preenchido pelos respondentes para a coleta de dados era percebido como um questionário de 38 questões (cf. **Anexo 2**). No entanto, trata-se de uma composição dos dois instrumentos citados acima, sendo que o Q-PRP corresponde às questões de 1 a 35 e a EBES às questões 37 e 38. A questão 36 refere-se à indicação de interesse do respondente em participar de outras pesquisas sobre o tema.

A seguir são apresentados os dois instrumentos em separado, começando pela EBES seguida pelo Q-PRP, sendo expostos também os procedimentos de construção e validação semântica desse questionário.

5.2.1- A Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES)

Como mencionado na Parte 1, a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) desenvolvida por Albuquerque para sua tese de doutoramento e publicada na revista científica *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (Albuquerque e Tróccoli, 2004) foi escolhida para compor o conjunto de instrumentos utilizados na coleta de dados para a realização da pesquisa proposta nesta tese por dois motivos: (a) a escala pretende medir níveis de bem-estar considerando os principais componentes do BES: afeto positivo, afeto negativo e satisfação com a vida; e (b) trata-se de uma escala de mensuração de bem-estar subjetivo elaborada, testada e validada no Brasil, portanto adequada à realidade de sua população.

A EBES é um instrumento de auto-relato composto por itens representativos dos fatores "satisfação-insatisfação com a vida", "afeto positivo" e "afeto negativo". Para sua composição foram utilizados três itens da PANAS (*Positive Affect / Negative Affect Scale*), desenvolvida por Watson, Clark e

Tellegen (1988), e três itens da SWLS (*Satisfaction with Life Scale*) desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985). Esses itens foram traduzidos ao português por psicólogos bilíngües. Outros 48 itens que dizem respeito aos três fatores citados acima (satisfação-insatisfação com a vida, afetos positivo e negativo) foram acrescentados a partir de um estudo realizado na Universidade de Brasília com estudantes universitários que responderam as questões:

"Como você se sente quando percebe que está feliz e satisfeito com sua vida?"

"Como você se sente quando percebe que está infeliz e insatisfeito com sua vida?"

Foram compiladas todas as respostas, sendo descartadas as similares. A partir daí foi composta uma primeira versão da escala, um instrumento piloto dividido em duas subescalas, sendo que a primeira dizia respeito a afetos positivos e negativos, com 54 itens, e a segunda, a satisfação-insatisfação com a vida, com 15 sentenças. Após a realização da análise e validação semântica, a EBES passou a ter 62 itens: 47 itens da primeira subescala, sendo 21 relacionados a afetos positivos (itens 3, 4, 6, 7, 10, 11, 14, 16, 18, 19, 21,22, 24, 25, 26, 29, 37, 39, 41, 42 e 43) e 26 a afetos negativos (itens 1, 2, 5, 8, 9, 12, 13, 15, 17, 20, 23, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 44, 45, 46 e 47); e 15 itens da segunda subescala, sendo 8 deles relacionados à satisfação com a vida (itens 48, 49, 50, 53, 54, 55, 61 e 62) e 7 deles relacionados a insatisfação com a vida (itens 51,52, 56, 57, 58, 59 e 60). (cf. **Anexo 2** nas questões 37 e 38 que correspondem às duas subescalas da EBES.)

Para as respostas, Albuquerque utilizou uma escala tipo Likert de 5 pontos:

- na primeira subescala, cinco itens com as seguintes variações:

1 nem um pouco	2 um pouco	3 moderadamente	4 bastante	5 extremamente
-------------------	---------------	--------------------	---------------	-------------------

- na segunda subescala, cinco itens com as seguintes variações:

1 discordo plenamente	2 discordo	3 não sei	4 concordo	5 concordo plenamente
--------------------------	---------------	--------------	---------------	--------------------------

No processo de validação da escala, esta, na sua primeira versão de 69 itens, foi aplicada a uma amostra de 795 policiais civis do Distrito Federal, com média de 35,6 anos de idade, desvio padrão = 4,85 sendo 74% do sexo masculino, 60,4% casados e 56,5% com escolaridade de nível superior completo. As respostas foram dadas de forma anônima, sendo que as escalas respondidas foram identificadas apenas por um número atribuído a cada participante. A aplicação da escala foi feita a grupos de no máximo trinta sujeitos por vez, que demoraram até 30 minutos para preenchê-la.

Foi realizada a análise dos componentes principais da escala para verificar a estrutura fatorial da matriz e identificar o número de fatores (componentes) presentes na matriz de intercorrelações. Para a determinação dos fatores a serem extraídos foram usados dois critérios: (1) análise screeplot e (2) análise da porcentagem da variância. A análise fatorial foi feita pelo método de extração dos eixos principais (PAF) e da rotação *oblímin*, que permite que apareçam fatores ortogonais quando estes existem, sem forçar a dependência entre os fatores, permitindo, contudo, que essa dependência exista. A análise dos itens foi feita por meio do método da Teoria de Resposta ao Item (TRI), que verifica a qualidade

dos itens de um instrumento por meio da correlação entre as variáveis observáveis (itens da escala) e os traços hipotéticos não observáveis (BES).

O resultado das análises demonstrou a validade do construto da EBES, tendo sido revelados os três fatores esperados: afeto positivo (24,3% da variância, $\alpha = 0,95$), afeto negativo (24,9% da variância, $\alpha = 0,9$) e satisfação-insatisfação com a vida (21,9% da variância, $\alpha = 0,9\%$), que juntos explicam os 44,1% da variância do construto. Segundo Albuquerque e Troccoli:

...a EBES mostrou-se um instrumento válido e preciso, o que recomenda seu uso para a avaliação de BES em populações não desviantes da normalidade em termos de saúde mental. A EBES atende à recomendação de Diener e cols. (1999) com relação à construção de instrumentos de medida de BES que possam avaliar separadamente os seus componentes. Entretanto, faz-se necessário verificar se a mesma configuração fatorial se mostra invariante em amostras diversificadas em termos profissionais e também em amostras clínicas. (Albuquerque e Tróccoli, 2004: 161)

Apesar da cautela demonstrada em forma de alerta feito pelos autores no final da citação acima, optou-se pela utilização da EBES no estudo sobre experiências anômalas aqui apresentado ainda que a amostra participante desta pesquisa apresente variada lista de ocupações profissionais, pois este o aspecto não foi considerado como relevante. O fato de a EBES se tratar de instrumento construído e validado no Brasil que apresenta boa consistência e precisão para

medir nível de BES em nossa cultura é o que foi levado em conta. Assim, neste estudo, será verificada a correlação entre cada fator de BES medido pela EBES (afeto positivo, afeto negativo e satisfação-insatisfação com a vida) e a ocorrência ou não de cada experiência extra-sensório-motora levantada pelo Q-PRP.

5.2.2- O Questionário de Prevalência e Relevância de Psi (Q-PRP)

O Q-PRP nasceu da tradução e/ou adaptação de algumas questões que compõem o questionário elaborado por Palmer (1979), e da elaboração de novas questões que visavam direcionar o instrumento para os objetivos específicos da pesquisa proposta. Assim, o Q-PRP não se trata de mera tradução do questionário utilizado por Palmer (1979), mas de um instrumento inspirado nesse outro questionário, construído a partir dos objetivos da presente pesquisa. Vale ainda dizer que alguns itens foram também inspirados pelos instrumentos de coleta de dados elaborados por Kennedy e Kanthamani (1995), não em sua forma, mas em seu conteúdo.

O Q-PRP é composto por questões que se referem a:

- a) dados demográficos (questões de 1 a 7);
- b) crenças pessoais (questões 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 17);
- c) prática de técnicas mentais (questão 14);
- d) uso de drogas que tenham provocado uma experiência de expansão da consciência (questão 15);
- e) busca de ajuda com profissionais, religiosos ou "alternativos" (questões 16 e 18);

- f) experiências psi de tipo extra-sensorial (questões 19, 20, 21, 22 e 31);
- g) experiência anômala (*experiência fora do corpo*) correlata à experiência psi, com ênfase em aspectos extra-sensoriais (questão 23);
- h) experiências psi de tipo extra-motor (questões 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30);
- i) opinião dos respondentes acerca das experiências tratadas no questionário (questão 32);
- j) influência das experiências psi na vida de seus experienciadores com relação a atitudes, crenças, tomada de decisões e visão de mundo (questões 33 a 35, além de subitens das questões 19 a 31 relacionados a mudanças em crenças religiosas e mudança de atitude social referentes a cada uma das experiências tratadas no questionário).

Como mencionado anteriormente, a questão 36 indaga sobre a disponibilidade do respondente para participar de outras pesquisas sobre o tema. Essa pergunta foi incluída com vistas a encontrar sujeitos para outras investigações acerca de experiências psi, mas não teve nenhuma função no que diz respeito às associações ou correlações de dados que serão examinadas. Excetuando os casos em que os respondentes demonstraram interesse em participar de outras pesquisas, não foi solicitado que os participantes se identificassem ao responder o questionário. De um modo ou de outro, foi garantido aos participantes o sigilo quanto à possível identificação dos respondentes quando da divulgação dos resultados da pesquisa.

As questões referentes às experiências psi trazem subitens que visam esclarecer a frequência das experiências apontadas, a sua influência na mudança

de crenças e atitudes dos experienciadores, as características do conteúdo das experiências, se for o caso, e a quem ou a quem os experienciadores atribuem as experiências por eles vivenciadas.

Imitando o procedimento adotado por John Palmer (1979), as questões do Q-PRP foram elaboradas de forma “descritiva”, sem a utilização de termos tais como “telepatia”, “clarividência” etc., para evitar que concepções pessoais do significado de tais termos comprometessem o estudo e de modo que sua formulação não influenciasse as respostas.

Nos itens que se referem à atribuição de causalidade (questões do tipo “A que você atribui essa experiência x?”) bem como nas questões que se referem a atitudes, crenças, tomada de decisões e visão de mundo, e à indicação da crença, adesão ou postura religiosas dos experienciadores, foi dada ao respondente a possibilidade de incluir algum item/conteúdo não contemplado nas alternativas oferecidas. Além disso, deu-se a liberdade aos respondentes de entrarem em contato com a pesquisadora caso estes quisessem relatar de modo mais detalhado suas experiências, relatos que seriam registrados e armazenados como material para futuros estudos, uma vez que não era propósito desta pesquisa lidar com a análise de relatos propriamente ditos.⁷²

5.2.2.1- Da validação semântica do Q-PRP

Após sua elaboração, o Q-PRP foi submetido a um processo de validação semântica à exceção das questões concernentes aos dados demográficos. No

⁷² Infelizmente não houve contato de nenhum dos respondentes relatando mais detalhadamente suas experiências. No entanto, respondentes de diferentes grupos mostraram-se interessados em saber o resultado

entanto, a pertinência dessas “questões demográficas” foi discutida com o grupo de colegas orientandos de mestrado e doutorado do Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos em duas de nossas reuniões de orientação no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Nessa ocasião, a questão número 8, relativa à crença, postura ou adesão religiosa era ainda considerada como dado demográfico, tendo sido discutidas com os colegas do grupo de orientação.

A validação semântica do Q-PRP se deu por meio dos seguintes procedimentos:

- a) Submeteu-se a primeira versão do Q-PRP ao grupo de pós-graduandos (mestrandos e doutorandos) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo orientados pelo Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos para que pudessem avaliá-lo de acordo com os objetivos da pesquisa expostos em uma das reuniões quinzenais de orientação. A partir das sugestões dadas pelos colegas e pelo próprio orientador, o questionário passou por sua primeira revisão.

- b) Foi, então, elaborado um meta-questionário de Análise de Conteúdo com 39 questões (**Anexo 3**), destinado a juízes externos que verificariam a sintaxe, a clareza, a compreensão e a adequação das questões propostas no Q-PRP. Nos itens de 1 a 37 do meta-questionário de Análise de Conteúdo, os juízes deveriam responder as seguintes perguntas, considerando cada uma das questões do Q-PRP apresentadas:

-
- “Está bem escrita?” (referente à sintaxe);
 - “Está clara em seu sentido?” (referente à clareza);
 - “Apresenta termos simples e claros, compreensíveis para a amostra respondente?” (referente à compreensão);
 - “É boa para coletar o dado pretendido?” (referente à adequação);

 - “Está adequada à cultura brasileira?” (para o caso das questões traduzidas do questionado elaborado por Palmer, 1979);

 - “Se você julga que a questão/tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação” (para o caso de os juízes terem sugestões ou comentários a fazer).

Ao final do meta-questionário os juízes poderiam apresentar comentários sobre subitens de cada uma das questões e sua impressão geral sobre o Q-PRP, respondendo às seguintes questões:

- “Há alguma observação sobre os subitens de cada questão apresentada no questionário Q-PRP? Se julgar que algum dos itens deve ser reformulado, por gentileza, apresente sua

sugestão de reformulação indicando a numeração do mesmo.”

- “Qual é sua opinião geral sobre o questionário Q-PRP?”

- c) Antes ainda da aplicação do meta-questionário aos juízes, mais uma vez esse material de análise foi submetido à avaliação do grupo de orientandos de mestrado e doutorado supra citado, a fim de verificar sugestões dos colegas e realizar possíveis ajustes.
- d) Após aprovação pelo grupo e pelo orientador, tanto o Q-PRP quanto o meta-questionário de Análise de Conteúdo para Validação Semântica do Q-PRP foram enviados a 18 (dezoito) juízes, pessoas com conhecimento na área de pesquisa psi e/ou Psicologia, pessoas da área acadêmica e também com conhecimento da língua inglesa para avaliar a pertinência das questões de acordo com o objetivo do estudo proposto e para verificar a tradução de questões do questionário de Palmer (1979) que foram aproveitadas em parte ou em sua totalidade.
- e) Os questionários de Análise de Conteúdo respondidos pelos juízes foram conferidos e verificou-se que dois dos juízes haviam deixado vários itens sem respostas: um por ser pesquisador estrangeiro, não se sentiu apto a responder a respeito da adequação das questões à cultura brasileira; e o outro, alegando não ter bom conhecimento de inglês, deixou em branco as questões referentes à qualidade das traduções. No entanto, como nas demais perguntas fizeram

observações pertinentes e importantes, estas foram consideradas de modo qualitativo nas poucas adequações a serem feitas no questionário, mas não foram consideradas no cálculo estatístico para validação do Q-PRP.

- f) Considerou-se o coeficiente *Alpha de Cronbach* para analisar as respostas dos juízes na verificação da consistência interna do Q-PRP. “O *Alpha de Cronbach* é obtido através da variância total do instrumento, da variância de cada item e da soma das variâncias destes itens.” (Hernandez et. al, 2007) Quanto menor for a variância individual dos itens e maior a variância que estes produzem em conjunto, maior será o coeficiente de fidedignidade ou a consistência interna do instrumento (Pasquali, 2003). Considera-se aceitável um coeficiente acima de 0,80 ou 80% de concordância entre os itens analisados (Pasquali,1997: 135). Em outras palavras: na validação do Q-PRP, havendo mais de 80% de concordância entre os juízes sobre cada um dos itens, o instrumento avaliado poderia ser considerado consistente e fidedigno.
- g) A concordância dos juízes em relação a cada um dos itens analisados ficou entre 0,82 e 1,0 (82 a 100%), tendo o questionário sido considerado validado, apesar de os juízes terem enviado algumas sugestões ainda para aprimoramento do mesmo. (Ver **Anexo 4** com quadros das avaliações e sugestões dos juízes para cada uma das

questões e observações sobre as mudanças sugeridas ou sobre indagações).

- h) Foi feita uma revisão no Q-PRP para corrigir alguns erros gramaticais e atender a algumas sugestões dadas pelos juízes, julgadas pertinentes para tornar o questionário mais claro. As pequenas modificações realizadas não foram substanciais, não havendo, portanto, necessidade de os juízes fazerem apreciação da versão final do instrumento.

Ainda que tenha passado por todo o processo descrito para ser avaliado, o Q-PRP ainda apresentou algumas falhas, constatadas apenas quando da aplicação propriamente dita do instrumento.

5.2.2.2- Pré-teste ajustes no Q-PRP

Após a validação semântica do Q-PRP, o material impresso composto pelo questionário e a EBES – doravante chamado simplesmente de instrumentos – foi aplicado a uma amostra de 29 respondentes composta por 19 estudantes universitários da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – sendo 11 alunos do curso Comunicação Social: Publicidade e Propaganda e 8 alunos do curso de Engenharia Elétrica – e 10 pessoas, não-estudantes universitários, com diferentes ocupações e níveis de escolaridade, com idades entre 20 e 58 anos. Essa aplicação teve especialmente o objetivo de realizar um pré-teste para verificar o comportamento dos respondentes, sendo observados, principalmente, os seguintes aspectos: concordância em participar da pesquisa, tempo de resposta

aos instrumentos e surgimento de possíveis dúvidas quanto aos procedimentos a serem realizados quando do preenchimento do material. Assim, a aplicação-teste dos instrumentos escolhidos para a coleta de dados simulou os procedimentos a serem realizados na pesquisa e contribuiu para que fossem feitos ajustes no referido material a fim de aprimorá-lo antes da aplicação para a grande amostra de sujeitos pretendida. O pré-teste foi interessante na medida em que a pesquisadora pôde ter um contato mais direto com os respondentes que compuseram um grupo não muito grande (29 pessoas) e colher algumas de suas impressões sobre a pesquisa e sobre suas vivências.

No pré-teste, os instrumentos foram apresentados a todos os respondentes pela própria pesquisadora, que explicava verbalmente que o questionário se referia a experiências que ocorrem no cotidiano, não havendo respostas certas ou erradas para as questões. Foi dito explicitamente que todos tinham a liberdade de concordar ou não em preencher o material, e que sua identidade seria mantida em sigilo, não havendo ainda a necessidade de identificar-se ao participar da pesquisa. Além de apresentados verbalmente, esses termos constam no texto de apresentação do material impresso. (ver **Anexo 2**)

De um modo geral, não houve dificuldades para o preenchimento do Q-PRP e da EBES. Somente uma das respondentes – aquela com menor grau de instrução – preferiu que a pesquisadora preenchesse juntamente com ela o questionário, lendo as perguntas e anotando suas respostas. Assim foi feito, com o cuidado de não oferecer explicações para as perguntas além das que constavam no próprio material escrito. Essa situação se repetiu posteriormente na coleta de dados na amostra de 306 respondentes com outras duas pessoas com

menor grau de instrução devido à quantidade de leitura que a tarefa de preencher o questionário demandava.

Os respondentes do pré-teste levaram de 20 a 40 minutos para responder o questionário e não demonstraram cansaço ou enfado ao realizar essa tarefa. Ao contrário, três deles – duas mulheres e um homem – pontuaram verbalmente que o material é muito interessante e que querem saber mais sobre o assunto.

Também, verbalmente, uma das respondentes alegou ter assinalado não querer mais participar de pesquisas sobre o tema porque sofre muito ao lembrar de suas próprias experiências, ligadas principalmente a situações traumáticas. Por outro lado, a respondente relatou ter se sentido bem em responder as questões correspondentes à EBES, pois isto pôde fazê-la perceber que estava numa ótima fase de sua vida.

Duas das respondentes comentaram com a pesquisadora a dificuldade em apontar apenas uma crença ou adesão religiosa na questão 8, pois foram criadas em um contexto religioso, mas compartilham de outras crenças. Como a questão pedia que se indicasse apenas uma alternativa, elas ficaram um pouco confusas. Por isso, decidiu-se abrir a possibilidade de que os respondentes assinalassem mais de uma alternativa no item sobre crença, adesão ou postura religiosa.

Houve também outra respondente que não assinalou nenhuma alternativa na questão 13, que indaga sobre a crença em cristais, pêndulo, astrologia, tendo anotado no questionário que não sabe se acredita “nessas coisas”. Houve ainda quem comentasse durante o preenchimento do questionário que tem dúvidas quanto à questão da reencarnação, ou da sobrevivência da alma ou espírito após a morte. Levando essas observações em conta, foi introduzida a alternativa “tenho dúvida” para as questões relacionadas a crenças que tinham apenas como

alternativas de resposta os itens “sim” ou “não”, como pontuaram alguns juízes e o pesquisador Carlos S. Alvarado em seus comentários por ocasião da análise de conteúdo do Q-PRP.

Ainda no bloco de questões relacionadas a dados demográficos, um dos respondentes achou curiosa a alternativa 2 da questão 5, sobre o estado civil, que era assim formulada: “Sou casado e vivo com meu/minha marido/esposa”. Para ele, parecia óbvio que se fosse casado, viveria com a cônjuge. Sabe-se, porém, que nem sempre isto ocorre. Como não é relevante para a pesquisa o fato de os casais viverem juntos ou separados, ainda que permaneçam casados, suprimiu-se o trecho “e vivo com meu/minha marido/esposa” nessa alternativa para evitar possíveis dúvidas.

Foi interessante notar que principalmente as mulheres fizeram comentários espontâneos sobre o questionário, apontando suas dúvidas e deixando claro seu interesse pela pesquisa.

A partir das observações feitas no teste de aplicação dos instrumentos, foi discutida a pertinência das poucas sugestões de modificação para o Q-PRP com os professores que compuseram a banca examinadora do Exame de Qualificação realizado em agosto de 2007. Todos concordaram que eram pontos importantes a serem considerados e que, embora acrescentassem ou modificassem alguns itens em algumas das questões, essas mudanças não seriam relevantes a ponto de exigirem nova validação semântica do Q-PRP. Foi sugerido que se acrescentasse mais uma questão relacionada à busca de aconselhamento ou ajuda junto a profissionais tais como psicólogos, psiquiatras ou psicanalistas, a fim de confrontar essa resposta com a dada à questão que trata da busca de informação, ajuda ou aconselhamento com médiuns, clarividentes, paranormais,

cartomantes, tarólogos, astrólogos, curadores espirituais, quiromantes, jogadores de búzios e outros chamados "alternativos". Além de incluir essa questão, foi acrescentada a alternativa "tenho dúvida" para as questões relacionadas à crença em psi (questões 10 e 11) e em reencarnação (questão 12) e foi aberta explicitamente a possibilidade de os respondentes assinalarem mais de uma crença, adesão ou postura religiosa na questão 8.

5.3- Dos procedimentos de coleta de dados

Para a aplicação do material composto pelo Q-PRP e pela EBES destinado à coleta de dados para a pesquisa em questão e para a análise dos resultados foram adotados os seguintes procedimentos:

- a) A pesquisadora escolheu potenciais "fontes de respondentes" que atendessem às características apontadas no item 5.1. Foram também convidados alguns colaboradores que auxiliaram na aplicação dos questionários por terem fácil acesso a potenciais respondentes, considerando-se a amostra pretendida.

- b) A pesquisadora ou seus colaboradores entraram em contato com os potenciais respondentes ou com responsáveis pelos grupos de potenciais respondentes, a fim de obter permissão e/ou para convidá-los a participar da pesquisa e determinar data, horário e local para aplicação/preenchimento dos instrumentos.

-
- c) A apresentação dos instrumentos aos potenciais respondentes foi feita deixando claro tratar-se de uma pesquisa sobre experiências cotidianas que poderiam ter sido vivenciadas ou não pelos participantes, não havendo respostas certas ou erradas para as questões apresentadas no material de coleta de dados. Aos potenciais respondentes era deixado claro que, ao concordarem em participar da pesquisa, seria garantido o sigilo sobre sua identidade, não sendo necessário se identificarem ao responder as questões. Eram também alertados para o fato de essas informações e esse compromisso constarem, por escrito, na página de rosto do material impresso. Reforçou-se ainda que mesmo aqueles que se dispusessem a participar de outras pesquisas sobre o tema assinalando “sim” na questão 36 e se identificassem para futuros contatos teriam sua identidade resguardada. Desta forma, as respostas foram dadas de forma anônima, sendo que os instrumentos respondidos foram identificados apenas por um número atribuído a cada participante.
- d) A aplicação e preenchimento dos instrumentos se deram preferencialmente nos locais de trabalho ou na sala de aula dos respondentes. Preferiu-se não dar a possibilidade aos candidatos a respondentes de ficarem com os questionários e devolverem-nos posteriormente, para evitar atraso na coleta dos dados e desperdício de material impresso, caso não houvesse retorno

dos instrumentos preenchidos. Apenas em alguns poucos casos os instrumentos foram respondidos fora do local de trabalho ou da sala de aula sendo entregues posteriormente à pesquisadora ou a seus colaboradores. Isto ocorreu, por exemplo, com os funcionários de uma empresa que se dispuseram a participar, mas não tinham tempo disponível durante o expediente para preencher os instrumentos. Nesse e em outros casos, a pesquisadora se colocou à disposição para orientar os respondentes caso houvesse dúvidas quanto às questões. Algumas pessoas com menor grau de instrução tiveram dificuldade especialmente com o preenchimento da EBES, e alguma dificuldade relacionada ao preenchimento das questões do Q-PRP – como pode ser observado numa anotação feita em um dos instrumentos apontando o não entendimento da questão 19 e como pode ser percebido pelo fato de algumas questões terem sido deixadas totalmente em branco por alguns poucos participantes. Quando houve dúvidas manifestadas antes do retorno “definitivo” dos instrumentos preenchidos à pesquisadora, tomou-se o cuidado de respondê-las evitando direcionar as respostas.

- e) A compilação, a verificação de freqüências e o cruzamento dos dados coletados foram feitos com o auxílio do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) na sua versão 13 para Windows.

A seguir, na Parte 3, o Capítulo 6 traz a descrição dos dados compilados bem como seus entrecruzamentos na busca de associações e correlações entre eles. Posteriormente, o Capítulo 7 apresenta a discussão dos resultados “em diálogo” com outros estudos e aspectos teóricos tratados na Parte 1.

Parte 3

Apresentação e Análise dos dados coletados

Capítulo 6

Apresentação dos Dados Coletados

Neste capítulo são apresentados os dados coletados por meio dos instrumentos apresentados no Capítulo 5, quais sejam: o Questionário de Prevalência e Relevância de Psi (Q-PRP) e a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) (Albuquerque e Tróccoli, 2004). Os dados serão apresentados de acordo com os interesses manifestos nos objetivos desta pesquisa. São expostas as

OBJETIVO GERAL

Verificar a prevalência de experiências anômalas relacionadas a psi (extra-sensório-motoras), buscando possíveis associações dessas experiências com crenças, atitudes e níveis de bem-estar de seus experienciadores, de modo a reconhecer características dos experienciadores de psi, contrastando-as com as características de não experienciadores.

características da amostra no que se refere a seus dados demográficos e ao seu perfil quanto a práticas e crenças, fatores que estudos anteriores têm demonstrado ser “preditores” ou associados à vivência de experiências psi ou extra-sensório-motoras. Esses dados são também apresentados separadamente considerando que a amostra

de respondentes foi dividida em dois grupos, de experienciadores (**EXPs**) e não-experienciadores (**NEXPs**) de psi. A consideração dos dados – e, conseqüentemente, do perfil desses dois grupos que se formaram a partir da verificação da prevalência de experiências psi – foi realizada em separado de modo a verificar semelhanças e diferenças entre **EXPs** e **NEXPs**. São apresentados os entrecruzamentos de dados coletados a fim de verificar associações ou correlações entre os mesmos. Informação sobre o que se buscou

verificar por meio desses entrecruzamentos será exposta à medida que os dados forem apresentados. Os dados são descritos no texto alternadamente à apresentação de tabelas, em especial para facilitar a leitura dos resultados nos tópicos em que há grande número de entrecruzamentos de variáveis que dificulta a compreensão de um texto descritivo dos mesmos. Em algumas partes optou-se por apresentar apenas os dados significantes ($p = >.05$) e a direção do efeito ($ra = > 2$). No entanto, todas as tabelas geradas pelo SPSS na análise dos dados, tenham sido eles se mostrado significantes ou não, e na busca de seus entrecruzamentos, se encontram no *compact disc* apresentado como **Anexo 5**. A discussão dos resultados apresentados neste capítulo será realizada posteriormente no Capítulo 7.

6.1. Perfil da Amostra

A pesquisa contou com um total de **306 respondentes** dos instrumentos utilizados para a coleta de dados. Neste primeiro item são consideradas as características demográficas dos respondentes em geral e de cada um dos sub-grupos verificados na amostra: experienciadores (**EXPs**) e não-experienciadores (**NEXPs**) de psi, que daqui por diante serão referidos apenas pelas siglas estabelecidas para sua identificação. Enquadram-se na categoria de **EXPs** os respondentes que afirmam ter tido pelo menos uma das experiências extra-sensório-motoras abordadas no Q-PRP – apresentadas no Capítulo 5 e retomadas mais adiante – sendo, portanto, os **NEXPs** aqueles que não apontaram ter vivenciado nenhuma das experiências psi investigadas nesta pesquisa.

6.1.1. Dados demográficos

6.1.1.1- Gênero

Do total de respondentes (N = 306), 52,6% são mulheres (N = 161), 45,4% são homens (N = 139) e 2% foram considerados *missing data*, uma vez que 6 respondentes não informaram seu gênero. Do número total de respondentes, 82,7% são **EXPs** (N = 262) e 17,3% são **NEXPs** (N = 44). Dos **EXPs**, 53,4% são mulheres (N = 135) e 45,6% são homens (N = 113) [2,01% *missing data*, N = 5] , ao passo que dos **NEXPs**, 50% são mulheres (N = 26) e 50% são homens (N = 26) [1,88%, *missing data*, N = 1], não havendo diferença significativa entre a quantidade de homens e mulheres que compõem cada um dos grupos ($\chi^2 = .340$, $df = 1$, $p = .560$). Dos **EXPs**, 5 respondentes não informaram seu gênero, o mesmo tendo ocorrido com 1 respondente do grupo de **NEXPs**.

Tabela 3 – Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Gênero

GÊNERO							
	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)		Diferença
	N	%	N	%	N	%	EXPs vs. NEXPs
Mulheres	161	52,6	135	54,4	26	50	$\chi^2 = .340$ $df = 1$ $p = .560$
Homens	139	45,4	113	45,6	26	50	
Missing data, sobre o "N" total	6	2,0	5	2,01	1	1,88	

6.1.1.2- Idade

Quanto à idade, os respondentes variam entre 18 e 66 anos, numa média geral de 27,21 anos de idade. Os respondentes foram arbitrariamente divididos em faixas etárias: 18 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 45 anos, 46 a 55 anos e 56 anos ou mais. A idade mínima para a participação como respondente nesta pesquisa foi de 17 anos, mas nenhum respondente tinha essa idade, sendo a primeira faixa etária estabelecida a partir da menor idade apontada pelos respondentes em geral (18 anos).

Da amostra geral, (N = 306), 61,4% (188 respondentes) têm de 18 a 25 anos de idade, 22,9% (70 respondentes) têm de 26 a 35 anos, 10,1% (31 respondentes) têm de 36 a 45 anos, 3,9% (12 respondentes), têm de 46 a 55 anos e 1,6% (5 respondentes) têm 56 anos de idade ou mais.

Dos **EXPs** (N = 253), 66,4% (168 respondentes) têm de 18 a 25 anos de idade, 19,8% (50 respondentes) têm de 26 a 35 anos, 8,7% (22 respondentes) têm de 36 a 45 anos, 3,6% (9 respondentes) têm de 46 a 55 anos, e 1,6% (4 respondentes) têm 56 anos de idade ou mais, havendo portanto, um número significativamente maior de **EXPs** na faixa de 18 a 25 anos de idade.

Dos **NEXPs** (N = 53), 37,7% (20 respondentes) têm de 18 a 25 anos de idade, 37,7% (20 respondentes) têm de 26 a 35 anos, 17% (9 respondentes) têm de 36 a 45 anos, 5,7% (3 respondentes) têm de 46 a 55 anos e 1,9% (1 respondente) tem 56 anos de idade ou mais, havendo portanto, um número significativamente maior de **NEXPs** na faixa de 26 a 35 anos de idade (75%).

Uma diferença significativa entre os diferentes grupos etários foi encontrada ($\chi^2 = 15.538$, $df = 4$, $p = .004$). A análise dos resíduos ajustados (ra) indicou

diferenças significantes (> ou = a 2) entre as faixas etárias de 18 a 25 anos (**NEXPs**, $ra = -3,9$ e **EXPs**, $ra = 3,9$) e de 26 a 35 anos (**NEXPs**, $ra = 2,8$ e **EXPs**, $ra = -2,8$), revelando que a amostra de **NEXPs** tende a ser formada por pessoas de idade significativamente maior que a de **EXPs**.

Tabela 4 – Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Idade

IDADE							
	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)		Diferença
Faixas Etárias	N	%	N	%	N	%	EXPs vs. NEXPs
18 a 25 anos	188	61,4	168	66,4	20	37,7	$\chi^2 = 15,538$ $df = 4$ $p = .004$
26 a 35 anos	70	22,9	50	19,8	20	37,7	
36 a 45 anos	31	10,1	22	8,7	9	17	
46 a 55 anos	12	3,9	9	3,6	3	5,7	
56 anos ou mais	5	1,6	4	1,9	1	1,9	

Tabela 5 – Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a idade

Idade * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Idade	18 a 25 anos	Count	20	168	188
		% within GRUPOS	37,7%	66,4%	61,4%
		Adjusted Residual	-3,9	3,9	
	26 a 35 anos	Count	20	50	70
		% within GRUPOS	37,7%	19,8%	22,9%
		Adjusted Residual	2,8	-2,8	
	36 a 45 anos	Count	9	22	31
		% within GRUPOS	17,0%	8,7%	10,1%
		Adjusted Residual	1,8	-1,8	
	46 a 55 anos	Count	3	9	12
		% within GRUPOS	5,7%	3,6%	3,9%
		Adjusted Residual	,7	-,7	
	56 anos ou mais	Count	1	4	5
		% within GRUPOS	1,9%	1,6%	1,6%
		Adjusted Residual	,2	-,2	
Total		Count	53	253	306
		% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%

6.1.1.3- Local de Nascimento e de Residência

Quanto ao local de nascimento, os respondentes são naturais de 16 diferentes Estados brasileiros, sendo que 1 dos respondentes é natural de Buenos Aires, Argentina, mas que reside, estuda e trabalha na cidade de São Paulo. Em termos percentuais, a amostra geral (N = 306) conta com 253 paulistas (82,7%), 10 mineiros (3,3%), 8 paranaenses (2,6%), 6 baianos (2%), 4 fluminenses (1,3%), 4 cearenses (1,3%), 3 catarinenses (1%), 3 maranhenses (1%), 3 alagoanos (1%), 2 paraenses (0,7%), 2 pernambucanos (0,7%), 1 gaúcho (0,3%), 1 piauiense (0,3%), 1 potiguar (0,3%), 1 capixaba (0,3%) e 1 argentino (0,3%). Esses dados refletem a variedade de procedências comumente observada na capital paulista e na Grande São Paulo. Apenas 1 dos respondentes (0,3%) não informou seu local de nascimento.

Considerando os grupos de **EXPs** e **NEXPs**, os respondentes se dividem da seguinte forma no que diz respeito ao local de nascimento: dos **EXPs** (N = 253), 211 são paulistas (83,7%), 10 são mineiros (4%), 5 são paranaenses (2%), 4 são baianos (1,6%), 4 são fluminenses (1,6%), 2 são cearenses (0,8%), 3 são catarinenses (1,2%), 2 maranhenses (0,8%), 2 alagoanos (0,8%), 2 paraenses (0,8%), 1 pernambucanos (0,4%), 1 gaúcho (0,4%), 1 piauiense (0,8%), 1 potiguar (0,4%), 1 capixaba (0,4%) e 1 argentino (0,4%), sendo que 1 (0,8%) não informou o local de nascimento; dos **NEXPs** (N = 53), 42 são paulistas (79,2%), 3 são paranaenses (5,7%), 2 são baianos (3,8%), 2 são cearenses (3,8%), 1 maranhense (1,9%), 1 alagoano (1,9%), 1 pernambucano (1,9%), e 1 sergipano (1,9%). Esses dados são meramente descritivos, não sendo possível realizar qualquer afirmação quanto à maior frequência de experiências psi em

peças de qualquer procedência, especialmente considerando o modo de coleta de dados.

Tabela 6 – Frequências e percentuais de dados demográficos: Local de Nascimento

LOCAL DE NASCIMENTO						
Natural de...	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)	
	N	%	N	%	N	%
SP	253	82,7	211	83,7	42	79,2
MG	10	3,3	10	4	0	0
PR	8	2,6	5	2	3	6,8
BA	6	2,0	4	1,6	2	3,8
RJ	4	1,3	4	1,6	0	0
CE	4	1,3	2	0,8	2	3,8
SC	3	1,0	3	1,2	0	0
MA	3	1,0	2	0,8	1	1,9
AL	3	1,0	2	0,8	1	1,9
PA	2	0,7	2	0,8	0	0
PE	2	0,7	1	0,4	1	1,9
SE	2	0,7	1	0,4	1	1,9
RS	1	0,3	1	0,4	0	0
PI	1	0,3	1	0,4	0	0
RN	1	0,3	1	0,4	0	0
ES	1	0,3	1	0,4	0	0
Argentina	1	0,3	1	0,4	0	0
Missing data, sobre o "N" total	1	0,3	1	0,4	0	0

Quanto ao local de residência, dos 306 respondentes 189 residem na capital paulista (61,8%), 104 residem na Grande São Paulo (34%), 6% residem em outros Estados (2%), 4 residem em outras cidades do Estado de São Paulo (1,3%) e 3 não informaram seu local de residência (1%).

Dentre os **EXPs** (N = 253), 154 residem na capital paulista (61,1%), 89 residem na Grande São Paulo (35,3%), 6 residem em outros Estados (2,4%), 3 residem em outras cidades do Estado de São Paulo (1,2%) e 1 não informou seu local de residência (0,4%).

Dentre os **NEXPs** (N = 53), 35 residem na capital paulista (68,6%), 15 residem na Grande São Paulo (29,4%), 1 reside em outra cidade do Estado de São Paulo (2%) e 2 não informaram seu local de residência (4%).

Ao ler esses dados, há que se lembrar que participaram da pesquisa pessoas que estudam em universidades ou trabalham (sendo empregadores, empregados ou autônomos) em São Paulo ou na Grande São Paulo, não havendo necessidade, portanto, de residir nessas áreas. Desta forma, os dados apresentados são descritivos da amostra, sem prejuízo da verificação de outras informações que especificamente interessam a esta pesquisa, de acordo com os objetivos propostos.

Tabela 7 – Frequências e percentuais de dados demográficos: Local de Residência

LOCAL DE RESIDÊNCIA						
Reside em...	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)	
	N	%	N	%	N	%
São Paulo (capital)	189	61,8	154	61,1	35	68,6
Grande São Paulo	104	34,0	89	35,3	15	29,4
Outros Estados	6	2,0	6	2,4	0	0
Outras Cidades de SP	4	1,3	3	1,2	1	2
<i>Missing data</i> , sobre o "N" total	3	1,0	1	0,4	2	4

6.1.1.4- Estado Civil

Quanto ao estado civil, dos 306 respondentes, 220 disseram nunca terem se casado (71,9%), 40 são casados (13,1%), 29 vivem com um companheiro (9,5%), 13 são separados ou divorciados (4,2%) e 4 não informaram sua situação com relação a esse item. No que diz respeito ao grupo de **EXPs** (N = 253), 186

disseram nunca terem se casado (74,4%), 30 são casados (12 %), 22 vivem com um companheiro (8,8 %), 12 são separados ou divorciados (4,8%) e 3 (1,18%) não informaram sua situação no que se refere a esse item. No grupo dos **NEXPs** (N = 53), 34 disseram nunca terem se casado (65,4%), 10 são casados (19,2%), 7 vivem com um companheiro (13,5%), 1 é separado ou divorciado (1,9%) e 1 (1,88%) não informou sua situação com relação a esse item. Não foi encontrada diferença significativa entre os **NEXPs** e os **EXPs** nesse item ($\chi^2 = 3,981$, $df = 3$, $p = .263$).

Tabela 8 – Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Estado Civil

ESTADO CIVIL							
Situação	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)		Diferença EXPs vs. NEXPs
	N	%	N	%	N	%	
Nunca foi casado(a)	220	71,9	186	74,4	34	65,4	$\chi^2 = 3,981$ $df = 3$ $p = .263$
Casado(a)	40	13,1	30	12	10	19,2	
Vive com Companheiro(a)	29	9,5	22	8,8	7	13,5	
Separado/Divorciado	13	4,2	12	4,8	1	1,9	
Missing data, sobre o "N" total	4	1,3	3	1,18	1	1,88	

6.1.1.5- Escolaridade

Dos 306 respondentes, 237 (77,5%) afirmaram ter Ensino Superior incompleto; 22 (7,2%) disseram ter completado o ensino médio destes sendo; 17 (5,6%) têm ensino superior completo; 16 (5,2%) fizeram pós-graduação; 6 (2%) têm ensino fundamental incompleto (1º ao 4º ano); 3 (1%) têm ensino fundamental incompleto (5º ao 8º ano); 2 (0,7%) têm o ensino fundamental completo e 1 (0,3%) tem o ensino médio incompleto.

Dentre os **EXPs** (N = 253), temos que: 206 (82,1%) afirmaram ter o ensino superior incompleto; 15 (6%) têm o ensino superior completo; 12 (4,8%) completaram o ensino médio; 10 (4%) têm pós-graduação; 5 (2%) não completaram o ensino fundamental compreendido do 1º ao 2º ano; 1 (0,4%) completou o ensino fundamental compreendido do 5º ao 8º ano e, 1 (0,4%) completou o ensino fundamental compreendido do 1º ao 8º ano; e 2 (0,8%) não deram a informação de escolaridade. Dentre os **NEXPs** (N = 53), 31 (58,6%) afirmam ter o ensino superior incompleto; 10 (18,9%) completaram o ensino médio; 6 (11,3%) têm uma pós-graduação; 2 (3,8%) completaram o ensino superior; 2 (3,8%) não completaram o ensino fundamental compreendido do 5º ao 8º ano; 1 (1,9%) não completou o ensino fundamental compreendido entre o 1º a o 4º ano; e 1 (1,9%) afirma ter completado o ensino fundamental compreendido entre o 1º a o 8º ano.

Encontrou-se diferença significativa no que diz respeito à escolaridade dos **EXPs** e dos **NEXPs** ($\chi^2 = 26,714$, $df = 7$, $p = .000$). A avaliação dos resíduos ajustados (ra) entre os **EXPs** e **NEXPs**, indicando diferença significativa ($ra > 2$) nos seguintes níveis de escolaridade: “ensino fundamental incompleto - 5º ano ao 8º ano” (**NEXPs**, $ra = 2,3$ e **EXPs**, $ra = -2,3$), “ensino médio completo” (**NEXPs**, $ra = 3,6$ e **EXPs**, $ra = -3,6$), “ensino superior incompleto” ((**NEXPs**, $ra = -3,8$ e **EXPs**, $ra = 3,8$) e “pós-graduação” (**NEXPs**, $ra = 2,2$ e **EXPs**, $ra = -2,2$).

Tabela 9 – Freqüências, percentuais e significância de dados demográficos: Escolaridade

ESCOLARIDADE							
	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)		Diferença
	N	%	N	%	N	%	EXPs vs. NEXPs
Ensino Fundamental Incompleto Incompleto (1º ao 4º ano)	6	2	5	2	1	1,9	$\chi^2 = 26,714$ $df = 7$ $p = .000$
Ensino Fundamental Incompleto Incompleto (5º ao 8º ano)	3	1	1	0,4	2	3,8	
Ensino Fundamental Completo (1º ao 8º ano)	2	0,7	1	0,4	1	1,9	
Ensino Médio Incompleto	1	0,3	1	0,4	0	0	
Ensino Médio Completo	22	7,2	12	4,8	10	18,9	
Ensino Superior Incompleto	237	78	206	82,1	31	58,5	
Ensino Superior Completo	17	5,6	15	6	2	3,8	
Pós-Graduação	16	5,2	10	4	6	11,3	
Missing Data, sobre o "N" total	2	0,7	2	0,8	0	0	

Tabela 10 – Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Escolaridade.

Escolaridade * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto (1o. ao 4o. ano)	Count	1	5	6
		% within GRUPOS	1,9%	2,0%	2,0%
		Adjusted Residual	-,1	,1	
	Ensino Fundamental Incompleto (5o. ao 8o. ano)	Count	2	1	3
		% within GRUPOS	3,8%	,4%	1,0%
		Adjusted Residual	2,3	-2,3	
	Ensino Fundamental Completo (1o. ao 8o. ano)	Count	1	1	2
		% within GRUPOS	1,9%	,4%	,7%
		Adjusted Residual	1,2	-1,2	
	Ensino Médio Incompleto	Count	0	1	1
		% within GRUPOS	,0%	,4%	,3%
		Adjusted Residual	-,5	,5	
	Ensino Médio Completo	Count	10	12	22
		% within GRUPOS	18,9%	4,8%	7,2%
		Adjusted Residual	3,6	-3,6	
	Ensino Superior Incompleto	Count	31	206	237
		% within GRUPOS	58,5%	82,1%	78,0%
		Adjusted Residual	-3,8	3,8	
	Ensino Superior Completo	Count	2	15	17
		% within GRUPOS	3,8%	6,0%	5,6%
		Adjusted Residual	-,6	,6	
	Pós-Graduação	Count	6	10	16
		% within GRUPOS	11,3%	4,0%	5,3%
		Adjusted Residual	2,2	-2,2	
Total		Count	53	251	304
		% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%

Do total de respondentes (N= 306), 256 disseram ser estudantes universitários (83,7%) e 50 não são estudantes (16,3%). Dentre os estudantes universitários, 94 respondentes cursavam Administração de Empresas, 60 cursavam Comunicação e Multimeios, 41 cursavam Direito, 23 cursavam Tecnologia e Mídias Digitais, 8 cursavam Fisioterapia, 3 cursavam Terapia Ocupacional, 2 cursavam Jornalismo, 1 cursava Enfermagem, 1 cursava Biblioteconomia, 1 cursava Conservação e Restauro; 1 cursava Artes Visuais, 1 cursava Ciências Políticas, 1 cursava Comunicação Social e 15 são alunos de pós-graduação, sendo 1 do curso de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde Pública, 9 mestrandos e 5 doutorandos. Quanto aos **EXPs** (N = 253), 222 são estudantes universitários (87,7%), dos quais 218 informaram seus cursos: 81 cursavam Administração de Empresas, 55 cursavam Comunicação e Multimeios, 35 cursavam Direito, 22 cursavam Tecnologia e Mídias Digitais, 8 cursavam Fisioterapia, 2 cursavam Terapia Ocupacional, 2 cursavam Jornalismo, 1 cursava Enfermagem, 1 cursava Biblioteconomia, 1 cursava Comunicação Social e 10 são alunos de pós-graduação, sendo 8 mestrandos e 2 doutorandos. No grupo dos **NEXPs** (N = 53), 36 são estudantes universitários (67,9%), dos quais 34 informaram seus cursos: 13 cursavam Administração de Empresas, 5 cursavam Comunicação e Multimeios, 6 cursavam Direito, 1 cursava Terapia Ocupacional, 1 cursava Artes Visuais, 1 cursava Ciências Políticas, 1 cursava Tecnologia e Mídias Digitais, 1 cursava Restauração e Restauro e 5 são alunos de pós-graduação, sendo 1 mestrando, 3 doutorandos, e 1 estudante de especialização em Enfermagem e Saúde Pública. Foi encontrada uma diferença significativa na frequência de estudantes universitários entre os grupos ($\chi^2 = 13,019$, $df = 1$, $p = .000$), o que era de se esperar devido ao fato de a amostra ser composta em sua

maioria por estudantes universitários. No entanto, a análise dos resíduos ajustados (*ra*) mostrou que o grupo de **EXPs** apresentou significativamente maior número de estudantes universitários (*ra* = 3,6) que o grupo de **NEXPs** (*ra* = -3,6).

Tabela 11 – Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Estudo

Estudantes e Não-estudantes							
	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)		Diferença
	N	%	N	%	N	%	EXPs vs. NEXPs
Estudantes	258	84,3	222	87,7	36	67,9	$\chi^2 = 13,019$ $df = 1$ $p = .000$
Não-Estudantes	58	15,7	31	12,3	17	32,1	

Tabela 12 – Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Estudo

Estudante * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Estudante	Não estudante universitário	Count	17	31	48
		% within GRUPOS	32,1%	12,3%	15,7%
		Adjusted Residual	3,6	-3,6	
Estudante universitário		Count	36	222	258
		% within GRUPOS	67,9%	87,7%	84,3%
		Adjusted Residual	-3,6	3,6	
Total		Count	53	253	306
		% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%

6.1.1.6- Trabalho e Renda Mensal

78% da amostra geral de respondentes trabalha (N = 238). 75% (N = 189) dos **EXPs** e 88,7% (N = 47) dos **NEXPs** afirmam trabalhar. Há respondentes que trabalham e estudam (62,29%, N = 190). **EXPs** (63,1%, N = 159) e **NEXPs** (58,5%, N = 31) realizam essas duas atividades. 17,73% (N = 17,73) dos

respondentes apenas trabalham. Dentre os grupos, 11,9% (N = 30) dos **EXPs** e 30,2% (N = 16) dos **NEXPs** apenas trabalham. 21,96% (N = 67) da amostra apenas estudam, enquadrando-se nessa categoria 24,2% dos **EXPs** (N = 61) e 7,5% dos **NEXPs** (N = 4). 1 respondente (0,39%), **EXPs**, não informou se trabalhava. Foi encontrada uma diferença significativa entre **EXPs** e **NEXPs** quanto ao quesito trabalho ($\chi^2 = 5,878$; $df = 1$; $p = 0,015$). A análise dos resíduos ajustados (*ra*) revelou que o número de **NEXPs** que trabalham é significativamente maior ($ra = 2,4$) que o número de **EXPs** que trabalham ($ra = -2,4$).

Tabela 13 – Frequências, percentuais e significância de dados demográficos: Trabalho.

Trabalho (e Estudo)							
	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)		Diferença
	N	%	N	%	N	%	EXPs vs. NEXPs
Trabalham	238	78	190	75,4	48	90,6	$\chi^2 = 5,878$ $df = 1$ $p = 0,015$
Não Trabalham	67	22	62	24,6	5	9,4	
Trabalham e Estudam	190	62,29	159	63,1	31	58,5	
Apenas Trabalham	48	17,73	31	12,3	17	32,1	
Apenas Estudam	67	21,96	62	24,6	5	9,4	
Missing Data, sobre o "N" total	1	0,3	1	0,3	0	0	

Tabela 14 – Direção do Efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Trabalho.

Trabalha * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Trabalha	Não	Count	5	62	67
		Adjusted Residual	-2,4	2,4	
	Sim	Count	48	190	238
		Adjusted Residual	2,4	-2,4	
Total		Count	53	252	305

52,3% (N = 158) dos respondentes diz se sustentar financeiramente, ao passo que 47,7% (N = 144) são sustentados pela família. 4 pessoas deixaram de dar essa informação (1,3%), 1 **NEXP** (2,27%) e 3 **EXPs** (1,14%). Os **EXPs** que se sustentam são em número de 124 (49,6%), enquanto que 34 (65,4%) dos **NEXPs** fazem essa afirmação. 18 **NEXPs** (34,6%) e 126 **EXPs** (50,4%) afirmaram ser sustentados pela família. Foi encontrada diferença significativa entre os grupos em relação a essa variável ($\chi^2 = 4,299$, $df = 1$, $p = .038$). A análise dos resíduos ajustados (ra) mostra que os **EXPs** são mais sustentados pela família ($ra = 2,1$) que os **NEXPs** ($ra = -2,1$), enquanto esses últimos são mais significativamente sustentados por si mesmos ($ra = 2,1$) que os primeiros ($ra = -2,1$).

Tabela 15 – Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Sustento

Quem Sustenta * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Quem Sustenta	Ela Mesma	Count	34	124	158
		% within GRUPOS	65,4%	49,6%	52,3%
		Adjusted Residual	2,1	-2,1	
	Família	Count	18	126	144
		% within GRUPOS	34,6%	50,4%	47,7%
		Adjusted Residual	-2,1	2,1	
Total	Count	52	250	302	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

A informação sobre a renda mensal dos respondentes ou renda mensal familiar, no caso de o respondente ser sustentado pela família, foi coletada por faixas de renda: até R\$ 207,00; entre R\$ 207,00 e R\$ 423,00; entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00; entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00; entre R\$ 1.669,00 e R\$ 2.803,00; entre R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00; entre R\$ 4.648,00 e 7.792,00; de R\$ 7.793,00 para mais. Somente após a aplicação do Q-PRP notou-se o erro na redação da

questão, que deveria ser “de valor X a valor Y” em vez de “entre o valor X e o valor Y”, uma vez que com a formulação feita os valores expressos ficam de fora da alternativa, a não ser no primeiro item (até R\$ 207,00). No entanto, como trata-se de valores aproximados, os respondentes aparentemente não tiveram dificuldade em responder essa questão, apesar de 18 respondentes (5,9% da amostra geral) não ter assinalado nenhuma das alternativas propostas. Parece ter sido uma escolha do(a) respondente não informar sua renda mensal pessoal ou familiar. Dentre os que forneceram a informação sobre a renda (N = 288, 94%): 0,3% tem renda de até R\$ 270,00; 3,1% têm renda entre R\$ 207,00 e R\$ 423,00; 16,3% têm renda entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00; 20,8% têm renda entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00; 19,4% têm renda entre R\$ 1.669,00 e R\$ 2.803,00; 14,6% têm renda entre R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00; 10,8% têm renda entre R\$ 4.648,00 e 7.792,00; 14,6% tem renda de R\$ 7.793,00 para mais. Quanto à distribuição da renda dentre os grupos, temos que, dos 241 (95,25%) **EXPs** que ofereceram essa informação, 1,4% (N = 3) têm renda de até R\$ 270,00; 4,6% (N = 11) têm renda entre R\$ 207,00 e R\$ 423,00; 13,7% (N = 33) têm renda entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00; 20,7% (N = 50) têm renda entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00; 19,1% (N = 46) têm renda entre R\$ 1.669,00 e R\$ 2.803,00; 14,1% (N = 34) têm renda entre R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00; 12% (N = 29) têm renda entre R\$ 4.648,00 e 7.792,00; 14,5% (N = 35) tem renda de R\$ 7.793,00 para mais. Dos 47 (88,67) **NEXPs** que deram a informação, 25,5% (N = 12) têm renda entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00; 19,1% (N = 9) têm renda entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00; 19,1% (N = 9) têm renda entre R\$ 1.669,00 e R\$ 2.803,00; 17% (N = 8) têm renda entre R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00; 4,3% (N = 2) têm renda entre R\$ 4.648,00 e 7.792,00; 14,9% (N =

7) têm renda de R\$ 7.793,00 para mais. Não foi encontrada diferença significativa de renda entre os grupos ($\chi^2 = 8,750$, $df = 7$, $p = .271$)

Tabela 16 – Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a Sustento

Renda Mensal * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Renda Mensal	Até R\$ 270,00	Count	0	3	3
		% within GRUPOS	,0%	1,2%	1,0%
		Adjusted Residual	-,8	,8	
	Entre R\$ 270,00 e R\$ 423,00	Count	0	11	11
		% within GRUPOS	,0%	4,6%	3,8%
		Adjusted Residual	-1,5	1,5	
	Entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00	Count	12	33	45
		% within GRUPOS	25,5%	13,7%	15,6%
		Adjusted Residual	2,0	-2,0	
	Entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00	Count	9	50	59
		% within GRUPOS	19,1%	20,7%	20,5%
		Adjusted Residual	-,2	,2	
	Entre R\$ 1.669,00 e R\$ 2.803,00	Count	9	46	55
		% within GRUPOS	19,1%	19,1%	19,1%
		Adjusted Residual	,0	,0	
	Entre R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00	Count	8	34	42
		% within GRUPOS	17,0%	14,1%	14,6%
		Adjusted Residual	,5	-,5	
Entre R\$ 4.648,00 e R\$ 7.792,00	Count	2	29	31	
	% within GRUPOS	4,3%	12,0%	10,8%	
	Adjusted Residual	-1,6	1,6		
De R\$ 7.793,00 para mais	Count	7	35	42	
	% within GRUPOS	14,9%	14,5%	14,6%	
	Adjusted Residual	,1	-,1		
Total	Count	47	241	288	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2. Crenças e práticas

6.1.2.1- Crença, adesão ou postura religiosas

“Crença ou adesão religiosa” comumente é um item considerado como pertencente às características demográficas de uma população ou de uma

amostra populacional. Nesta tese, no entanto, esse aspecto será considerado como componente do perfil dos respondentes no que se refere a suas crenças e práticas – considerando-se também sua postura religiosa – uma vez que essas variáveis têm se mostrado, em diferentes estudos, fortemente associadas às

Questão 8

Qual é sua crença / religião / posição religiosa ou não-religiosa? (Pode assinalar mais de uma alternativa, se for o caso.)

1. Católica Apostólica Romana
2. Judaica
3. Islâmica
4. Luterana
5. Calvinista
6. Metodista
7. Presbiteriana
8. Batista
9. Evangélica (Especifique a denominação:)
10. Umbanda
11. Candomblé
12. Uma outra religião de origem africana ou afro-brasileira (Especifique:.....)
13. Espiritismo Kardecista
14. Budista (Alguma tradição em especial? Especifique:...)
15. Alguma outra religião oriental (Especifique:.....)
16. Wicca
17. Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.
18. Sou agnóstico(a), ou seja, não pertencço a nenhuma religião, tenho dúvidas quanto à existência de um Ser Divino, mas não nego a possibilidade de sua existência.
19. Sou ateu/atéia.
20. Sou esotérico(a).
21. Outra, não apontada acima:.....

experiências extra-sensório-motoras ou psi (cf. Haraldsson e Houtkooper, 1991; Palmer, 1979).

Dos 306 participantes da pesquisa, 116 (37,9%) são católicos; 46 (15%) dizem não ser adeptos de nenhuma religião específica, mas crêem em Deus; 34 (11,1%) são evangélicos; 21 (6,9%) são espíritas kardecistas; 21 (6,9%) são agnósticos; 12 (3,9%) são ateus; 6 (2%) são judeus; 2 (0,7%) são batistas; 1 (0,3%) é mulçumano; 1 (0,3%) é presbiteriano; 1 (0,3%) é de uma religião oriental (*Perfect Liberty*), 1 (0,3%) é wiccano; 1 (0,3) é esotérico; 7 (2,3%) disseram ser

adeptos de outras religiões que não estavam listadas no Q-PRP; e 3 (1%) não responderam essa questão.

Dentre os 7 respondentes que assinalaram ter uma crença ou religião diferente das que constavam na questão 8 do Q-PRP: 1 é racionalista cristão; 1 é católico ortodoxo; 1 é daimista; 1 é xamânico; 1 é Testemunha de Jeová; 1 disse

que não tem religião, mas acredita em si e em sua vida; e 1 se auto-intituiu “Corinthiano Apostólico Romano”.

Foi dada aos respondentes a possibilidade de assinalar mais de uma alternativa no item relacionado à crença, adesão ou postura religiosa. Desta forma, 33 respondentes (10,8% dos 306 que compõem o total da amostra) assinalaram mais de uma alternativa, sendo que alguns chegaram a assinalar 4 delas em combinações muito interessantes. O dado mais expressivo com relação a esse fato é que desses 33 respondentes que assinalaram mais de uma alternativa, 10 respondentes (30,3%) disseram ser “católicos/espíritas kardecistas”. Além desses, 2 (6%) disseram ser católicos/budistas; 2 (6%) disseram ser “católicos/não adeptos de nenhuma religião específica apesar de crerem em Deus”; e 2 (6%) disseram ser espíritas kardecistas/não adeptos de nenhuma religião específica apesar de crerem em Deus. Outras “misturas” feitas por indivíduos também constituem combinações únicas, bem peculiares. Assim, dentre os 33 respondentes que assinalaram mais de uma alternativa encontra-se:

- 1 católico/estotérico
- 1 católico/racionalista cristão
- 1 católico/umbandista/espiritualista
- 1 católico/kardecista/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
- 1 católico/candomblecista/kardecista/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
- 1 kardecista/agnóstico
- 1 kardecista/ateu
- 1 kardecista/esotérico
- 1 evangélico/kardecista
- 1 espírita não específico/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
- 1 umbandista/esotérico
- 1 umbandista/kardecista/budista
- 1 umbandista/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus

- 1 judeu/candomblecista
- 1 budista/esotérico/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
- 1 esotérico/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
- 1 wiccano/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus

Observando os dados referentes a crença, adesão ou postura religiosas temos a seguinte tabela referente à freqüência e percentuais verificados na amostra geral (N= 306):

Tabela 17: Freqüências e percentuais referentes à crença, adesão e postura religiosa na amostra geral (N = 306).

		Crença Religiosa			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Católico	116	37,9	38,3	38,3
	Não adepto a nenhuma religião, mas com crença em Deus	46	15,0	15,2	53,5
	Evangélica	34	11,1	11,2	64,7
	Assinalou mais de uma alternativa	33	10,8	10,9	75,6
	Espiritismo Kardecista	21	6,9	6,9	82,5
	Agnóstico	21	6,9	6,9	89,4
	Ateu	12	3,9	4,0	93,4
	Outra	7	2,3	2,3	95,7
	Judaica	6	2,0	2,0	97,7
	Batista	2	,7	,7	98,3
	Islâmica	1	,3	,3	98,7
	Presbiteriana	1	,3	,3	99,0
	Religião Oriental	1	,3	,3	99,3
	Wicca	1	,3	,3	99,7
	Esotérico	1	,3	,3	100,0
	Total	303	99,0	100,0	
Missing	System	3	1,0		
Total		306	100,0		

Especificamente no grupo de **EXPs** (N = 253), 91 (36%) são católicos; 41 (16,2%) dizem não ser adeptos de nenhuma religião específica, mas crêem em Deus; 31 (0,4%) são evangélicos; 30 (11,9%) assinalaram mais de uma alternativa; 19 (7,5%) são espíritas kardecistas; 17 (6,7%) são agnósticos; 8

(3,2%) são ateus; 3 (1,2%) são judeus; 1 (0,4%) é muçulmano; 1 (0,4%) é presbiteriano; 1 (0,4%) é adepto de uma religião oriental (Perfect Liberty); 1 (0,4%) é wiccano; e 1 (0,4 %) é esotérico; e 5 (2%) disseram ser adeptos de outras religiões que não estavam listadas no questionário.

Observando os dados referentes a crença, adesão ou postura religiosas dos EXPs, obtém-se a seguinte tabela referente à frequência e percentuais verificados dentre os **EXPs** (N= 253):

Tabela 18: Frequências e percentuais referentes à crença, adesão e postura religiosa dentre os EXPs (N = 253).

		Crença Religiosa			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Católico	91	36,0	36,4	36,4
	Não adepto a nenhuma religião, mas com crença em Deus	41	16,2	16,4	52,8
	Evangélica	31	12,3	12,4	65,2
	Assinalou mais de uma alternativa	30	11,9	12,0	77,2
	Espiritismo Kardecista	19	7,5	7,6	84,8
	Agnóstico	17	6,7	6,8	91,6
	Ateu	8	3,2	3,2	94,8
	Outra	5	2,0	2,0	96,8
	Judaica	3	1,2	1,2	98,0
	Islâmica	1	,4	,4	98,4
	Presbiteriana	1	,4	,4	98,8
	Religião Oriental	1	,4	,4	99,2
	Wicca	1	,4	,4	99,6
	Esotérico	1	,4	,4	100,0
	Total	250	98,8	100,0	
Missing	System	3	1,2		
Total		253	100,0		

No grupo dos **NEXPs** (N = 53), por sua vez, há 25 (47,2%) católicos; 5 (9,4%) que dizem não ser adeptos de nenhuma religião específica, mas crêem em Deus; 4 (7,5%) agnósticos; 4 (7,5%) ateus; 3 (5,7%) judeus; 3 (5,7%) evangélicos;

2 (3,8%) batistas; 2 (3,8%) espíritas kardecistas; e 2 (3,8%) disseram ser adeptos de outras religiões que não estavam listadas no questionário.

Tabela 19: Frequências e percentuais referentes à crença, adesão e postura religiosa dentre os NEXPs (N = 53).

		Crença Religiosa			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Católico	25	47,2	47,2	47,2
	Não adepto a nenhuma religião, mas com crença em Deus	5	9,4	9,4	56,6
	Agnóstico	4	7,5	7,5	64,2
	Ateu	4	7,5	7,5	71,7
	Judaica	3	5,7	5,7	77,4
	Evangélica	3	5,7	5,7	83,0
	Assinalou mais de uma alternativa	3	5,7	5,7	88,7
	Batista	2	3,8	3,8	92,5
	Espiritismo Kardecista	2	3,8	3,8	96,2
	Outra	2	3,8	3,8	100,0
	Total	53	100,0	100,0	

6.1.2.2- Religiosidade

Dos 306 respondentes, 112 (36,6%) consideram-se um pouco religiosos; 108 (35,3%) consideram-se moderadamente religiosos; 52 (17%) consideram-se

Questão 9
Você se considera:
1. nem um pouco religioso(a)
2. um pouco religioso(a)
3. moderadamente religioso(a)
4. muito religioso(a)

nem um pouco religiosos; 32 (10,5%) consideram-se muito religiosos; e 2 (0,7%) não forneceram essa informação. Quanto às frequências e percentuais referentes

especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 42 (16,7%) dos **EXPs** e 10 (18,9%) dos **NEXPs** consideram-se “nem um pouco” religiosos; 96 (38,2%) dos **EXPs** e 16 (30,2%) e dos **NEXPs** consideram-se “um pouco”

religiosos; 85 (33,9%) dos **EXPs** e 23 (43,3%) dos **NEXPs** consideram-se “moderadamente” religiosos; 28 (11,2%) dos **EXPs** e 4 (7,5%) dos **NEXPs** consideram-se “muito” religiosos; e 2 (0,79%) dos **EXPs** não responderam essa questão. Não houve diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 2,548, df = 3, p = .467$).

Tabela 20: Direção do efeito das diferenças significantes entre “Crença, Adesão ou Postura Religiosas” e “Religiosidade” de EXPs e NEXPs.

Religiosidade * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Religiosidade	Nem um pouco religioso	Count	10	42	52
		% within GRUPOS	18,9%	16,7%	17,1%
		Adjusted Residual	,4	-,4	
	Um pouco religioso	Count	16	96	112
		% within GRUPOS	30,2%	38,2%	36,8%
		Adjusted Residual	-1,1	1,1	
	Moderadamente religioso	Count	23	85	108
		% within GRUPOS	43,4%	33,9%	35,5%
		Adjusted Residual	1,3	-1,3	
	Muito religioso	Count	4	28	32
		% within GRUPOS	7,5%	11,2%	10,5%
		Adjusted Residual	-,8	,8	
Total	Count	53	251	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2.3- Crença em percepção extra-sensorial

Em resposta à pergunta sobre a crença na existência de percepção extra-sensorial (ESP), dos 306 respondentes, 140 (45,8%) disseram crer na existência

Questão 10

Você acredita que a mente tem capacidade de captar informações de outras mentes e/ou do ambiente sem a utilização da visão, da audição, do tato, do paladar ou do olfato?

1. não 2. tenho dúvida 3. sim

de ESP; 92 (30,1%) disseram não acreditar; 72 (23,5%) disseram ter dúvida; e 2 (0,7%) não responderam essa questão. Quanto às frequências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N =

253) e **NEXPs** (N = 53), 124 (49,2%) dos **EXPs** e 16 (30,8%) dos **NEXPs**

disseram crer na existência da percepção extra-sensorial; 61 (24,2%) dos **EXPs** e 11 (21,2%) dos **NEXPs** disseram ter dúvida; **25 (48,1%) dos NEXPs e 67 (26,6%) dos EXPs disseram não crer**; e 1 (0,39%) dos **EXPs** e 1 (1,88%) dos **NEXPs** não responderam essa questão. Foi encontrada diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 9,929$, $df = 2$, $p = .007$). A análise dos resíduos ajustados (*ra*) aponta que **NEXPs** desacreditam mais em ESP (*ra* = 3.1) que os **EXPs** (*ra* = -3.1) e que **EXPs** acreditam mais em ESP (*ra* = 2.1) que os **NEXPs** (*ra* = -2.1).

Tabela 21: Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a crença em percepção extra-sensorial (ESP).

Crença em ESP * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Crença em ESP	Não	Count	25	67	92
		% within GRUPOS	48,1%	26,6%	30,3%
		Adjusted Residual	3,1	-3,1	
	Tenho Dúvida	Count	11	61	72
		% within GRUPOS	21,2%	24,2%	23,7%
		Adjusted Residual	-,5	,5	
	Sim	Count	16	124	140
		% within GRUPOS	30,8%	49,2%	46,1%
		Adjusted Residual	-2,4	2,4	
Total		Count	52	252	304
		% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%

6.1.2.4- Crença em psicocinesia

Questão 11

Você acredita no poder da mente sobre a matéria, ou seja, que a mente é capaz, por exemplo, de movimentar objetos sem que estes sejam tocados ou sem usar qualquer força física conhecida?

1. não 2. tenho dúvida 3. sim

Em resposta à pergunta sobre a crença na existência de psicocinesia (PK), dos 306 respondentes, 151 (49,3%); 77 (25,2%) disseram ter dúvida; 74 (24,2%) disseram acreditar; 4 (1,4%) não responderam essa

questão. Quanto às frequências e percentuais referentes especificamente aos

grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 66 (26,2%) dos **EXPs** e 8 (16%) dos **NEXPs** disseram crer na existência da psicocinesia; 71 (28,2%) dos **EXPs** e 6 (12%) dos **NEXPs** disseram ter dúvida; 115 (45,6%) dos **EXPs** e 36 (72%) dos **NEXPs** disseram não crer; e 1 (0,39%) dos **EXPs** e 3 (5,66%) dos **NEXPs** não responderam essa questão. Houve diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 11,850$, $df = 2$, $p = .003$). A análise dos resíduos ajustados (*ra*) aponta que **NEXPs** desacreditam mais em psicocinesia ($ra = 3.4$) que os **EXPs** ($ra = -3.4$) e que **EXPs** têm mais dúvidas sobre a existência da psicocinesia ($ra = 2.4$) que os **NEXPs** ($ra = -2.4$).

Tabela 22: Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a à crença na psicocinesia (PK).

Crença em PK * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Crença em PK	Não	Count	36	115	151
		% within GRUPOS	72,0%	45,6%	50,0%
		Adjusted Residual	3,4	-3,4	
	Tenho Dúvida	Count	6	71	77
		% within GRUPOS	12,0%	28,2%	25,5%
		Adjusted Residual	-2,4	2,4	
	Sim	Count	8	66	74
		% within GRUPOS	16,0%	26,2%	24,5%
		Adjusted Residual	-1,5	1,5	
Total	Count	50	252	302	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2.5- Crença em reencarnação

Questão 12
 Você acredita em reencarnação, ou seja, que é possível, depois da morte, voltar à vida terrena em um outro corpo?
 1. não 2. tenho dúvida 3. sim

Em resposta à pergunta sobre a crença na reencarnação, dos 306 respondentes, 117 (38,2%) disseram crer na reencarnação; 104 (34%) disseram não crer; 84 (27,5%) disseram ter dúvida; e apenas 1 (0,3%) não

respondeu essa questão. Quanto às freqüências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 109 (43,3%) dos **EXPs** e 8 (15,1%) dos **NEXPs** disseram crer na reencarnação; 64 (25,4%) dos **EXPs** e 20 (37,3%) dos **NEXPs** disseram ter dúvida; 79 (31,3%) dos **EXPs** e 25 (47,2%) dos **NEXPs** disseram não crer; e 1 (0,39%) dos **EXPs** não respondeu essa questão. Foi encontrada diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 14,687$, $df = 2$, $p = .001$). A análise dos resíduos ajustados (ra) aponta que **NEXPs** desacreditam mais na reencarnação ($ra = 2.2$) que os **EXPs** ($ra = -2.2$) enquanto os **EXPs** acreditam mais na reencarnação ($ra = 3.8$) que os **NEXPs** ($ra = -3.8$).

Tabela 23: Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a à crença na reencarnação.

Crença na Reencarnação * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Crença na Reencarnação	Não	Count	25	79	104
		% within GRUPOS	47,2%	31,3%	34,1%
		Adjusted Residual	2,2	-2,2	
	Tenho Dúvida	Count	20	64	84
		% within GRUPOS	37,7%	25,4%	27,5%
		Adjusted Residual	1,8	-1,8	
	Sim	Count	8	109	117
		% within GRUPOS	15,1%	43,3%	38,4%
		Adjusted Residual	-3,8	3,8	
Total	Count	53	252	305	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2.6- Crença na sobrevivência da alma ou do espírito

Em resposta à pergunta sobre a sobrevivência da alma ou do espírito, dos 306 respondentes, 103 (33,7%) responderam ser “possível”; 89 (29,1%), responderam ser “uma certeza”; 51 (16,7%) responderam ser “provável”; 16

Questão 17
 Você acredita que a sobrevivência da alma ou do espírito após a morte é:

1. impossível
2. improvável
3. possível
4. provável
5. uma certeza
6. Não tenho opinião a respeito disso.

(5,2%) responderam ser “improvável”; 15 (4,9%) responderam ser “impossível”; 17 (5,6%); 31 (10,1%) disseram não ter opinião a respeito; e 1 (0,3%) não respondeu essa questão. Quanto às frequências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), para 9 (3,6%) dos **EXPs** e 6 (11,5%) dos **NEXPs** a sobrevivência da alma ou do espírito é “impossível”; para 15 (5,9%) dos **EXPs** e 1 (1,9%) dos **NEXPs** é “improvável”; para 87 (34,4%) dos **EXPs** e 16 (30,8%) dos **NEXPs** é “possível”; para 43 (17%) dos **EXPs** e 8 (15,4%) dos **NEXPs** é “provável”; para 79 (31,2%) dos **EXPs** e 10 (19,2%) dos **NEXPs** é “uma certeza”; 20 (7,9%) dos **EXPs** e 11 (21,2%) dos **NEXPs** responderam não ter opinião a respeito disso; e 1 (1,88%) dos **NEXPs** não respondeu essa questão. Foi encontrada diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 16,716$, $df = 5$, $p = .005$). A análise dos resíduos ajustados (ra) aponta que **NEXPs** ($ra = 2.4$) significativamente mais que os **EXPs** ($ra = -2.4$) consideram a sobrevivência da alma ou do espírito como uma impossibilidade. **NEXPs**, ainda, pontuaram significativamente mais ($ra = 2,9$) no item “sem opinião” que os **EXPs**.

Tabela 24: Direção do efeito da significância das diferenças entre EXPs e NEXPs quanto a crença na sobrevivência da alma ou do espírito.

CrençanaSobrevivência17 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Crençana Sobrevivência17	Impossível	Count	6	9	15
		% within GRUPOS	11,5%	3,6%	4,9%
		Adjusted Residual	2,4	-2,4	
	Improvável	Count	1	15	16
		% within GRUPOS	1,9%	5,9%	5,2%
		Adjusted Residual	-1,2	1,2	
	Possível	Count	16	87	103
		% within GRUPOS	30,8%	34,4%	33,8%
		Adjusted Residual	-,5	,5	
	Provável	Count	8	43	51
		% within GRUPOS	15,4%	17,0%	16,7%
		Adjusted Residual	-,3	,3	
	Uma certeza	Count	10	79	89
		% within GRUPOS	19,2%	31,2%	29,2%
		Adjusted Residual	-1,7	1,7	
	Sem opinião	Count	11	20	31
		% within GRUPOS	21,2%	7,9%	10,2%
		Adjusted Residual	2,9	-2,9	
	Total	Count	52	253	305
		% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%

6.1.2.7- Crença em cristais, pêndulos, numerologia e astrologia

As respostas à pergunta sobre a crença em cristais, pêndulos, numerologia e astrologia, foram consideradas separadamente para cada um desses itens, uma vez que os respondentes poderiam assinalar mais de um dos itens apresentados. Dos 306 respondentes, 46 (15%) disseram acreditar no poder dos cristais; 33

Questão 13
Você acredita: (Pode assinalar mais de uma alternativa)
1. no poder dos cristais
2. no poder dos pêndulos
3. na numerologia
4. na astrologia
5. Não acredito em nada disso.

(10,8%) disseram acreditar no poder dos pêndulos; 58 (19%) disseram acreditar na numerologia; 95 (31%) disseram acreditar na astrologia; e 184 (60,1%) responderam não acreditar em nenhum dos itens da questão.

Deixaram de responder 6 participantes (0,3% da amostra geral). Quanto às frequências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 43 (17,3%) dos **EXPs** e 3 (5,8%) dos **NEXPs** disseram

acreditar no poder dos cristais; 32 (12,9%) dos **EXPs** e 1 (1,9%) dos **NEXPs** disseram acreditar no poder dos pêndulos; 52 (21%) dos **EXPs** e 6 (11,5%) dos **NEXPs** disseram acreditar na numerologia; 86 (34,7%) dos **EXPs** e 9 (17,3%) dos **NEXPs** disseram acreditar na astrologia; 144 (58,1%) dos **EXPs** e 41 (78,8%) dos **NEXPs** responderam não acreditar em nenhum dos itens da questão; e 6 (2,37%) dos **EXPs** e 1 (1,88%) dos **NEXPs** não responderam essa questão. Houve diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** para os seguintes itens da questão: crença nos cristais ($\chi^2 = 4,432$, $df = 1$, $p = .035$); crença nos pêndulos ($\chi^2 = 5,294$, $df = 1$, $p = .021$); crença na astrologia ($\chi^2 = 5,994$, $df = 1$, $p = .014$); e descrença nessas práticas ($\chi^2 = 7,854$, $df = 1$, $p = .005$). A análise dos resíduos ajustados (ra) demonstra que a crença nessas práticas é significativamente maior ($ra > 2$) entre os **EXPs**, a saber: crença nos cristais ($ra = 2,1$); crença nos pêndulos ($ra = 2,3$); crença na astrologia ($ra = 2,4$). Além disso, permitiu verificar que, como se esperaria por oposição, a descrença nessas práticas é significativamente maior entre os **NEXPs** ($ra = 2.8$).

Tabela 25: Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença nos cristais.

Crença nos Cristais * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Crença nos Cristais	Não	Count	49	205	254
		% within GRUPOS	94,2%	82,7%	84,7%
		Adjusted Residual	2,1	-2,1	
	Sim	Count	3	43	46
		% within GRUPOS	5,8%	17,3%	15,3%
		Adjusted Residual	-2,1	2,1	
Total	Count	52	248	300	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 26: Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença nos pêndulos.

CrençanosPêndulos13.2 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
CrençanosPêndulos13.2	Não	Count	51	216	267
		% within GRUPOS	98,1%	87,1%	89,0%
		Adjusted Residual	2,3	-2,3	
	Sim	Count	1	32	33
		% within GRUPOS	1,9%	12,9%	11,0%
		Adjusted Residual	-2,3	2,3	
Total	Count	52	248	300	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 27: Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença na numerologia.

CrençanaNumerologia13.3 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
CrençanaNumerologia13.3	Não	Count	46	196	242
		% within GRUPOS	88,5%	79,0%	80,7%
		Adjusted Residual	1,6	-1,6	
	Sim	Count	6	52	58
		% within GRUPOS	11,5%	21,0%	19,3%
		Adjusted Residual	-1,6	1,6	
Total	Count	52	248	300	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 28: Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à crença na astrologia.

CrençanaAstrologia13.4 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
CrençanaAstrologia13.4	Não	Count	43	162	205
		% within GRUPOS	82,7%	65,3%	68,3%
		Adjusted Residual	2,4	-2,4	
	Sim	Count	9	86	95
		% within GRUPOS	17,3%	34,7%	31,7%
		Adjusted Residual	-2,4	2,4	
Total	Count	52	248	300	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 29: Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à descrença em cristais, pêndulos, numerologia e astrologia.

DescrençaNessasPráticas13.5 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
DescrençaNessas Práticas13.5	Não	Count	11	104	115
		% within GRUPOS	21,2%	41,9%	38,3%
		Adjusted Residual	-2,8	2,8	
	Sim	Count	41	144	185
		% within GRUPOS	78,8%	58,1%	61,7%
		Adjusted Residual	2,8	-2,8	
Total	Count	52	248	300	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2.8- Prática de técnicas mentais

Questão 14
 Você já praticou/fez meditação transcendental ou zen, hipnose, yoga ou usou alguma outra técnica formal para "relaxar" a mente?
 1. não 2. sim

Em resposta à pergunta sobre o uso ou a prática de técnicas mentais (meditação, yoga qualquer outra técnica), dos 306 respondentes, 205 (67%) responderam "não"; 100 (32,7,2%)

responderam "sim"; 1 (0,3%) não respondeu essa questão. Quanto às frequências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 158 (67,7%) dos **EXPs** e 47 (88,7%) dos **NEXPs** responderam "não"; 94 (37,3%) dos **EXPs** e 6 (11,3%) dos **NEXPs** responderam "sim"; e 1 (0,39%) dos **EXPs** não respondeu essa questão. Houve diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 13,413$, $df = 1$, $p = .000$). A análise dos resíduos ajustados (*ra*) aponta que **EXPs** ($ra = 3,7$) significativamente mais os **NEXPs** ($ra = -3,7$) fizeram uso desse tipo de prática.

Tabela 30: Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à prática de técnicas mentais.

TécnicasMentais14 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
TécnicasMentais14	Não	Count	47	158	205
		% within GRUPOS	88,7%	62,7%	67,2%
		Adjusted Residual	3,7	-3,7	
	Sim	Count	6	94	100
		% within GRUPOS	11,3%	37,3%	32,8%
		Adjusted Residual	-3,7	3,7	
Total	Count	53	252	305	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2.9- Uso de drogas

Em resposta à pergunta sobre o uso de drogas ou remédios que tenham provocado um “aumento ou expansão” da consciência, dos 306 respondentes,

Questão 15
 Você já usou drogas ou remédios que tenha, provocado um “aumento ou expansão” de sua consciência?
 1. não 2. sim

224 (73,2%) responderam “não” ter usado drogas; 80 (26,1,2%) responderam “sim”; 2 (0,7%) não responderam essa questão. Quanto às frequências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 176 (57,9%) dos **EXPs** e 48 (90,6%) dos **NEXPs** negam ter usado drogas ou remédios que tenham provocado um “aumento ou expansão” da consciência; 75 (29,9%) dos **EXPs** e 5 (9,4%) dos **NEXPs** responderam a questão afirmativamente; e 2 (0,78%) dos **EXPs** não responderam essa questão. Foi encontrada uma diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 9,435$, $df = 1$, $p = .002$). A análise dos resíduos ajustados (ra) aponta que **EXPs** ($ra = 3.1$), significativamente mais que os **NEXPs** ($ra = -3,1$), fizeram uso dessas substâncias.

Tabela 31: Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto ao uso de drogas ou medicamentos que provocaram expansão da consciência.

UsodeDrogas15 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
UsodeDrogas15	Não	Count	48	176	224
		% within GRUPOS	90,6%	70,1%	73,7%
		Adjusted Residual	3,1	-3,1	
	Sim	Count	5	75	80
		% within GRUPOS	9,4%	29,9%	26,3%
		Adjusted Residual	-3,1	3,1	
Total	Count	53	251	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2.10- Ajuda de profissionais da área da saúde mental

Questão 16

Você já buscou ajuda para si mesmo ou se consultou com:

1. psicólogo
2. psiquiatra
3. psicanalista
4. Nunca busquei ajuda ou me consultei com algum desses profissionais.

Em resposta à pergunta sobre a busca de ajuda com profissionais da área da saúde mental, dos 306 respondentes, 196 (64,1%) responderam nunca ter consultado esse tipo de profissional; 64 (20,9%) responderam ter apenas consultado psicólogo; 8 (2,6%) apenas consultaram psicanalista; 6 (2%) apenas consultaram psiquiatra; 17 (5,6%) já consultaram psicólogo e psiquiatra; 3 (1%) já consultaram psicólogo e psicanalista; 6 (2%) já consultaram psicólogo, psicanalista e psiquiatra; 6 (2%) não responderam essa questão. Quanto às frequências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 53 (21,4%) dos **EXPs** e 11 (21,2%) dos **NEXPs** responderam ter apenas consultado psicólogo; 3 (1,2%) dos **EXPs** e 3 (5,8%) dos **NEXPs** apenas consultaram psiquiatra; 7 (2,8%) dos **EXPs** e 1 (1,9%) dos **NEXPs** apenas

consultaram psicanalista; 16 (6,5%) dos **EXPs** e 1 (1,9%) dos **NEXPs** consultaram psicólogo e psiquiatra; 3 (1,3%) dos **EXPs** e nenhum dos **NEXPs** consultaram psicólogo e psicanalista; 6 (2,4%) dos **EXPs** e nenhum dos **NEXPs** consultaram psicólogo, psicanalista e psiquiatra; e 5 (1,9%) dos **EXPs** e 1 (1,88%) dos **NEXPs** não responderam essa questão. Não houve diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** ($\chi^2 = 8,189$, $df = 6$, $p = .225$).

Tabela 32: Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a profissionais de saúde mental.

Consulta a Profissionais16 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Consulta a Profissionais16	Psicólogo	Count	11	53	64
		% within GRUPOS	21,2%	21,4%	21,3%
		Adjusted Residual	,0	,0	
	Psiquiatra	Count	3	3	6
		% within GRUPOS	5,8%	1,2%	2,0%
		Adjusted Residual	2,1	-2,1	
	Psicanalista	Count	1	7	8
		% within GRUPOS	1,9%	2,8%	2,7%
		Adjusted Residual	-,4	,4	
	Nunca consultei	Count	36	160	196
		% within GRUPOS	69,2%	64,5%	65,3%
		Adjusted Residual	,6	-,6	
	Psicólogo/Psiquiatra	Count	1	16	17
		% within GRUPOS	1,9%	6,5%	5,7%
Adjusted Residual		-1,3	1,3		
Psicólogo/Psicanalista	Count	0	3	3	
	% within GRUPOS	,0%	1,2%	1,0%	
	Adjusted Residual	-,8	,8		
Psicólogo/Psiquiatra/ Psicanalista	Count	0	6	6	
	% within GRUPOS	,0%	2,4%	2,0%	
	Adjusted Residual	-1,1	1,1		
Total	Count	52	248	300	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

6.1.2.11- Busca de Informação, Ajuda ou Aconselhamento

Questão 18

Com quais dos tipos de pessoas abaixo você já buscou seriamente informação, ajuda ou aconselhamento para si mesmo?
(Pode assinalar mais de uma alternativa.)

1. médium, clarividente ou "paranormal"
2. cartomante e/ou tarólogo(a)
3. astrólogo(a)
4. pessoa que realiza cura espiritual
5. quiromante (pessoa que faz leitura da mão)
6. jogador(a) de búzios
7. Outros. (Por favor, especifique:.....)
8. Nunca procurei informação, ajuda ou aconselhamento com nenhum dos tipos de pessoas listadas acima.

Na pergunta que indagava sobre o pedido de informação, ajuda ou aconselhamento a médiuns, cartomantes, astrólogos, curadores espirituais e jogadores de búzios, cada um dos itens foi considerado separadamente, uma vez que havia a possibilidade de assinalar mais de uma

alternativa. Dos 306 respondentes, 51 (16,7%) responderam ter consultado um médium, clarividente ou paranormal; 48 (15,7%) consultaram um(a) cartomante ou tarólogo(a); 25 (8,2%) consultaram um astrólogo(a); 29 (9,5%) consultaram uma pessoa que realiza cura espiritual; 15 (4,9%) consultaram um(a) quiromante;

18A) Quantas vezes você já consultou essa(s) pessoa(s)?

1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

18B) Alguma dessas informações, auxílios ou aconselhamento influenciou ou mudou alguma decisão importante que você tenha tomado em sua vida?

1. não 2. sim

18C) Em média, como você avaliaria sua(s) experiência(s) com essa(sP) pessoa(s)?

1. Muito proveitosas
2. Proveitosas de alguma forma
3. De nenhum valor
4. Prejudiciais
5. Muito prejudiciais

14 (4,6%) consultaram um(a) jogador(a) de búzios; 2 (0,7%) não responderam essa questão; e 36 (11,8%), citaram outras pessoas a quem pedem ajuda e aconselhamento, como padres, freiras, pastores, pessoas da própria família sendo que 1 dos respondentes curiosamente apontou o *Discovery Channel* como meio de ajuda e informação. Ainda dos 306 respondentes, 177 (57,8%) disseram

nunca ter consultado nenhum dos tipos de pessoas listados na questão e

tampouco apontaram outras pessoas que teriam sido consultadas. Dentre os 119 respondentes que buscaram informação, ajuda ou aconselhamento na modalidade tratada na questão, 75 (63%) disseram que esses auxílios influenciaram ou mudaram alguma decisão importante que tomaram em sua vida. Na avaliação sobre o quão proveitosas foram as experiências com as pessoas consultadas em busca de informação, ajuda ou aconselhamento, 34,4% classificaram-nas como “muito proveitosas”, 54,1% como “proveitosas de alguma forma”, 9,8% como “de nenhum valor”; 0,8% como “prejudiciais” e 0,8% como “muito prejudiciais”.

Quanto às freqüências e percentuais referentes especificamente aos grupos de **EXPs** (N = 253) e **NEXPs** (N = 53), 50 (19,8%) dos **EXPs** e 1 (1,9%) dos **NEXPs** responderam ter consultado um médium, clarividente ou paranormal; 56 (18,3%) dos **EXPs** e 2 (3,8%) dos **NEXPs** consultaram um(a) cartomante ou tarólogo(a); 24 (9,5%) dos **EXPs** e 1 (1,9%) dos **NEXPs** consultaram um astrólogo(a); 27 (10,7%) dos **EXPs** e 2 (3,8%) dos **NEXPs** consultaram uma pessoa que realiza cura espiritual; 15 (6%) dos **EXPs** e nenhum dos **NEXPs** consultaram um(a) quiromante; 14 (5,6%) dos **EXPs** e nenhum dos **NEXPs** consultaram um(a) jogador(a) de búzios; 1 (0,39%) dos **EXPs** e 1 (1,88%) dos **NEXPs** não responderam essa questão; e 31 (12,3%) dos **EXPs** e 5 (9,6%) dos **NEXPs** citaram outras pessoas a quem pedem ajuda e aconselhamento, como padres, freiras, pastores, pessoas da própria família sendo que 1 dos **EXPs** apontou o *Discovery Channel* como meio de ajuda e informação. Foi encontrada diferença significativa apenas entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** nos seguintes itens: “consulta a um médium, clarividente ou paranormal” ($\chi^2 = 9,912$, $df = 1$, $p = .005$) e “consulta a um(a) cartomante ou tarólogo(a)” ($\chi^2 = 6,730$,

$df = 1, p = .009$). Não houve significância estatística nos seguintes itens: “consulta a um astrólogo(a)” ($\chi^2 = 3,299, df = 1, p = .069$); “consulta a uma pessoa que realiza cura espiritual” ($\chi^2 = 2,356, df = 1, p = .125$); “consulta a um(a) quiromante” ($\chi^2 = 3,256, df = 1, p = .071$); “consulta a um(a) jogador(a) de búzios” ($\chi^2 = 3,028, df = 6, p = .082$); “consulta a outras pessoas a quem pedem ajuda e aconselhamento – tendo sido citados pelos respondentes: padres, freiras, pastores, benzedeiras, ‘leitores de aura’ e pessoas da própria família” ($\chi^2 = .298, df = 1, p = .585$). Nos itens em que foi encontrada significância, a análise dos resíduos ajustados (*ra*) demonstra que os **EXPs** apresentaram freqüência significativamente maior que os **NEXPs** em termos de consultas aos profissionais evocados: “consulta a um médium, clarividente ou paranormal” (**EXPs**, *ra* = 3.1; **NEXPs**, *ra* = -3.1) e “consulta a um(a) cartomante ou tarólogo(a)” (**EXPs**, *ra* = 2.6; **NEXPs**, *ra* = -2.6).

Tabela 33 - Freqüências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a médiuns e/ou paranormais.

ConsultouMédiumParanormal18.1 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
ConsultouMédium Paranormal18.1	Não	Count	51	202	253
		% within GRUPOS	98,1%	80,2%	83,2%
		Adjusted Residual	3,1	-3,1	
	Sim	Count	1	50	51
		% within GRUPOS	1,9%	19,8%	16,8%
		Adjusted Residual	-3,1	3,1	
Total	Count	52	252	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 34 - Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a cartomantes e/ou tarólogos.

ConsultouCartomanteTarólogo18.2 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
ConsultouCartomante Tarólogo18.2	Não	Count	50	206	256
		% within GRUPOS	96,2%	81,7%	84,2%
		Adjusted Residual	2,6	-2,6	
	Sim	Count	2	46	48
		% within GRUPOS	3,8%	18,3%	15,8%
		Adjusted Residual	-2,6	2,6	
Total	Count	52	252	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 35 - Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a astrólogos.

ConsultouAstrólogo18.3 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
ConsultouAstrólogo18.3	Não	Count	51	228	279
		% within GRUPOS	98,1%	90,5%	91,8%
		Adjusted Residual	1,8	-1,8	
	Sim	Count	1	24	25
		% within GRUPOS	1,9%	9,5%	8,2%
		Adjusted Residual	-1,8	1,8	
Total	Count	52	252	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 36 - Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a curadores espirituais.

ConsultouCuradorEspiritual18.4 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
ConsultouCurador Espiritual18.4	Não	Count	50	225	275
		% within GRUPOS	96,2%	89,3%	90,5%
		Adjusted Residual	1,5	-1,5	
	Sim	Count	2	27	29
		% within GRUPOS	3,8%	10,7%	9,5%
		Adjusted Residual	-1,5	1,5	
Total	Count	52	252	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 37 - Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a quiromantes.

ConsultouQuiromante18.5 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
ConsultouQuiromante18.5	Não	Count	52	237	289
		% within GRUPOS	100,0%	94,0%	95,1%
		Adjusted Residual	1,8	-1,8	
	Sim	Count	0	15	15
		% within GRUPOS	,0%	6,0%	4,9%
		Adjusted Residual	-1,8	1,8	
Total	Count	52	252	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 38 - Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consulta a jogadores de búzios.

ConsultouJogadorBúzios18.6 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
ConsultouJogadorBúzios18.6	Não	Count	52	238	290
		% within GRUPOS	100,0%	94,4%	95,4%
		Adjusted Residual	1,7	-1,7	
	Sim	Count	0	14	14
		% within GRUPOS	,0%	5,6%	4,6%
		Adjusted Residual	-1,7	1,7	
Total	Count	52	252	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela 39 - Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à consultas a outros não mencionados nas alternativas.

ConsultouOutros18.7 * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
ConsultouOutros18.7	Não	Count	47	221	268
		% within GRUPOS	90,4%	87,7%	88,2%
		Adjusted Residual	,5	-,5	
	Sim	Count	5	31	36
		% within GRUPOS	9,6%	12,3%	11,8%
		Adjusted Residual	-,5	,5	
Total	Count	52	252	304	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

Dos **EXPs** (N = 109) e **NEXPs** (N = 10) que buscaram informação, ajuda ou aconselhamento na modalidade tratada na questão, 66 (60,6%) dos **EXPs** e 9 (90%) dos **NEXPs** disseram que esses auxílios influenciaram ou mudaram alguma decisão importante que tomaram em sua vida. Na avaliação sobre o quão proveitosas foram as experiências com as pessoas consultadas em busca de informação, ajuda ou aconselhamento, 35 (31,3%) dos **EXPs** e 7 (70%) dos **NEXPs** classificaram-nas como “muito proveitosas”, 64 (57,1%) dos **EXPs** e 2 (20%) dos **NEXPs** como “proveitosas de alguma forma”, 11 (9,8%) dos **EXPs** e 1 (10%) dos **NEXPs** como “de nenhum valor”; 1 (0,9%) dos **EXPs** e nenhum dos **NEXPs** como “prejudiciais” e 1 (0,9%) dos **EXPs** e nenhum dos **NEXPs** como “muito prejudiciais”. Não houve diferença significativa nesse item ($\chi^2 = 6,542$, $df = 4$, $p = .163$).

Tabela 40 - Frequências, percentuais e direção do efeito para diferenças entre EXPs e NEXPs quanto à avaliação das consultas.

Avaliação das Consultas 18C * GRUPOS Crosstabulation

			GRUPOS		Total
			NEXPs	EXPs	
Avaliação das Consultas 18C	Muito proveitosas	Count	7	35	42
		% within GRUPOS	70,0%	31,3%	34,4%
		Adjusted Residual	2,5	-2,5	
	Proveitosas de alguma forma	Count	2	64	66
		% within GRUPOS	20,0%	57,1%	54,1%
		Adjusted Residual	-2,3	2,3	
	De nenhum valor	Count	1	11	12
		% within GRUPOS	10,0%	9,8%	9,8%
		Adjusted Residual	,0	,0	
	Prejudiciais	Count	0	1	1
		% within GRUPOS	,0%	,9%	,8%
		Adjusted Residual	-,3	,3	
	Muito prejudiciais	Count	0	1	1
		% within GRUPOS	,0%	,9%	,8%
		Adjusted Residual	-,3	,3	
Total	Count	10	112	122	
	% within GRUPOS	100,0%	100,0%	100,0%	

A seguir, na Tabela 41, são expostas as freqüências de consultas realizadas por aqueles respondentes que disseram ter buscado algum tipo de informação, ajuda ou aconselhamento com as pessoas mencionadas na questão ou com outros, acrescentados pelo respondente:

Tabela 41 – Crenças e práticas: Pedidos de informação, ajuda, aconselhamento

Quantas vezes	Respondentes (N = 306)		EXPs (N = 109)		NEXPs (N = 10)		Diferença EXPs vs. NEXPs
	N	%	N	%	N	%	
1	23	7,5	22	19,8	1	10	$\chi^2 = 5,180$ $df = 8$ $p = .738$
2	19	6,2	18	16,2	1	10	
3	20	6,5	18	16,2	2	20	
4	6	2,0	6	5,4	0	0	
5	7	2,3	7	6,3	0	0	
6	5	1,6	5	4,5	0	0	
7	1	0,3	1	0,9	0	0	
8	1	0,3	1	0,9	0	0	
9	39	12,7	33	29,7	6	60	

Não há diferença significativa entre os resultados obtidos para os **EXPs** e **NEXPs** no que diz respeito às freqüências apresentadas acima ($\chi^2 = 5,180$, $df = 8$, $p = .738$).

Ao final deste capítulo é apresentada a *Matriz de Associações Significantes entre Variáveis do Perfil dos EXPs* que apresenta as variáveis significantes encontradas internamente no grupo de **EXPs** (Tabela 72).

6.2. Experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor (psi)

Verificou-se que 82,7% da amostra (253 respondentes) relataram ter vivenciado pelo menos uma experiência extra-sensório-motora, sendo esse grupo de pessoas identificado pela sigla **EXPs**, significando “experenciadores de psi”.

Dos **EXPs**, 227 (74,2%) teve ao menos uma experiência de tipo extra-sensorial e 171 (55,9%) ao menos uma experiência de tipo extra-motora.

Tabela 42 – Freqüências e percentuais de respondentes que tiveram ao menos uma experiência de ESP.

Ao Menos 1 Experiência ESP

Teve Experiência?	Freqüência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Cumulativa
Não	79	25,8	25,8	25,8
Sim	227	74,2	74,2	100,0
Total	306	100,0	100,0	

Tabela 43 – Freqüências e percentuais de respondentes que tiveram ao menos uma experiência de PK.

Ao Menos 1 Experiência PK

Teve Experiência?	Freqüência	Porcentagem	Porcentagem Válida	Porcentagem Cumulativa
Não	135	44,1	44,1	44,1
Sim	171	55,9	55,9	100,0
Total	306	100,0	100,0	

Para facilitar a referência às experiências psi tratadas nesta pesquisa, doravante serão utilizadas expressões que resumem a descrição das vivências apontadas, descritas em cada uma das questões de 19 a 31 no Q-PRP, conforme consta no Quadro 1:

Quadro 1 – Expressões que resumem a descrição das experiências anômalas extra-sensório-motoras

Expressão	Experiência
Sonho ESP	Questão 19. Você já sonhou de modo bem claro e específico com algum fato ocorrido antes, durante ou depois do momento em que você estava sonhando, sem que você tivesse conhecimento do fato previamente ou não estivesse esperando que aquilo acontecesse?
ESP em Vigília (Fato)	Questão 20. Você já teve, enquanto acordado(a), um forte sentimento (intuição), impressão ou "visão" de que um fato inesperado tivesse acontecido, estava acontecendo ou iria acontecer e soube, mais tarde, que esse fato realmente aconteceu?
ESP em Vigília (Alguém/Algo)	Questão 21. Alguma vez, enquanto estava acordado(a), você já teve a nítida impressão de ver, ouvir ou ser tocado por alguém ou alguma coisa, sendo que essa impressão não parecia ser devida a nenhuma causa externa física ou "natural"? (Por favor, não inclua aqui experiências com figuras religiosas.) 21J) ...[que] trouxe uma informação importante, inesperada, que avisou você de algo ou auxiliou na resolução de algum problema?
ESP de Outros Consigo	Questão 22. Alguém já lhe contou que teve um sonho, "visão" ou intuição que parecia conter uma informação sobre um fato envolvendo <u> você </u> , sem que tal informação pudesse ter sido adquirida por alguma via "normal" ou convencional?
OBE com ESP	Questão 23. Você já teve alguma experiência em que você sentiu como se se deslocasse "para fora" ou "para longe" de seu corpo, isto é, sentiu que sua consciência ou que sua mente estava em algum lugar diferente de seu corpo físico? 23B) ...e nesses casos viajou para lugares distantes, viu ou ouviu o que estava acontecendo lá e depois, mais tarde, confirmou que essas informações correspondiam à realidade?
ESP de Local Assombrado	Questão 31. Você já esteve ou morou em alguma casa ou lugar que você acreditava ser "assombrado"... 31A) Nesse lugar ou casa você viu um vulto ou fantasma, ouviu ruídos ou vozes que lhe trouxessem alguma informação que pudesse se referir ao passado daquele lugar?
PK com Objetos	Questão 24. Você já presenciou algum objeto se mover "sozinho" e/ou se quebrar sem que fosse possível descobrir algum meio natural ou físico responsável pelo movimento ou pela quebra?
PK com Luz Elétrica/Aparelhos	Questão 25. Você já presenciou luzes se acenderem e/ou se apagarem repetidamente ou aparelhos elétricos se ligarem sozinhos, ou pararem de funcionar, de forma "misteriosa", sem que aparentemente houvesse algum problema com esses aparelhos ou com a energia elétrica no local?
PK com Água	Questão 26. Você já presenciou o aparecimento de água em um local sem que fosse encontrado algum vazamento ou alguém que fosse responsável pela origem daquela água?
PK com Fogo	Questão 27. Você já presenciou o aparecimento de fogo (pequenos incêndios) sem que aparentemente alguém tivesse ateado fogo no local ou sem que o fogo tivesse sido gerado por algum problema elétrico?
PK com Pedra	Questão 28. Você já presenciou tijolos ou pedras caindo ou que apareceram dentro de um local fechado (casa, apartamento, escritório, escola, igreja etc.) sem que aparentemente alguém tivesse atirado esse material para dentro do local
PK com Dejetos	Questão 29. Você já presenciou o aparecimento de dejetos (fezes, lixo) ou terra em mantimentos e/ou comida preparada, e/ou infestação repentina de insetos sem que se pudesse encontrar um motivo normal para essa ocorrência ou alguém que fosse responsável por isso?
PK com Ar/Temperatura	Questão 30. Você já sentiu correntes de ar (vento) e/ou quedas repentinas de temperatura dentro de um local onde não houvesse nenhuma janela ou porta aberta nem sistema de ar ou ventilação que pudessem causá-las?

Note-se que as questões 21, 23 e 31 referem-se a experiências que podem ou não conter um componente psi. Só foram considerados como **EXPs** dessas

vivências os respondentes que tiveram, em vigília, a experiência alucinatória de ver, ouvir ou ser tocadas por algo ou alguém que lhe trouxe informação relevante⁷³ (questão 21, item 21J), experiências fora-do-corpo (OBE, do inglês *out-of-body experience*) que envolveram a obtenção de uma informação de modo anômalo (questão 23, item 23B) e quando, ao vivenciar a experiência de estar em um local considerado assombrado, ocorreu aquisição de informação por vias anômalas sobre esse lugar (questão 31, item 31A).

A questão 22 refere-se à experiência de o respondente ter servido como alvo ou objeto da experiência psi de alguma outra pessoa. Não foram considerados como **EXPs** pessoas que somente apontaram esse tipo de vivência. Há que se lembrar, contudo, que considerando a possibilidade de real existência de percepção extra-sensorial, não está claro se em um evento extra-sensorial de tipo telepático (contato entre duas mentes) a informação é “transmitida” ou “obtida”, ou seja, se o “agente psi” é a pessoa que obtém a informação por via extra-sensorial ou se o “agente psi” é a pessoa que transmitiria uma informação à outra por via extra-sensorial. Uma vez que esta tese enfoca experiências extra-sensório-motoras enquanto fatos psíquicos, ou seja, enquanto experiência vivenciada e interpretada como psi, o fato de servir de conteúdo ou como alvo na situação descrita na questão 22 (“Alguém já lhe contou que teve um sonho, “visão” ou intuição que parecia conter uma informação sobre um fato envolvendo você, sem que tal informação pudesse ter sido adquirida por alguma via “normal” ou convencional?”) não foi considerada no cômputo geral como experiência psi do respondente que a apontou no momento de se verificar a frequência de **EXPs** na

⁷³A questão 21 reproduz a pergunta feita por Henry e Eleonor Sidgwick, Johnson e Myers para a coleta de dados do *Census of Hallucinations*, cujo resultado foi publicado em 1894 no *Proceedings of the Society for Psychical Research*.

amostra. No entanto, essa questão serve para verificar a dimensão social e a influências de experiências psi nas crenças e atitudes, tópicos que serão abordados mais adiante, sendo essa questão considerada em separado para aqueles que só assinalaram afirmativamente esse tópico.

A Tabela 44 apresenta as porcentagens de respostas afirmativas dos **EXPs** para as indagações a respeito de vivência de experiências psi de tipo extra-sensorial (percepção extra-sensorial ou ESP, do inglês *extrasensory perception*) e de tipo extra-motor (psicocinesia ou PK, do inglês *psychokinesis*) e suas respectivas freqüências (entre 1 e 9 vezes ou mais):

Tabela 44: Freqüências e porcentagens das experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor dos respondentes.

Experiências Anômalas relacionadas a Psi (extra-sensório-motoras)		EXPs (N=253)	Freqüência das Experiências								
			1	2	3	4	5	6	7	8	9 ou mais
ESP	Sonho ESP	181 (71,5%)	20	20	32	22	16	8	2	2	59
	ESP em Vigília (Fato)	153 (60,5%)	21	25	17	15	16	4	0	2	53
	ESP em Vigília (Alguém/Algo)	46 (18,2%)	12	10	6	4	0	1	2	0	11
	ESP de Outros Consigo	96 (37,9%)	28	25	12	12	3	3	1	0	12
	OBE com ESP	47 (18,6)	14	14	7	1	4	0	0	1	6
	ESP de Local Assombrado	46 (7,5%)	*	*	*	*	*	*	*	*	*
PK	PK com Objetos	62 (24,5%)	22	17	10	6	1	1	1	0	4
	PK com Luz Elétrica e Aparelhos	70 (27,7%)	14	18	7	6	3	3	0	0	19
	PK com Água	9 (3,6%)	5	1	1	1	0	0	0	0	1
	PK com Fogo	2 (0,8%)	1	0	0	0	0	0	0	0	1
	PK com Pedra	11 (4,3%)	7	1	0	0	0	0	0	0	3
	PK com Dejetos	12 (4,7%)	4	2	2	1	0	0	1	1	1
	PK com Ar/Temperatura	101 (39,9%)	6	19	16	9	8	5	1	1	36

* Não foi indagada a freqüência de **ESP em Local Assombrado** no Q-PRP.

Vale observar também, a diferença entre a frequência de experiências psi de respondentes religiosos e respondentes não religiosos exposta na tabela abaixo. Esses dados serão discutidos posteriormente no Capítulo 7:

Tabela 45: Significância da diferença de frequências experiências psi vivenciadas por respondentes religiosos e não religiosos.

Experiências Anômalas relacionadas a Psi (extra-sensório-motoras)		Valores de p	Frequência de Experiências (% do total de respondentes para cada questão)	
			Não Religiosos	Religiosos
E S P	Sonho ESP	.012	13 (4,3%) N= 302	167 (55,3%) N = 302
	ESP em Vigília (Fato)	.436	15 (5%) N = 299	140 (46,8%) N = 299
	ESP em Vigília (Alguém/Algo)	.215	11 (3,7%) N = 300	123 (42%) N = 300
	ESP de Outros Consigo	.192	96 (31,78%) N = 302	8 (2,64%) N = 302
	OBE com ESP	.710	2 (0,65%) N = 47	45 (14,7%) N = 47
	ESP de Local Assombrado	.442	7 (10,60%) N = 66	38 (57,57%) N = 66
P K	PK com Objetos	.098	3 (0,99%) N = 301	57 (1,89%) N = 301
	PK com Luz Elétrica e Aparelhos	.075	7 (2,34%) N = 298	64 (21,47%) N = 298
	PK com Água	.282	0 (0%) N = 298	9 (3,02%) N = 298
	PK com Fogo	.537	0 (0%) N = 295	3 (1,01%) N = 295
	PK com Pedra	.213	0 (0%) N = 299	12 (4,01%) N = 299
	PK com Dejetos	.214	0 (0%) N = 300	12 (4%) N = 300
	PK com Ar/Temperatura	.225	8 (2,6%) N = 300	93 (31%) N = 300

A seguir são expostos os dados referentes às vivências relacionadas a psi apontadas pelos respondentes. Para isto, optou-se por separar as informações em itens que correspondem mais especificamente a três dos objetivos específicos deste trabalho. Primeiramente enfocando apenas o grupo de **EXPs**, são expostos os seguintes tópicos: a dimensão social das experiências psi; o conteúdo e o

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

(c) Verificar o conteúdo das experiências extra-sensório-motoras e sua dimensão social.

(d) Verificar as causa(s) às quais os experienciadores atribuem a suas experiências psi e sua possível associação às crenças religiosas desses experienciadores, ao enfrentamento e às atitudes com relação a psi.

(e) Verificar a relevância (impacto social) das experiências psi para as pessoas que as vivenciam, especialmente no que diz respeito a suas crenças, mudanças de atitudes e práticas religiosas.

“formato” das experiências vivenciadas; o compartilhamento das experiências; a influência da religião para lidar com as experiências extra-sensório-motoras; a influência das experiências psi no que diz respeito à influência e mudanças de crenças e atitudes; a influência das experiências psi nas tomadas de decisão; e a atribuição de causalidade para as

experiências psi. Posteriormente são verificados o interesse de **EXPs** e **NEXPs** por psi e os sentimentos (como medo, por exemplo) e as opiniões de cada um dos dois grupos sobre as experiências extra-sensório-motoras e sobre as pessoas que as vivenciam.

6.2.1- Dimensão social das experiências psi

Por dimensão social das experiências psi entende-se o envolvimento dos **EXPs** e de seu grupo social em vivências extra-sensório-motoras. Considerando essa característica, verificou-se que dos **EXPs** (N = 253):

- 142 (56,1%) tiveram **Sonho ESP** com algum membro da família, sendo que em 75,6% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 130 (51,3%) tiveram **Sonho ESP** com amigo, sendo que em 73,8% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 102 (40,3%) tiveram **Sonho ESP** com algum conhecido, sendo que em 63,7% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 84 (33,2%) tiveram **Sonho ESP** com algum desconhecido, sendo que em 73,8% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;

- 104 (41,1%) tiveram **ESP em Vigília (Fato)** com algum membro da família, sendo que em 80,8% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 108 (42,7%) tiveram **ESP em Vigília (Fato)** com amigo, sendo que em 71,3% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 60 (23,7%) tiveram **ESP em Vigília (Fato)** com algum conhecido, sendo que em 71,7% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 54 (21,3%) tiveram **ESP em Vigília (Fato)** com algum desconhecido, sendo que em 75,9% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 50 (19,8%) tiveram **ESP em Vigília (Alguém/Algo)** com algum membro da família, sendo que em 68% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 34 (13,4%) tiveram **ESP em Vigília (Alguém/Algo)** com amigo, sendo que em 64,7% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 28 (11,1%) tiveram **ESP em Vigília (Alguém/Algo)** com algum conhecido, sendo que em 75% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 65 (25,7%) tiveram **ESP em Vigília (Alguém/Algo)** com algum desconhecido, sendo que em 78,5% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez;
- 71 (28,1%) tiveram **ESP em Vigília (Alguém/Algo)** com alguém que já havia morrido, sendo que em 67,7% desses casos, isto ocorreu mais de uma vez.

Vale mencionar que apesar de não ter servido como fator de inclusão do respondente no grupo de **EXPs**, a experiência abordada na questão 22 relacionada a **ESP de Outros Consigo** tem uma dimensão social, uma vez que diz respeito à experiência psi de alguém que se referia ao respondente. Foram, desta forma, observadas as seguintes frequências e porcentagens para a questão 22, considerando o grupo de **EXPs** e **NEXPs**:

- 64 (25,3%) dos **EXPs** e 1 (1,9%) dos **NEXPs** que relataram **ESP de Outros Consigo** por parte de algum membro da família, sendo que para 67% dos **EXPs** e 100% dos **NEXPs** que tiveram tal experiência isto ocorreu mais de uma vez;
- 60 (23,7%) dos **EXPs** e 4 (7,5%) dos **NEXPs** relataram **ESP de Outros Consigo** por parte de um amigo, sendo que para 58,3% dos **EXPs** e 75% dos **NEXPs** que tiveram tal experiência isto ocorreu mais de uma vez;

- 23 (9,1%) dos **EXPs** e 2 (3,8%) dos **NEXPs** relataram **ESP de Outros Consigo** por parte de algum conhecido, sendo que para 60,9% dos **EXPs** que tiveram tal experiência e para nenhum dos **NEXPs** isto ocorreu mais de uma vez.

Ainda no que tange à dimensão social das experiências psi, verificou-se por meio da questão 33, nos itens 33.1, 33.2 e 33.3, que as vivências não tiveram apenas um caráter subjetivo, mas efetivamente propiciaram uma intervenção importante na vida cotidiana. Assim, dos 306 respondentes, 24 (9,5%) assinalaram: “Livrei-me de um problema, fui salvo(a) ou poderia ter sido salvo(a) de um acontecimento sério ou trágico como de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte porque uma pessoa disse ter tido um “aviso” (pressentimento, sonho, visão ou intuição) e me alertou sobre algo que aconteceria comigo” (cf. Q-PRP, item 33.2). Considerando os **EXPs** (N = 253), 38 (15%) assinalaram que “Alguma(s) das experiências pessoais que indiquei nesta pesquisa me “salvou”/“salvaram” [ou poderia(m) ter-me salvado] de um acontecimento sério ou trágico como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte” (cf. Q-PRP, item 33.1); e 23 (9,1%) assinalaram que “Alguma(s) das minhas próprias experiências indicadas nesta pesquisa “salvou”/“salvaram” outra(s) pessoa(s) [ou poderia(m) tê-la(s) salvado] de um acontecimento sério ou trágico, como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte, ou ajudou a evitar algum outro tipo de problema” (cf. Q-PRP, item 33.3).

6.2.2- Conteúdo e “formato” das experiências vivenciadas

Quanto ao conteúdo, verificou-se que as experiências:

- envolveram fatos trágicos (exs.: acidentes e mortes), como apontado por:
 - 112 respondentes (44,3%) dos **EXPs**, 61,53% dos que tiveram **Sonho ESP**, N = 182);
 - 81 respondentes (32%) dos **EXPs**, 51,26% dos que tiveram **ESP em Vigília com Fato**, N = 158);
 - 36 respondentes (14,2% dos **EXPs**, 36,36% dos que souberam de **ESP de Outros Consigo**, N = 99).

- envolveram coisas positivas (exs.: notícias boas), como apontado por:
 - 134 respondentes (53% dos **EXPs**; 73,62% dos que tiveram **Sonho ESP**, N = 182);
 - 102 respondentes (40,3% dos **EXPs**; 64,55% que tiveram **ESP em Vigília com Fato**, N = 158);
 - 64 respondentes (25,3% dos **EXPs**; 64,64% que souberam de **ESP de Outros Consigo**, N = 99).

Verificou-se ainda que quanto ao conteúdo da experiência de **OBE com ESP** (questão 23, item 23B), como já comentado anteriormente, 47 respondentes (18,6% dos **EXPs**, N = 253) referiram-se à informação da aparência e do que ocorria em locais distantes para os quais os **EXPs** sentiram ter se deslocado durante a vivência, sendo que essas informações foram confirmadas posteriormente. De modo semelhante, na experiência de **ESP de Local Assombrado** (questão 31, item 31A), 46 respondentes (18,2% dos **EXPs**, N = 253) apontaram que o conteúdo da experiência se referiu a informações do passado daquele lugar “comunicadas” por fantasmas, vultos ou ruídos percebidos.

Quanto ao “formato” das experiências, dentre os **EXPs** (N = 253), 166 (65,6%) disseram que seus **Sonhos ESP** pareceriam ser realidade,

diferentemente de outros sonhos comuns (questão 19, item 19D); 90 (35,6%) disseram que em sua experiência **ESP em Vigília com um Fato** viram algo em vez de só terem tido uma forte impressão ou sensação de que algo havia ocorrido (questão 20, item 20B); em sua experiência **ESP em Vigília com Alguém/Algo**, 78 (30,8%) disseram que viram algo, 88 (34,8%) disseram que ouviram alguma coisa e 90 (35,6%) sentiram ser tocados por algo ou alguém (questão 21, itens 21B, 21C e 21D, respectivamente). Ainda dentre os **EXPs** (N = 253), 9 (3,6%) disseram que em suas experiências de **PK com Pedras**, pedras ou tijolos caíam ou surgiam dentro do local da ocorrência sem danificar o telhado (questão 28, item 28D).

6.2.3- Compartilhamento das experiências

Neste item são apresentados dados referentes à socialização das experiências, ou seja, a narração das vivências psi por parte de seus experienciadores. Deste modo, dos **EXPs** (N = 253), 125 (49,4%) contaram a alguém seu **Sonho ESP** antes de saber por vias normais que o fato ao qual o sonho se referia tinha realmente ocorrido – o que transforma o ouvinte do relato numa espécie de testemunha de um evento fortemente sugestivo da ocorrência de uma anomalia; 108 (42,7%) contaram a alguém sobre sua experiência de **ESP em Vigília com Alguém/Algo**; e 136 (53,8%) indicaram gostar de comentar com amigos ou familiares sobre suas experiências psi.

Tendo em vista que algumas pesquisas apontam uma associação entre o “compartilhamento das experiências” e a variável “gênero” – demonstrando que em suas amostras as mulheres tendem a narrar suas experiências psi mais que

os homens (Palmer, 1979; Rhine, 1965), foi feito o entrecruzamento dessas variáveis com os dados coletados para esta pesquisa. Foi encontrada diferença significativa entre homens e mulheres quanto a gostar de comentar suas experiências com amigos e familiares ($\chi^2 = 4,831$, $df = 1$, $p = .028$). A análise dos resíduos ajustados (ra) indica que as mulheres gostam de comentar com amigos ou familiares suas experiências psi significativamente mais ($ra = 2,2$) que os homens ($ra = -2,2$).

Tabela 46 – Frequências, percentuais e direção do efeito para a associação entre gênero e compartilhamento de experiências psi.

R32.1 * Gênero Crosstabulation

			Gênero		Total
			Mulheres	Homens	
R32.1	Não	Count	54	61	115
		% within Gênero	40,0%	54,0%	46,4%
		Adjusted Residual	-2,2	2,2	
	Sim	Count	81	52	133
		% within Gênero	60,0%	46,0%	53,6%
		Adjusted Residual	2,2	-2,2	
Total	Count	135	113	248	
	% within Gênero	100,0%	100,0%	100,0%	

R32.1 = “Gosto de comentar com amigos(as) e/ou familiares sobre as minhas experiências indicadas neste questionário.” (Q-PRP, questão 32, item 1)

6.2.4- Influência da religião para lidar com as experiências psi

Dentre os **EXPs** (N = 253), 51 (20,2%) indicaram que “A religião tem me ajudado a lidar com essas experiências [psi] e a entendê-las” (cf. Q-PRP, questão 32, item 32.8). Ao cruzar esse dado com a variável “crença, adesão ou postura religiosas”, encontramos diferença significativa: membros de religiões distintas consideraram diferentemente a importância da religião para lidar com suas experiências psi ($\chi^2 = 63,525$, $df = 13$, $p = .000$). Significativamente mais católicos ($ra = -2,5$) e “não adeptos a nenhuma religião, mas com crença em Deus” ($ra = -$

3,1) não consideram que a religião os ajude a lidar com suas experiências psi. Por outro lado, significativamente mais evangélicos ($ra = 2,7$) dentre aqueles que assinalaram ter outra religião que não as listadas nesse item ($ra = 2,2$) e especialmente mais espíritas kardecistas ($ra = 5,4$) consideram que a religião os ajuda a lidar com suas experiências extra-sensório-motoras, como se pode ver na tabela:

Tabela 47: Significância quanto à influência da religião para lidar com as experiências psi.

Crença Religiosa * R32.8 Crosstabulation

			R32.8		Total
			Não	Sim	
Crença Religiosa	Católico	Count	80	11	91
		Adjusted Residual	2,5	-2,5	
	Judaica	Count	2	1	3
		Adjusted Residual	-,6	,6	
	Islâmica	Count	1	0	1
		Adjusted Residual	,5	-,5	
	Presbiteriana	Count	0	1	1
		Adjusted Residual	-2,0	2,0	
	Evangélica	Count	19	12	31
		Adjusted Residual	-2,7	2,7	
	Espiritismo Kardecista	Count	6	13	19
		Adjusted Residual	-5,4	5,4	
	Religião Oriental	Count	1	0	1
		Adjusted Residual	,5	-,5	
	Wicca	Count	0	1	1
		Adjusted Residual	-2,0	2,0	
	Não adepto a nenhuma religião, mas com	Count	40	1	41
		Adjusted Residual	3,1	-3,1	
	Agnóstico	Count	16	1	17
		Adjusted Residual	1,5	-1,5	
	Ateu	Count	8	0	8
		Adjusted Residual	1,5	-1,5	
	Esotérico	Count	1	0	1
		Adjusted Residual	,5	-,5	
	Outra	Count	2	3	5
		Adjusted Residual	-2,2	2,2	
	Assinalou mais de uma alternativa	Count	23	7	30
		Adjusted Residual	-,4	,4	
Total		Count	199	51	250

6.2.5- Experiências psi e mudanças de crença e de atitude

Na pesquisa realizada, os respondentes apontaram mudanças de crença e de atitude especialmente em termos religiosos e sociais – o que se reflete na adoção de práticas, por exemplo – por causa das experiências psi vivenciadas e apontadas no Q-PRP ou por causa de experiências psi com as quais tiveram contato (como ocorre na experiência descrita na questão 22, por exemplo, comentada anteriormente). De acordo com os dados coletados:

- Dentre os **NEXPs** de um modo geral (N = 53), 2 (3,8%) indicaram “Nunca vivenciei experiências/fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos em impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças religiosas” (cf. Q-PRP, questão 32, item 32.14);

Tabela 48: Frequência e percentual de NEXPs (N = 53) que foram influenciados em suas crenças religiosas por causa das experiências psi de terceiros.

R32.14

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	51	96,2	96,2	96,2
	Sim	2	3,8	3,8	100,0
	Total	53	100,0	100,0	

- 15 (5,9%) dos **EXPs** (N = 253) responderam que mudaram de religião por causa de suas experiências psi (item 33.5);
- Nenhum dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 do total de 53) mudaram de religião por saberem da experiência psi de outra pessoa consigo (item 33.5).

Dentre os 15 **EXPs** que disseram ter mudado de religião ou postura religiosa por causa de suas experiências anômalas extra-sensório-motoras há:

- 4 que eram católicos e se tornaram espíritas;
- 3 que eram católicos e se tornaram evangélicos;
- 1 que era católico e se tornou racionalista cristão;
- 1 que era católico se tornou wiccano;
- 1 que era católico e se tornou adepto do Movimento Gnóstico Cristão Universal;
- 1 que era católico passou a acreditar em outras religiões;
- 1 que era adventista e se tornou espírita;
- 1 que era evangélico e deixou de ter religião;
- 1 que era cético e passou a considerar a natureza como uma religião.
- 1 não informou qual era sua religião anterior, mas atualmente é evangélico.

Ainda, de acordo com os dados coletados:

- 6 (2,27%) dos **EXPs** (N = 253) não tinham religião e, por causa de suas experiências psi, adotaram uma (item 33.6);
- Nenhum dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 do total de 53) adotou uma religião por saberem da experiência psi de outra pessoa consigo (item 33.6).

Dentre os 6 **EXPs** que disseram ter mudado de religião ou postura religiosa por causa de experiências anômalas extra-sensório-motoras há:

- 1 que adotou a religião Católica Apostólica Profética;
- 1 que se tornou daimista (Santo Daime);
- 1 que se tornou espírita;
- 1 que passou a ser simpatizante da Umbanda;
- 1 que se tornou evangélico;
- 1 que se tornou católico.

Tabela 49: Frequência e percentual daqueles que adotaram uma religião por causa de experiências psi.

ESPdosOutrosConsigo22 * R33.6 * GRUPOS Crosstabulation

GRUPOS				R33.6		Total
				Não	Sim	
NEXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	45	1	46
			% within R33.6	88,2%	100,0%	88,5%
	Sim	Count	6	0	6	
		% within R33.6	11,8%	,0%	11,5%	
Total			Count	51	1	52
			% within R33.6	100,0%	100,0%	100,0%
EXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	151	3	154
			% within R33.6	61,1%	50,0%	60,9%
	Sim	Count	96	3	99	
		% within R33.6	38,9%	50,0%	39,1%	
Total			Count	247	6	253
			% within R33.6	100,0%	100,0%	100,0%

- 12 (4,74%) dos **EXPs** (N = 253) deixaram de ter uma religião específica e passaram a freqüentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes por causa de suas experiências psi (item 33.7);
- Nenhum dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 de um total de 253) deixou de ter uma religião específica e passou a freqüentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes, por saber da experiência psi de outra pessoa consigo (item 33.7).

Tabela 50: Frequência e percentual daqueles que deixaram de ter uma religião específica e passaram a freqüentar religiões diferentes por causa de experiências psi.

ESPdosOutrosConsigo22 * R33.7 * GRUPOS Crosstabulation

GRUPOS				R33.7		Total
				Não	Sim	
NEXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	46		46
			% within R33.7	88,5%		88,5%
	Sim	Count	6		6	
		% within R33.7	11,5%		11,5%	
Total			Count	52		52
			% within R33.7	100,0%		100,0%
EXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	150	4	154
			% within R33.7	62,2%	33,3%	60,9%
	Sim	Count	91	8	99	
		% within R33.7	37,8%	66,7%	39,1%	
Total			Count	241	12	253
			% within R33.7	100,0%	100,0%	100,0%

- 10 (3,9%) dos **EXPs** (N = 253) tornaram-se esotéricos por causa de suas experiências psi (item 33.8);
- Nenhum dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 de um total de 53) se tornaram esotéricos por saberem da experiência psi de outra pessoa consigo (item 33.8).

Tabela 51: Frequência e percentual dos que se tornaram esotéricos por causa de experiências psi.

ESPdosOutrosConsigo22 * R33.8 * GRUPOS Crosstabulation

GRUPOS				R33.8		Total
				Não	Sim	
NEXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	46		46
			% within R33.8	88,5%		88,5%
		Sim	Count	6		6
			% within R33.8	11,5%		11,5%
	Total		Count	52		52
			% within R33.8	100,0%		100,0%
EXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	149	5	154
			% within R33.8	61,3%	50,0%	60,9%
		Sim	Count	94	5	99
			% within R33.8	38,7%	50,0%	39,1%
	Total		Count	243	10	253
			% within R33.8	100,0%	100,0%	100,0%

- 51 (20,15%) dos **EXPs** (N = 253) passaram a acreditar mais em Deus por causa de suas experiências psi (item 33.15);
- 2 (16,66%) dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 de um total de 53) passaram a acreditar mais em Deus por saberem da experiência psi de outra pessoa consigo (item 33.15)

Tabela 52: Frequência e percentual dos que se passaram a crer mais em Deus por causa de suas experiências psi.**ESPdosOutrosConsigo22 * R33.15 * GRUPOS Crosstabulation**

GRUPOS				R33.15		Total
				Não	Sim	
NEXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	45	1	46
			% within R33.15	90,0%	50,0%	88,5%
	Sim	Count	5	1	6	
		% within R33.15	10,0%	50,0%	11,5%	
Total			Count	50	2	52
			% within R33.15	100,0%	100,0%	100,0%
EXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	129	25	154
			% within R33.15	63,9%	49,0%	60,9%
	Sim	Count	73	26	99	
		% within R33.15	36,1%	51,0%	39,1%	
Total			Count	202	51	253
			% within R33.15	100,0%	100,0%	100,0%

- 88 (34,8%) os **EXPs** (N = 253) responderam que, apesar de terem vivenciado experiências psi, essas experiências não influenciaram suas crenças e descrenças religiosas (item 33.17);
- 2 (33,3%) dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 de um total de 53) responderam que, apesar de saberem da experiência psi de outra pessoa consigo, isto não influenciou suas crenças e descrenças religiosas. (item 33.17).

Tabela 53 – Frequência e percentual daqueles cujas crenças religiosas não foram influenciadas por experiências psi.**ESPdosOutrosConsigo22 * R33.17 * GRUPOS Crosstabulation**

GRUPOS				R33.17		Total
				Não	Sim	
NEXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	45	1	46
			% within R33.17	91,8%	33,3%	88,5%
	Sim	Count	4	2	6	
		% within R33.17	8,2%	66,7%	11,5%	
Total			Count	49	3	52
			% within R33.17	100,0%	100,0%	100,0%
EXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	96	58	154
			% within R33.17	58,2%	65,9%	60,9%
	Sim	Count	69	30	99	
		% within R33.17	41,8%	34,1%	39,1%	
Total			Count	165	88	253
			% within R33.17	100,0%	100,0%	100,0%

- 14 (5,53%) dos **EXPs** (N = 253) mencionaram mudanças em suas crenças e atitudes religiosas que não constavam nas alternativas apresentadas (33.18);
- Nenhum dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 de um total de 53) mencionou mudanças em suas crenças e atitudes religiosas que não constassem nas alternativas apresentadas (item 33.18).

Tabela 54 - Frequência e percentual daqueles cujas crenças religiosas foram influenciadas por experiências psi por causas outras que não as listadas nas alternativas.

ESPdosOutrosConsigo22 * R33.18 * GRUPOS Crosstabulation

GRUPOS				R33.18		Total
				Não	Sim	
NEXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	46		46
			% within R33.18	88,5%		88,5%
	Sim	Count	6		6	
		% within R33.18	11,5%		11,5%	
Total			Count	52		52
			% within R33.18	100,0%		100,0%
EXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	147	7	154
			% within R33.18	61,5%	50,0%	60,9%
	Sim	Count	92	7	99	
		% within R33.18	38,5%	50,0%	39,1%	
Total			Count	239	14	253
			% within R33.18	100,0%	100,0%	100,0%

As mudanças provocadas pelas experiências psi que não constavam nas alternativas apresentadas foram especificadas pelos respondentes da seguinte forma (item 33.18), nem sempre se atendo à mudança de crenças ou atitudes religiosas:

- “Atualmente me considero mais agnóstica. Penso que estes fenômenos são frutos da mente, me sinto ‘mais racional’; superstição/fé faz falta em certos momentos.”
- “Fiquei mais confiante.”
- “Insônia, coragem e mais amor com as pessoas.”
- “Mais Jesus.”
- “Sempre antes de me ocorrer um fato ruim, eu tenho sonhos ou ocorrem situações que insinuam que algo está iminente.”
- “Aumentou a minha idéia de sempre tentar fazer o que para mim é o bem.”

- “Busca da verdade na natureza e iluminação espiritual, compreensão de fenômenos espirituais aliados à ciência.”
- “Rezar pelos outros.”
- “Observar, estudar, escutar tudo.”
- “Refletir sobre meus atos e pensamentos.”
- “A forma como entendo a vida e o mundo.”
- “Ter mais fé em Deus e que não podemos explicar tudo no mundo.”
- “Sensibilidade mais aflorada.”

Os dados mostram que para alguns respondentes, não houve mudança, mas confirmação de suas crenças religiosas:

- 59 (23,32%) dos **EXPs** (N = 253) indicaram que suas experiências psi confirmaram suas crenças religiosas (33.4);
- 1 (16,66%) dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6 de um total de 53) indicaram que saber da experiência psi de outra pessoa consigo confirmaram suas crenças religiosas. (33.4).

Tabela 55 - Frequência e percentual daqueles cujas crenças religiosas foram confirmadas por causa de experiências psi.

ESPdosOutrosConsigo22 * R33.4 * GRUPOS Crosstabulation

GRUPOS				R33.4		Total
				Não	Sim	
NEXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	43	3	46
			% within R33.4	89,6%	75,0%	88,5%
	Sim	Count	5	1	6	
		% within R33.4	10,4%	25,0%	11,5%	
Total			Count	48	4	52
			% within R33.4	100,0%	100,0%	100,0%
EXPs	ESPdosOutros Consigo22	Não	Count	122	32	154
			% within R33.4	62,9%	54,2%	60,9%
	Sim	Count	72	27	99	
		% within R33.4	37,1%	45,8%	39,1%	
Total			Count	194	59	253
			% within R33.4	100,0%	100,0%	100,0%

Além da influência das experiências psi nos itens apontados anteriormente, verificou-se que, para cada uma das experiências extra-sensoriais ou extra-motoras abordadas no Q-PRP, ocorreram mudanças nas crenças religiosas de:

- 34 (18,8%) dos **EXPs** que tiveram **Sonho ESP** (N= 181) (item 19B);
- 56 (36,4%) dos **EXPs** que tiveram **ESP em Vigília com Fato** (N= 154) (item 20H);
- 31 (24,4%) dos **EXPs** que tiveram **ESP em Vigília com Alguém/Fato** (N= 127) (item 21M);
- 22 (25,9%) dos **EXPs** que tiveram **OBE com ESP** (N = 85) (item 23C);
- 15 (23,1%) dos **EXPs** que tiveram **ESP de Local Assombrado** (N = 56) (item 31B);
- 13 (21,3%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Objetos** (N = 61) (item 24B);
- 10 (14,1%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Luz Elétrica e Aparelhos** (N = 71) (item 25B);
- 2 (18,2%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Pedra** (N = 11) (item 28B);
- 1 (7,1%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Dejetos** (N = 13) (item 29B);
- 11 (10,9%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Ar/Temperatura** (N = 101) (item 30B).

Nenhum dos **EXPs** que tiveram **PK com Água** e **PK com Fogo** e nenhum dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** responderam que houve mudança em suas crenças religiosas por causa de experiências psi.

Verificou-se que, por causa das experiências extra-sensoriais ou das experiências extra-motoras abordadas no Q-PRP, ocorreram mudanças de relação/atitude para com as pessoas em:

- 60 (33,1%) dos **EXPs** que tiveram **Sonho ESP** (N= 181) (item 19C);
- 56 (36,4%) dos **EXPs** que tiveram **ESP em Vigília com Fato** (N= 154) (item 20I);
- 29 (22,8%) dos **EXPs** que tiveram **ESP em Vigília com Alguém/Fato** (N= 127) (item 21N);

- 20 (24,1%) dos **EXPs** que tiveram **OBE com ESP** (N = 83) (item 23D);
- 8 (12,9%) dos **EXPs** que tiveram **ESP de Local Assombrado** (N = 62) (item 31C);
- 8 (13,1%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Objetos** (N = 61) (item 24C);
- 5 (7%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Luz Elétrica e Aparelhos** (N = 71) (item 25C);
- 1 (50%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Fogo** (N = 2) (item 27C);
- 1 (9,1%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Pedra** (N = 11) (item 28C);
- 2 (15,4%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Dejetos** (N = 13) (item 29C);
- 11 (11%) dos **EXPs** que tiveram **PK com Ar/Temperatura** (N = 100) (item 30C);
- 1 (16,7%) dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6) (item 22G).

Nenhum dos **EXPs** que tiveram **PK com Água** mudaram sua relação/atitude para com as pessoas por causa dessa experiência psi.

Ainda quanto a mudanças de comportamento, considerando as experiências anômalas extra-sensório-motoras vivenciadas de um modo geral, observou-se que por causa de suas experiências psi:

- 10 (4%) dos **EXPs** (N = 253) passaram a acender velas (item 33.9);
- 54 (21,3%) dos **EXPs** (N = 253) passaram a fazer mais orações (item 33.10);
- 33 (13%) dos **EXPs** (N = 253) passaram a praticar mais a caridade (ajudar os outros) (item 33.11);
- 10 (4%) dos **EXPs** (N = 253) deixaram de ser supersticiosos (item 33.12);
- 15 (5,9%) dos **EXPs** (N = 253) passaram a ser supersticiosos (item 33.13);
- 12 (4,7%) dos **EXPs** (N = 253) passaram a ser mais supersticiosos do que já eram (item 33.14);
- 59 (23,3%) dos **EXPs** (N = 253) passaram a estudar mais para entendê-las (item 33.16).

Dentre os **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 53), 1 (16,6%) passou a ser mais supersticioso do que já era depois que soube da experiência psi de outra pessoa consigo (item 33.14).

Nas respostas à questão 35 do Q-PRP observa-se, ainda, que as experiências psi influenciaram ou mudaram significativamente sentimentos ou atitudes de:

- 93 (36,7%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a eles mesmos, quem são, o tipo de pessoas que são (item 35.1);
- 61 (24,1%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a sua visão da natureza humana, de seu companheiro ou de alguma raça em particular (item 35.2);
- 22 (8,7%) dos **EXPs** (N = 253) em relação à sociedade, governo, burocracia, cumprimento das leis (item 35.3);
- 42 (16,6%) dos **EXPs** (N = 253) em relação à Terra, natureza, ecologia, viver no campo (item 35.4);
- 75 (29,6%) dos **EXPs** (N = 253) em relação à vida, seu significado e propósito, juventude, saúde (item 35.5);
- 59 (23,3%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a medo da morte, envelhecimento, dor (item 35.6);
- 22 (8,7%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a guerra, exército, ódio (item 35.7);
- 41 (16,2%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a sexo, casamento, amor (item 35.8);
- 72 (28,5%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a família, pais, filhos, amigos (item 35.9);
- 29 (11,5%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a estudo, formação educacional (item 35.10);
- 25 (9,9%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a negócios, indústria, trabalho, capitalismo (item 35.11);
- 17 (6,7%) dos **EXPs** (N = 253) em relação à ciência e tecnologia (item 35.12);
- 33 (13%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a riquezas materiais, posses, egoísmo (item 35.13);
- 24 (9,5%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a reputação pessoal, posição de poder e controle (item 35.14);
- 18 (7,1%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a mídia, publicidade, fontes de entretenimento, notícias e informações (TV, rádio e jornais) (item 35.15);

- 54 (21,3%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a suas emoções, arte, divertimento, alegria, prazer, lazer (item 35.16);
- 11 (4,3%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a outros aspectos não listados na questão (item 35.17).

As mudanças provocadas pelas experiências psi em atitudes ou em relação a aspectos que não constavam nas alternativas apresentadas foram especificadas pelos respondentes da seguinte forma (item 35.17):

- “Me senti mais tranqüila em relação à morte de meu pai.”
- “Desapego, humanidade.”
- “Dançar.”
- “Mudei alguns conceitos mas por ter vivido fatos reais.”
- “Importância da vida espiritual.”
- “Respeitar as outras religiões.”
- 1 indicou uma mudança não listada nas alternativas mas não especificou qual seria essa mudança.

Dentre os **EXPs** (N = 253), 68 (26,9%) indicaram que apesar de terem vivenciado algumas das experiências psi apontadas no Q-PRP, elas não fizeram nenhuma diferença em sua visão de mundo ou no modo como encaram a vida (item 35.18). Quanto aos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6), 1 (16,6%) disse ter mudado sua atitude ou opinião sobre si mesmo, sobre o tipo de pessoa que é (item 35.1) e 3 (50%) disseram que, apesar saberem da experiência psi de outra pessoa consigo, isto não fez nenhuma diferença em sua visão de mundo ou no modo como encaram a vida (item 35.18).

6.2.6- Experiências psi e tomadas de decisão

Na pesquisa realizada, os respondentes apontaram que experiências psi vivenciadas ou com as quais tiveram contato (como ocorre na experiência descrita na questão 22, comentada anteriormente) apontadas no Q-PRP influenciaram ou ajudaram na tomada de importantes decisões em relação a diferentes aspectos. De acordo com os dados coletados isto ocorreu com:

- 44 (17,4%) dos **EXPs** (N = 253) em relação à escolha de um amigo ou círculo de amigos (item 34.1);
- 37 (14,6%) dos **EXPs** (N = 253) em relação à escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou da faculdade, ou a decisão sobre que curso fazer (item 34.2);
- 4 (1,6%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a entrar ou não para as forças armadas e/ou qual delas escolher (Marinha, Exército ou Aeronáutica) (item 34.3);
- 25 (9,9%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a aceitar ou abrir mão de um emprego ou se entraria ou sairia de uma sociedade (item 34.4);
- 18 (7,1%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a tirar folga do trabalho ou umas férias, ou passar a se dedicar a um *hobby* (item 34.5);
- 4 (1,5%) dos **EXPs** (N = 253) e nenhum (0%) dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6), em relação a mudar-se para uma outra parte do país ou do mundo (item 34.6);
- 2 (0,8%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a qual partido político apoiar ou em qual candidato votar (item 34.7);
- 39 (15,4%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a com quem namorar/ficar ou não; com quem se casar ou não se casar; divorciar-se (item 34.8);
- 8 (3,2%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a ter ou não um filho (item 34.9);
- 7 (2,8%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a que nome dar ao filho(a) (item 34.10)
- 9 (3,6%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a adquirir uma casa ou parte de uma propriedade (item 34.11)
- 11 (4,3%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a adquirir um carro ou algum utensílio importante (item 34.12)
- 20 (7,9%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a mudar sua dieta ou hábitos alimentares; melhorar seu estado de saúde ou aptidão física (item 34.13);
- 57 (22,5%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a seu estilo de vida, seus ideais, propósitos ou objetivos de vida (item 34.14);

- 19 (7,5%) dos **EXPs** (N = 253) em relação a outros tópicos não abordados na questão (item 34.15);
- 1 (16,6%) dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6), em relação a sua escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou da faculdade, ou a decisão sobre que curso fazer (item 34.2).

A influência ou ajuda na tomada de decisões em relação a algo que não constava nas alternativas apresentadas foi especificadas pelos respondentes da seguinte forma (item 34.15):

- “Mais atenção.”
- “Aprendi que nós temos que estar sempre sorrindo.”
- “Em muita coisa na vida inteira.”
- “Passei a dar mais ouvidos à minha intuição.”
- “A continuidade dos estudos esotéricos e espirituais.”
- “Ser um bom observador das coisas.”
- “Influenciou em pequenas decisões.”
- “Deixar de ir a algum lugar por ter um pressentimento ruim.”
- “Ficar mais calma, não falar coisas feias.”
- “Identificar a forma de interagir com o mundo.”
- “Entrar ou não em algum local.”
- “Ir a uma festa.”
- “Descobri que o verdadeiro amor, nem a morte separa.”
- “Estudar o mundo espiritual.”
- “Ponderar mais sobre minhas decisões, ser menos impulsiva, saber esperar, ser mais prudente.”
- “Cura de uma doença (depressão).”
- “Como se fosse uma segunda opinião.”
- “Não mudaram em nada, somente na forma de ver as coisas.”
- “Por causa de uma previsão astrológica, passei a acreditar que iria morrer cedo e isso influenciou inconscientemente minha forma de lidar com a vida (ansiedade, pressa).”
- 1 indicou influência em tomada de decisão em relação a algo que não listada nas alternativas, mas não especificou.

Dentre os **EXPs** (N = 253), 93 (36,8%) assinalaram que nenhuma das experiências indicadas no Q-PRP influenciou nas decisões que já tomou, o mesmo ocorrendo com 3 (50%) dos **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6) (item 34.16).

6.2.7- Opiniões e sentimentos acerca de psi

Os respondentes tiveram a oportunidade de apontar sua opinião e seus sentimentos em relação às experiências extra-sensório motoras tratadas no questionário. De acordo com os dados:

- Dentre os **EXPs** (N = 253):
 - 120 (47,4%) dos **EXPs** consideram que as experiências ou fenômenos psi são provas da existência de um mundo espiritual. (item 32.15)
 - 82 (32,4%) dos **EXPs** consideram que as pessoas que vivenciam experiências extra-sensório-motoras têm um dom especial (item 32.7)
 - 24 (9,5%) assinalaram que apesar de terem vivido as experiências psi indicadas no Q-PRP, não gostam de falar sobre elas com outras pessoas com medo de serem considerados malucos ou ridículos (item 32.3)
 - 4 (1,6%) dos **EXPs** consideram as pessoas que relatam experiências psi loucas (item 32.13)
 - 4 (1,6%) dos **EXPs** consideram as pessoas que passam por experiências psi demoníacas. (item 32.5)
 - 20 (7,9%) têm muito medo das experiências psi que vivenciam e, se pudessem, gostariam de se livrar delas e nunca mais passar por algo assim (item 32.4)
 - 13 (5,1%) dos **EXPs** têm medo de fenômenos psi e não gostam nem de ouvir falar sobre eles (item 32.9)
 - 35 (13,8%) dos **EXPs** já ouviram muitas pessoas relatar experiências ou fenômenos psi, mas consideram que esses relatam sejam frutos da imaginação (item 32.11)

-
- 39 (15,4%) dos **EXPs** consideram que experiências psi ocorrem por falhas na percepção e/ou erros na interpretação de eventos absolutamente normais (item 32.12)

 - Dentre os **NEXPs** em geral (N = 53):
 - 13 (24,5%) consideram que as experiências ou fenômenos psi são provas da existência de um mundo espiritual. (item 32.15).
 - 13 (24,5%) consideram que as pessoas que vivenciam experiências extra-sensório-motoras têm um dom especial (item 32.7);
 - 4 (7,5%) consideram as pessoas que relatam experiências psi loucas (item 32.13);
 - 1 (1,9%) considera as pessoas que passam por experiências psi demoníacas. (item 32.5);
 - 3 (5,7%) têm medo de fenômenos psi e não gostam nem de ouvir falar sobre eles (item 32.9);
 - 14 (26,4%) já ouviram muitas pessoas relatar experiências ou fenômenos psi, mas consideram que esses relatos sejam frutos da imaginação (item 32.11);
 - 17 (32,1%) consideram que experiências psi ocorrem por falhas na percepção e/ou erros na interpretação de eventos absolutamente normais (item 32.12);

Foi constatada diferença significativa entre opiniões e sentimentos acerca de psi de NEXPs e EXPs, como aponta a tabela abaixo:

Tabela 56: Frequências, porcentagens e diferenças significantes entre as opiniões e sentimentos do NEXPs e EXPs sobre psi.

OPINIÕES /SENTIMENTOS	EXPs (N = 253)		NEXPs (N = 53)		Diferenças significantes
	Frequência	%	Frequência	%	
32.15: Consideram que as experiências ou fenômenos psi são provas da existência de um mundo espiritual.	120	47,4%	13	24,5%	$\chi^2 = 9,354$, $df = 1$, $p = 002$ NEXPs: $ra = -3,1$ e EXPs: $ra = 3,1$
32.7: Consideram que as pessoas que vivenciam experiências extra-sensório-motoras têm um dom especial.	82	32,4%	13	24,5%	
32.3: Apesar de terem vivido as experiências psi indicadas no Q-PRP, não gostam de falar sobre elas com outras pessoas com medo de serem considerados malucos ou ridículos.	24	9,5%	0	0%	
32.13: Consideram as pessoas que relatam experiências psi loucas.	4	1,6%	4	7,5%	$\chi^2 = 6,126$, $df = 1$, $p = 013$ NEXPs: $ra = 2,5$ e EXPs: $ra = -2,5$
32.5: Consideram as pessoas que passam por experiências psi demoníacas.	4	1,6%	1	1,9%	
32.4: Têm muito medo das experiências psi que vivenciam e, se pudessem, gostariam de se livrar delas e nunca mais passar por algo assim	20	7,9%	0	0%	
32.9: Têm medo de fenômenos psi e não gostam nem de ouvir falar sobre eles	13	5,1%	3	5,7%	
32.11: Já ouviram muitas pessoas relatar experiências ou fenômenos psi, mas consideram que esses relatam sejam frutos da imaginação	35	13,8%	14	26,4%	$\chi^2 = 5,157$, $df = 1$, $p = 023$ NEXPs: $ra = 2,3$ e EXPs: $ra = -2,3$
32.12: Consideram que experiências psi ocorrem por falhas na percepção e/ou erros na interpretação de eventos absolutamente normais	39	15,4%	17	32,1%	$\chi^2 = 8,135$, $df = 1$, $p = 004$ NEXPs: $ra = 2,9$ e EXPs: $ra = -2,9$

6.2.8- Interesse por experiências psi

Neste item procurou-se avaliar o interesse que **EXPs** e **NEXPs** têm pelas experiências psi. De acordo com os dados coletados, verificou-se que:

- Dentre os **EXPs** (N = 253), 134 (53%) gostam de saber que outras pessoas também passam por experiências parecidas com as que vivenciaram e estão indicadas no questionário (item 32.2);
- Dentre os **NEXPs** que souberam de **ESP dos Outros Consigo** (N = 6) 1 (16,6%) gosta de saber que outras pessoas também passam por experiências parecidas com a que vivenciou (saber da experiência psi de outros consigo) (item 32.2);
- Dentre os **NEXPs** em geral (N = 53):
 - 24 (45,3%) não vivenciaram nenhum dos tipos de experiência apontados no Q-PRP, mas se interessam pelo assunto (item 32.6);
 - 21 (39,6%) não vivenciaram nenhum dos tipos de experiência apontados no Q-PRP e não têm interesse por esse assunto (item 32.10).

6.2.9- Atribuição de causalidade para as experiências psi

Foi perguntado aos **EXPs** a que atribuíam cada uma das experiências extra-sensoriais ou extra-motoras vivenciadas por eles e apontadas no Q-PRP. Foram apresentadas 9 alternativas para a resposta e a possibilidade de ainda incluir outro tipo de atribuição que não as listadas. Espontaneamente, houve respondentes que assinalaram mais de uma alternativa de atribuição para cada uma de suas experiências. Desta forma, cada uma das alternativas de atribuição foi considerada em separado. A lista de alternativas de atribuição foi a mesma para cada uma das experiências, variando apenas de “mensagem” para “ação” nas de percepção extra-sensorial (ESP) e de PK (psicocinesia) respectivamente, como nos exemplos abaixo:

E S P	<p>19L) A que você atribui a ocorrência desse tipo de sonho?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mensagem de Deus 2. Mensagem do Espírito Santo 3. Mensagem do Anjo da Guarda 4. Mensagem de um(a) santo(a) protetor(a) 5. Mensagem de espíritos desencarnados 6. Poder da mente 7. Mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais⁷⁴/sobrenaturais 8. Mensagem do demônio 9. Coincidência. 10. Outro. Especifique.....
----------------------	--

P K	<p>26D) A que você atribui a ocorrência do aparecimento "misterioso" de água?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ação de Deus 2. Ação do Espírito Santo 3. Ação do Anjo da Guarda 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) 5. Ação de espíritos desencarnados 6. Poder da mente 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais 8. Ação do demônio 9. Coincidência. 10. Outro. Especifique.....
----------------	--

Quanto às frequências e porcentagens, os dados mostram que

- Entre os **EXPs** que tiveram **Sonho ESP** (N = 181):
 - 38 (21%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de Deus;
 - 7 (3,9%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Espírito Santo;
 - 16 (8,8%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Anjo da Guarda;

⁷⁴ São consideradas seres elementais as forças das substância-vida dos planos de existência do universo geradas dos elementos da natureza: terra, água, fogo, ar e éter. Acredita-se que quanto mais próximos dos mundos abstratos, de modo mais límpido refletem o que lhes é imanente. Os elementais se dividem se acordo com sua origem e atuação: elementais da terra (gnomos e duendes), elementais da água (ondinas, sereias e ninfas), elementais do ar (hamadriades, fadas e silfos ou sílfides) e elementais do fogo (salamandras ou Espíritos do Fogo, que vivem no éter). (cf. <http://www.caminhosdeluz.org/A-123.htm>)

- 8 (4,4%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de um(a) santo(a) protetor(a);
 - 22 (12,2%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de espíritos desencarnados;
 - 56 (30,9%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 4 (2,2%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 1 (0,6%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do demônio;
 - 48 (26,5%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 19 (10,7%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.
- Dentre os **EXPs** que tiveram **ESP em Vigília com um Fato** (N = 158):
- 37 (23,6%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de Deus;
 - 10 (4%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Espírito Santo;
 - 17 (10,9%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Anjo da Guarda;
 - 6 (3,8%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de um(a) santo(a) protetor(a);
 - 16 (10,3%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de espíritos desencarnados;
 - 61 (39,1%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 2 (1,3%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 26 (16,7%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 20 (13,2%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos os **EXPs** que tiveram **ESP em Vigília com um Fato** (N = 158) atribuiu essa experiência a uma mensagem do demônio.

- Dentre **EXPs** que tiveram **ESP em Vigília com Algo ou Alguém** (N = 128):
- 17 (13,3%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de Deus;

-
- 8 (6,2%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Espírito Santo;
 - 9 (7%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Anjo da Guarda;
 - 6 (4,7%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de um(a) santo(a) protetor(a);
 - 45 (35,2%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de espíritos desencarnados;
 - 37 (28,9%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 4 (3,1%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 4 (3,1%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do demônio;
 - 15 (11,7%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 13 (10,7%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.
-
- Dentre os **NEXPs** que souberam de **ESP de Outros Consigo** (N = 99):
 - 32 (32,3%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma mensagem de Deus;
 - 11 (11,1%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma mensagem do Espírito Santo;
 - 10 (10,1%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma mensagem do Anjo da Guarda;
 - 2 (2%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma mensagem de um(a) santo(a) protetor(a);
 - 10 (10,2%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma mensagem de espíritos desencarnados;
 - 35 (35,7%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa ao poder da mente;
 - 2 (2%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 15 (15,3%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma coincidência;
 - 13 (13,5%) atribuíram a experiência vivenciada por essa outra pessoa a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos **NEXPs** que souberam de **ESP de Outros Consigo** (N = 99) atribuiu a experiência psi vivenciada por outra pessoa a uma mensagem do demônio.

- Dentre os **EXPs** que tiveram **OBE com ESP** (N = 47):
 - 10 (21,3%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de Deus;
 - 5 (10,6%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Espírito Santo;
 - 3 (6,4%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do Anjo da Guarda;
 - 2 (4,3%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de um(a) santo(a) protetor(a);
 - 4 (8,5%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de espíritos desencarnados;
 - 22 (46,8%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 1 (2,1%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 4 (8,5%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 10 (21,3%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos **EXPs** que tiveram **OBE com ESP** atribuiu a experiência a uma mensagem do demônio.

- Dentre os **EXPs** que tiveram **ESP de Local Assombrado** (N = 46):
 - 1 (2,2%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de Deus;
 - 1 (2,2%) atribuíram essa experiência de outra pessoa a uma mensagem do Anjo da Guarda;
 - 1 (2,2%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de um(a) santo(a) protetor(a);
 - 27 (58,7%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de espíritos desencarnados;
 - 9 (19,6%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;

- 5 (10,9%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
- 4 (8,7%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do demônio;
- 8 (17,4%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
- 2 (4,7%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum **EXPs** que tiveram **ESP de Local Assombrado** atribuiu a experiência a uma mensagem do Espírito Santo.

- Dentre os **EXPs** que tiveram a experiência de **PK com Objetos** (N = 61):
 - 9 (14,1%) atribuíram essa experiência à ação de Deus;
 - 2 (3,1%) atribuíram essa experiência à ação do Anjo da Guarda;
 - 19 (29,7%) atribuíram essa experiência à ação de espíritos desencarnados;
 - 16 (25%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 5 (7,8%) atribuíram essa experiência à ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 5 (7,8%) atribuíram essa experiência à ação do demônio;
 - 12 (18,8%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 5 (2%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos **EXPs** atribuiu **PK com Objetos** à ação do Espírito Santo ou à ação do de um(a) santo(a) protetor(a).

- Dentre os **EXPs** que tiveram a experiência de **PK com Luz Elétrica ou Aparelhos** (N = 71):
 - 4 (5,6%) atribuíram essa experiência à ação de Deus;
 - 26 (36,6%) atribuíram essa experiência à ação de espíritos desencarnados;

- 7 (9,9%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
- 2 (2,8%) atribuíram essa experiência à ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
- 2 (2,8%) atribuíram essa experiência à ação do demônio;
- 21 (29,6%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
- 11 (16,2%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos **EXPs** atribuiu **PK com Luz Elétrica e Aparelhos** à ação do Espírito Santo, do Anjo da Guarda ou de um(a) santo(a) protetor(a).

- Dentre os **EXPs** que tiveram a experiência de **PK com Água** (N = 9):
 - 3 (21,4%) atribuíram essa experiência à ação de Deus;
 - 1 (7,1%) atribuíram essa experiência à ação do Espírito Santo;
 - 2 (14,3%) atribuíram essa experiência à ação de espíritos desencarnados;
 - 3 (21,4%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 4 (33,3%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos **EXPs** atribuiu **PK com Água** à ação do Anjo da Guarda, de um(a) santo(a) protetor(a) de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais, do demônio, a uma coincidência.

- Dentre os **EXPs** que tiveram a experiência de **PK com Fogo** (N = 3):
 - 2 (40%) atribuíram essa experiência à ação de Deus;
 - 1 (20%) atribuíram essa experiência à ação de espíritos desencarnados;
 - 1 (20%) atribuíram essa experiência a uma mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 1 (20%) atribuíram essa experiência a uma coincidência.

Nenhum dos **EXPs** atribuiu **PK com Fogo** à ação do Espírito Santo, do Anjo da Guarda, de um(a) santo(a) protetor(a), do demônio ou ao poder da mente, nem indicaram outras possíveis causas da experiência.

- Dentre os **EXPs** que tiveram a experiência de **PK com Pedras** (N = 12):
 - 2 (18,2%) atribuíram essa experiência à ação de espíritos desencarnados;
 - 2 (18,2%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 1 (9,1%) atribuíram essa experiência à ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 2 (18,2%) atribuíram essa experiência à ação do demônio;
 - 1 (9,1%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 1 (11,1%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos **EXPs** atribuiu **PK com Pedras** à ação de Deus, do Espírito Santo, do Anjo da Guarda ou de um(a) santo(a) protetor(a).

- Dentre os **EXPs** que tiveram a experiência de **PK com Dejetos** (N = 12):
 - 2 (14,3%) atribuíram essa experiência à ação de Deus;
 - 1 (7,1%) atribuíram essa experiência à ação do Espírito Santo;
 - 2 (14,3%) atribuíram essa experiência à ação do Anjo da Guarda;
 - 1 (7,1%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 2 (14,3%) atribuíram essa experiência a uma mensagem do demônio;
 - 4 (28,6%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 2 (14,3%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Nenhum dos **EXPs** atribuiu **PK com Dejetos** à ação de um(a) santo(a) protetor(a), de espíritos desencarnados ou de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais.

- Dentre os **EXPs** que tiveram a experiência de **PK com Ar/Temperatura** (N = 102):
 - 9 (8,7%) atribuíram essa experiência à ação de Deus;
 - 5 (4,9%) atribuíram essa experiência à ação do Espírito Santo;
 - 10 (9,7%) atribuíram essa experiência à ação do Anjo da Guarda;
 - 6 (5,8%) atribuíram essa experiência à ação de um(a) santo(a) protetor(a);
 - 35 (34%) atribuíram essa experiência à ação de espíritos desencarnados;
 - 9 (8,7%) atribuíram essa experiência ao poder da mente;
 - 8 (7,8%) atribuíram essa experiência à ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais;
 - 2 (1,9%) atribuíram essa experiência à ação do demônio;
 - 26 (25,2%) atribuíram essa experiência a uma coincidência;
 - 11 (11,2%) atribuíram essa experiência a uma causa que não constava nas alternativas.

Com o objetivo de verificar a existência de alguma correlação estatisticamente significativa entre essas atribuições e outros fatores, foram feitos os cruzamentos de cada uma delas com as variáveis relacionadas a: crença, adesão ou postura religiosas dos **EXPs**; níveis de religiosidade dos **EXPs**; utilização da religião como recurso de *coping* para o enfrentamento das experiências psi; opiniões e sentimentos acerca de psi; influências das experiências psi em crenças e mudanças de atitude; e influência de experiências psi em tomadas de decisão. Essa inter-relação de dados é apresentada nas

tabelas que se seguem no que se refere às associações positiva ou negativamente significantes do ponto de vista estatístico. Esses resultados serão comentados no Capítulo 7.

Para apontar as variáveis referentes a influências das experiências psi em crenças e mudanças de atitude e influência de experiências psi em tomadas de decisão foi utilizada a numeração das questões do Q-PRP que serviram para a coleta desses dados. Para compreender as tabelas, é necessário lembrar a que se refere cada um dos itens das questões cuja associação com as atribuições se mostraram estatisticamente significantes e que compõem as seguintes variáveis:

▪ **Religião como recurso de coping:**

32.8: A religião tem me ajudado a lidar com essas minhas experiências e a entendê-las.

▪ **Opiniões e sentimentos acerca de psi:**

32.3: “Apesar de ter vivido experiências indicadas neste questionário, não gosto de falar sobre elas com as outras pessoas com medo que me achem maluco.”

32.4: “Tenho muito medo dessas experiências que ocorrem comigo e, se eu pudesse, gostaria de me livrar disso e nunca mais passar por algo assim.”

32.5: “As pessoas que passam por esse tipo de experiências são demoníacas.”

32.9: “Tenho medo desses fenômenos e não gosto nem de ouvir falar sobre eles.”

32.13: “As pessoas que relatam essas experiências são loucas.”

32.15: “Essas experiências ou fenômenos são provas da existência de um mundo espiritual.”

▪ **Influência na Mudança de Crenças e Atitudes [em relação a...]:**

32.14: “Nunca vivenciei experiências / fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos me impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças religiosas”

33.4: “Minhas experiências apontadas neste questionário, ou algumas delas, confirmaram as minhas crenças religiosas.”

33.5: “Mudei de religião por causa das minhas experiências.”

33.6: “Eu não tinha religião, mas por causa de minhas experiências, adotei uma religião.”

33.7: “Por causa dessas experiências, deixei de ter uma religião específica e passei a frequentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes.”

33.8: “Por causa dessas minhas experiências, me tornei esotérico.”

33.9: “Por causa dessas minhas experiências, passei a acender velas.”

33.10: “Por causa dessas minhas experiências, passei a fazer mais orações.”

33.11: “Por causa dessas minhas experiências, passei a praticar mais a caridade (ajudar os outros).”

33.12: “Por causa dessas minhas experiências, deixei de ser supersticioso.”

33.13: “Por causa dessas minhas experiências, passei a ser supersticioso.”

33.14: “Já era supersticioso e por causa dessas minhas experiências, passei a ser mais supersticioso ainda.”

33.15: “Por causa dessas minhas experiências, passei a acreditar mais em Deus.”

33.16: “Por causa dessas minhas experiências, passei a estudar mais para entendê-las.”

33.17: “Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei no questionário, elas não tiveram nenhuma influência sobre as minhas crenças ou descrenças religiosas.”

35.1: ... “você mesmo, quem você é, o tipo de pessoa que você é”

35.2: ... “sua visão da natureza humana, de seu comportamento ou de alguma raça em particular”

35.3: ... “sociedade, governo, burocracia, cumprimento das leis”
 35.4: ... “Terra, natureza, ecologia, viver no campo”
 35.5: ... “vida, seu significado e propósito, juventude, saúde”
 35.6: ... “medo da morte, envelhecimento, dor”
 35.7: ... “guerra, exército, ódio”
 35.8: ... “sexo, casamento, amor”
 35.9: ... “família, pais. Filhos, amigos”
 35.10: ... “estudo, formação educacional”
 35.11: ... “negócios, indústria, trabalho, capitalismo”
 35.12: ... “ciência e tecnologia”
 35.13: ... “riquezas materiais, posses, egoísmo”
 35.14: ... “reputação pessoal, posição de poder e controle”
 35.15: ... “mídia, publicidade, fontes de entretenimento, notícias e informações (TV, rádio e jornais)”
 35.16: ... “suas emoções, arte, divertimento, alegria, prazer, lazer”
 35.18: ... “Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei no questionário, elas não fizeram nenhuma diferença na minha visão de mundo ou no modo como encaro a vida.”

▪ **Influência na Tomada de Decisões [em relação a]:**

34.1: “a sua escolha de um amigo ou círculo de amigos”
 34.2: “sua escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou da faculdade, ou a decisão sobre que curso fazer”
Item 34.3: “a entrar ou não para as forças armadas e/ou qual delas escolher (Marinha, Exército ou Aeronáutica)”
 34.4: “se iria aceitar ou abrir mão de um emprego ou se ia entrar ou sair de uma sociedade”
 34.5: “se deveria tirar folga do trabalho ou umas férias, ou passar a se dedicar a um *hobby*”
 34.6: “a mudar-se para uma outra parte do país ou do mundo”
 34.7: “qual partido político apoiar ou em que candidato votar”
 34.8: “com quem namorar/ficar ou não; com quem se casar ou não se casar; divorciar-se”
 34.9: “ter ou não um filho”
 34.10: “que nome dar ao filho(a)”
 34.11: “adquirir uma casa ou parte de uma propriedade”
 34.12: “adquirir um carro ou algum utensílio importante”
 34.13: “mudar sua dieta ou hábitos alimentares; melhorar seu estado de saúde ou aptidão física”
 34.14: “seu estilo de vida; seus ideais, propósitos ou objetivos de vida”
 34.15: “outros tópicos não abordados na questão”
 34.16: “Nenhuma das minhas experiências indicadas neste questionário influenciou nas decisões que já tomei.”

A seguir são apresentadas as tabelas de inter-relações das variáveis mencionadas e as atribuições de causalidade feitas pelos **EXPs** para cada uma das experiências vivenciadas. Especialmente a primeira das tabelas é bastante extensa, tendo sido necessário utilizar mais de uma página para sua exposição. Quanto às demais, com exceção da legenda da Tabela 58, cada uma é apresentada em a única página. Após essas tabelas, são apresentados dados no referentes a associações significantes entre o gênero dos EXPs e as atribuições de causalidade realizadas. Posteriormente, são expostos os dados sobre o bem-estar subjetivo dos respondentes (**EXPs e NEXPs**), último item deste capítulo.

Tabela 57: Associações significantes entre atribuições para sonhos ESP e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Mudanças de Crenças e de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus	$p = .000$ Católica: $ra = 3$ Evangélica: $ra = 4,8$ Não Adepto: $ra = -2,1$	$p = .019$ Nem um pouco: $ra = -2,5$ Moderadamente: $ra = 2,2$		32.4: $p = .039$, $ra = 2,1$ 32.5: $p = .007$, $ra = 2,7$	33.12: $p = .001$, $ra = 3,4$ 33.17: $p = .022$, $ra = -2,3$	34.16: $p = .034$, $ra = -2,1$
Espírito Santo	$p = .000$ Católica: $ra = -2,1$ Evangélica: $ra = 5,7$	$p = .022$ Um pouco: $ra = -2,1$ Muito: $ra = 2,7$	$p = .025$, $ra = 2,2$	32.5: $p = .026$, $ra = 2,2$	33.5: $p = .025$, $ra = 2,2$ 33.6: $p = .027$, $ra = 2,2$ 33.7: $p = .011$, $ra = 2,6$ 33.11: $p = .033$, $ra = 2,1$ 33.13: $p = .046$, $ra = 2,0$ 35.2: $p = .007$, $ra = 2,7$ 35.15: $p = .025$, $ra = 2,2$	34.3: $p = .007$, $ra = 2,7$ 34.4: $p = .011$, $ra = 2,5$
Anjo da Guarda			$p = .033$, $ra = 2,1$	32.7: $p = .003$, $ra = 3,0$ 32.15: $p = .008$, $ra = 2,7$	33.4: $p = .007$, $ra = 2,7$ 33.8: $p = .006$, $ra = 2,8$ 33.15: $p = .015$, $ra = 2,4$ 35.6: $p = .004$, $ra = 2,9$ 35.8: $p = .001$, $ra = 3,5$ 35.13: $p = .008$, $ra = 2,7$	
Santo Protetor			$p = .006$, $ra = 2,8$	32.5: $p = .042$, $ra = 2,2$ 32.7: $p = .038$, $ra = 2,1$ 32.13: $p = .014$, $ra = 2,5$ 32.15: $p = .028$, $ra = 2,2$	33.7: $p = .021$, $ra = 2,3$ 33.17: $p = .038$, $ra = -2,1$ 35.6: $p = .015$, $ra = 2,4$ 35.7: $p = .003$, $ra = 2,9$	34.4: $p = .024$, $ra = 2,3$
Espíritos Desencarnados	$p = .002$ Católica: $ra = -3,0$ Evangélica: $ra = -2,0$ Espírita: $ra = 2,2$			32.15: $p = .001$, $ra = 3,4$	33.4: $p = .000$, $ra = 4,6$ 33.11: $p = .000$, $ra = 3,5$ 33.14: $p = .015$, $ra = 2,4$ 33.17: $p = .006$, $ra = -2,7$ 35.1: $p = .000$, $ra = 3,5$ 35.9: $p = .008$, $ra = 2,6$	
Poder da Mente	$p = .005$ Evangélica: $ra = -3,1$ Agnóstico: $ra = 2,4$	$p = .036$ Um pouco: $ra = 2,4$		32.15: $p = .001$, $ra = 3,3$	33.11: $p = .010$, $ra = 2,6$ 33.16: $p = .008$, $ra = 2,6$ 35.1: $p = .032$, $ra = 2,1$ 35.2: $p = .012$, $ra = 2,5$ 35.3: $p = .048$, $ra = 2,0$	34.2: $p = .030$, $ra = 2,2$ 34.9: $p = .017$, $ra = 2,4$

					<p>35.4: $p = .004$, $ra = 2,9$ 35.5: $p = .010$, $ra = 2,6$ 35.9: $p = .007$, $ra = 2,7$ 35.10: $p = .048$, $ra = 2,0$ 35.11: $p = .003$, $ra = 3,0$ 35.14: $p = .029$, $ra = 2,2$ 35.15: $p = .010$, $ra = 2,6$ 35.18: $p = .008$, $ra = -2,6$</p>	
Seres Elementais	<p>$p = .000$ Wicca: $ra = 6,7$</p>				<p>33.8: $p = .000$, $ra = 3,9$ 33.7: $p = .026$, $ra = 2,2$ 33.16: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.2: $p = .028$, $ra = 2,2$ 35.3: $p = .002$, $ra = 3,1$ 35.6: $p = .001$, $ra = 3,4$ 35.7: $p = .000$, $ra = 4,7$ 35.10: $p = .012$, $ra = 2,5$ 35.11: $p = .012$, $ra = 2,5$ 35.12: $p = .000$, $ra = 3,7$ 35.13: $p = .001$, $ra = 3,4$ 35.14: $p = .009$, $ra = 2,6$ 35.15: $p = .001$, $ra = 3,4$ 35.16: $p = .000$, $ra = 3,6$</p>	<p>34.14: $p = .013$, $ra = 2,5$</p>
Demônio				<p>32.3: $p = .005$, $ra = 2,8$</p>	<p>33.15: $p = .047$, $ra = 2,0$</p>	
Coincidência	<p>$p = .039$ Católica: $ra = 2,4$ Espírita: $ra = -2,5$</p>		<p>$p = 002$, $ra = -3,1$</p>	<p>32.15, $p = .000$, $ra = -3,9$</p>	<p>33.4: $p = .000$, $ra = -3,6$ 33.5: $p = .025$, $ra = -2,2$ 33.7: $p = .002$, $ra = -3,2$ 33.11: $p = .004$, $ra = -2,9$ 33.14: $p = .041$, $ra = -2,0$ 33.15: $p = .000$, $ra = -3,7$ 33.16: $p = .001$, $ra = -3,3$ 33.17: $p = .002$, $ra = 3,1$ 35.1: $p = .000$, $ra = -3,5$ 35.2: $p = .025$, $ra = -2,2$ 35.4: $p = .003$, $ra = -2,9$ 35.5: $p = .011$, $ra = -2,6$</p>	<p>34.1: $p = .016$, $ra = -2,4$ 34.2: $p = .004$, $ra = -2,8$ 34.4: $p = .003$, $ra = -3,0$ 34.5: $p = .035$, $ra = -2,1$ 34.8: $p = .040$, $ra = -2,1$ 34.16: $p = .000$, $ra = 3,8$</p>

					<p>35.8: $p = .013$, $ra = -2,5$ 35.9: $p = .002$, $ra = -3,1$ 35.10: $p = .021$, $ra = -2,3$ 35.11: $p = .005$, $ra = -2,8$ 35.12: $p = .041$, $ra = -2,0$ 35.14: $p = .027$, $ra = -2,2$ 35.15: $p = .025$, $ra = -2,2$ 35.16: $p = .034$, $ra = -2,1$ 35.18: $p = .000$, $ra = 4,2$</p>	
<p>1. (Questão 32.8) referente à religião como meio de lidar com as experiências psi. 2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15) 3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18) 4. (Questões 34.1 a 34.16)</p>						

Tabela 58: Associações significantes entre atribuições para ESP em Vigília com Fato e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Mudanças de Crenças e de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus	$p = .004$ Evangélica: $ra = 3,8$				33.4: $p = .018, ra = 2,4$ 33.6: $p = .043, ra = 2,0$ 33.15: $p = .043, ra = 2,0$ 35.5: $p = .041, ra = -2,0$	34.1: $p = .015, ra = 2,4$ 34.6: $p = .010, ra = 2,6$
Espírito Santo	$p = .000$ Evangélica: $ra = 7,4$	$p = .001$ Um pouco: $ra = -2,5$ Muito: $ra = 3,6$	$p = .004,$ $ra = 2,9$		33.5: $p = .000, ra = 3,5$ 33.7: $p = .046, ra = 2,0$	
Anjo da Guarda			$p = .013,$ $ra = 2,5$	32.7: $p = .007,$ $ra = 2,7$	33.4: $p = .013, ra = 2,5$	
Santo Protetor			$p = .000,$ $ra = 3,6$	32.9: $p = .026,$ $ra = 2,2$	33.4: $p = .029, ra = 2,2$ 33.7: $p = .003, ra = 3,0$ 33.16: $p = .037, ra = 2,1$ 35.2: $p = .047, ra = 2,0$ 35.6: $p = .019, ra = 2,3$ 35.7: $p = .044, ra = 2,0$	34.4: $p = .000, ra = 4,2$ 34.41: $p = .025, ra = 2,2$
Espíritos Desencarnados	$p = .000$ Católica: $ra = -2,4$ Espírita: $ra = 4,8$		$p = .007,$ $ra = 2,7$	32.15: $p = .000,$ $ra = 4,1$	33.4: $p = .000, ra = 3,9$ 33.5: $p = .018, ra = 2,4$ 33.7: $p = .019, ra = 2,4$ 33.11: $p = .024, ra = 2,3$ 33.15: $p = .007, ra = 2,7$ 33.17: $p = .022, ra = -2,3$ 35.1: $p = .003, ra = 3,0$ 35.2: $p = .000, ra = 3,6$ 35.6: $p = .018, ra = 2,4$ 35.7: $p = .028, ra = 2,2$ 35.9: $p = .000, ra = 3,7$ 35.16: $p = .004, ra = 2,9$ 35.18: $p = .026, ra = -2,2$	
Poder da Mente	$p = .003$ Evangélica: $ra = -2,9$ Não Adepto: $ra = 2,1$ Agnóstico: $ra = 3,4$			32.15: $p = .011,$ $ra = 2,5$	35.5: $p = .026, ra = 2,2$ 35.11: $p = .042, ra = 2,0$ 35.15: $p = .042, ra = 2,0$	
Seres Elementais					33.7: $p = .007, ra = 27$ 33.8: $p = .007, ra = 27$ 33.16: $p = .025, ra = 2,2$ 35.6: $p = .015, ra = 2,4$ 35.12: $p = .017, ra = 2,4$ 35.13: $p = .001, ra = 3,2$ 35.15: $p = .024, ra = 2,3$ 35.16: $p = .017, ra = 2,4$	
Demônio						
Coincidência				32.7, $p = 010$ $ra = -2,8$ 32.11: $p = .000,$ $ra = 2,8$ 32.15: $p = .004,$ $ra = -3,2$	33.15: $p = .032, ra = -2,5$ 33.16: $p = .007, ra = -3,1$ 33.17: $p = .024, ra = 2,2$ 35.9: $p = .022, ra = -2,6$ 35.18: $p = .011, ra = 2,3$	34.16: $p = .002, ra = 3,2$

1. (Questão 32.8)) referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.
2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)
3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)
4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 59: Associações significantes entre atribuições para ESP em Vigília com Alguém/Algo e outras variáveis

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus				32.3: $p = .008$, $ra = 2,7$ 32.5: $p = .007$, $ra = 2,7$	33.12: $p = .032$, $ra = 2,1$	
Espírito Santo				32.3: $p = .010$, $ra = 2,6$ 32.5: $p = .000$, $ra = 4,1$ 32.13: $p = .004$, $ra = 2,9$		34.6: $p = .004$, $ra = 2,9$ 34.7: $p = .004$, $ra = 2,9$
Anjo da Guarda				32.13: $p = .004$, $ra = 2,9$		
Santo Protetor				32.5: $p = .012$, $ra = 2,5$ 32.7: $p = .036$, $ra = 2,1$ 32.11: $p = .012$, $ra = 2,5$ 32.13: $p = .000$, $ra = 3,8$	33.6: $p = .029$, $ra = 2,2$	
Espíritos Desencarnados				32.12: $p = .032$, $ra = -2,1$	33.4: $p = .013$, $ra = 2,0$ 33.15: $p = .012$, $ra = 2,5$ 33.16: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.17: $p = .018$, $ra = -2,4$ 35.6: $p = .029$, $ra = 2,2$	
Poder da Mente					33.5: $p = .024$, $ra = -2,3$ 33.15: $p = .040$, $ra = -2,0$	
Seres Elementais	$p = .002$ Wicca: $ra = 4,7$		$p = .031$, $ra = 2,2$		33.5: $p = .010$, $ra = 2,6$ 33.8: $p = .000$, $ra = 4,6$ 35.3: $p = .000$, $ra = 3,6$ 35.4: $p = .008$, $ra = 2,7$ 35.5: $p = .024$, $ra = 2,3$ 35.7: $p = .024$, $ra = 2,3$ 35.8: $p = .022$, $ra = 2,3$ 35.10: $p = .001$, $ra = 3,4$ 35.11: $p = .000$, $ra = 4,2$ 35.12: $p = .000$, $ra = 5,2$ 35.13: $p = .000$, $ra = 3,9$ 35.14: $p = .001$, $ra = 3,3$ 35.15: $p = .003$, $ra = 3,0$ 35.16: $p = .003$, $ra = 3,0$	34.1: $p = .007$, $ra = 2,7$ 34.8: $p = .011$, $ra = 2,5$ 34.10: $p = .012$, $ra = 2,5$ 34.11: $p = .012$, $ra = 2,5$ 34.12: $p = .037$, $ra = 2,1$ 34.13: $p = .037$, $ra = 2,1$
Demônio						
Coincidência					33.17: $p = .003$, $ra = 3,0$	

1. (Questão 32.8)) referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.
2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)
3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)
4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 60: Associações significantes entre atribuições para OBE com ESP e outras variáveis

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus				32.5: $p = .005$, $ra = 2,8$	35.13: $p = .044$, $ra = 2,0$	34.6: $p = .006$, $ra = 2,7$ 34.7: $p = .005$, $ra = 2,8$
Espírito Santo	$p = .009$ Evangélica: $ra = 4,4$	$p = .020$ Muito religioso: $ra = 2,6$	$p = .031$, $ra = 2,2$		33.5: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.7: $p = .015$, $ra = 2,4$ 33.10: $p = .016$, $ra = 2,4$ 33.13: $p = .015$, $ra = 2,4$ 35.1: $p = .023$, $ra = 2,3$ 35.15: $p = .047$, $ra = 2,0$	
Anjo da Guarda				32.5: $p = .010$, $ra = 2,6$ 32.7: $p = .030$, $ra = 2,2$ 32.13: $p = .010$, $ra = 2,6$	33.15: $p = .042$, $ra = 2,0$	34.9: $p = .010$, $ra = 2,6$
Santo Protetor				32.5: $p = .001$, $ra = 2,3$ 32.13: $p = .001$, $ra = 3,3$		34.3: $p = .003$, $ra = 2,9$
Espíritos Desencarnados	$p = .046$ Mais de uma: $ra = 3,9$				33.7: $p = .014$, $ra = 2,5$ 35.6: $p = .038$, $ra = -2,1$	34.7: $p = .032$, $ra = 2,1$
Poder da Mente					33.9: $p = .028$, $ra = -2,2$	34.4: $p = .038$, $ra = 2,1$
Seres Elementais				32.4: $p = .001$, $ra = 3,3$	33.9: $p = .005$, $ra = 2,8$ 35.3: $p = .002$, $ra = 3,1$ 35.6: $p = .027$, $ra = 2,2$ 35.7: $p = .001$, $ra = 3,2$ 35.8: $p = .035$, $ra = 2,1$ 35.10: $p = .000$, $ra = 3,5$ 35.13: $p = .011$, $ra = 2,6$	
Demônio						
Coincidência				32.13: $p = .032$, $ra = 2,1$ 32.15: $p = .001$, $ra = -3,2$	33.16: $p = .018$, $ra = -2,4$ 33.17: $p = .005$, $ra = 2,8$ 35.1: $p = .048$, $ra = -2,0$ 35.2: $p = .023$, $ra = -2,3$ 35.5: $p = .013$, $ra = -2,5$ 35.9: $p = .038$, $ra = -2,1$ 35.18: $p = .000$, $ra = 4,2$	34.16: $p = .000$, $ra = 3,8$

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.
 2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)
 3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)
 4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 61: Associações significantes entre atribuições para PK com Objetos e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus				32.5: $p = .013$, $ra = 2,5$	35.7: $p = .041$, $ra = 2,0$ 35.10: $p = .008$, $ra = 2,7$ 35.12: $p = .002$, $ra = 3,1$	34.7: $p = .013$, $ra = 2,5$
Espírito Santo			$p = .032$, $ra = 2,1$			
Anjo da Guarda				32.4: $p = .009$, $ra = 2,6$ 32.9: $p = .000$, $ra = 3,9$ 32.13: $p = .000$, $ra = 5,6$	33.5: $p = .045$, $ra = 2,0$ 33.6: $p = .002$, $ra = 3,1$ 33.13: $p = .002$, $ra = 3,1$	
Santo Protetor						
Espíritos Desencarnados				32.15: $p = .020$, $ra = 2,3$	33.4: $p = .003$, $ra = 3,0$ 35.8: $p = .005$, $ra = 2,8$ 35.13: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.16: $p = .028$, $ra = 2,2$	34.1: $p = .026$, $ra = 2,2$
Poder da Mente				32.7: $p = .033$, $ra = 2,1$	33.11: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.16: $p = .021$, $ra = 2,3$	
Seres Elementais					33.8: $p = .001$, $ra = 3,2$ 33.16: $p = .010$, $ra = 2,6$ 35.2: $p = .014$, $ra = 2,4$ 35.3: $p = .000$, $ra = 4,0$ 35.4: $p = .003$, $ra = 3,0$ 35.5: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.7: $p = .001$, $ra = 3,3$ 35.10: $p = .000$, $ra = 4,0$ 35.11: $p = .000$, $ra = 4,5$ 35.12: $p = .000$, $ra = 4,5$ 35.13: $p = .008$, $ra = 2,6$ 35.14: $p = .002$, $ra = 3,1$ 35.15: $p = .000$, $ra = 4,5$	34.4: $p = .030$, $ra = 2,2$ 34.8: $p = .032$, $ra = 2,1$
Demônio	$p = .033$ Presbiteriana: $ra = 3,4$ Evangélica: $ra = 2,4$		$p = .001$, $ra = 3,3$			34.3: $p = .001$, $ra = 3,5$
Coincidência				32.11: $p = .029$, $ra = 2,2$	35.1: $p = .036$, $ra = -2,1$ 35.9: $p = .045$, $ra = -2,0$	34.16: $p = .037$, $ra = 2,1$

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.

2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)

3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)

4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 62: Associações significantes entre atribuições para PK com Luz Elétrica/Aparelhos e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus						
Espírito Santo						
Anjo da Guarda						
Santo Protetor						
Espíritos Desencarnados				32.12: $p = .022$, $ra = -2,3$ 32.15: $p = .007$, $ra = 2,7$	33.4: $p = .000$, $ra = 3,6$ 33.7: $p = .013$, $ra = 2,5$ 33.15: $p = .024$, $ra = 2,2$ 33.17: $p = .047$, $ra = -2,0$	
Poder da Mente					35.16: $p = .020$, $ra = 2,3$	
Seres Elementais					33.5: $p = .016$, $ra = 2,4$ 33.8: $p = .006$, $ra = 2,8$ 33.9: $p = .016$, $ra = 2,4$ 35.2: $p = .027$, $ra = 2,2$ 35.3: $p = .000$, $ra = 3,8$ 35.4: $p = .014$, $ra = 2,5$ 35.6: $p = .038$, $ra = 2,1$ 35.7: $p = .000$, $ra = 3,8$ 35.8: $p = .022$, $ra = 2,3$ 35.10: $p = .000$, $ra = 4,7$ 35.11: $p = .000$, $ra = 4,3$ 35.12: $p = .000$, $ra = 5,2$ 35.13: $p = .001$, $ra = 3,2$ 35.14: $p = .000$, $ra = 4,0$ 35.15: $p = .000$, $ra = 4,7$ 35.16: $p = .038$, $ra = 2,1$	34.1, $p = .014$, $ra = 2,5$ 34.8, $p = .006$, $ra = 2,8$ 34.14, $p = .038$, $ra = 2,1$
Demônio	$p = .033$ Wicca: $ra = 5,9$			32.4: $p = .032$, $ra = 2,1$	33.5: $p = .016$, $ra = 2,4$ 33.7: $p = .032$, $ra = 2,1$ 33.12: $p = .006$, $ra = 2,8$ 35.15: $p = .032$, $ra = 2,1$	34.3, $p = .000$, $ra = 5,9$ 34.11, $p = .016$, $ra = 2,4$
Coincidência				32.11: $p = .030$, $ra = 2,2$ 32.15, $p = .0010$, $ra = -2,6$	33.4: $p = .020$, $ra = -2,3$ 33.16: $p = .046$, $ra = -2,0$	

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.

2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)

3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)

4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 63: Associações significantes entre atribuições para PK com Água e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus						
Espírito Santo				32.9, $p = .000$, $ra = 3,7$		34.4, $p = .000$, $ra = 3,7$
Anjo da Guarda						
Santo Protetor						
Espíritos Desencarnados					33.5: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.8: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.10: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.11: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.15: $p = .011$, $ra = 2,5$ 35.3: $p = .011$, $ra = 2,5$ 35.8: $p = .003$, $ra = 2,9$ 35.9: $p = .016$, $ra = 2,4$ 35.12: $p = .011$, $ra = 2,5$ 35.13: $p = .011$, $ra = 2,5$ 35.16: $p = .003$, $ra = 2,9$	34.8, $p = .011$, $ra = 2,5$ 34.10, $p = .011$, $ra = 2,5$ 34.12, $p = .011$, $ra = 2,5$ 34.13, $p = .011$, $ra = 2,5$ 34.15, $p = .011$, $ra = 2,5$
Poder da Mente					33.5: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.8: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.10: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.11: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.15: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.3: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.10: $p = .031$, $ra = 2,2$ 35.11: $p = .003$, $ra = 2,9$ 35.12: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.13: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.14: $p = .031$, $ra = 2,2$ 35.16: $p = .031$, $ra = 2,2$	34.9, $p = .031$, $ra = 2,2$
Seres Elementais						
Demônio						
Coincidência						

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.

2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)

3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)

4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 64: Associações significantes entre atribuições para PK com Fogo e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ³
Deus					35.16: $p = .025$, $ra = -2,2$	
Espírito Santo						
Anjo da Guarda						
Santo Protetor						
Espíritos Desencarnados						
Poder da Mente						
Seres Elementais				32.4, $p = .025$, $ra = 2,2$	33.4: $p = .025$, $ra = 2,5$ 33.5: $p = .025$, $ra = 2,2$ 33.9: $p = .025$, $ra = 2,2$ 33.10: $p = .025$, $ra = 2,2$ 33.15: $p = .025$, $ra = 2,2$ 33.16: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.2: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.3: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.5: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.6: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.7: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.11: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.13: $p = .025$, $ra = 2,2$ 35.14: $p = .025$, $ra = 2,2$	34.9, $p = .025$, $ra = 2,2$
Demônio						
Coincidência				32.11, $p = .025$, $ra = 2,2$ 32.12, $p = .025$, $ra = 2,2$		34.2, $p = .025$, $ra = 2,2$ 34.4, $p = .025$, $ra = 2,2$ 34.9, $p = .025$, $ra = 2,2$

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.

2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)

3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)

4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 65: Associações significantes entre atribuições para PK com Pedras e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus						
Espírito Santo						
Anjo da Guarda						
Santo Protetor						
Espíritos Desencarnados	$p = .027$ Espírita: $ra = 3,3$				33.12: $p = .026$, $ra = 2,2$	34.11: $p = .026$, $ra = 2,2$
Poder da Mente				32.15: $p = .039$, $ra = -2,1$		34.15: $p = .026$, $ra = 2,2$
Seres Elementais	$p = .027$ Wicca: $ra = 3,3$				33.5: $p = .026$, $ra = 2,2$ 33.8: $p = .001$, $ra = 3,3$ 33.9: $p = .001$, $ra = 3,3$ 35.7: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.12: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.14: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.15: $p = .026$, $ra = 2,2$	
Demônio					33.4: $p = .039$, $ra = 2,2$ 33.14: $p = .026$, $ra = 2,2$	34.6: $p = .026$, $ra = 2,2$
Coincidência				32.3: $p = .027$, $ra = 2,2$ 32.4: $p = .026$, $ra = 2,2$	33.7: $p = .001$, $ra = 3,3$ 33.13: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.7: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.14: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.15: $p = .026$, $ra = 2,2$	34.3: $p = .001$, $ra = 3,3$ 34.4: $p = .026$, $ra = 2,2$ 34.5: $p = .026$, $ra = 2,2$ 34.13: $p = .026$, $ra = 2,2$

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.
2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)
3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)
4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 66: Associações significantes entre atribuições para PK com Dejetos e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus					33.6: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.14: $p = .011$, $ra = 2,5$	34.1: $p = .016$, $ra = 2,4$
Espírito Santo					33.5: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.6: $p = .000$, $ra = 3,7$ 33.13: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.14: $p = .000$, $ra = 3,7$	34.2: $p = .047$, $ra = 2,4$ 34.4: $p = .047$, $ra = 2,4$
Anjo da Guarda					33.6: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.14: $p = .011$, $ra = 2,5$	
Santo Protetor						
Espíritos Desencarnados	$p = .016$ Mais de uma: $ra = 3,7$				33.7: $p = .047$, $ra = 2,0$ 33.9: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.13: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.5: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.10: $p = .047$, $ra = 2,0$	34.8: $p = .011$, $ra = 2,5$
Poder da Mente						
Seres Elementais						
Demônio			$p = .040$, $ra = 2,0$		33.12: $p = .011$, $ra = 2,5$	34.11: $p = .011$, $ra = 2,5$
Coincidência			$p = .048$, $ra = 2,0$			34.14: $p = .016$, $ra = 2,4$

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.
2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)
3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)
4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 67: Associações significantes entre atribuições para PK com Ar/Temperatura e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus					33.6: $p = .000$, $ra = 3,6$ 35.4: $p = .022$, $ra = 2,3$	34.1: $p = .018$, $ra = 2,2$ 34.7: $p = .005$, $ra = 3,2$
Espírito Santo			$p = .017$, $ra = 2,8$		33.4: $p = .013$, $ra = 2,5$ 33.5: $p = .011$, $ra = 2,5$ 33.6: $p = .020$, $ra = 2,3$	34.3: $p = .011$, $ra = 3,0$
Anjo da Guarda					33.13: $p = .021$, $ra = 2,3$ 33.15: $p = .024$, $ra = 2,3$	
Santo Protetor	$p = .031$ Espírita: $ra = 4,8$				33.4: $p = .044$, $ra = 2,0$ 35.2: $p = .015$, $ra = 2,4$	
Espíritos Desencarnados	$p = .020$ Espírita: $ra = 3,2$ Evangélica: $ra = -2,1$			32.15: $p = .003$, $ra = 3,3$	33.4: $p = .043$, $ra = 2,0$ 35.6: $p = .003$, $ra = 2,9$	
Poder da Mente				32.11: $p = .023$, $ra = 2,7$		34.7: $p = .005$, $ra = 3,2$
Seres Elementais					33.8: $p = .000$, $ra = 3,6$ 35.2: $p = .002$, $ra = 3,1$ 35.3: $p = .000$, $ra = 3,7$ 35.4: $p = .000$, $ra = 3,5$ 35.5: $p = .047$, $ra = 2,0$ 35.7: $p = .000$, $ra = 3,5$ 35.10: $p = .003$, $ra = 3,0$ 35.11: $p = .000$, $ra = 3,7$ 35.12: $p = .000$, $ra = 5,1$ 35.13: $p = .012$, $ra = 2,5$ 35.14: $p = .002$, $ra = 3,1$ 35.15: $p = .003$, $ra = 3,0$ 35.16: $p = .037$, $ra = 2,1$	34.14: $p = .026$, $ra = 2,6$
Demônio				32.9: $p = .026$, $ra = 2,7$	35.18: $p = .008$, $ra = 2,7$	
Coincidência				32.12: $p = .039$, $ra = 2,5$ 32.15: $p = .000$, $ra = -4,1$	33.4: $p = .017$, $ra = -2,4$ 33.11: $p = .044$, $ra = -2,0$ 33.11: $p = .001$, $ra = -3,3$ 33.17: $p = .000$, $ra = 3,6$ 35.1: $p = .001$, $ra = -3,3$ 35.2: $p = .009$, $ra = -2,6$ 35.4: $p = .023$, $ra = -2,3$ 35.5: $p = .007$, $ra = -2,7$ 35.18: $p = .022$, $ra = 2,3$	34.6: $p = .049$, $ra = 2,5$

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.
 2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)
 3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)
 4. (Questões 34.1 a 34.16)

Tabela 68: Associações significantes entre atribuições para ESP de Local Assombrado e outras variáveis.

ATRIBUIÇÕES	OUTRAS VARIÁVEIS					
	Religião	Religiosidade	Religião como Recurso de Coping ¹	Opiniões e Sentimentos acerca de Psi ²	Influência em Crenças e Mudança de Atitudes ³	Influência em Tomadas de Decisão ⁴
Deus				32.4: $p = .001$, $ra = 3,3$		34.11: $p = .009$, $ra = 2,6$
Espírito Santo						
Anjo da Guarda					33.14: $p = .041$, $ra = 2,0$ 35.2: $p = .029$, $ra = 2,2$ 35.4: $p = .011$, $ra = 2,5$	
Santo Protetor					33.14: $p = .001$, $ra = 3,2$	
Espíritos Desencarnados				32.11: $p = .002$, $ra = -3,1$ 32.12: $p = .013$, $ra = -2,5$ 32.15: $p = .001$, $ra = 3,4$	33.4: $p = .024$, $ra = 2,3$ 33.15: $p = .041$, $ra = 2,0$ 35.1: $p = .012$, $ra = 2,5$ 35.5: $p = .031$, $ra = 2,2$ 35.16: $p = .042$, $ra = 2,0$	
Poder da Mente		$p = .049$ Nem um pouco: $ra = 2,7$		32.9: $p = .003$, $ra = 2,9$	35.7: $p = .022$, $ra = 2,3$	
Seres Elementais					33.8: $p = .012$, $ra = 2,5$ 35.1: $p = .016$, $ra = 2,4$ 35.5: $p = .007$, $ra = 2,7$	
Demônio	$p = .031$ Evangélica: $ra = 3,6$		$p = .000$, $ra = 3,5$	32.3: $p = .022$, $ra = 2,3$ 32.4: $p = .002$, $ra = 3,1$ 32.9: $p = .034$, $ra = 2,1$	33.4: $p = .016$, $ra = 2,4$ 33.5: $p = .002$, $ra = 3,1$ 33.10: $p = .016$, $ra = 2,4$ 33.13: $p = .026$, $ra = 2,2$ 35.4: $p = .040$, $ra = -2,1$ 35.8: $p = .006$, $ra = 2,8$ 35.15: $p = .012$, $ra = 2,5$	34.3: $p = .034$, $ra = 2,1$
Coincidência				32.12: $p = .001$, $ra = 3,2$ 32.15: $p = .002$, $ra = -3,1$	33.16: $p = .031$, $ra = -2,2$ 33.17: $p = .013$, $ra = 2,5$ 35.1: $p = .004$, $ra = -2,9$ 35.2: $p = .017$, $ra = -2,4$ 35.5: $p = .014$, $ra = -2,5$ 35.9: $p = .019$, $ra = -2,4$	

1. (Questão 32.8) Referente à religião como meio de lidar com as experiências psi.

2. (Questões 32.3, 32.4, 32.5, 32.7, 32.9, 32.11, 32.12, 32.13, 32.15)

3. (Questões 33.4 a 33.17 e questões 35.1 a 35.16 e 35.18)

4. (Questões 34.1 a 34.16)

Quanto à variável **Gênero**, constatou-se que há apenas algumas diferenças significantes entre as atribuições feitas pelos **EXPs** homens e mulheres para suas experiências anômalas extra-sensório-motoras, tendo sido encontradas associações estatisticamente significantes para as atribuições:

- a um santo protetor ($p = .028$), feitas significativamente mais por mulheres ($ra = 2,2$) nas experiências de **ESP em Vigília com Fato**;
- a espíritos desencarnados ($p = .035$) feitas significativamente mais por mulheres ($ra = 2,1$) nas experiências de ESP em Vigília (Fato);
- ao Espírito Santo ($p = .037$) feitas significativamente mais por homens ($ra = 2,1$) nas experiências de **ESP em Vigília com Alguém/Algo**;
- a seres elementais ($p = .025$) feitas significativamente mais por homens ($ra = 2,2$) nas experiências de **ESP em Vigília com Alguém/Algo**;
- ao Anjo da Guarda ($p = .030$) feitas significativamente menos por homens ($ra = - 2,2$) nas experiências de **OBE com ESP**;
- a espíritos desencarnados ($p = .020$) são feitas significativamente menos por homens ($ra = - 2,3$) nas experiências de **PK com Objetos**;
- a espíritos desencarnados ($p = .048$) são feitas significativamente menos por homens ($ra = - 2,7$) nas experiências de **PK com Ar/Temperatura**.

6.3- Níveis de bem-estar subjetivo dos respondentes

OBJETIVO ESPECÍFICO

(f) Verificar a associação entre a vivência de experiências extra-sensório-motoras e os três maiores componentes do bem-estar subjetivo: afeto positivo, afeto negativo e satisfação com a vida, e comparar níveis de bem-estar subjetivo de experienciadores e não experienciadores de psi.

Neste item, são apresentados os resultados da aplicação da EBES (Escala de Bem-Estar Subjetivo) aos participantes da pesquisa. É importante lembrar, como foi apontado no Capítulo 3 que não houve pretensão de medir o bem-estar dos experienciadores na ocasião de suas experiências psi. Os níveis de bem-estar medidos correspondem ao momento da participação do respondente na pesquisa. Procurou-se verificar se há diferença de

níveis de bem-estar subjetivo, considerando seus três principais componentes – afeto positivo, afeto negativo e satisfação com a vida – entre **EXPs** e não **NEXPs**.

De acordo com os dados coletados, as médias dos três fatores componentes do bem-estar subjetivo são:

- Para os **EXPs**:
 - 67,7490 para o fator afeto positivo;
 - 55,1230 para o fator afeto negativo;
 - 55,2095 para o fator satisfação com a vida.
- Para os **NEXPs**:
 - 71,9375 para o fator afeto positivo;
 - 46,9434 para o fator afeto negativo;
 - 57,1538 para o fator satisfação com a vida.

Tabela 69 - Médias dos fatores “Afetos Positivos”, “Afetos Negativos” e “Satisfação com a Vida” entre os EXPs e NEXPs

Group Statistics

GRUPOS		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
SOMAAfetosPositivos	NEXPs	48	71,9375	15,14386	2,18583
	EXPs	247	67,7490	15,70439	,99925
SOMAAfetosNegativos	NEXPs	53	46,9434	15,91252	2,18575
	EXPs	252	55,1230	17,59790	1,10856
SOMASatisfaçãoVida	NEXPs	52	57,1538	7,43965	1,03169
	EXPs	253	55,2095	10,21163	,64200

Para a verificação de possíveis diferenças entre os grupos em relação aos índices de bem-estar, utilizou-se o teste *t* para duas amostras independentes, uma vez que se tratava de comparar as médias obtidas nos três fatores que compõem a escala de bem-estar utilizada (afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida). Constatou-se diferença significativa entre as médias de

EXPs e NEXPs para o fator afetos negativos, o que indica a tendência de que EXPs tenham maior nível de afetos negativos, portanto menor nível de BES do que NEXPs ($t = -3,125$, $df = 303$, $p = 002$). [O teste de Levene apontou homogeneidade das variâncias para as variáveis “afetos positivos” ($p = .673$) e “afetos negativos” ($p = .232$). Como a variância para a variável “satisfação com a vida” não se demonstrou homogênea ($p = .023$), utilizou-se um teste não-paramétrico para a avaliação da mesma, o “U” de Mann-Whitney que, por sua vez, não apontou diferença significativa entre os grupos na variável “satisfação com a vida” ($p = .380$) e corroborou os resultados para as diferenças entre os grupos nas variáveis “afetos positivos” ($p = .061$) e “afetos negativos” ($p = .001$).

Tabela 70 - Resultados do Teste t para duas amostras independentes para “Afetos Positivos”, “Afetos Negativos” e “Satisfação com a Vida” entre os EXPs e NEXPs.

Independent Samples Test

	Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means							
	F	Sig.	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference		
								Lower	Upper	
SOMAAfetosPositiv	Equal variances assumed	,178	,673	1,700	293	,090	4,18851	2,46324	-,65938	9,03640
	Equal variances not assumed			1,743	68,129	,086	4,18851	2,40340	-,60724	8,98426
SOMAAfetosNegativ	Equal variances assumed	1,432	,232	-3,125	303	,002	-8,17962	2,61738	13,33017	-3,02907
	Equal variances not assumed			-3,338	81,081	,001	-8,17962	2,45080	13,05587	-3,30337
SOMASatisfaçãoVid	Equal variances assumed	5,221	,023	1,303	303	,194	1,94436	1,49217	-,99197	4,88069
	Equal variances not assumed			1,600	95,254	,113	1,94436	1,21514	-,46791	4,35663

Tabela 71 - Resultados do Teste do “U” de Mann-Whitney” para “Afetos Positivos”, “Afetos Negativos” e “Satisfação com a Vida” entre os EXPs e NEXPs.

Test Statistics^a

	SOMAAfetos Positivos	SOMAAfetos Negativos	SOMASatisfaçãoVida
Mann-Whitney U	4914,500	4820,000	6069,500
Wilcoxon W	35542,500	6251,000	38200,500
Z	-1,875	-3,185	-,879
Asymp. Sig. (2-tailed)	,061	,001	,380

a. Grouping Variable: GRUPOS

Neste capítulo foram apresentadas as tabelas mais interessantes, considerando-se os objetivos propostos para este trabalho. Antes de finalizá-lo, ainda será apresentada a *Matriz de Associações Significantes entre Variáveis do Perfil dos EXPs* anunciada anteriormente. Além disso, vale lembrar que o **Anexo 5** traz um *compact disc* (CD) com todas as tabelas geradas pelo SPSS para a compilação e entrecruzamento dos dados.

Após a apresentação da *Matriz de Associações...*, no Capítulo 7 são discutidos os resultados do levantamento e entrecruzamento de dados apresentados neste Capítulo 6.

LEGENDA PARA A MATRIZ DE ASSOCIAÇÕES ENTRE VARIÁVEIS SIGNIFICANTES DOS EXPS:

1. $\chi^2 = 28,479$, $df = 13$, $p = .008$ [Kardecistas; $ra = 2,0$ (Mulheres); Agnósticos; $ra = 3,2$ (Homens)]
2. $\chi^2 = 6,482$, $df = 2$, $p = .039$ [Tenho dúvida: $ra = 2,0$ (Mulheres); Acredita; $ra = 2,2$ (Homens)]
3. $\chi^2 = 6,597$, $df = 1$, $p = .010$ [Acreditam em Pêndulos; $ra = 2,6$ (Mulheres)]
4. $\chi^2 = 9,782$, $df = 1$, $p = .002$ [Acreditam em Numerologia: $ra = 3,1$ (Mulheres)]
5. $\chi^2 = 20,729$, $df = 1$, $p = .000$ [Usou/usa droga: $ra = 4,6$ (Homens)]
6. $\chi^2 = 5,353$, $df = 1$, $p = .021$ [Consultou médium: $ra = 2,3$ (Mulheres)]
7. $\chi^2 = 12,709$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou cartomante: $ra = 3,6$ (Mulheres)]
8. $\chi^2 = 9,739$, $df = 1$, $p = .003$ [Consultou búzios: $ra = 3,0$ (Mulheres)]
9. $\chi^2 = 130,665$, $df = 12$, $p = .000$ [Nunca foi casado: $ra = 10,0$ (18 a 25 anos); Casado: $ra = 4,0$ (36 a 45 anos); Separado: $ra = 5,7$ (46 a 55 anos); Vive com companheiro: $ra = 2,6$ (26 a 35 anos)]
10. $\chi^2 = 111,557$, $df = 28$, $p = .000$ [Ensino fundamental incompleto: $ra = 3,3$ (56 anos ou mais); Ensino fundamental completo: $ra = 3,3$ (36 a 45 anos); Ensino médio completo: $ra = 3,3$ (36 a 45 anos); Ensino superior incompleto: $ra = 7,7$ (18 a 25 anos); pós-graduação: $ra = 3,3$ (26 a 35 anos)]
11. $\chi^2 = 62,231$, $df = 4$, $p = .000$ [Estudante universitário: $ra = 7,5$ (18 a 25 anos)]
12. $\chi^2 = 17,177$, $df = 4$, $p = .002$ [Trabalha: $ra = 2,8$ (36 a 45 anos)]
13. $\chi^2 = 61,70$, $df = 4$, $p = .000$ [Sustentado pela família: $ra = 7,3$ (18 a 25 anos)]
14. $\chi^2 = 75,551$, $df = 52$, $p = .018$ [Judeu: $ra = 2,0$ (26 a 35 anos); muçulmano: $ra = 5,2$ (46 a 55 anos); Esotérico: $ra = 3,2$ (36 a 45 anos).];
15. $\chi^2 = 37,546$, $df = 12$, $p = .000$ [Nem um pouco religioso: $ra = 2,5$ (18 a 25 anos); Moderadamente religioso: $ra = 3,4$ (26 a 35 anos); Muito religioso: $ra = 4,1$ (56 anos ou mais)]
16. $\chi^2 = 20,194$, $df = 8$, $p = .010$ [Não acreditam em PK: $ra = 3,2$ (18 a 25 anos); Acreditam em PK: $ra = 3,2$ (36 a 45 anos)]
17. $\chi^2 = 14,774$, $df = 4$, $p = .005$ [Usa/usou droga: $ra = 3,5$ (18 a 25 anos)]
18. $\chi^2 = 63,251$, $df = 24$, $p = .000$ [Consultou-se com psicólogo: $ra = 2,9$ (36 a 45 anos); Consultou-se com psiquiatra: $ra = 4,4$ (56 anos ou mais); Nunca consultou profissionais de saúde mental: $ra = 3,2$ (18 a 25 anos)]; Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista: $ra = 3,9$ (46 a 55 anos)
19. $\chi^2 = 11,049$, $df = 4$, $p = .026$ [Consultou-se com tarólogo: $ra = 2,0$ (26 a 35 anos)]
20. $\chi^2 = 11,049$, $df = 4$, $p = .026$ [Consultou-se com astrólogo: $ra = 2,2$ (36 a 45 anos) e $ra = 2,5$ (46 a 55 anos)]
21. $\chi^2 = 10,903$, $df = 4$, $p = .028$ [Consultou-se com quiromante: $ra = 2,1$ (46 a 55 anos)]
22. $\chi^2 = 11,241$, $df = 4$, $p = .024$ [Nunca consultou "alternativos": $ra = 3,1$ (18 a 25 anos)]
23. $\chi^2 = 90,816$, $df = 21$, $p = .000$ [Ensino superior incompleto: $ra = 5,3$ (Nunca foi casado); Ensino superior completo: $ra = 5,3$ (Casado) e $ra = 3,0$ (Separado/Divorciado)]
24. $\chi^2 = 35,317$, $df = 3$, $p = .000$ [Estudante: $ra = 5,9$ (Nunca foi casado)]

25. $\chi^2 = 46,481$, $df = 3$, $p = .000$ [A família sustentante: $ra = 6,8$ (Nunca foi casado); Ela mesma se sustenta: $ra = 3,8$ (Casado), $ra = 3,0$ (Separado/Divorciado)] e $ra = 3,9$ (Vive com companheiro)]
26. $\chi^2 = 58,049$, $df = 39$, $p = .025$ [Muçulmano: $ra = 2,7$ (Casado); Presbiteriano: $ra = 2,7$ (Casado); Evangélica: $ra = 2,5$ (Casado); Esotérico: $ra = 2,7$ (Casado)]
27. $\chi^2 = 14,073$, $df = 3$, $p = .003$ [Usou/usa droga: $ra = 3,5$ (Nunca foi casado)]
28. $\chi^2 = 35,523$, $df = 18$, $p = .008$ [Consultou psiquiatra: $ra = 2,9$ (Casado); Nunca consultou profissional de saúde mental: $ra = 2,3$ (Nunca foi casado); Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista: $ra = 3,7$ (Vive com companheiro)]
29. $\chi^2 = 11,188$, $df = 3$, $p = .011$ [Consultou-se com tarólogo: $ra = 2,9$ (Vive com companheiro)]
30. $\chi^2 = 10,194$, $df = 3$, $p = .017$ [Consultou-se com Astrólogo: $ra = 2,3$ (Vive com companheiro)]
31. $\chi^2 = 124,212$, $df = 7$, $p = .000$ [Ensino superior incompleto: $ra = 10,7$ (Estudante universitário)]
32. $\chi^2 = 16,530$, $df = 7$, $p = .021$ [Ensino superior incompleto: $ra = 3,8$ (A família sustenta)]
33. $\chi^2 = 70,787$, $df = 49$, $p = .022$ [Ensino Fundamental Incompleto (1o. ao 4o. ano): $ra = 4,3$ (Renda mensal de até R\$ 270,00); Ensino Médio Incompleto: $ra = 2,5$ (Renda mensal Entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00); Ensino Superior Completo: $ra = 3,1$ (De R\$ 7.793,00 para mais)]
34. $\chi^2 = 69,301$, $df = 42$, $p = .005$ [Fez pós-graduação: $ra = 2,6$ (Consultou-se com psiquiatra), $ra = 2,6$ (Consultou-se com psicólogo/psicanalista), $ra = 3,7$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista); Ensino Superior Completo: $ra = 3,0$ (Consultou-se com psicólogo/psicanalista)]
35. $\chi^2 = 24,487$, $df = 7$, $p = .001$ [Ensino Médio Incompleto: $ra = 4,1$ (Consultou-se com quiromante); Fez pós-graduação: $ra = 2,0$ (Consultou quiromante)]
35. $\chi^2 = 20,926$, $df = 7$, $p = .004$ [Ensino Médio Incompleto: $ra = 4,1$ (Consultou-se com quiromante)]
36. $\chi^2 = 11,535$, $df = 1$, $p = .001$ [Trabalha: $ra = 3,4$ (Não é estudante universitário)]
37. $\chi^2 = 23,476$, $df = 1$, $p = .000$ [A família sustentante: $ra = 4,8$ (Estudante universitário)]
38. $\chi^2 = 11,993$, $df = 1$, $p = .001$ [Usa/usou drogas: $ra = 3,5$ (Estudante universitário)]
39. $\chi^2 = 6,983$, $df = 1$, $p = .008$ [Consultou quiromante: $ra = 2,6$ (Não é estudante universitário)]
40. $\chi^2 = 3,926$, $df = 1$, $p = .048$ [Consultou búzios: $ra = 2,0$ (Não é estudante universitário)]
41. $\chi^2 = 41,110$, $df = 1$, $p = .000$ [Trabalha: $ra = 6,4$ (Sustenta a si mesma)]
42. $\chi^2 = 49,11$, $df = 1$, $p = .000$ [Sustenta a si mesma: $ra = 4,1$ (Renda mensal entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00), $ra = 2,8$ (Renda mensal Entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00); A família sustentante: $ra = 3,8$ (Renda mensal entre R\$ 4.648,00 e R\$ 7.792,00), $ra = 4,0$ (Renda mensal de R\$ 7.793,00 para mais)]
43. $\chi^2 = 15,412$, $df = 1$, $p = .000$ [Usa/usou drogas: $ra = 3,9$ (A família sustenta); Não usa/usou drogas: $ra = 3,9$ (Sustenta si mesma)]
44. $\chi^2 = 7,654$, $df = 1$, $p = .006$ [Consultou búzios: $ra = 2,8$ (Sustenta a si mesma)]
45. $\chi^2 = 186,626$, $df = 91$, $p = .000$ [Católico: $ra = 2,6$ (Renda mensal entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00), $ra = 2,3$ (Renda mensal entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00); Muçulmano: $ra = 2,6$ (Renda mensal entre R\$ 1.669,00 e R\$ 2.803,00); Evangélica: $ra = 2,6$ (Renda mensal entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00); Agnóstico: $ra = 2,1$ (Renda mensal entre R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00); Ateu: $ra = 2,1$ (Renda mensal de R\$ 7.793,00 para mais), Esotérico: $ra = 2,7$ (Renda mensal entre R\$ 4.648,00 e R\$ 7.792,00); Assinalou outra alternativa: $ra = 2,2$ (Renda mensal de R\$ 7.793,00 para mais)]
46. $\chi^2 = 25,617$, $df = 14$, $p = .029$ [Acredita na reencarnação: $ra = 2,0$ (Renda mensal entre R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00)]
47. $\chi^2 = 18,417$, $df = 7$, $p = .010$ [Faz uso de técnicas mentais: $ra = 3,1$ (Renda mensal de R\$ 7.793,00 para mais)]

48. $\chi^2 = 101,464$, $df = 39$, $p = .000$ [Católico: $ra = 3,3$ (Um pouco religioso); Judeu: $ra = 2,4$ (Nem um pouco religioso); Evangélico: $ra = 3,0$ (Moderadamente religioso) e $ra = 2,1$ (Muito Religioso); Agnóstico: $ra = 4,3$ (Nem um pouco religioso); Ateu: $ra = 5,1$ (Nem um pouco religioso)]
49. $\chi^2 = 48,189$, $df = 26$, $p = .005$ [Católico: $ra = -2,8$ (Crença em ESP); Evangélico: $ra = -2,2$ (Crença em ESP); Kardecista: $ra = 2,7$ (Crença em ESP)]
50. $\chi^2 = 55,047$, $df = 26$, $p = .001$ [Católico: $ra = -2,0$ (Crença em PK); Evangélico: $ra = -2,7$ (Crença em PK); Kardecista: $ra = 3,2$ (Crença em PK); Agnóstico: $ra = -2,4$ (Crença em PK);]
51. $\chi^2 = 118,764$, $df = 26$, $p = .000$ [Evangélico: $ra = -4,5$ (Crença na reencarnação); Kardecista: $ra = 5,1$ (Crença na reencarnação); Agnóstico: $ra = -2,8$ (Crença na reencarnação)]
52. $\chi^2 = 106,623$, $df = 65$, $p = .001$ [Católico: $ra = -2,5$ (A sobrevivência do espírito é uma certeza) e $ra = 2,0$; Muçulmano: $ra = 3,4$ (Sem opinião); Evangélica: $ra = 3,0$ (A sobrevivência do espírito é impossível) e $ra = 2,6$ (A sobrevivência do espírito é uma certeza); Kardecista: $ra = 3,6$ (A sobrevivência do espírito é uma certeza); Agnóstico: $ra = 2,1$ (A sobrevivência do espírito é impossível); Ateu: $ra = 3,3$ (A sobrevivência do espírito é impossível)]
52. $\chi^2 = 33,451$, $df = 13$, $p = .001$ [Evangélico: $ra = -2,7$ (Crença nos cristais); Wicca: $ra = 2,2$ (Crença nos cristais); Esotérico: : $ra = 2,2$ (Crença nos cristais)]
54. $\chi^2 = 33,451$, $df = 13$, $p = .001$ [Católico: $ra = -2,6$ (Crença nos pêndulos); Evangélico: $ra = -2,3$ (Crença nos pêndulos); Wicca: $ra = 2,6$ (Crença nos pêndulos); Esotérico: $ra = 2,6$ (Crença nos pêndulos)]
55. $\chi^2 = 31,973$, $df = 13$, $p = .002$ [Evangélico: $ra = -2,2$ (Crença na numerologia)]
56. $\chi^2 = 32,803$, $df = 13$, $p = .002$ [Evangélico: $ra = -3,9$ (Crença na astrologia)]
57. $\chi^2 = 38,498$, $df = 13$, $p = .000$ [Evangélico: $ra = 4,3$ (Descrença nas "alternativas");]
58. $\chi^2 = 32,206$, $df = 13$, $p = .002$ [Católico: $ra = -2,5$ (Realiza/realizou técnicas mentais); Evangélico: $ra = -2,7$ (Realiza/realizou técnicas mentais)]
59. $\chi^2 = 28,499$, $df = 13$, $p = .008$ [Católico: $ra = -2,7$ (Usa/usou drogas); Evangélico: $ra = -2,1$ (Usa/usou drogas); Ateu: $ra = 2,9$ (Usa/usou drogas)]
60. $\chi^2 = 58,448$, $df = 12$, $p = .000$ [Católico: $ra = -2,1$ (Consultou médium); Evangélico: $ra = -3,0$ (Consultou médium); Kardecista: $ra = 3,7$ (Consultou médium)]
61. $\chi^2 = 26,221$, $df = 12$, $p = .010$ [Católico: $ra = -2,6$ (Consultou astrólogo); Kardecista: $ra = 3,4$ (Consultou astrólogo)]
62. $\chi^2 = 36,878$, $df = 12$, $p = .000$ [Católico: $ra = -3,3$ (Consultou curador); Evangélico: $ra = -2,1$ (Consultou curador); Kardecista: $ra = 3,8$ (Consultou astrólogo)]
63. $\chi^2 = 25,210$, $df = 12$, $p = .014$ [Católico: $ra = 2,6$ (Nunca consultei "alternativos");]
64. $\chi^2 = 21,986$, $df = 6$, $p = .001$ [Crença na reencarnação: $ra = -2,8$ (Nem um pouco religioso); Não acredita na reencarnação: $ra = 2,7$ (Muito religioso)]
65. $\chi^2 = 58,525$, $df = 15$, $p = .000$ [Crença na sobrevivência como improvável: $ra = 3,9$ (Nem um pouco religioso); Crença na sobrevivência como improvável: $ra = 3,9$ (Nem um pouco religioso); Crença na sobrevivência como uma certeza: $ra = 2,7$ (Moderadamente religioso); Crença na sobrevivência como uma certeza: $ra = 4,8$ (Muito religioso);
66. $\chi^2 = 13,856$, $df = 3$, $p = .003$ [Usou/usa drogas: $ra = 3,3$ (Nem um pouco religioso)]
67. $\chi^2 = 79,583$, $df = 4$, $p = .000$ [Acredita em ESP: $ra = 6,5$ (Acredita em PK)]
68. $\chi^2 = 29,993$, $df = 4$, $p = .000$ [Acredita na reencarnação: $ra = 4,2$ (Acredita em ESP)]
69. $\chi^2 = 23,703$, $df = 10$, $p = .008$ [Acredita na sobrevivência como uma certeza: $ra = 3,2$ (Acredita em ESP)]
70. $\chi^2 = 32,896$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos cristais: $ra = 5,7$ (Acredita em ESP)]
71. $\chi^2 = 25,596$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos pêndulos: $ra = 5,1$ (Acredita em ESP)]

72. $\chi^2 = 11,116$, $df = 2$, $p = .004$ [Acredita em numerologia: $r_a = 3,3$ (Acredita em ESP)]
73. $\chi^2 = 15,672$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita na astrologia: $r_a = 3,4$ (Acredita em ESP)]
74. $\chi^2 = 32,896$, $df = 2$, $p = .000$ [Desacredita nas "alternativas": $r_a = -4,2$ (Acredita em ESP)]
75. $\chi^2 = 32,628$, $df = 2$, $p = .000$ [Fez/faz uso de técnicas mentais: $r_a = 5,6$ (Acredita em ESP)]
76. $\chi^2 = 6,384$, $df = 2$, $p = .041$ [Fez/faz uso de drogas: $r_a = -2,5$ (Acredita em ESP)]
77. $\chi^2 = 22,765$, $df = 12$, $p = .030$ [Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista: $r_a = 2,5$ (Acredita em ESP)]
78. $\chi^2 = 17,155$, $df = 2$, $p = .000$ [Consultou-se com médium: $r_a = 4,0$ (Acredita em ESP)]
79. $\chi^2 = 6,320$, $df = 2$, $p = .000$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = 2,4$ (Acredita em ESP)]
80. $\chi^2 = 17,155$, $df = 2$, $p = .022$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = 2,7$ (Acredita em ESP)]
81. $\chi^2 = 17,279$, $df = 2$, $p = .000$ [Consultou-se com curador: $r_a = 4,0$ (Acredita em ESP)]
82. $\chi^2 = 15,722$, $df = 2$, $p = .000$ [Nunca consultou-se com médium: $r_a = -4,0$ (Acredita em ESP)]
83. $\chi^2 = 17,009$, $df = 8$, $p = .030$ [Avaliou a consultas como muito prejudiciais: $r_a = 2,2$ (Não acredita em ESP)]
84. $\chi^2 = 31,310$, $df = 4$, $p = .000$ [Acredita na reencarnação: $r_a = 4,5$ (Acredita em PK)]
85. $\chi^2 = 23,771$, $df = 10$, $p = .008$ [Acredita na sobrevivência como uma certeza: $r_a = 3,5$ (Acredita em PK)]
86. $\chi^2 = 37,081$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos cristais: $r_a = 5,7$ (Acredita em PK)]
87. $\chi^2 = 36,270$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos pêndulos: $r_a = 5,8$ (Acredita em PK)]
88. $\chi^2 = 20,751$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita em numerologia: $r_a = 4,0$ (Acredita em PK)]
89. $\chi^2 = 16,786$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos astrologia: $r_a = 2,9$ (Acredita em PK)]
90. $\chi^2 = 20,493$, $df = 2$, $p = .000$ [Desacredita nas "alternativas": $r_a = -3,2$ (Acredita em PK)]
91. $\chi^2 = 31,048$, $df = 2$, $p = .000$ [Fez/faz uso de técnicas mentais: $r_a = 4,6$ (Acredita em PK)]
92. $\chi^2 = 21,848$, $df = 12$, $p = .039$ [Consultou-se com psicanalista: $r_a = 2,0$ (Acredita em PK)]
93. $\chi^2 = 10,643$, $df = 2$, $p = .005$ [Consultou-se com médium: $r_a = 2,9$ (Acredita em PK)]
94. $\chi^2 = 9,828$, $df = 2$, $p = .007$ [Não consultou-se com tarólogo: $r_a = 3,0$ (Desacredita em PK)]
95. $\chi^2 = 6,960$, $df = 2$, $p = .031$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = -2,7$ (Desacreditar em PK)]
96. $\chi^2 = 6,805$, $df = 2$, $p = .033$ [Consultou-se com quiromante: $r_a = -2,6$ (Desacreditar em PK)]
97. $\chi^2 = 56,656$, $df = 10$, $p = .000$ [Acredita na sobrevivência como uma certeza: $r_a = 3,0$ (Acredita na reencarnação)]
98. $\chi^2 = 27,751$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos cristais: $r_a = 4,5$ (Acredita na reencarnação)]
99. $\chi^2 = 19,901$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos pêndulos: $r_a = 3,8$ (Acredita na reencarnação)]
100. $\chi^2 = 31,277$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita em numerologia: $r_a = 5,1$ (Acredita na reencarnação)]

101. $\chi^2 = 22,278$, $df = 2$, $p = .000$ [Acredita nos astrologia: $r_a = 5,5$ (Acredita na reencarnação)]
102. $\chi^2 = 42,890$, $df = 2$, $p = .000$ [Desacredita nas "alternativas": $r_a = -6,2$ (Acredita na reencarnação)]
103. $\chi^2 = 17,235$, $df = 2$, $p = .000$ [Faz/fez uso de técnicas mentais: $r_a = 3,6$ (Acredita na reencarnação)]
104. $\chi^2 = 29,194$, $df = 2$, $p = .000$ [Consultou-se com médium: $r_a = 9,9$ (Acredita na reencarnação)]
105. $\chi^2 = 7,482$, $df = 2$, $p = .024$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = 2,7$ (Acredita na reencarnação)]
106. $\chi^2 = 9,510$, $df = 2$, $p = .009$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = 2,9$ (Acreditar na reencarnação)]
107. $\chi^2 = 16,482$, $df = 2$, $p = .000$ [Consultou-se com curador: $r_a = 3,9$ (Acreditar na reencarnação)]
108. $\chi^2 = 6,752$, $df = 2$, $p = .034$ [Nunca se consultou: $r_a = -2,2$ (Acreditar na reencarnação)]
109. $\chi^2 = 14,990$, $df = 5$, $p = .010$ [Uso de técnicas mentais: $r_a = 2,8$ (Acreditar na sobrevivência como uma certeza)]
110. $\chi^2 = 67,703$, $df = 20$, $p = .000$ [Avaliação das consultas como muito proveitosa: $r_a = 2,8$ (Acreditar na sobrevivência como uma certeza)]
111. $\chi^2 = 29,721$, $df = 1$, $p = .000$ [Acredita nos cristais: $r_a = 5,5$ (Faz/fez uso de técnicas mentais)]
112. $\chi^2 = 33,695$, $df = 1$, $p = .000$ [Acredita nos pêndulos: $r_a = 5,8$ (Faz/fez uso de técnicas mentais)]
113. $\chi^2 = 14,681$, $df = 1$, $p = .000$ [Acredita em numerologia: $r_a = 3,8$ (Faz/fez uso de técnicas mentais)]
114. $\chi^2 = 21,459$, $df = 1$, $p = .000$ [Acredita nos astrologia: $r_a = 4,6$ (Faz/fez uso de técnicas mentais)]
115. $\chi^2 = 23,324$, $df = 1$, $p = .000$ [Desacredita nas "alternativas": $r_a = -4,8$ (Faz/fez uso de técnicas mentais)]
116. $\chi^2 = 3,930$, $df = 1$, $p = .047$ [Acredita nos cristais: $r_a = 2,0$ (Faz/fez uso de drogas)]
117. $\chi^2 = 6,939$, $df = 1$, $p = .008$ [Acredita nos pêndulos: $r_a = 2,6$ (Faz/fez uso de drogas)]
118. $\chi^2 = 4,719$, $df = 1$, $p = .030$ [Acredita nos astrologia: $r_a = 2,2$ (Faz/fez uso de drogas)]
119. $\chi^2 = 7,967$, $df = 1$, $p = .005$ [Desacredita nas "alternativas": $r_a = -2,8$ (Faz/fez uso de drogas)]
120. $\chi^2 = 17,389$, $df = 6$, $p = .008$ [Acredita nos cristais: $r_a = 3,4$ (Consultou-se com psicólogo)]
121. $\chi^2 = 15,476$, $df = 6$, $p = .017$ [Acredita nos pêndulos: $r_a = 2,5$ (Consultou-se com psicólogo)]
122. $\chi^2 = 22,841$, $df = 6$, $p = .001$ [Desacredita nas "alternativas": $r_a = -2,9$ (Consultou-se com psicólogo)]
123. $\chi^2 = 16,089$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com médium: $r_a = 4,0$ (Acredita nos cristais)]
124. $\chi^2 = 7,488$, $df = 1$, $p = .006$ [Consultou-se com médium: $r_a = 2,7$ (Acredita nos pêndulos)]
125. $\chi^2 = 20,865$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com médium: $r_a = 4,6$ (Acredita na numerologia)]
126. $\chi^2 = 27,713$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com médium: $r_a = 5,3$ (Acredita na astrologia)]
127. $\chi^2 = 26,902$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com médium: $r_a = -5,2$ (Desacredita nessas práticas)]
128. $\chi^2 = 13,419$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = 3,7$ (Acredita nos cristais)]
129. $\chi^2 = 17,271$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = 4,2$ (Acredita nos pêndulos)]

130. $\chi^2 = 22,735$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = 4,8$ (Acredita na numerologia)]
131. $\chi^2 = 41,267$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = 6,4$ (Acredita na astrologia)]
132. $\chi^2 = 37,165$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = -6,1$ (Desacredita nessas práticas)]
133. $\chi^2 = 7,913$, $df = 1$, $p = .005$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = 2,8$ (Acredita nos cristais)]
134. $\chi^2 = 15,077$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = 3,9$ (Acredita nos pêndulos)]
135. $\chi^2 = 23,042$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = 4,8$ (Acredita na numerologia)]
136. $\chi^2 = 33,193$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = 5,8$ (Acredita na astrologia)]
137. $\chi^2 = 27,299$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = -5,2$ (Desacredita nessas práticas)]
138. $\chi^2 = 8,620$, $df = 1$, $p = .003$ [Consultou-se com curador: $r_a = 2,9$ (Acredita nos cristais)]
139. $\chi^2 = 11,929$, $df = 1$, $p = .001$ [Consultou-se com curador: $r_a = 3,5$ (Acredita nos pêndulos)]
140. $\chi^2 = 18,015$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com curador: $r_a = 4,2$ (Acredita na numerologia)]
141. $\chi^2 = 17,365$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com curador: $r_a = 4,2$ (Acredita na astrologia)]
142. $\chi^2 = 13,015$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com curador: $r_a = -3,6$ (Desacredita nessas práticas)]
143. $\chi^2 = 7,255$, $df = 1$, $p = .007$ [Consultou-se com quiromante: $r_a = 2,7$ (Acredita nos pêndulos)]
144. $\chi^2 = 4,468$, $df = 1$, $p = .035$ [Consultou-se com quiromante: $r_a = 2,1$ (Acredita na numerologia)]
145. $\chi^2 = 9,009$, $df = 1$, $p = .003$ [Consultou-se com quiromante: $r_a = 3,0$ (Acredita na astrologia)]
146. $\chi^2 = 8,299$, $df = 1$, $p = .004$ [Consultou-se com quiromante: $r_a = -2,9$ (Desacredita nessas práticas)]
147. $\chi^2 = 7,804$, $df = 1$, $p = .005$ [Consultou-se com jogador de búzios: $r_a = 2,8$ (Acredita na numerologia)]
148. $\chi^2 = 5,868$, $df = 1$, $p = .015$ [Consultou-se com jogador de búzios: $r_a = 2,4$ (Acredita na astrologia)]
149. $\chi^2 = 5,395$, $df = 1$, $p = .020$ [Consultou-se com jogador de búzios: $r_a = -2,3$ (Desacredita nessas práticas)]
150. $\chi^2 = 12,160$, $df = 1$, $p = .000$ [Nunca se consultou: $r_a = -3,5$ (Acredita nos cristais)]
151. $\chi^2 = 4,385$, $df = 1$, $p = .036$ [Nunca se consultou: $r_a = -.21$ (Acredita nos pêndulos)]
152. $\chi^2 = 14,401$, $df = 1$, $p = .000$ [Nunca se consultou: $r_a = -3,8$ (Acredita na numerologia)]
153. $\chi^2 = 23,544$, $df = 1$, $p = .000$ [Nunca se consultou: $r_a = -4,9$ (Acredita na astrologia)]
154. $\chi^2 = 25,575$, $df = 1$, $p = .000$ [Nunca se consultou: $r_a = 5,1$ (Desacredita nessas práticas)]
155. $\chi^2 = 31,156$, $df = 6$, $p = .000$ [Consultou-se com psicólogo: $r_a = 3,7$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]
156. $\chi^2 = 17,938$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com médium: $r_a = 4,2$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]
157. $\chi^2 = 17,670$, $df = 1$, $p = .000$ [Consultou-se com tarólogo: $r_a = 4,2$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]
158. $\chi^2 = 20,181$, $df = 1$, $p = .022$ [Consultou-se com astrólogo: $r_a = 4,5$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]

159. $\chi^2 = 8,709$, $df = 1$, $p = .003$ [Consultou-se com curador: $ra = 3,0$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]
160. $\chi^2 = 7,513$, $df = 1$, $p = .006$ [Consultou-se com quiromante: $ra = 2,7$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]
161. $\chi^2 = 4,715$, $df = 1$, $p = .030$ [Consultou-se com jogador de búzios: $ra = 2,2$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]
162. $\chi^2 = 19,907$, $df = 1$, $p = .000$ [Nunca fez uso dessas técnicas: $ra = -4,5$ (Fez/faz uso de técnicas mentais)]
163. $\chi^2 = 5,057$, $df = 1$, $p = .025$ [Consultou-se com astrólogo: $ra = 2,2$ (Fez/faz uso de drogas)]
164. $\chi^2 = 23,978$, $df = 6$, $p = .001$ [Consultou-se com médium: $ra = 2,9$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista)]
165. $\chi^2 = 18,041$, $df = 6$, $p = .006$ [Consultou-se com tarólogo: $ra = 2,0$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista)]
166. $\chi^2 = 28,485$, $df = 6$, $p = .000$ [Consultou-se com astrólogo: $ra = 3,4$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista)]
167. $\chi^2 = 21,018$, $df = 6$, $p = .002$ [Consultou-se com curador: $ra = 3,1$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista)]
168. $\chi^2 = 41,476$, $df = 6$, $p = .000$ [Consultou-se com quiromante: $ra = 6,3$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista)]
169. $\chi^2 = 17,012$, $df = 6$, $p = .009$ [Consultou-se com jogador de búzios: $ra = 2,3$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra) psicanalista) e $ra = 2,7$ (psicanalista)]
170. $\chi^2 = 17,556$, $df = 6$, $p = .007$ [Nunca fez uso dessas técnicas: $ra = -2,9$ (Consultou-se com psicólogo/psiquiatra/psicanalista)]
171. $\chi^2 = 9,576$, $df = 4$, $p = .048$ [Consultou-se com tarólogo: $ra = -2,7$ (Avaliou como muito pro veitoso)]

Capítulo 7

Discussão dos resultados

O Capítulo 6 apresentou um grande volume de dados coletados e seus entrecruzamentos na busca de associações ou correlações que possibilitassem a discussão dos mesmos e a avaliação das hipóteses que nortearam este trabalho. Antes de iniciar a discussão dos resultados encontrados, cabe lembrar – como dito anteriormente – que este estudo tem caráter exploratório na medida em que não contou com uma amostra estatisticamente significativa da população brasileira. No entanto, os resultados obtidos podem ser considerados como vetores que direcionam o olhar para futuros caminhos de pesquisa que possam aprofundá-los. Por isto, este capítulo consiste na leitura dos dados, num exercício de interpretação o mais isenta possível com base nas informações coletadas e no diálogo com outros estudos e com os referenciais teóricos apresentados na Parte 1 desta tese.

O dado que primeiramente chama a atenção refere-se à prevalência de experiências psi ou extra-sensório-motoras na amostra sob exame: 253 (82,7%) dos 306 respondentes disseram ter vivenciado pelo menos uma experiência extra-sensório-motora, sendo que da amostra geral (N = 306) 227 respondentes (74,2%) disseram ter passado por pelo menos uma experiência extra-sensorial (ESP) e 171 respondentes (55,9%) disseram ter vivenciado ao menos uma experiência extra-motora (PK). Ao contrastar esse número com o resultado de pesquisas de levantamento de dados realizadas em outros países – nas quais,

numa média aproximada, cerca de 50% das amostras relatam experiências extra-sensoriais (exs.: Glickson, 1990; Haraldsson, 1985; Irwin, 1985; Palmer, 1979) – percebe-se que o Brasil é digno da alcunha de “celeiro de psi”, como dizem alguns pesquisadores da comunidade científica internacional que se dedica ao estudo das experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor. Impressiona também a quantidade de experiências de PK indicadas no questionário, ainda que tenham sido poucas as experiências vivenciadas em cada uma de suas variações. Devido ao fato de as ocorrências de PK serem menos freqüentes no cotidiano e, talvez, mais desafiadoras por se tratarem de eventos “explicitamente” físicos, haja mais dados sobre experiências de ESP o que pode ser notado na literatura especializada – pelo menos esta é a minha percepção enquanto pesquisadora há dezoito anos na área. Portanto, a prevalência de PK na amostra analisada é mais um dado que salta aos olhos, lembrando-se novamente que nesta, como em outras pesquisas de *survey*, não houve preocupação com a realidade das anomalias relatadas, tendo sido estas consideradas como fatos psíquicos. Considerando a prevalência de experiências psi (ESP e PK) vivenciadas pelos respondentes do Q-PRP, pode-se dizer que os resultados encontrados ajudam a justificar o interesse que psicólogos – especialmente psicólogos sociais – deveriam ter pelo estudo das experiências psi. São vivências de número expressivo e, longe de serem inócuas, provocam mudanças em crenças e atitudes com conseqüências sociais na vida cotidiana de seus experienciadores ou até mesmo de pessoas que apenas têm contato com seus relatos – aspectos que serão comentados no decorrer deste capítulo.

Objetivava-se, neste trabalho, delinear o perfil de **EXPs** (experienciadores de psi) em contraste com **NEXPs** (não experienciadores de psi), e verificar as

possíveis associações entre a prevalência de experiências extra-sensório-motoras e dados demográficos e crenças e práticas da amostra investigada. Com isto pretendeu-se investigar se haveria alguma diferença significativa entre aqueles que vivenciam e os que não vivenciam experiências extra-sensório-motoras.

As diferenças entre os **EXPs** e **NEXPs** foram apontadas ao longo de todo o Capítulo 6, sendo que a *Matriz de Associações Significantes entre Variáveis do Perfil dos EXPs* (**Tabela X**), como o próprio nome diz, mostrou as variáveis significantes encontradas internamente no grupo de **EXPs**. Essa matriz possibilita um refinamento da observação dos dados sobre os **EXPs** para além de sua comparação, em nível coletivo, com os **NEXPs**, suscitando reflexões que são apontadas no presente capítulo.

Nesta pesquisa, verificou-se que homens e mulheres têm experiências psi, não havendo diferença estatisticamente significativa na prevalência dessas experiências no que diz respeito ao gênero dos respondentes. Esse dado parece contradizer o resultado encontrado por Haraldsson e Houtkooper (1991), que verificaram que mulheres relataram mais experiências que os homens na Europa e, especialmente, nos Estados Unidos. Palmer (1979) especulou, na discussão dos dados da *survey* que realizou em Charlottesville em 1974, que a discrepância referente ao gênero dos **EXPs** se deveria ao fato de as mulheres gostarem de falar mais sobre suas experiências. Como Louisa Rhine já havia comentado na publicação dos dados sobre sua coleção de casos (Rhine, 1965), para cada dez mulheres que relatam suas experiências psi a parentes ou amigos, apenas um homem o faz. De fato, a pesquisa ora apresentada mostrou que as mulheres gostam mais de compartilhar suas experiências psi com outras pessoas do que

os homens, mas mesmo assim não foi encontrada diferença significativa em termos de gênero para os grupos de **EXPs** e **NEXPs**.

Considerando que as mulheres costumam compartilhar mais suas experiências psi do que os homens, talvez o modo de coleta de dados desta pesquisa tenha colaborado para que se obtivesse um resultado diferente do das outras pesquisas. No *survey* realizado por Palmer, por exemplo, os questionários foram enviados pelo correio a 700 pessoas residentes de Charlottesville, na Virgínia, EUA, e para 300 estudantes universitários da mesma cidade, com um envelope com postagem paga para que o material fosse preenchido e devolvido por correio ao pesquisador. Na folha de apresentação do questionário, o pesquisador deixou explícito que a pesquisa relacionava-se a percepção extra-sensorial e fenômenos paranormais. Palmer recebeu de volta 354 questionários preenchidos por moradores da cidade e 269 de universitários. Diferentemente, para a pesquisa ora apresentada, preferiu-se que os respondentes preenchessem os questionários no momento em que aceitaram participar da pesquisa, havendo alguns casos em que os questionários foram preenchidos em outros momentos, mas sempre com algum “ponto de contato” pessoal entre a pesquisadora e seus colaboradores e os respondentes. Com isto, minimizou-se a perda de material e houve um comprometimento maior daqueles que concordaram em participar da pesquisa. As pessoas foram convidadas a responder um questionário sobre experiências cotidianas, que poderiam ter ou não sido vivenciadas por eles, sem que fossem detalhados esses tipos de experiência. Isto também minimizou a falta de interesse ou preconceito *a priori* sobre o assunto, evitando que muitos talvez desistissem de concordar em participar da pesquisa. No *survey* de Palmer, provavelmente aqueles que não se interessavam pelas experiências anômalas

não se deram ao trabalho de enviar suas respostas. Nesse sentido, talvez a presente pesquisa seja mais representativa em termos de prevalência de psi numa dada amostra do que o *survey* realizado por Palmer.

Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes entre **EXPs** e **NEXPs** quanto a renda mensal, adesão religiosa e estado civil. Ainda quanto ao estado civil, a grande maioria (74,4%) dos **EXPs** (N = 253), nunca foram casados. Esse dado vai de encontro aos resultados de Haraldsson e Houtkooper (1991), uma vez que em seu estudo a porcentagem de pessoas com experiências anômalas entre aquelas com situação conjugal “irregular” (separados, 53%; divorciados, 47%; “amigados”, 44%) foi significativamente maior que os grupos de casados e de solteiros. Também a Palmer (1979: 243) constatou em sua amostra uma tendência geral para que respondentes viúvos e respondentes separados ou divorciados relatassem grande número de experiências relacionadas a psi. Há que se considerar, porém, que a amostra do presente estudo é composta principalmente de estudantes universitários que, de um modo geral, são mais jovens e ainda não se casaram, o que, portanto, enviesa a informação sobre o estado civil dos respondentes.

Os dados mostraram diferenças estatisticamente significantes quanto às variáveis idade, escolaridade, estudo e trabalho (“trabalhar ou não”),

No que diz respeito à idade, verificou-se que os **EXPs** são significativamente mais jovens do que os **NEXPs**, resultado que também pode ter sido enviesado pelo fato de a amostra geral (N = 306) ser composta por 61,4% de respondentes na faixa de 18 a 25 anos de idade. Em outros estudos (ex.: Rhine, 1965; Palmer, 1979), a idade não parece influenciar na vivência ou não de experiências anômalas.

Quanto à escolaridade de **EXPs** e **NEXPs**, a pesquisa mostrou que, comparando os dois grupos, há uma tendência de os **NEXPs** terem significativamente mais o “ensino fundamental incompleto - 5^o ano ao 8^o ano”, o “ensino médio completo” e a “pós-graduação”, enquanto os **EXPs** têm significativamente mais o “ensino superior incompleto”. O grupo de **EXPs** apresentou número significativamente maior de estudantes universitários do que o grupo de **NEXPs**. Mais uma vez, o resultado encontrado contrasta com o estudo realizado por Haraldsson e Houtkooper (1991), pois os pesquisadores não encontraram associação significativa entre o nível educacional dos respondentes e a vivência ou não de experiências anômalas. Há, no entanto, que se resguardar as diferenças entre a composição das amostras.

Os dados mostram que significativamente mais **NEXPs** trabalham, ao passo que os **EXPs** são significativamente mais sustentados por suas famílias. Esses dados são bem peculiares da amostra investigada, não possibilitando uma generalização não apenas pelo fato de a amostra não ser numericamente representativa da população brasileira, mas porque tratou de uma amostra de conveniência que privilegiou a coleta de dados dentre estudantes universitários. Apesar disso, os demais itens investigados podem trazer boas pistas sobre as associações entre experiência psi, crenças, atitudes e bem-estar subjetivo. Em que pesem não possam ser generalizados pelas razões já comentadas, apontam tendências e abrem possibilidades para novas pesquisas.

Foram coletados dados a fim de delinear um perfil de crenças e práticas dos **EXPs** e **NEXPs**. No que diz respeito a crenças e práticas dos respondentes, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa entre **EXPs** e **NEXPs** quanto ao grau de religiosidade, de acordo com o que os próprios respondentes

indicaram no questionário. De fato, não foi constatada diferença significativa ($p = .457$) entre os **NEXPs** e **EXPs** quanto ao nível de religiosidade. Em sua pesquisa de 1974 nos Estados Unidos, Palmer (1979) também não considerou a religiosidade como uma variável associada consistentemente à ocorrência de psi. Porém, tanto o resultado da pesquisa de Palmer quanto da presente pesquisa destoam dos dados que Haraldsson e Houtkooper (1991) constataram por meio de regressão múltipla: dados referentes a algumas variáveis advindas da dimensão “religiosidade” afetariam a frequência dos relatos de experiências anômalas.

De qualquer modo, em outras questões relacionadas à crença, foram encontradas diferenças significantes entre os grupos: os **EXPs** acreditam significativamente mais na reencarnação do que os **NEXPs**, enquanto estes consideram significativamente mais impossível a sobrevivência da alma ou do espírito. Os **EXPs** também se mostram significativamente mais crédulos do que os **NEXPs** no que diz respeito à crença nos cristais, nos pêndulos e na astrologia. Também os **EXPs** afirmam ter praticado ou praticar técnicas mentais, além de terem feito ou fazerem uso de drogas ou substâncias que provocam expansão da consciência significativamente mais do que os **NEXPs**. Esses dados vão ao encontro das considerações de Palmer (1979) sobre o que ele chama de “preditores de psi”, ou seja, crenças ou práticas que parecem estar associadas a experiências extra-sensório-motoras. Além do estudo de Palmer outros estudos apontam que a crença na reencarnação ou a crença em algum tipo de força espiritual e o desfrutar de momentos de oração ou meditação contribuem para a crença na existência de ESP e de PK e para a frequência dos relatos de experiências psi (Haraldsson, 1981; Tobacyk e Mildford, 1983). As crenças e

práticas apontadas no questionário mostram que o perfil dos **EXPs** é bem mais propenso a psi, aberto a práticas que têm se mostrado como facilitadoras ou condutoras dessas experiências (Mishlove, 1983). Há que se lembrar, porém que isto não garante que algo efetivamente anômalo aconteça.

Os dados mostram, ainda, que mais **EXPs** consultaram cartomantes ou tarólogos e médiuns clarividentes ou paranormais significativamente mais que os **NEXPs**. Pode-se dizer que isto é coerente com a disponibilidade para experiências psi demonstrada pelos **EXPs**, porém não há como afirmar com certeza se isto serviria como um “preditor” de experiências anômalas extra-sensório-motoras, ou se seria uma consequência da atitude de abertura que os **EXPs** têm para com as vivências psi.

Um importante dado do perfil de crenças de **EXPs** e **NEXPs** é que **EXPs** crêem mais em ESP e PK do que **NEXPs**. Isto corrobora os resultados encontrados por Gertrude Schmeidler na década de 1940 e confirmados em estudos realizados posteriormente. Porém, apesar de os **EXPs** dizerem acreditar “que a mente tem a capacidade de captar informações de outras mentes e/ou do ambiente sem a utilização da visão, da audição, do tato, do paladar ou do olfato” (cf. a ESP é descrita no Q-PRP, questão 10) e/ou acreditar “no poder da mente sobre a matéria, ou seja, que a mente é capaz, por exemplo, de movimentar objetos sem que estes sejam tocados ou sem usar qualquer força física conhecida” (cf. a PK é descrita no Q-PRP, questão 11), isto não garante a vivência de experiências anômalas. Como mostram os dados, 26,6% dos **EXPs** (N = 253) não crêem em ESP e PK, ao passo que 30,8% dos **NEXPs** (N= 53) dizem acreditar nessas capacidades mentais. Portanto, não parece residir na crença na capacidade mental para a realização de eventos extra-sensório-

motores a chave para a vivência de experiências psi. Outros fatores certamente concorrem como “facilitadores” dessas vivências. A *Matriz de Associações Significantes entre Variáveis do Perfil dos EXPs* (Tabela X) mostra que dentre os **EXPs**, aqueles que crêem em ESP e PK acreditam significativamente mais em pêndulos, cristais, numerologia, astrologia e reencarnação; consideram como certa a sobrevivência da alma após a morte e fizeram uso ou praticaram técnicas mentais significativamente mais do que os **EXPs** que não crêem em ESP e PK. Os dados mostram, ainda, que os **EXPs** fazem ou fizeram significativamente mais uso de drogas ou substâncias que provocam expansão da consciência do que os **NEXPs** e, curiosamente, a *Matriz de Associações...* mostra que dentre os **EXPs**, aqueles que fazem uso dessas substâncias crêem significativamente menos em ESP dos que os **EXPs** que não as utilizam, apesar de acreditarem significativamente mais nas práticas alternativas mencionadas acima. Não foi encontrada diferença significativa entre os **EXPs** usuários ou não de drogas/medicamentos, quanto à crença ou não na PK. Esses dados podem ser mais explorados em estudos futuros que permitam verificar de modo mais aprofundado a associação que se apresenta entre esses tipos de crença e práticas e a vivência de experiências anômalas extra-sensório-motoras.

Não foi encontrada diferença significativa quanto à busca de auxílio de psicólogos, psiquiatras e psicanalistas por parte de **EXPs** e **NEXPs**. Esse dado não permite fazer inferências sobre a saúde mental dos respondentes, mas é interessante na medida em que parece contradizer a idéia de que **EXPs** sofreriam de algum tipo de psicopatologia, como se divulgava no Brasil principalmente nas décadas de 1950 a 1970 (Friederichs, 1979, 1980; Hess, 1987; Quevedo, 1973). No entanto, ao se observar os dados da *Matriz de Associações...* verifica-se que

dentre os **EXPs**, aqueles que acreditam significativamente mais em cristais, pêndulos, numerologia, astrologia e consultaram significativamente mais médiuns ou paranormais, tarólogos, astrólogos, quiromantes e jogadores de búzios, além de serem os que significativamente mais praticam técnicas mentais, são os que significativamente mais consultaram ou recorreram ao auxílio de psicólogos, psiquiatras e psicanalistas – não a um desses profissionais, mas a todos eles. Isto talvez ocorra por causa da importância que esses **EXPs** dão ao seu “mundo psicológico”, reflexo da disponibilidade para observação e atenção às capacidades mentais, por isso se mostrariam mais abertos à procura de profissionais da saúde mental. Mas isto não passa, no momento, de mera especulação. Não é possível fazer qualquer afirmação a esse respeito pois não foi coletada informação suficiente que permitisse avaliar a saúde mental da amostra e seus motivos para a busca de informação, ajuda ou aconselhamento.

Voltando o foco desta discussão para as experiências anômalas extra-sensório-motoras investigadas, constatou-se, no que se refere às experiências psi em sua dimensão social, que o “retrato” das experiências psi vivenciadas não diferenciou daquele descrito por Louisa Rhine (1965) em sua coleção de casos espontâneos. As experiências vivenciadas pelos respondentes do Q-PRP incluíram, especialmente pessoas da família ou outras com as quais o respondente tem um laço afetivo. A frequência de **EXPs** que tiveram experiências de ESP relacionadas a algum membro da família, amigos ou conhecidos mais de uma vez é bem alta, sendo curioso que também haja um bom número de experiências psi com desconhecidos. Mesmo aqueles que não tiveram sua própria experiência, mas apenas souberam de **ESP de Outros Consigo**, apontam que essa outra pessoa era membro da família, amigo ou conhecido, e

isto ocorreu mais de uma vez. Esses dados sugerem que o laço afetivo seria um aspecto importante para a ocorrência de algum tipo de troca de informação anômala entre as pessoas. Embora esse laço pareça facilitar a experiência de percepção extra-sensorial, não é, contudo, imprescindível uma vez que, de acordo com os dados, os respondentes tiveram experiências anômalas extra-sensoriais também com desconhecidos.

As experiências que envolvem parentes, amigos e conhecidos são também interessantes na medida em que facilitam que o experienciador confirme a informação supostamente adquirida por meios extra-sensoriais a respeito de um fato envolvendo pessoas próximas. Ainda que se trate de uma validação subjetiva do sonho, intuição ou alucinação vivenciados, “constatar” aquela informação prevista ou pré-conhecida dá grande peso à experiência anômala, que para o experienciador tem *status* de realidade objetiva. Vale lembrar que um dos **EXPs** complementou a questão 35 do Q-PRP, sobre a influência das experiências psi em atitudes e sentimentos escrevendo: “Mudei alguns conceitos mas por ter vivido fatos reais”. Uma investigação mais aprofundada das experiências desse respondente, por exemplo, poderia mostrar as evidências da ocorrência real de um evento anômalo, mas as limitações impostas pelo método escolhido para esta pesquisa não permitiram fazer isso. Esse tipo de investigação pode ser muito proveitoso, uma vez que chama a atenção o caráter de intervenção das experiências extra-sensoriais apontado nas respostas dadas ao Q-PRP: mais que um caráter subjetivo, por vezes essas experiências demonstram ter um caráter objetivo e utilitário na medida em que as pessoas alegam que foram salvas ou poderiam ter sido salvas porque alguém teve uma experiência psi com elas, como um “aviso” (9,5% dos respondentes, N = 306) ou mesmo as próprias experiências

psi de **EXPs** ajudaram solucionar algum problema ou salvaram-nos ou a uma outra pessoa de algum evento trágico (9,1% e 15% dos **EXPs**, N= 253, respectivamente).

Além de se referirem a situações envolvendo pessoas da família ou amigos dos respondentes, as experiências de ESP apontadas diziam respeito mais a conteúdos positivos do que negativos, diferindo da coleção de casos de Louisa Rhine cujas experiências se referiam principalmente a situações de crise, em especial de morte. Assim, o conteúdo das experiências da amostra ora sob exame se parece mais com aqueles das experiências levantadas no estudo de **Palmer** (1979: 229), onde apenas um de cada cinco casos era relacionado a eventos trágicos, embora 40% daqueles que relataram pelo menos uma experiência **ESP em Vigília** tiveram pelo menos uma experiência com esse tipo de conteúdo. Esse dado mostra que também “perturbações positivas” da rotina podem causar excitação tamanha que contagie ou se espalhe de modo anômalo no ambiente. Esta é mais uma especulação que poderá ser verificada em outros estudos, como aliás, já se procura fazer nas pesquisas experimentais sobre influência mental à distância em sistemas vivos, com a tentativa de transmissão de sentimentos bons e relaxamento para o sujeito do teste (Braud e Schlitz, 1991; Radin, 1996; Radin, Machado e Zangari, 2002; Rebman, Wezelman, Radin, Hapke e Gaughan, 1996). Os resultados têm sido interessantes, mas longe de alcançar em laboratório a intensidade dos efeitos das experiências espontâneas vivenciadas no cotidiano.

Quanto ao formato das experiências ESP, confirmaram-se as características observadas por Louisa Rhine em suas variedades. O sono aparece como estado propício para experiências extra-sensoriais, uma vez que

71,9% dos **EXPs** disseram ter tido **Sonho ESP** pelo menos uma vez, sendo esta a experiência mais relatada dentre todas as vivenciadas pelos **EXPs**. No que diz respeito às experiências de PK, além da observação de eventos físicos aparentemente inexplicáveis, 3,6% dos **EXPs** disseram que em suas experiências de **PK com Pedras**, pedras ou tijolos caíram ou surgiram dentro do local da ocorrência sem danificar o telhado.

Se há algo que não se pode negar é o caráter desafiador das experiências anômalas extra-sensório-motoras que demanda explicações. Assim, as experiências psi, como tudo que nos cerca, mas talvez de modo mais intenso por serem extraordinárias, provocam a busca de justificativas internas ou externas na tentativa de compreendê-las por meio de sua interpretação em termos causais. A perturbação da ordem espaço-temporal “estabelecida” no mínimo sugerida por elas pode provocar uma dissonância cognitiva tal que seus experienciadores se sintam impelidos a rever certos conceitos e mudar certas atitudes diante dessas vivências. Isto foi verificado na *survey* realizada por Palmer (1979) e confirmado por esta pesquisa. **EXPs** apontaram mudanças de crenças e de atitudes por causa de suas experiências. Essas mudanças estão fortemente associadas ao modo de interpretação das experiências vivenciadas e dependem do sentido que se lhes empresta para que sejam consideradas relevantes a ponto de provocarem transformações, por vezes profundas, como no caso das mudanças ocorridas nas crenças religiosas. Obviamente não foi possível medir a força das atitudes dos respondentes frente a suas crenças antes das experiências psi para saber quão cristalizadas eram ou se havia alguma “frouxidão” que facilitasse as transformações. Mas o fato é que os dados mostram uma mudança significativa em crenças e atitudes por parte de **EXPs** – lembrando que houve aqueles que

disseram que apesar de terem vivenciado experiências psi, estas em nada influenciaram suas vidas.

Sem a intenção de questionar a magnitude dos efeitos sugestivos de eventos anômalos que fizeram com que experiências psi fossem interpretados pelos respondentes como sendo de tipo extra-sensório-motor, há que se lembrar, porém, que características pessoais (como a personalidade) e o ambiente cultural do indivíduo podem favorecer a interpretação de eventos absolutamente corriqueiros e naturais como decorrentes de fatores sobrenaturais ou externos à capacidade do indivíduo de agir e interagir com seu entorno. Além disso, cenários podem influenciar profundamente as atribuições. Por isso era de se esperar que a experiência de **ESP de um Local Assombrado** fossem atribuídas significativamente mais a espíritos desencarnados e ao demônio pelos **EXPs** religiosos e à coincidência e ao poder da mente especialmente pelos **EXPs** não religiosos.

Contrapondo a tendência para a realização de atribuições internas, isto é, centradas nas pessoas, em suas disposições de personalidade, atitude e caráter quando se julga o comportamento dos outros, há uma tendência em se realizar atribuições externas, referentes ao do contexto, quando o próprio atribuidor é foco da situação (Heider, 1958; Jones e Nisbett, 1992). As atribuições internas são comumente realizadas por uma questão de saliência perceptual, ou seja, percebemos de imediato o que está mais acessível aos nossos sentidos. Mas pode-se dizer que as atribuições dependerão mais efetivamente da acessibilidade das atitudes em relação à vida e ao mundo (Fazio, 1989). Há quem veja nas mínimas ocorrências cotidianas algo de “paranormal” ou “sobrenatural”. A esse tipo de pessoa o psicólogo brasileiro Wellington Zangari (2002) chama

paranormófilos. Essas pessoas certamente vivem várias experiências psi no cotidiano, com roupagem e interpretação coerentes com seu repertório cultural e visão de mundo. Contrapondo os *paranormófilos* de Zangari, destaco os que chamo *paranormofóbicos*, aqueles que rejeitam *a priori* a possibilidade de que alguma vivência ou fato de característica anômala que provoque dissonância cognitiva possa efetivamente ter ocorrido algum processo anômalo de interação entre o ser humano e seu meio – o que inclui outros seres humanos. A importância de se levar em conta a postura dos *paranormófilos* de Zangari e a dos “meus” *paranormofóbicos* é que sua predisposição para aceitar ou rejeitar eventos anômalos influencia na atenção que colocam em cada uma de suas vivências, em cada fato de seu dia-a-dia. Isto faz toda a diferença no processo de escolha de uma explicação que dê sentido à experiência desafiadora. Não se pode dizer se há **EXPs** pertencentes a um ou ao outro grupo de pessoas, mas o fato é que os **EXPs** se mostraram significativamente inclinados a práticas e/ou crenças que “encapsulam” psi.

Participantes desta pesquisa consideram a religião como um recurso que ajuda a lidar com as experiências psi. Significativamente mais evangélicos e espíritas do que respondentes de outras religiões ou posturas religiosas, têm a religião como instrumento de *coping* no enfrentamento das experiências anômalas extra-sensório-motoras. O fato é que as experiências psi compartilham características do que é religioso no sentido de envolverem “um certo mistério”, parecem “além de nós”. Apesar de fazerem parte do cotidiano, as experiências psi desafiam o que aprendemos como “ordem natural das coisas”. Daí seu caráter de estranheza que desafia os limites humanos e os limites do que é considerado natural.

Os dados apontam para a influência das experiências psi nas crenças e atitudes dos **EXPs**, especialmente daqueles que atribuem suas experiências psi a agentes sobrenaturais ou religiosos, como Deus, Espírito Santo, Anjo da Guarda, espíritos desencarnados, seres elementais ou demônio. Há **EXPs** que dizem ter mudado de religião ou que não tinham religião e passaram a ter por causa de suas experiências psi. Os **EXPs** especificaram a mudança ocorrida e verifica-se que dentre os 15 **EXPs** que disseram ter mudado de religião, 5 tornaram-se espíritas, e dentre os 6 respondentes que disseram não ter religião e, por causa de suas experiências psi adotaram uma, 1 tornou-se espírita e 1 diz ser simpatizante da Umbanda. Este dado é muito interessante porque as religiões mediúnicas como o espiritismo e a Umbanda são sistemas de crença que acolhem as experiências anômalas extra-sensório-motoras, oferecendo explicações acessíveis e reconfortantes para os experienciadores acerca de sua vivência. Há, nessas religiões, uma exaltação daqueles que manifestam “habilidades mediúnicas”, ao contrário de outras religiões, como a católica. Aliás, os **EXPs** católicos são os que significativamente menos consideram que a religião os ajude a lidar com suas experiências psi. Talvez por isso – e aqui vai outra especulação – 33 dos respondentes tenham indicado pertencer ou compartilhar de uma mistura de crenças e posturas religiosas, lembrando:

- 10 são católicos/**espíritas kardecistas**
- 1 católico/estotérico
- 2 católicos/budistas
- 2 católicos/não adeptos de nenhuma religião específica apesar de crerem em Deus

-
- 2 **espíritas kardecistas**/não adeptos de nenhuma religião específica apesar de crerem em Deus.
 - 1 católico/racionalista cristão
 - 1 católico/**umbandista/espiritualista**
 - 1 católico/**espírita kardecista**/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
 - 1 católico/**candomblecista/espírita kardecista**/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
 - 1 **espírita kadecista**/agnóstico
 - 1 **espírita kardecista**/ateu
 - 1 **espírita kardecista**/esotérico
 - 1 evangélico/**espírita kardecista**
 - 1 **espírita** não específico/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
 - 1 **umbandista**/esotérico
 - 1 **umbandista/espírita kardecista**/budista
 - 1 **umbandista**/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
 - 1 judeu/**candomblecista**
 - 1 budista/esotérico/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
 - 1 esotérico/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus
 - 1 wiccano/não adepto de nenhuma religião mas crê em Deus

É evidente a presença constante de religiões mediúnicas nesse “caldeirão” religioso. Pode-se pensar que a mistura de crenças e posturas religiosas seja fruto de um processo de coexistência de sistemas de crença-significado mantido,

talvez, por uma ligação afetiva com eles. Alguns respondentes sentiram necessidade de explicar ou justificar sua múltipla adesão ou postura religiosa, especialmente aqueles que são “também” católicos. Vale mencionar uma respondente que assinalou quatro alternativas para a questão sobre “crença, adesão ou postura religiosas”, acompanhadas de algumas observações ao lado dos itens justificando: católica por influência familiar do pai, não praticante; Candomblé por influência familiar da mãe, não praticante; Espiritismo Kardecista, por influência familiar das irmãs, não praticante; e não adepta de nenhuma religião, mas crê em Deus, por opinião pessoal. Uma análise mais profunda das adesões e/ou posturas religiosas múltiplas declaradas poderia ser feita a fim de avaliar o processo de agregação de várias crenças diferentes, já que há evidências de que nem sempre a coexistência ou mudança de crenças significam uma alteração do sistema simbólico da religião ou postura religiosa “original” (cf. Paiva et. al, 2001)

Interessante notar também a presença de um espírita/ateu e de um espírita que diz não ser adepto de nenhuma religião, mas crer em Deus. Allan Kardec, o codificador do espiritismo propôs que este estaria alicerçado no tripé religião, filosofia e ciência, mas é comum no Brasil se considerar o espiritismo mais do ponto de vista do estudo e da filosofia do que como uma religião propriamente.

Para cada experiência anômala extra-sensório-motora explorada pelo Q-PRP, foi apresentada uma lista de dez itens para que o respondente assinalasse a que causa atribuía sua(s) experiência(s): mensagem ou ação de Deus; mensagem ou ação do Espírito Santo; mensagem ou ação do Anjo da Guarda; mensagem ou ação de espíritos desencarnados, poder da mente, mensagem ou ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais; mensagem ou

ação do demônio; coincidência; e outras causas a serem especificadas pelos respondentes. Todas as alternativas apresentadas para a atribuição de causalidade foram apontadas como causa de pelo menos uma das experiências investigadas. Constatou-se que vários **EXPs** atribuíram causas de diferentes naturezas para um mesmo tipo de experiência. Ainda que os **EXPs** acreditem mais em ESP e PK do que **NEXPs**, ao serem observadas as atribuições de causalidade para as experiências psi vivenciadas, percebe-se que estas não se concentram na alternativa “poder da mente”, sendo realizadas outras atribuições, em especial as de caráter religioso ou sobrenaturalista.

No questionário não foi oferecida a possibilidade de os respondentes assinalarem mais de uma alternativa para a atribuição de causalidade de cada uma das experiências psi vivenciadas. A escolha de mais de uma atribuição ocorreu de forma espontânea e foi recorrente. Essa “múltipla atribuição de causalidade” deveu-se, provavelmente, aos diferentes contextos e cenários das experiências vivenciadas. De acordo com o Corolário 1 do Axioma 1 proposto por Spilka, Shaver e Kirkpatrick (1985/1997) em sua Teoria Geral da Atribuição, um evento pode ter muitas causas possíveis e talvez incompatíveis, mas o atribuidor escolhe dentre elas a que é mais acessível ou a que lhe parece mais adequada – isto é, aquela que o atribuidor considera explicar melhor ou ter maior impacto causal para aquele evento. Uma vez que os dados desta pesquisa foram coletados por meio de questões objetivas, não há como saber do contexto de cada uma das experiências vivenciadas, uma vez que não foram feitas entrevistas com os respondentes tampouco pediu-se que descrevessem detalhes de suas experiências. Apesar dessa limitação, as considerações tecidas a respeito do contexto são plausíveis para justificar as várias atribuições apresentadas.

Como Spilka, Shaver e Kirkpatrick afirmam no Axioma 2 da Teoria Geral da Atribuição, o ser humano tem necessidade de perceber os eventos como significativos, por isso são feitas atribuições de causalidade a todo instante. Além de as atribuições serem importantes por permitirem a compreensão de eventos de acordo com o sistema de crença-significado do atribuidor (Corolário 1 do Axioma 2), elas oferecem a sensação de domínio sobre as experiências e eventos, minimizando o desconforto deixado pela lacuna de significados de uma experiência desafiadora (Corolário 2 do Axioma 2). E, dependendo da atribuição realizada, esta também pode fazer com que o atribuidor se sinta protegido e seguro (Corolário 3 do Axioma 2), o que vai depender da imagem que ele tem do ser ou fator ao qual atribui sua experiência.

Os sistemas religiosos oferecem uma série de atribuições ou explicações para tudo e intensificam a sensação de controle sobre as situações (Axioma 6), o que ajuda a manter ou elevar a auto-estima, uma vez que evita o desconforto provocado pela lacuna de significação. De acordo com Spilka, Shaver e Kirkpatrick os sistemas religiosos são, inclusive, adaptados para acomodar e explicar tudo (Corolário 1 do Axioma 6). Nesse ponto pode-se discutir se os sistemas religiosos seriam estruturados a partir da observação do que ocorre no cotidiano ou o que ocorre no cotidiano decorre daquilo que a cultura (sistema de crença/significado) determina. Em outras palavras: um indivíduo que tem uma experiência anômala extra-sensório-motora a interpreta de modo religioso porque esse tipo de explicação é o que está mais acessível em seu repertório ou a experiência emergiria a partir de um quadro de referências absorvido da cultura? Seja como for, de acordo com o Axioma 4 da Teoria Geral da Atribuição, as atribuições escolhidas são as mais coerentes com o sistema de crenças-

significado do atribuidor. Isto é observado nos dados coletados, uma vez que há coerência de um modo geral entre a adesão, crença ou postura religiosa e grau de religiosidade dos respondentes e as atribuições que realizaram para suas experiências psi.

A escolha de uma atribuição de causalidade religiosa para uma experiência psi certamente depende de uma predisposição do experienciador para interpretações religiosas e de um repertório ou vocabulário religioso. Todos temos acesso a informações sobre sistemas religiosos, e os conhecemos pelo menos até certo ponto. Mas, embora explicações religiosas sejam acessíveis, nem todos explicam tudo em termos religiosos. Faz diferença o peso que se dá a cada uma das explicações disponíveis. Repetindo o que disse Bernstein (1964), “a experiência é transformada pelo que é feito relevante”. Por isso, a imagem daquilo ou daqueles a quem são feitas as atribuições são fundamentais na medida em que estão ligadas à construção de sentidos ao longo da vida, sentidos esses que se refletem na linguagem dos sujeitos. A escolha de uma atribuição religiosa ou “naturalista”, de uma explicação de base afetiva ou racional vai depender do contexto cultural e de diferenças individuais. Isto pode ser percebido nas atribuições realizadas pelos respondentes para suas experiências psi: agnósticos e ateus, por exemplo, tendem consistentemente a fazer mais atribuições “naturalistas” para suas experiências anômalas extra-sensório-motoras do que os **EXPs** religiosos.

Considerando as três atribuições mais freqüentes para cada uma das experiências psi investigadas, pode-se verificar que emerge um padrão de atribuições para as experiências de percepção extra-sensorial (ESP) e de psicocinesia (PK).

Dentre as várias atribuições feitas às experiências de ESP, as três mais freqüentes são, em igual proporção: mensagem de Deus; poder da mente e coincidência. Se considerarmos ainda a quarta e a quinta atribuições mais apontadas, encontramos a atribuição a mensagem do Anjo da Guarda e a mensagem de espíritos desencarnados. Estas, aparecem alternando a posição no *ranking* de atribuições, a não ser naqueles casos em que “espíritos desencarnados” aparecem em primeiríssimo lugar, como nas experiências de **ESP dos Outros Consigo** e **ESP de Local Assombrado**, o que, parece bastante óbvio.

Dentre as várias atribuições feitas às experiências de PK, as três mais freqüentes são: espíritos desencarnados e coincidência, em igual proporção, e poder da mente, com freqüência bem pouco menor que as duas primeiras. Vale lembrar que há experiências de PK cujo número de **EXPs** é muito pequeno (PK com Água, N = 9; PK com Fogo, N = 3; PK com Pedras, N = 12; PK com Dejetos, N = 12), não possibilitando verificar uma significância com real valor estatístico de seus resultados e associações a outras variáveis investigadas. No entanto, ainda que não sejam significantes, os resultados obtidos são significativos no que diz respeito às experiências individuais. Estas, somadas, compõem uma boa amostra de experienciadores de PK, como já mencionado, maior do que as observadas em outros estudos. Via de regra, as experiências de PK são pouco numerosas ou nem aparecem em *surveys* sobre experiências anômalas em geral ou psi em particular, como nas pesquisas de Palmer (1979), Kennedy e Kanthamani (1995) e Haraldsson e Houtkooper (1991).

As três principais atribuições de causalidade feitas para as experiências de ESP e PK são de três tipos: a atribuição a algo sobrenatural, além do ser humano

vivo (Deus, espíritos desencarnados); a atribuição ao ser humano vivo (poder da mente); e atribuição ao acaso (coincidência). A atribuição ao poder da mente pode ter um caráter dúbio: tanto pode se referir a um “dom” – se alguns o encaram como algo ligado à mediunidade, por exemplo – quanto a uma interpretação “naturalista”. Sendo o questionário objetivo e não tendo sido feitas entrevistas com os respondentes, não se pode afirmar ao certo qual foi a intenção dos **EXPs** ao assinalarem essa alternativa.

Em seu modelo do processo de atribuição, Spilka, Shaver e Kirkpatrick ressaltam que não basta que uma atribuição religiosa esteja disponível para que ela seja escolhida pelo atribuidor. Ela deve “combinar” com a natureza e o contexto do evento para poder “convencer” enquanto suposta causalidade para aquele determinado evento. Se o evento a ser explicado “couber” nas explicações outras que não as religiosas, mas que se encontram disponíveis para o indivíduo, provavelmente essas serão as explicações adotadas sem que seja necessário recorrer uma explicação religiosa. Quanto a isso, vale considerar que as possibilidades de atribuição de causalidade “naturalista” estão associadas ao conhecimento. Para uma pessoa que tenha conhecimentos de Física, por exemplo, alguns fenômenos que para leigos no assunto podem parecer bizarros ou contra-intuitivos – como a levitação magnética de corpos que é utilizada como tecnologia para os modernos trens japoneses (efeito Meissner)⁷⁵, por exemplo – são considerados absolutamente naturais, não “solicitando” do indivíduo explicações de outro tipo. Para aqueles que não possuem esses conhecimentos,

⁷⁵ De acordo com o site Seara da Ciência” da Universidade Federal do Ceará: “A demonstração clássica do efeito Meissner consiste em fazer um ímã permanente flutuar sobre a superfície de um supercondutor. As linhas do campo magnético são impedidas de penetrarem no supercondutor e tomam uma forma semelhante a que teriam se houvesse outro ímã idêntico dentro do material supercondutor (ímã “imagem”). Dessa forma, o ímã sofre uma repulsão que compensa seu peso e “levita” sobre o supercondutor.” Acessado em 15/02/2009,

alguns eventos podem parecer absolutamente extraordinários, misteriosos e, por desconhecerem Física, buscam explicações que extrapolam seu conhecimento do *modus operandi* da natureza. Por outro lado, algo que deixaria um físico perplexo e sem recursos disponíveis para qualquer explicação científica plausível, pode ser considerado como absolutamente normal para quem nasceu e cresceu em um ambiente espírita, por exemplo, e está preparado para ocorrências que desafiam as leis da Física, como uma materialização ectoplasmática.

Um aspecto interessante levantado na segunda derivação dos Axiomas 5 e 6 da Teoria da Teoria Geral da Atribuição é que pode-se optar por uma atribuição religiosa mesmo quando o sistema de crença-significado mais forte não é o religioso. Isto ocorre quando, em determinado contexto, o sistema mais forte não dá conta de explicar um fato ou uma vivência – como no caso do físico mencionado acima. Quando falha a percepção de controle da situação por meio de mecanismos naturalistas, pode-se recorrer à religião ou a explicações religiosas. Analisando os dados desta pesquisa, isto é o que deve ter ocorrido no caso de 3 agnósticos e 1 ateu que realizaram atribuições de tipo religioso ou sobrenaturalista (2 dos agnósticos e o ateu fizeram atribuições a espíritos desencarnados e 1 dos agnósticos fez uma atribuição a seres elementais), uma vez que os respondentes ateus e agnósticos são os que se consideram significativamente menos religiosos que os demais respondentes – na verdade, nem um pouco religiosos. Essas atribuições religiosas circunstanciais são próprias do que se chama de religiosidade extrínseca, sem objetivos propriamente religiosos, que visa manter a segurança pessoal nos momentos em que o indivíduo se sente ameaçado e sem outros recursos aos quais recorrer.

Uma atribuição é considerada satisfatória e é, portanto, escolhida pelo atribuidor dependendo das características do próprio atribuidor, das características do evento e do contexto de ambos (Axioma 5 da Teoria Geral da Atribuição). No formato em que foi feita a pesquisa não é possível ter acesso ao contexto das experiências apontadas. Sabendo-se que psi tem características extraordinárias, então parece óbvio que a tendência seria atribuir as experiências a seres ou causas também extraordinárias ou sobrenaturais, especialmente sendo o atribuidor aberto ou propenso a esse tipo de explicação ou interpretação. Na pesquisa, os evangélicos e os espíritas mostraram ser os mais religiosos e também os que fizeram mais atribuições religiosas significantes para suas experiências psi dentre os **EXPs**. Pode-se apostar que os espíritas e principalmente, evangélicos da amostra têm, em geral, uma religiosidade intrínseca, o que significa um total comprometimento com seu sistema de crenças religiosas. Nesses casos, a religião funciona como um esquema cognitivo e a tendência é que olhem para o mundo com a lente das explicações fornecidas por suas respectivas religiões. Além disso, é notório que os espíritas estudam muito a doutrina, sendo muito bem informados sobre os modos de interação entre os seres humanos e entre estes e o mundo espiritual, de acordo com a codificação de Kardec. Isto pôde ser observado nas complementações de atribuições feitas espontaneamente por alguns acerca do “comportamento” do perispírito, das energias corpóreas etc. O envolvimento intelectual e afetivo com a doutrina reforça a atitude quanto a esses tópicos. Como propõem Krosnick e Abelson (1991), quanto maior a importância pessoal atribuída a um objeto de percepção e quanto mais informação se tem acerca do objeto perante o qual se assume uma atitude, mais forte é a atitude do sujeito em relação a ele. Isto permite, inclusive,

prever a probabilidade de que as pessoas se comportem de modo compatível com sua atitude.

No Capítulo 6, as tabelas de associações significantes entre as atribuições realizadas para cada uma das experiências extra-sensório motoras dos **EXPs** e as variáveis religião (crença, adesão ou postura religiosa), religiosidade, religião como recurso de *coping* (influência da religião para lidar com psi), influência em mudanças de crenças e de atitudes; e influência em tomadas de decisão mostram que há coerência entre a “crença, adesão ou postura religiosas” e a religiosidade dos **EXPs** e as atribuições realizadas. Por exemplo: evangélicos ($ra = 7,4$) atribuem “muito significativamente” mais suas experiências de **ESP em Vigília com Fato** ao Espírito Santo ($p = .000$) do que **EXPs** de outras crenças ou posturas religiosas; católicos ($ra = 3,0$) e evangélicos ($ra = 4,8$) atribuem significativamente mais ($p = .000$) suas experiências de **Sonho ESP** a Deus do que **EXPs** de outras crenças ou posturas religiosas, ao mesmo tempo que atribuem significativamente menos ($p = .002$) essas suas experiências a espíritos desencarnados ($ra = -3,0$ e $ra = -2,0$, respectivamente); católicos ($ra = 2,4$) atribuem suas experiências de Sonho ESP significativamente mais à coincidência do que **EXPs** de outras crenças ou posturas religiosas; espíritas kardecistas ($ra = 4,8$) atribuem “muito significativamente” mais suas experiências de **ESP em Vigília com Fato** a espíritos desencarnados ($p = .000$) do que **EXPs** de outras crenças ou posturas religiosas, ao passo que agnósticos ($ra = 3,4$) atribuem significativamente mais ($p = .003$) suas experiências desse tipo ao poder da mente do que os demais respondentes.

Interessantes também foram as complementações feitas por aqueles que assinalaram “Outros” no item da atribuição para experiências de PK. Alguns

usaram esse espaço de especificação para ratificar atribuições assinaladas dentre as alternativas oferecidas, especialmente no que diz respeito a explicações claramente espíritas. E alguns também aventaram a possibilidade de explicações mais naturais, como defeito em equipamentos em experiências de **PK com Luz Elétrica/Aparelhos** apesar de reconhecerem tratar-se de experiências diferentes das ordinárias. É como se dissessem: “eu não consegui perceber, mas deve ter sido uma causa bem corriqueira, natural”.

Algo que chama a atenção no cruzamento dos dados apresentado nas tabelas é a não significância estatística na associação da atribuição de causalidade realizada para algumas experiências e a crença, adesão ou postura religiosa, como no caso das experiências **PK com Água** e **PK com Fogo**. Também é interessante que não haja associação significativa entre a religiosidade (ser nem um pouco, um pouco, moderadamente ou muito religioso) dos respondentes e as atribuições realizadas para **ESP em Vigília com Alguém/Algo**, **PK com Objetos**, **PK com Luz/Aparelhos Elétricos**, **PK com Água**, **PK com Fogo**, **PK com Pedras**, **PK com Dejetos**, **PK com Ar/Temperatura**. Quanto às experiências de PK, há que se lembrar que a frequência dessas vivências foi muito baixa e o N encontrado para cada uma não permite verificar significância estatística. De qualquer modo, os poucos **EXPs** dessas vivências relataram mudança de religião e de atitudes, tais como: deixar de ter uma religião específica e passar a frequentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes; tornar-se esotérico; orar mais; ser mais caridoso; crer mais em Deus. Também foi apontada a influência das experiências em suas opiniões sobre a sociedade, governo, burocracia, cumprimento de leis; sua visão da natureza humana, de seu comportamento ou de alguma raça em particular; sexo,

casamento, amor; família, pais, filhos, amigos; ciência e tecnologia; riquezas materiais, posses e egoísmo; suas emoções, arte, divertimento, alegria, prazer, lazer, estudo e formação profissional; reputação pessoal, posição de poder e controle.

Observa-se, ainda, coerência entre a influência ou não das experiências psi em mudanças de atitude ou em tomadas de decisão e as causas atribuídas às experiências vividas. Vale salientar que a mudança ou adesão religiosa é relatada especialmente por aqueles que atribuem suas experiências psi a Deus, ao Espírito Santo, ao Anjo da Guarda, a espíritos desencarnados, a seres elementais e ao demônio.

As atribuições de causalidade também estão associadas de modo significativo e significativo às opiniões e sentimentos que os respondentes demonstram a respeito de experiências anômalas extra-sensório-motoras. Aqueles que atribuem suas experiências ao demônio, por exemplo, tendem significativamente mais a terem medo de suas experiências psi e querem se livrar delas; outros, ainda, têm medo desses “fenômenos” e não gostam nem de ouvir falar sobre eles. Mas o que dizer daqueles que têm esses mesmos sentimentos em relação a psi, tendo atribuído suas experiências a agentes supostamente bons? Apesar da limitação que o método da pesquisa impõe, uma vez que não há acesso ao contexto da experiência, tampouco ao repertório “afetivo” dos **EXPs**, pode-se fazer algumas reflexões sobre esse medo de psi. Percebe-se, por exemplo, que significativamente mais evangélicos atribuem suas experiências a Deus e ao Espírito Santo, sendo que apenas para as experiências de **PK com Objetos** e de **ESP de Local Assombrado** fazem significativamente mais atribuições ao demônio do que respondentes de outras religiões ou posturas

religiosas. As experiências psi desses **EXPs** se encaixam num sistema de crenças que parece colocá-las como uma espécie de castigo, punição ou de manifestação maléfica. Isto pode ser inferido devido ao fato de, apesar de atribuírem certas experiências a Deus ou ao Espírito Santo, considerarem significativamente mais as pessoas que vivenciam essas experiências como demoníacas. Além dos evangélicos, dentre os católicos – em menor proporção, mas também de modo significativo – encontra-se quem atribua suas experiências a Deus e considerem as pessoas que passam por essas experiências como demoníacas.

Outro ponto a ser levado em conta é a visão social que se tem sobre as experiências psi: 9,5% dos **EXPs** (N = 253) assinalaram que apesar de terem vivido as experiências indicadas no Q-PRP, não gostam de comentar sobre elas com outras pessoas com medo de serem considerados malucos ou ridículos. É curioso que 1,6% dos **EXPs** considerem as pessoas que relatam experiências psi loucas. Talvez essa opinião não esteja fundamentada de fato naquilo que pensam esses **EXPs**, mas procure atender a um julgamento social esperado. A alternativa assinalada está redigida em terceira pessoa, portanto, talvez os **EXPs** considerem loucas as outras pessoas que vivenciaram psi, mas não eles próprios. Mais uma vez, esta é apenas uma especulação que mereceria uma investigação mais aprofundada.

Talvez o medo das experiências extra-sensório-motoras possa levar a mudança de atitudes, especialmente religiosas, ou confirmar crenças. Se os **EXPs** não tinham religião, podem vir a adotar uma ou deixar aquela que não oferece explicações que sejam percebidas como eficazes para as experiências psi e que não dêem conta do desconforto dessas vivências desafiadoras. Assim,

a mudança de religião pode ocorrer porque o indivíduo reconhece em outros sistemas de crenças, explicações eficazes para suas vivências e, por vezes, o “antídoto” que permitiria que se livrassem delas, como vemos em cultos evangélicos nas sessões de descarrego ou nos relatos de mudança de opção religiosa de ex-adeptos de religiões mediúnicas que tornam-se evangélicos, por exemplo. Assim, o medo pode estar na base da suposta conversão dessas pessoas, sendo o ingrediente motivador e disciplinador da mudança de atitude. No entanto, o medo exagerado pode fazer com que seu percipiente se sinta ameaçado e se negue a pensar naquilo que provoca tal emoção negativa, adotando uma postura defensiva como um recurso psicológico com vistas a manter sua integridade pessoal (Aronson, Wilson e Akert, 2002: 153).

Os dados mostram que diferentemente daqueles que temem suas experiências psi, 32,4% dos **EXPs (N = 253)** consideram que as pessoas que vivenciam experiências extra-sensório-motoras têm um dom especial e 47,4% consideram que essas experiências ou fenômenos são provas da existência de um mundo espiritual. Aliás, é interessante verificar que 24,5% de **NEXPs** também consideram as experiências psi como provas da existência de um mundo espiritual, ainda que não tenham passado por elas. Isto reflete a proximidade pelo menos semântica dessas experiências cotidianas aos referenciais religiosos disponíveis. Vale salientar ainda que dentre os **NEXPs (N = 53)**, 3,8% indicaram que apesar de nunca terem vivenciado experiências psi, souberam de vários casos ocorridos com outras pessoas e esses casos os impressionaram tanto que influenciaram suas crenças religiosas. Mas fica claro, pelas porcentagens que se apresentam, que a grande força transformadora encontra-se na vivência propriamente das experiências anômalas extra-sensório-motoras.

Os **EXPs** que consideram as experiências psi como fruto de um dom especial encontram nelas aspectos positivos e transformadores, assumindo psi como algo relevante e bom para suas vidas. Isto pode ser percebido nos dados referentes à influência das experiências anômalas extra-sensório motoras na tomada de decisões e nas mudanças de crenças e atitudes dos **EXPs** verificadas nos dados. Vale mencionar que além de assinalar alternativas objetivas, um dos **EXPs** escreveu no questionário, complementando uma resposta, que por causa de suas experiências psi passou a prestar mais atenção e a confiar mais nas suas intuições. Outro disse ainda que toma essas experiências como uma “segunda opinião” no cotidiano. **EXPs** admitiram que suas vivências influenciaram a tomada de decisões nos mais diversos tipos de situações, desde ter ou não um filho até em que partido político ou candidato apoiar ou votar. Dentre as tomadas de decisão mais influenciadas pelas experiências psi dos **EXPs** (N = 253), encontram-se: escolha do estilo de vida, dos ideais, dos propósitos ou objetivos de vida (22,5%); escolha de um amigo ou círculo de amigos (17,4%); escolha de quem namorar ou “ficar”, casar-se ou não casar-se, divorciar-se (15,4%); escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou faculdade, ou que curso fazer (14,6%). Apenas para destacar alguns dados, as experiências atribuídas a Deus influenciaram muito a vida dos **EXPs**, ao contrário dos que atribuíram à coincidência, pois nesse caso as experiências não influenciaram significativamente em nada. Um dado curioso: experiências atribuídas ao demônio influenciaram significativamente na decisão sobre adquirir ou não uma casa ou parte de uma propriedade e sobre entrar ou não para as Forças Armadas e/ou qual delas escolher (Marinha, Exército ou Aeronáutica). Houve quem fizesse atribuições à coincidência e admitisse a influência de experiências psi em suas vidas. O fato é que a atribuição

à coincidência, nesse caso, se enquadra nas múltiplas atribuições, uma para cada tipo de situação vivenciada. Aqueles que atribuíram suas experiências exclusivamente à coincidência, não tiveram suas decisões influenciadas por elas.

Vale ressaltar, ainda, que significativamente mais agnósticos atribuíram suas experiências ao poder da mente. É interessante verificar que os aspectos que foram influenciados de forma significativa pelas experiências interpretadas dessa forma se relacionam principalmente a praticar mais a caridade e estudar mais para compreender as próprias experiências. Além disso, a atribuição das experiências ao poder da mente também influenciou significativamente a visão que os **EXPs** tinham sobre praticamente todos os aspectos listados nas alternativas apresentadas na questão 35 do Q-PRP. Mas, lembrando o caráter dúbio da atribuição ao poder mental mencionado anteriormente, não apenas agnósticos fizeram essa atribuição, sendo que em alguns casos, experiências atribuídas ao poder da mente também influenciaram na mudança de religião.

Uma das questões que motivaram esta pesquisa foi verificar se haveria diferença nos níveis de bem-estar subjetivo (BES) de **EXPs** e **NEXPs** considerando-se os três principais fatores de BES: satisfação com a vida, presença de afetos positivos, e ausência de afetos negativos (Anguas, 1997; Martinez e Garcia, 1994; Suh e Osihi, 2002). Para isto foi aplicada a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES) (Albuquerque e Tróccoli, 2004) aos respondentes com a intenção de medir seu nível de BES no momento de sua participação na pesquisa. A intenção era verificar se a presença de experiências psi na vida dos respondentes – o que faria o respondente pertencer ao grupo dos **EXPs** – poderia estar, de alguma forma, associada ao seu BES considerando-o como um efeito que permaneceria, sem se circunscrever ao momento da experiência. Como

afirmam Diener, Suh e Oishi (1997), embora possa haver mudanças com relação à classificação de experiências como positivas ou negativas, as medidas de BES têm demonstrado de moderada e alta estabilidade ao longo do tempo.

Não foi feita nenhuma indagação sobre os sentimentos dos **EXPs** no momento ou após suas experiências. Desta forma, a possível associação entre BES e a vivência de experiências psi investigada nesta amostra aponta uma tendência, mais do que um dado conclusivo sobre a associação entre experiências anômalas extra-sensório-motoras e níveis de BES. Nessa perspectiva, os **NEXPs** foram considerados como uma espécie de grupo controle.

Os dados coletados mostraram equilíbrio entre os resultados encontrados para **EXPs** e **NEXPs** no que diz respeito aos fatores “afetos positivos” e “satisfação com a vida”. No entanto, para o fator “afetos negativos”, os **EXPs** pontuaram significativamente mais do que os **NEXPs**, o que sugere que os **EXPs**, teriam um nível menor de BES que os **NEXPs**. Esse resultado contrasta com os dados levantados por Haraldsson e Houtkooper (1991) por meio da aplicação da *Bradburn Affect Scale* (Bradburn, 1969). De acordo com esse estudo, o nível de bem-estar psicológico daqueles que vivenciam experiências anômalas não se diferencia do daqueles que relatam não ter vivenciado esse tipo de experiência. No entanto, há que se lembrar que nesse estudo estavam sob exame experiências anômalas de um modo geral, e não exclusivamente as relacionadas a psi, como é o caso deste estudo, e talvez isso faça a diferença do resultado.

Outro resultado que contrasta com o obtido nesta pesquisa é aquele verificado dentre estudantes universitários da *Duke University* por Kennedy, Kanthamani e Palmer (1994), que mostrou que vivenciar experiências anômalas pode ser um fator condutor de saúde e bem-estar. No entanto, essa pesquisa

também enfocou diversos tipos de experiência anômalas, não se atendo às relacionadas a psi.

Há que se lembrar também que há concordância dentre os pesquisadores de que o BES esteja vinculado a diferentes esferas da vida e das atividades humanas (Paschoal e Tamayo, 2008). Os níveis de BES parecem depender grandemente de características individuais, como a auto-estima, o senso de controle pessoal, a relação com a vida (ser otimistas ou pessimista), o tipo psicológico (ser extrovertido ou introvertido) (Campbell, 1981; Dember e Brooks, 1999; Diener, Sandvik Pavot e Fujita, 1992; Larson, 1989; Myers, 1993; Seligman, 1991). Os fatores materiais (como satisfação de necessidades básicas para uma vida digna) têm se mostrado importantes mas não fundamentais para a manutenção do BES (Suh e Oishi, 2002). São tantos os fatores que concorrem para os níveis de BES que pode-se questionar se a correlação entre a medição realizada nesta pesquisa e o fato de os respondentes terem ou não vivenciado experiências psi estaria comprometida pelo fato de essa pergunta requerer um estudo longitudinal e não um estudo de tipo *survey* interseccional como o realizado. De qualquer modo, o resultado obtido aponta uma tendência que curiosamente destoa de outros dois estudos referentes às experiências anômalas, indo cada um em uma direção diferente. Uma encruzilhada que oferece três possibilidades cujas consistências só poderão ser reconhecidas com a realização de mais pesquisas.

Estudos têm mostrado a religiosidade como um aspecto importante para o nível de BES (Myers e Diener, 1995). No entanto, a análise dos dados coletados para esta pesquisa mostrou que não houve diferença significativa nos níveis de religiosidade apontados pelos respondentes, não se apresentando, portanto,

como um aspecto diferencial entre **EXPs** e **NEXPs**. Por isso, o nível de religiosidade dos respondentes não foi tomado como relevante nas considerações acerca do resultado obtido para a medição de BES de cada um dos grupos, o que contrapõe outras pesquisas comentadas anteriormente.

No artigo sobre um estudo realizado por Kennedy e Kanthamani (1995) apenas com pessoas que tinham interesse por experiências anômalas e/ou que diziam vivenciá-las, os autores fazem um alerta: apesar de haver pesquisas que indiquem as experiências anômalas como condutoras de bem-estar, há vivências perturbadoras, especialmente aquelas que dizem respeito à precognição envolvendo ocorrências trágicas. Na presente pesquisa, constatou-se que dentre os **EXPs**, 7,9% têm muito medo das experiências psi que vivenciam e, se pudessem, gostariam de se livrar delas e nunca mais passar por algo assim; e ainda 5,1% têm medo de fenômenos psi e não gostam nem de ouvir falar sobre eles. Talvez, mais do que propriamente o conteúdo das experiências, a atitude em relação a elas e as causas às quais são atribuídas contribuam mais para o estresse que elas venham a causar. Por isso, há que se considerar, mais uma vez, que as características do atribuidor, assim como seu contexto e as características e o contexto das experiências devem ser considerados para que se possa fazer qualquer afirmação sobre a possibilidade de influência das experiências psi nos níveis de BES. Isto faz recordar que na realização do pré-teste desta pesquisa, uma das respondentes entregou o questionário preenchido e, verbalmente, desculpou-se por ter assinalado, na questão 36, que não gostaria de participar de outras pesquisas sobre o tema. Justificou que, apesar de ter gostado de responder a escala de BES, pois pode perceber que está em uma ótima fase de sua vida, disse ter ficado triste ao recordar experiências de

percepção extra-sensorial que se relacionavam a fatos ruins, como doenças e mortes. Pensando nisso, pode-se especular que talvez as lembranças de alguns fatos ruins tenham afetado, como a essa respondente, a percepção de seus afetos negativos no momento de participação da pesquisa, confundindo o momento presente com a circunstância das experiências extra-sensoriais vivenciadas. Portanto, talvez as experiências afetem a percepção de BES dos respondentes no momento em que ocorrem, sem que esse efeito se mantenha ao longo do tempo, mas possa voltar a fazer diferença quando da rememoração dos fatos, sejam eles de caráter positivo ou negativo. Mais uma vez, apenas um estudo longitudinal poderia verificar se esta especulação procede. Cabe ainda comentar que talvez sido interessante aplicar a Escala de Bem Estar Subjetivo antes do Q-PRP, e não o contrário como foi feito, pois o questionário inevitavelmente evocou lembranças e, certamente, afetos.

Tendo por base minha experiência como pesquisadora e meu contato com pessoas que alegam vivenciar experiências psi, vale mencionar que há quem encare suas experiências anômalas, especialmente as extra-sensoriais, não como fruto de uma capacidade de conhecimento antecipado de informação, mas atribuem a si a responsabilidade do ocorrido, como se o fato de “antever o evento” funcionasse como um gatilho para que ele efetivamente ocorresse. Desta forma, ao mesmo tempo em que realizam atribuições internas, sentem-se fora do controle da situação, uma vez que as experiências psi são espontâneas, não controláveis. Essa falta de controle gera medo e estresse, uma vez que “perceber-se no controle” é fator importante para a determinação dos níveis de estresse (Lazarus e Folkman, 1984). Os efeitos, nesses casos, podem ser avassaladores quando essas experiências dizem respeito a fatos ruins, como

acidentes e mortes. Portanto, dependendo do modo como são interpretadas, ou, melhor dizendo, dependendo das atribuições de causalidade feitas para as experiências, o **EXPs** podem vivenciar um grande estresse. E, ainda, os diferentes recursos de *coping* utilizados no enfrentamento dessas experiências também deverão fazer diferença no nível de estresse provocado por essas vivências.

Além de fatores de personalidade e da visão de mundo, Aronson, Wilson e Akert (2002: 335 a 337) chamam a atenção para o fato de que a abertura aos outros e o apoio social podem ser fundamentais para os níveis de BES. Por “abertura aos outros”, os autores se referem a escrever ou contar a alguém sobre um problema o que pode ajudar a pessoa a compreendê-lo melhor e a superá-lo, uma vez que tentar suprimir pensamentos negativos pode levar a uma obsessão por esses mesmos pensamentos. Por “apoio social” os autores se referem à percepção de que as outras pessoas são receptivas e são sensíveis às nossas dificuldades. Levando isso em conta, verificou-se se os **EXPs** que disseram gostar de comentar suas experiências com outras pessoas (item 32.1 do Q-PRP) e gostar de saber que outras pessoas vivenciaram experiências semelhantes às suas (item 32.2 do Q-PRP) pontuariam menos em relação a afetos negativos do que os demais **EXPs**. Surpreendentemente, constatou-se que aqueles que contam suas experiências ou gostam de saber que outros também vivenciam experiências psi apresentaram maior índice de “afeto negativo” do que os demais experienciadores. Portanto, mais esse dado parece contraditório e mereceria um estudo mais aprofundado.

Como foi dito, a religião dos **EXPs** pode servir como um recurso de *coping* para enfrentar as experiências anômalas extra-sensório-motoras, uma vez que a

sensação de falta de controle da situação pode ser “resolvida” com a realização de uma atribuição externa, referente a agentes sobrenaturais, dadas as características das experiências. Mas, como já comentado anteriormente, o recurso à religião também pode ajudar a nutrir o medo em relação a elas, aumentando o estresse negativo que elas causam. Mesmo aqueles que têm uma atitude positiva em relação a experiências psi, devem certamente passar ou ter passado por situações estressantes por conta de suas experiências, uma vez que estas levaram, em muitos casos, à mudança de atitudes e crenças, o que exige grande esforço por parte de quem sofre esse processo. Não há como saber, por meio dos dados coletados, exatamente qual seria a direção dos efeitos das experiências anômalas vivenciadas no que diz respeito ao estresse provocado por elas. Contudo, mais uma vez chega-se à conclusão de que o modo de encarar as experiências e essas transformações ou “interferências” ajudará a determinar, certamente, o tipo de estresse que elas causam.

Tudo isto posto, percebe-se a importância do estudo e do conhecimento acerca das experiências psi por parte de profissionais da saúde e de assistência social, dentre outros que lidam com pessoas em seu cotidiano: somente com o conhecimento, poderão ter condições de esclarecer pessoas que cheguem com relatos a seus consultórios ou centros de assistência e, desta forma, procurar ajudá-las a lidar com suas experiências da melhor forma possível.

Considerações Finais

Antes de encerrar este trabalho, vale tecer algumas breves considerações sobre as hipóteses que nortearam esta pesquisa. Permeando a exaustiva discussão dos resultados empreendida no Capítulo 7, as hipóteses estiveram a orientar o olhar para os dados. Avaliando retrospectivamente a análise, é possível afirmar que foi necessário estender as observações para além dos limites que as hipóteses inicialmente incitavam. Dessa forma, afirmar que cada uma das hipóteses tenha sido confirmada ou rejeitada seria julgar de modo muito simplista a complexidade da leitura dos resultados obtidos. O contato com os dados provocou a necessidade de verificar novas associações entre as variáveis de forma a dar conta de questionamentos e reflexões que emergiram ao longo do referido capítulo. Ainda assim, vale retomar as hipóteses iniciais e fazer uma avaliação pontual quanto à sua confirmação ou não, sem, contudo, refazer o extenso caminho reflexivo realizado no Capítulo 7 acerca das implicações que o multifacetado entrecruzamento dos dados suscitou.

A primeira hipótese propunha: “Há associação significativa entre determinados dados demográficos, crenças e práticas dos respondentes e a prevalência de experiências psi, sobretudo no que se refere à filiação e/ou crenças religiosas”. Isto se confirmou, em parte, uma vez que não foram encontradas diferenças significantes entre **NEXPs** e **EXPs** no que diz respeito a renda mensal, crença, adesão ou postura religiosa e estado civil. Quanto às crenças e práticas, os **EXPs** acreditam significativamente mais na reencarnação, na sobrevivência da alma ou do espírito, em astrologia, numerologia, cristais,

pêndulos; e também, significativamente mais que os **NEXPs**, utilizam técnicas mentais, usam drogas e buscam a ajuda de médiuns, paranormais, tarólogos e outros aconselhamentos desse tipo.

Quanto à segunda hipótese, “Aqueles que vivenciam experiências anômalas extra-sensório-motoras tendem a atribuí-las a fatores externos, sobretudo religiosos”, verificou-se que as atribuições de causalidade realizadas foram coerentes com a crença, adesão ou postura religiosas dos **EXPs**. **EXPs** agnósticos e ateus atribuíram mais suas experiências a causas “naturais”, como “coincidência” e “poder da mente” – resguardando-se as ressalvas feitas no Capítulo 7 a esse último tipo de atribuição. No entanto, não apenas os não religiosos fizeram atribuições “naturalistas”, mas também os **EXPs** religiosos as fizeram em alguns casos. Por isso, não se pode dizer que a hipótese da tendência à atribuição das experiências psi a fatores externos sobretudo religiosos tenha sido confirmada, apesar de em alguns poucos casos, **EXPs** não religiosos terem recorrido a esse tipo de explicação para suas experiências.

A terceira hipótese, “Há associação significativa entre a crença na existência de psi (interações extra-sensório-motoras) e a vivência de experiências anômalas relacionadas a psi”, se confirmou, pois os **EXPs** acreditam significativamente mais tanto na ESP e na PK do que os **NEXPs**.

A quarta hipótese, “Há correlação entre o conteúdo das experiências psi de tipo extra-sensorial e aspectos considerados relevantes na vida dos(as) experienciadores(as) de psi”, se confirmou, uma vez que os **EXPs** afirmam ter vivenciado experiências especialmente relacionadas a pessoas com quem mantém laços afetivos, além de admitirem que essas experiências influenciaram suas vidas, o que demonstra a relevância de seus conteúdos. Os dados

confirmaram que as mulheres gostam mais de compartilhar suas experiências do que os homens, e apontaram também que as experiências foram relevantes na medida em que houve **EXPs** que disseram terem sido salvos ou resolvido problemas por causa de suas experiências psi. No entanto, ao contrário do que era esperado, não houve preponderância de experiências psi relacionadas a eventos trágicos, como doenças e mortes, havendo número maior de experiências relacionadas a eventos positivos.

A quinta hipótese, “Não há correlação significativa entre os níveis de bem-estar subjetivo de experienciadores e não experienciadores de psi” não se confirmou, uma vez que **EXPs** pontuaram significativamente mais em “afetos negativos” do que os **NEXPs**.

O estudo apresentado serviu como um excelente exercício de pesquisa, tanto no que diz respeito ao seu planejamento quanto à análise dos dados coletados. Especialmente o processo analítico mostrou-se frutífero: além da constatação de dados, associações e correlações interessantes, como mencionado, esta pesquisa suscitou questionamentos que levarão a outros estudos que poderão complementar ou checar os resultados obtidos.

Os novos questionamentos advêm principalmente das limitações que o método escolhido para esta pesquisa impõe. Os dados coletados mostram um “retrato instantâneo” de experiências e aspectos a elas associados. A busca de sentido para as associações e correlações encontradas fez surgir perguntas que “solicitam” outros recursos e métodos de investigação como entrevistas em profundidade e estudos longitudinais, especialmente. Verificou-se que, apesar de tratar-se de um estudo que utilizou um instrumento objetivo para a coleta de dados, o Q-PRP, os respondentes sentiram necessidade de complementar

informações acrescentando-as espontaneamente ao responderem o questionário, o que enriqueceu a coleta de dados e possibilitou reflexões. A utilização de métodos e recursos que possibilitem o acesso ao contexto das experiências e dos **EXPs**, além de outras características pessoais, como personalidade, por exemplo, permitiriam conhecer mais profundamente o perfil do **EXPs** e as circunstâncias em que as experiências psi ocorrem.

Um aspecto fundamental desta pesquisa que merece ser aprofundado é a questão da correlação entre níveis de bem-estar subjetivo (BES) e experiências anômalas extra-sensório-motoras. Esse aspecto engloba outros importantes tratados nesta pesquisa, como atribuição de causalidade, atitudes e crenças, uma vez que estes se mostraram inter-relacionados.

Um outro ponto evidenciado pelos dados é a associação entre experiências anômalas de tipo extra-sensório-motor e estados dissociativos, o que pode ser verificado nos dados referentes a uso de drogas, a práticas mentais e sono, na medida em que os sonhos confirmaram ser ambiente propício para a ocorrência de experiências anômalas de tipo extra-sensorial. Estudos considerando as variáveis “absorção” e “propensão à fantasia” já existem, mas não são conclusivos, evocando mais pesquisas a esse respeito (ex.: Irwin, 1990; Rao, 1992). Até que ponto as experiências psi relatadas têm a ver com ilusão? Como diferenciar relatos de experiências anômalas relacionadas a psi e delírios resultantes de distúrbios mentais? Estas são perguntas para as quais o estudo aqui apresentado não tem respostas. Mas a prevalência de experiências psi na amostra investigada (82,7% de N = 306) revela que é importante prestar atenção a esses relatos e continuar os estudos a fim de depurar as informações disponíveis sobre essas experiências.

Vale ressaltar que dentre os 306 participantes desta pesquisa, 153 respondentes se dispuseram a participar de outros estudos sobre o tema, sendo 135 **EXPs** e 18 **NEXPs**. Estes deixaram algum meio de contato como telefone, e-mail ou endereço, o que se apresenta como mais um incentivo para futuras investigações.

Findo este trabalho, considera-se que os objetivos específicos estabelecidos foram alcançados, faltando ainda alguns passos para cumprir satisfatoriamente os objetivos gerais de “destacar a importância do estudo das experiências anômalas e ajudar a diminuir o preconceito e a ignorância acerca do assunto, que fazem com que muitos(as) psicólogos(as) e outros(as) profissionais de saúde não saibam lidar com essas questões quando elas lhes são apresentadas em sua prática profissional; e oferecer subsídios a esses(as) profissionais de saúde de uma forma geral e aos psicólogos, em particular, a fim de que possam ajudar as pessoas a lidarem com suas vivências anômalas, ou seja, a administrar o(s) impacto(s) que elas causam”. Esse objetivo só será passível de ser considerado atingido a partir da divulgação dos resultados deste trabalho em eventos e periódicos científicos, além da transmissão das informações em palestras e aulas. Um trabalho intenso que o fato de as experiências anômalas extra-sensório-motoras ocorrerem insistentemente no cotidiano faz motivar.

Fontes de Referência

- Abramson, L. Y., Seligman, M. E. P. & Teasdale, J. D. (1978) . Learned helplessness in human: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology*, 87, 49-74.
- Albuquerque, A.S. e Tróccoli, B.T. (2004) Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Maio-Agosto, Vol. 20, nº 2, 153-164.
- Allport, Gordon W. 1966 "Religious context of prejudice." *Journal for the Scientific Study of Religion* 5: 447-457.
- Allport, G. W. & Ross, J. M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 432-443.
- Anguas, A. (1997). El significado del bienestar subjetivo, su valoración en México. Disertación de Maestría, Universidad Nacional Autónoma de México.
- Antonovsky, A. (1987). *Unraveling the mystery of health*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Aronson, E., Wilson, T.D. & Akert, R.M. (2002) *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: LTC. (3ª edição)
- Averill, J.R. (1973) Personal control over aversive stimuli and its relationship to stress. *Psychological Bulletin*, 80, 286-303.
- Babbie, E. (2003) *Métodos de Pesquisas de Survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Batson, C. D., Shoenrade, P.A. & Ventis, W. L. (1993) Religion and the individual: A social-psychological perspective. New York: Oxford.
- Bellah, Robert N. (1970). Christianity and symbolic realism. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 9, 89-96
- Bem, D. J. (1972). Self-Perception Theory. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*, 6, (pp.1-62). New York: Academic Press.
- Bernstein, B. (1961), Aspects of language and learning in the genesis of the social process. In D. Hymes (Ed.), *Language in culture and society*. 251-263. New York: Harper and Row.
- Blackmore, S. (1984) A postal survey of OBEs and other experiences. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 52, 225-244.
- Blackmore, S. (1988) Do we need a new psychical research? *Journal of the Society for Psychical Research*, 55, 213-219.
- Borysenko, J. (1993) *Fire in the Soul: A new psychology of spiritual optimism*. New York: Warner Books.
- Bradburn, N. (1969). *The structure of psychological well-being*. Chicago: Aldine.
- Braud, W. & Schlitz, M. A (1991). Consciousness interactions with remote biological systems: anomalous intentionality effects. *Subtle Energies*. 2, 1-46.
- Braude, S. E. (1986). *The limits of influence: Psychokinesis and the philosophy of science*. New York, London: Routledge & Kegan Paul
- Broughton, R. (1988) If you want to know how it works, first find out what it's for. In D.H. Weiner & R.L. Morris (Eds.) *Research in Parapsychology 1987*, p. 187-202. Metuchen. NJ: Scarecrow Press.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol 1. Attachment*. New York: Basic Books.

- Brehm, J. W., & Cohen, A. R. (1962). *Explorations in cognitive dissonance*. New York: Wiley.
- Brickman, P., Coates, D. & Janoff-Bulman, R.J. (1978) Lottery winners and accident victims: Is happiness relative? *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 917-927.
- Bourque, L. B., & Back, K. W. (1971). Language, society, and subjective experiences. *Sociometry*, 34, 1-21.
- Burger, J.M. (1992) *Desire for control: personality, social, and clinical perspectives*. New York: Plenum.
- Byrd, R.C. (1988) Positive therapeutic effects of intercessory prayer in a coronary care unit population. *Southern Medical Journal*, 81, 826-829.
- Cardeña, E.; Lynn, S.J. & Krippner, S. (2000) *Varieties of Anomalous Experience: Examining the scientific evidence*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Carver, C. S., DeGregorio, E., and Gillis, R. (1980). **Ego**-defensive attribution among two categories. of observers. *Pers. Soc.Psychol. Bull.* 6. 44-50.
- Campbell, A. (1976). Subjective measures of well-being. *American Psychologist*, 31, 117-124.
- Campbell, A (1981) *The sense of well-being in America*. New York: McGraw-Hill.
- Cannon, W. J. (1942) "Voodoo" death. *Am Anthropol* 44:169-181
- Clark, E. T. (1929). *The Psychology of Religious Awakening*. New York: Macmillan.
- Coe, G. A. (1900). *The spiritual life*. New York: Abingdon.
- Davis, M. H., & Stephan, W. G. (1980). Attributions for exam performance. *Journal of Applied Social Psychology*, 10, 235-248.
- Dember, W.N. & Brooks, J. (1999) A new instrument for measuring optimism and pessimism: Test-retest reliability and relations with happiness and religious commitment. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 27, 365-366.
- Diener, E. (1995). A value based index for measuring national quality of life. *Social Indicators Research*, 36, 107-127.
- Diener, E. (2001). Subjective well-being. Em N. J. Smelser & P. B. Baltes (Orgs.), *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Oxford: Elsevier.
- Diener, E.; Suh, E. & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 25-41.
- Diener, E. & Larsen, R. J. (1984). Temporal stability and cross-situational consistency of affective, behavioral, and cognitive responses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 871-883.
- Diener, E., Sandvik, E. Seidlitz & Diener, M. (1993) The relationship between income and subjective well-being: relative or absolute? *Social Indicators Research*, 28, 195-223.
- Myers, D.G. & Diener, E. (1995). Who is happy? *Psychological Science*, 6, 10-19.
- Douglas, M. (1966). *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Edwards, K. (1990). The interplay of affect and cognition in attitude formation and change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(2), 202-216.
- Edwards, K., & von Hippel, W. (1995). Hearts and minds: The priority of affective versus cognitive factors in person perception. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 996-1011.

- Elig, T., & Frieze, I. (1979). Measuring causal attributions for success and failure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 621-634
- Fazio, R. H. (1989). On the power and functionality of attitudes: The role of attitude accessibility. In *Attitude Structure and Function* (pp. 153-179). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Festinger, L. (1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Friederichs, E. (1979) *Onde os Espíritos Baixam. Orientação para Católicos e Evangélicos*. São Paulo: Loyola. (Publicado originalmente em 1977.)
- Friederichs, E. (1980) *Casas Mal-Assombradas: Fenômenos de Telergia*. São Paulo: Loyola.
- Gabbard, G.O. e Twemlow, S.W. (1984). *With the eyes of mind: An epirical analysis of out-of-body states*. New York: Praeger.
- Gallup, G. (1982) *Adventures in immortality*. New York: McGraw-Hill.
- Gauld, A. & Cornell, A.D. (1979) *Poltergeist*. London: Routledge & Keagan Paul.
- Gartner, J., Larson, D. B., & Allen, G. D. (1991). Religious commitment and mental health: A review of the empirical literature. *Journal of Psychology and Theology*, 19, 6-25.
- Geertz, C. (1973). *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books.
- Gilbert, D.T., & Osborne, R.E. (1989). Thinking backward: Some curable and incurable consequences of. cognitive busyness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57, 940-949.
- Gill, T. M. & Feinstein, A. R. (1994). A critical appraisal of the quality of quality-of-life measurements. *Journal of the American Medical Association*, 272(8), 619-926.
- Glickson, J. (1990). Belief in the paranormal and subjective paranormal experience. *Personality and Individual Differences*, 11, 675-683.
- Glock, C., & Piazza, T. (1981). Exploring reality structures. In T. Robbins & D. Anthony (Eds.), *In gods we trust: New patterns of religious pluralism in America*, 2nd ed., edited by T. Robbins and D. Anthony.
- Greeley, A.M. (1975) *The sociology of the paranormal: A reconnaissance*. Bervely Hills, CA: Sage.
- Greeley, A.M. (1985) Hallucinations among the widowed. *Sociology and American Social Research*, 13, 3-8.
- Greyson, B. e Stevenson, I. (1980) The phenomenology of near-death experiences. *American Journal of Psychiatry*, 137, 1193-1196.
- Griffin, D.W., & Ross, L. (1991). Subjective construal, social inference and human misunderstanding. In M.P. Zanna (Ed.). *Advances in Experimental Social Psychology*, Vol. 21., New York: Academic Press.
- Haight, J. (1979) Spontaneous psi cases: a survey and preliminary survey of ESP, attitude, and personality relationships. *Journal of Parapsychology*, 43, 179-203.
- Haraldsson, E. (1981). Some determinants of belief in psychical phenomena. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 75, 297-309.
- Haraldsson, E. (1985) Representative national surveys of psychic phenomena: Iceland, Great Britain, Sweden, USA and Gallup's multinational survey. *Journal of the Society for Psychical Research*, 53, 145-158.

- Haraldsson, E. & Houtkooper, J.M. (1991) Psychic experiences in the Multinacional Human Values Study: Who reports them? *Journal of the American Society for Psychical Research*, 85, 145-165.
- Haraldsson, E. & Houtkooper, J. (1996) Traditional Christian Beliefs, Spiritualism, and the Paranormal: An Iceland-American Comparison. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 6(1), 51-64.
- Harding, S., Phillips, D., and Fogarty, M. (1986). *Contrasting Values in Western Europe*. Houndsmill: MacMillan.
- Harvey, C.D., Barnes, G.E. & Greenwood, L. (1987). Correlates of morale among Canadian widowed persons. *Social Psychiatry*, 22, 65-72.
- Hastie, R. (1981). Schematic principles in human memory. In E.T. Higgins, C.P. Herman, and M.P. Zanna (Eds.), *Social cognition: The Ontario Symposium*, Volume 1, (pp. 39-88). Hillsdale, N.J.: Erlbaum Associates.
- Hastings, A. (1983) A counseling approach to parapsychological experience. *Journal of Transpersonal Psychology*, 15, 143-166.
- Hay, D. e Morisy, A. (1978) Reports of ecstatic, paranormal or religious experience in Great Britain and the United States: A comparison of trends. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 17, 255-268.
- Heider, F. (1944). Social perception and phenomenal causality. *Psychological Review*, 51, 358- 374.
- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley.
- Hernandez, J. A. E., Vargas Neto, F. X. de, Oliveira, T. Co., Elz Neto, C. H., Voser, R. C. (2007) Validação de Construto do Instrumento Perfil do Estilo de Vida Individual. *Arquivos em Movimento*, UFRJ, Rio de Janeiro, v.3, n.1, Janeiro/ Junho, 2007.
- Hess, D. (1987) *Religion, Heterodox Science and Brazilian Culture*. In *Social Studies of Science*. Beverly Hills: SAGE. Vol.17, pp. 465 a 477
- Holland, A. S. *Who is happy in young adulthood?*
<http://216.239.33.100/search?q=cache:iyIKCOSW5RgC:www.grad.umn.edu/oeo/pdf/ASHReport.pdf>
- Holmes & Rahe (1967). *Holmes-Rahe* life changes scale. *Journal of Psychosomatic Research*, Vol. 11, 213-218.
- Honorton, C. (1992) The ganzfeld novice: four predictors of initial ESP performance. In *The Parapsychological Association 35th Convention Proceedings of Presented Papers*. Las Vegas: Parapsychological Association, Inc., 51-58.
- Inglehart, R. (1990) *Culture shift in an advanced industrial society*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Irwin, H. (1985a) Parapsychological phenomena and the absorption domain. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 79, 1-11.
- Irwin, H. (1985b) A study of the measurement and correlates of paranormal belief. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 79, 301-326.
- Irwin, H. J. (1990). Fantasy proneness and paranormal beliefs. *Psychological Reports*, 66, 655–658.
- Irwin, H. (1999) *Introduction to Parapsychology*. (3rd ed.) Jefferson, NC: McFarland.
- Jackson, J. S. & Inglehart, M. R. (1995). Reverberation theory: Stress and racism in hierarchically structured communities. In S.E. Hobfoll & M.W. deVries

- (Eds.), *Extreme Stress and communities: Impact and Intervention*, (pp. 353-373). Dordrecht, the Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- James, W. (1902). *The varieties of religious experience: A study in human nature*. New York: Longmans, Green.
- Jones, E. E. and Davis, K. E. (1965) From acts to dispositions: the attribution process in social psychology, in L. Berkowitz (ed.), *Advances in experimental social psychology* (Volume 2, pp. 219-266), New York: Academic Press
- Jones, E. E. , Kanouse, D. E., Kelley, H. H., Nisbett, R. E., Valins, S., & Weiner, B. (1971). *Attribution: Perceiving the causes of behavior*. Morristown: General Learning Press.
- Jones, E. E. and Nisbett, R. E. (1972). The actor and the observer: Divergent perceptions of the causes of the behavior. In E. E. Jones, D. E. Kanouse, H. H. Kelley, R. E. Nisbett, S. Valins and B. Weiner (eds.), *Attribution: Perceiving the causes of behavior* (pp. 79-94). Morristown, NJ: General Learning Press.
- Kass, J.D., Friedman, R., Leserman, J. Zuttermeister, P.C. e Benson, H. (1991) Health outcomes and a new index of spiritual experience. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 30, 203-211.
- Kelley, H. H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (ed.), *Nebraska Symposium on Motivation* (Volume 15, pp. 192-238). Lincoln: University of Nebraska Press.
- Kennedy, J.E. e Kanthamani H. (1995) An exploratory study of the effects of paranormal and spiritual experiences on people's lives and well-being. *The Journal of the American Society for Psychical Research*, 89, 249-265.
- Kennedy, J.E., Kanthamani, H. e Palmer, J. (1994) Experiência psi e espirituais, saúde, bem-estar e sentido para a vida. *Journal of Parapsychology*, 58, 353-383.
- Kobasa, S.C. (1979). Stressful life events, personality and health: An inquiry into hardiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37, 1-11.
- Koenig, H. G. (199). Research on religion and mental health in later life: a review and commentary. *J Geriatr Psychiatry*. 23(1), 23-53
- Kohr, R.L. (1980) A survey of psi experiences among members of special population. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 74, 395-411.
- Krosnick, J. A., & Abelson, R. P. (1992). The case for measuring attitude strength in surveys. Pp. 177-203 in J. Tanur (Ed.), *Questions about questions: Inquiries into the cognitive bases of surveys*. New York: Russell Sage.
- Kuhn, T. (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Langer, E.J. e Rodin, J. (1976) The effect of choice and enhanced personal responsibility for the aged: A field experiment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34, 191-198.
- Larson, R. (1989) Is feeling "in control" related to happiness in daily life? *Psychological Reports*, 64, 775-784.
- Larson, D.B.; Sherrill, K.A.; Lyons, J.S.; Craige, F.C.; Thielman, S.B.; Greenwold, M.A.; Larson, S.S. (1992). Dimensions and valences of measures of religious commitment found in the American Journal of Psychiatry and the Archives of General Psychiatry, 1978-1989.: *American Journal of Psychiatry* 149, 557-559.

- Laski, M. (1961) *Ecstasy*. Bloomington. University of Indiana Press.
- Lawrence, R. H. & Liang, J. (1988). Structural integration of the Affect Balance Scale and the Life Satisfaction Index A: Race, sex, and age differences. *Psychology and Aging*, 3, 375-384.
- Lazarus, R. (1993). Coping theory and research: Past, present, and future. *Psychosomatic Medicine*, 55, 234-247.
- Lazarus, R. (1966). *Psychological Stress and The Coping Process*. New York: McGraw-Hill.
- Lazarus, R., & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal, and Coping*. New York: Springer.
- Lee, Y. T. & Seligman, M. E. P. (1997). Are Americans more optimistic than the Chinese? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 23, 32-40.
- Lee, F., Hallahan, M., & Herzog, T. (1996). Explaining real life events: How culture and domain shape attributions. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22, 732-741
- Little, D. & Twiss, S. B. (1973) *Basic Terms in the Study of Religious Ethics*. Em Gene Outka & John P. Reeder (Eds.) *Religion and Morality*. New York: Double Day.
- Morris, M. W., & Peng, K. (1994). Culture and cause: American and Chinese attributions for social and physical events. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 949-971.
- Machado, F. R. (1996) *A Causa dos Espíritos: Estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião defendida na PUC/SP.
- Machado, F. R. (1997). A Questão da Nomenclatura em Parapsicologia. *Anuário Brasileiro de Parapsicologia*, nº 2. Recife: IPPP.
- Machado, F.R. (2003) *A ação dos signos nos "Poltergeists". Estudo do processo de comunicação dos fenômenos "Poltergeist" a partir de seus relatos*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica defendida na PUC/SP.
- Machado, F.R. (2005). Parapsicologia no Brasil: Entre a cruz e a mesa branca. *Boletim Virtual de Pesquisa Psi*, Vol 2. www.pesquisapsi.com.br
- Machado, F.R. e Zangari, W. (1998) ESP: Uma breve revisão das pesquisas e algumas reflexões. *Anuário Brasileiro de Parapsicologia nº 3*. Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. p. 9 a 88.
- McAllister, H. A. (1996). Self-serving bias in the classroom: Who shows it? Who knows it? *Journal of Educational Psychology*, 88, 125-131.
- McClenon, J. (1994) *Wondrous events: Foundations of religious belief*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- McCready, W. C. and Greeley, A. M. (1976). *The ultimate values of the American population*. Beverly Hills, CA: Sage.
- McIntosh, D. N. (1997/1995). Religion as schema, with implications for the relation between religion and coping. Em: Splika, McIntosh, D. (Orgs.) *The Psychology of Religion: Theoretical approaches*. Boulder, Colorado: Westview Press.
- Milton, J. (1992) Effects of "paranormal" experiences on people's lives: An unusual survey of spontaneous cases. *Journal of the Society for Psychical Research*, 58, 314-323.
- Mishlove, J. (1983) *Psi Development Systems*. New York: Ballantine Books.
- Myers, D.G. (1993) *Social Psychology* (4th edition). New York: McGraw-Hill.

- Neisser, U. (1976). *Cognition and reality: Principles and implications of cognitive psychology*. San Francisco: Freeman.
- Noble, K.D. (1987) Psychological health and the experience of transcendence. *The Counseling Psychologist*, 15, 601-614.
- O Efeito Meissner. *Site Seara da Ciência*. UFC. Acesso em 15/02/2009: <http://www.seara.ufc.br/especiais/fisica/supercondutividade/supercondutividade2.htm>
- Ornish, D. (1990) *Dr. Dean Ornish's program for reversing heart disease*. New York: Random House.
- Paiva, G. J. de; Faria, D.G.R. ; Gomez, D.M. ; Gomez, M.L.T. ; Lopes, R. ; Nunes, L.C. ; Verdade, M.M. ; Zangari, W. (2001) Processos psicológicos da conversão religiosa: imaginário e simbólico, categorização e prototipicalidade. *Revista de Psicologia da PUC-RJ*, 12, 151-169.
- Paschoal, T. & Tamayo, A. (2008). Construção e validação da Escala de bem-estar no trabalho. *Aval. psicol.*, 7 (1), 11-22.
- Palmer, J. (1979) A community mail survey of psychic experiences. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 73, 221-251.
- Pagenstecher, G. (1924) *Aussersinnliche Wahrnehmung*. Halle: C.Marhold.
- Pasquali, L. (1997) *Psicometria: teoria e aplicações*. Brasília: UNB.
- Pasquali, L. (2003) *Psicometria: teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis: Vozes.
- Peirce, C.S. (1983) Escritos Coligidos. *Coleção Os Pensadores*. Seleção de Armando M. D'Oliveira; trad. Armando M. D'Oliveira e Sergio Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural. 3ª edição.
- Proudford and Shaver, 1975 W. Proudford and P. Shaver, Attribution theory and the psychology of religion. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 14, 317-330;
- Quevedo, O.G. (1973) Ambiente e Influxo da Parapsicologia. *Parapsicologia: Revista do Centro Latino Americano de Parapsicologia*, 1, 10 a 23.
- Rao, P. V. K (1992). Fantasy-proneness, reports of paranormal experiences and ESP test performance. *Journal of Indian Psychology*, 10, 27-34.
- Radin, D. (1996) Unconscious Perception of Future Emotions: An Experiment in Presentiment. In E. May (Ed.) *Proceedings of presented Papers in The Parapsychological Association 39th Annual Convention*. San Diego, CA: Impresso pela Parapsychological Association, Inc., pp. 171-186.
- Radin, D. (1997) *The Conscious Universe: The scientific truth of psychic phenomena*. San Francisco: HarperEdge.
- Radin, D., Machado, F. R.; Zangari, W. (2002). Effects of Distant Healing Intention Through Time & Space: Two Exploratory Studies. *Subtle Energies And Energy Medicine Journal*, 3, p. 34-58.
- Rebman, J. M., Wezelman, R. Radin, D. I., Hapke, R. A. & Gaughan, K. (1996). Remote influence of the autonomic nervous system by focused intention. *Subtle Energies And Energy Medicine Journal*, 6, 111-134.
- Rhine, L. E. (1956) Hallucinatory psi experiences: I. An introductory survey. *Journal of Parapsychology*, 20, 233-256.
- RHINE, L. E. (1966). *Canais Ocultos do Espírito*. São Paulo: BestSeller.
- Rhine, L.E. (1965) *Hidden Channels of the Mind*. New York: William Morrow.
- Rhine, L.E. (1978) The psi process in spontaneous cases. *Journal of Parapsychology*, 42, 20-32.

- Richards, D.G. (1990) Hypnotic susceptibility and subjective psychic experiences: A study of participants in A.R.E. conferences. *Journal of Parapsychology*, 54(1), 35-51.
- Ring, K. (1984) *Heading toward omega*. New York: William Morrow.
- Roll, W.G. (1977) Poltergeists. In Wolman, B.B. (Ed.) *Handbook of Parapsychology*, North Carolina: McFarland and Company, Inc. Publishers. p. 382-413
- Ross, L. (1977) The intuitive psychologist and his shortcomings: Distortions in the attribution process. In L. Berkowitz (ed.), *Advances in experimental social psychology* (Volume 10, pp. 173-240), Orlando, FL: Academic Press
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 80.
- Sainville, L.L. de (1927) Perceptions extra-sensoriales (mes expériences). *Revue métapsychique*, 6, 429-451.
- Shavitt, S. (1989). Operationalizing the functional theory of attitudes. In A. R. Pratkanis, S. J. Breckler, & A.G. Greenwald (Eds.), *Attitude structure and function* (pp. 311-338). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Schroederm D. H. & Costa Jr., P. T. (1984). Influence of life events stress on physical illness: substantive effects or methodological flaws? *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 853-63.
- Schouten, S. A. (1981) Analysing spontaneous cases: A replication based on the Sannwald collection. *European Journal of Parapsychology*, 2, 408-454.
- Schachter, S. (1971). *Emotion, obesity and crime*. New York: Academic Press,
- Schachter, S & Singer, J.E. (1962) Cognitive, social and physiological determinants of emotional state. *Psychological Review*, 69, 379-399.
- Schmeidler, G. (1945) Separating the sheep from the goats. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 39, 46-49.
- Schmeidler, G. & Murphy, G. (1946) The influence of belief and disbelief in ESP upon individual scoring levels. *Journal of Experimental Psychology*, 36, 271-276.
- Schulz, R. (1976) Effects of control and predictability on the physical and psychological well-being of the institutionalized aged, *Journal of Personality and Social Psychology*, 33, 563-573.
- Seligman, M.E.P. (1991) *Learned optimism*. New York: Random House.
- Seligman, M., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An Introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.
- Selye, H. (1936) A Syndrome Produced by Diverse Nocuous Agents. *Nature*. 138, July 4, p. 32.
- Selye, H. (1955) Stress and disease. *Science*, 122: 625-631.
- Selye, H. (1956) *The Stress of life*. New York: McGraw-Hill.
- Selye, H. (1974) *Stress without Distress*. Philadelphia: J. B. Lippincott Co.
- Sidgwick, H., Johnson, A., Myers, F.W.H. and Sidgwick, E.M., and (1894) Report on the Census of Hallucinations. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 10, 25-422.
- Siegel, C. (1986) Parapsychological counseling: Six patterns of response to spontaneous psychic experiences (abstract). In W. Roll (Ed.) *Research in Parapsychology 1985*, p. 172-174. Metuchen, NJ: Scarecrow Press.
- Sistemas Simbólicos, de Decisão, e de Informação (SSDI)*, seção de ensino e de investigação do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências e

- Tecnologia (FCT) da Universidade Nova de Lisboa (UNL):
<http://ssdi.di.fct.unl.pt/lei/mq/Docs/Praticas/P08/RT-P6.htm>
- Snyder, M., and K. G. DeBono (1989). Understanding the functions of attitudes: Lessons from personality and social behavior. In A. R. Pratkanis, S. J. Breckler and A. G. Greenwald (Eds.), *Attitude structure and function* (pp. 339-359). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Spilka, B., Addison, J., & Rosensohn, M. (1975). Parents, self, and God: A test of competing theories of individual-religion relationships. *Review of Religious Research*, 16, 154-165.
- Spilka, B. Hood, R.W. e Gorsuch, R.L. (1985). *The psychology of religion: An empirical perspective*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Spilka B., Shaver, P., & Kirkpatrick, L. A. (1997). A general attribution theory for the psychology of religion. In B. Spilka & B. N. McIntosh (Eds.), *The psychology of religion: Theoretical approaches*. Colorado: Westview Press. (Originalmente publicado em: *Journal for the Scientific Study of Religion* [1985], 24, 1-20).
- Stanford, R.G. (1974a) An experimentally testable model for spontaneous psi events I. Extrasensory events. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 68, 34-57.
- Stanford, R.G. (1974b) An experimentally testable model for spontaneous psi events II. Psychokinesis. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 68, 321-356.
- Starbuck, E. D. (1899). *The Psychology of Religion*. New York: Scribner's.
- Suh, E. M., & Oishi, S. (2002). Subjective well-being across cultures. In W. J. Lonner, D. L. Dinnel, S. A. Hayes, & D. N. Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 7, Chapter 1), (<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington USA.
- Targ, E., Schlitz, M., & Irwin, H.J. (2001). Psi-related experiences. In E. Cardeña, S.J. Lynn, & S. Krippner (Eds.), *Varieties of anomalous experience: Examining the scientific evidence* (pp. 219-252). Washington, DC: American Psychological Association.
- Taylor, S. E. & Armor, D. A. (1996). Positive illusions and coping with adversity. *Journal of Personality*, 64, 873-898.
- Taylor and Crocker (1981) Schematic bases of social processing. In E.T.Hoggins, C.P. Herman e M.P.Zanna (Eds.), *Social Cognition: The Ontario Symposium* (vol. 1, p.89-134). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Tesser, A. (1993) On the importance of heritability in psychological research: The case of attitudes. *Psychological Review*, 100, 129-142
- Thalbourne, M. (1981) Extroversion and the sheep-goat variable: A conceptual replication. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 75, 105-109.
- Taylor, S.E. and Fiske, S.T. (1975) Point of view and perception so causality, *Journal of Personality and Social Psychology*, 32, 439-445
- Thouless, R. H., and Wiesner, B. P. (1947). The psi process in normal and "paranormal" psychology. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 48, 177-196.

- Tobacyk, J. & Milford, G. (1983). Belief in paranormal phenomena: Assessment instrument development and implications for personality functioning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 1029-1037
- Vasconcellos, E.G. (1992) O modelo psiconeuroendocrinológico de stress. In Seger, Liliana, *Psicologia e Odontologia: Uma Abordagem Integradora*. 2ª Edição. São Paulo: Santos.
- Vasconcellos, E.G. (2000a) Psiconeuroimunologia: Uma história para o futuro. Em V.A. Angerami-Camon (Org.), *Psicologia da Saúde*. São Paulo: Pioneira.
- Vasconcellos, E.G. (2000b) *Tópicos de Psiconeuroimunologia*. Edição revista e ampliada. São Paulo: Ipê.
- Watson, D., Clark, L. A. & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54(6), 1063-1070.
- Watson, D., & Pennebaker, J. W. (1989). Health complaints, stress, and distress: Exploring the central role of Negative Affectivity. *Psychological Review*, 96 (2), 234-254.
- Weiner, B. (1972) Theories of motivation: From mechanism to cognition. Chicago: Rand McNally.
- Weiner, D.H. (1980) Psi counseling: The situation at research laboratories (abstract). In W. Roll (Ed.) *Research in Parapsychology 1979*, p. 45-46. Metuchen, NJ: Scarecrow Press.
- Weiner, D.H. & Geller, J.M. (1984) Motivation as the universal container: Conceptual problems in parapsychology. *Journal of Parapsychology*, 48, 27-37.
- White, R.A. (1990) An experience-centered approach to parapsychology. *Exceptional Human Experiences*, 8, 7-36.
- Whitley, B. E. & Frieze, I. H. (1985). Children's causal attributions for success and failure in achievement settings: A meta-analysis. *Journal of Educational Psychology*, 5, 608-616.
- Wilson, J. (1978). *Religion in American Society*. Englewood: Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Witter, R.A., Stock, W.A., Okun, M.A. & Haring, M.J. (1985) *Religion and subjective well-being in adulthood: a quantitative synthesis*. *Review of Religious Research*, 26, 332-342.
- Zangari, W. (2002) *Ceticismo, Dogmatismo e Paranormofilia*. Acesso em 15/02/2009: <http://www.pesquisapsi.com/content/view/2190/146/>
- Zangari, W. & Machado, F.R. (1996) Survey: Incidence and Social Relevance of Brazilian University Students' Psychic Experiences. *European Journal of Parapsychology*, 12, 75-87.
- Zika, S. e Chamberlain, K. (1992) On the relation between meaning in life and psychological well-being. *British Journal of Psychology*, 83, 133-145.
- Zingrone, N. & Alvarado, C. (1987) *Historical Aspects of Parapsychological Terminology*. *Journal of Parapsychology*, 51, 49-74.

Consultas na internet:

Efeito Meissner:

<http://www.seara.ufc.br/especiais/fisica/supercondutividade/supercondutividade2.htm>

Seres elementais: <http://www.caminhosdeluz.org/A-123.htm>

ANEXO 1

Brevíssimo histórico do desenvolvimento
das pesquisas das experiências anômalas relacionadas a psi
ou experiências extra-sensório-motoras

Brevíssimo histórico do desenvolvimento das pesquisas das experiências anômalas relacionadas a psi ou experiências extra-sensório-motoras¹

Desde que o ser humano começou a registrar sua história por meio de gravuras e escrituras, temos evidências de que muitos fenômenos que ocorriam no cotidiano eram atribuídos a forças sobrenaturais ou divinas. Muitos desses fatos considerados *estranhos* foram sendo desvendados à medida que a humanidade se desenvolvia e aprendia a descobrir e dominar a natureza, com todas as dificuldades pertinentes ao processo de assimilação social do saber.

As experiências que hoje denominamos psi ou extra-sensório-motoras são estudadas sistematicamente há mais de um século e, como já foi comentado em outras ocasiões (Machado, 1996 e 2003), o histórico do estudo de psi é uma história de resistência para permanecer nos limites científicos e dentro do mundo acadêmico. Esses estudos já receberam diferentes nomes, como Pesquisa Psíquica (*Psychical Research*) na Grã-Bretanha, Metapsíquica (*Métapsychique*) na França, Parapsicologia² (*Parapsychology*) nos Estados Unidos e, mais recentemente, pesquisa psi, incluída no rol de estudos das chamadas experiências anômalas (cf. comentado mais detalhadamente no Capítulo 1 desta tese).

John Beloff, no prefácio de seu livro *Parapsychology: A Concise History* (1993, p. ix), se indaga por onde começar a história da Parapsicologia se, supostamente, não há nenhum momento na história da humanidade em que não houvesse preocupação com os fenômenos que hoje denominamos paranormais. Os relatos registrados ao longo dos séculos são de suma importância, pois a persistência dos fenômenos ou experiências espontâneas foi responsável pelo florescer da Parapsicologia e mantém vivo o interesse no campo tanto por parte dos estudiosos quanto por parte dos leigos, ainda que nada saibam sobre a evidência publicada. Beloff lembra, porém, de que antes da Revolução Científica do século XVII a distinção entre o que era normal e o que era paranormal era muito tênue para justificar a existência de uma disciplina que estivesse unicamente voltada ao estudo do paranormal.

Fazendo um recorte histórico do estudo das habilidades ou experiências extra-sensório-motoras, neste tópico serão enfocados principalmente os desenvolvimentos ocorridos no século XIX, com a fundação da Society for Psychical Research (SPR) de Londres em 1882, que marcou o início propriamente dito do interesse científico institucional na pesquisa de psi – ainda não com esse nome por essa época. No entanto, é preciso retroceder um pouco no tempo para que se compreenda o contexto da fundação da SPR, suas motivações e ações naquele momento histórico.

Um dos antecedentes mais importantes que lançou a semente das investigações que a SPR se proporia realizar foi o mesmerismo, movimento desencadeado pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer no século XVII que possibilitou a descoberta do fenômeno hipnótico. A princípio, acreditando que as doenças seriam resultado de desequilíbrio das forças eletromagnéticas do organismo, Mesmer utilizou ímãs para equilibrar o que ele denominava *fluido universal* que tratar-se-ia da energia vital que mantinha as pessoas

¹ Este tópico é baseado em partes dos textos da Dissertação de Mestrado *A Causa dos Espíritos: Um Estudo sobre a Utilização da Parapsicologia para a Defesa da Fé Católica e Espírita no Brasil* (1996) e da Tese de Doutorado *A Ação dos Signos nos “Poltergeists”*: Estudo do processo de comunicação dos fenômenos “Poltergeist” a partir de seus relatos (2003) apresentadas por mim na PUCSP nos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Comunicação e Semiótica, respectivamente, com as devidas atualizações e adequações aos interesses da presente pesquisa.

² O termo Parapsicologia tem sido usado por muitos de maneira deturpada no Brasil e em outros países, desvirtuando os reais objetivos dessa área de pesquisa.

saudáveis. As doenças consistiriam no desequilíbrio dessa força. Nas sessões de curas magnéticas, Mesmer aplicava os ímãs sobre os corpos dos pacientes e dava-lhes água magnetizada para beber acreditando que esses procedimentos poderiam sanar seus males físicos. Os pacientes tinham reações histéricas ao *toque magnético* e ao sair dessa espécie de *transe convulsivo*, diziam-se curados. Mesmer começou a notar que não eram os ímãs que provocavam a melhora de seus pacientes, mas sim, o *rapport* estabelecido entre ele, como magnetizador, e os pacientes, como magnetizados.

Um dos discípulos de Mesmer, o conde de Puységur, lançando mão dos mesmos expedientes que seu mestre, observou que certo rapaz, Victor Race, camponês de 18 anos de idade, não apresentava os ataques histéricos costumeiros, mas caía em estado de profundo torpor durante a sessão de cura. Além disso, comumente reagia às ordens de seu *magnetizador* antes mesmo que este as verbalizasse sendo assim considerado uma espécie de “clarividente”.

O grande interesse pelo chamado transe mesmérico se deu especialmente devido ao fato de as pessoas acreditarem que os assim chamados “clarividentes mesmeristas” receberiam mensagens de espíritos, que seriam as fontes de suas revelações, crença que se manteria ao longo do tempo³.

Ainda no século XVIII, Mesmer passou de personalidade famosa a charlatão perseguido, sendo assim considerado principalmente por médicos da época que viam seus consultórios esvaziarem-se uma vez que seus pacientes eram seduzidos pela idéia de serem curados de forma quase que instantânea pelos procedimentos mesméricos. Como consequência disso, sem nunca ter deixado realmente de ser praticado, o mesmerismo foi forçosamente relegado a um pseudo-esquecimento no mundo acadêmico até meados do século XIX, quando se voltou a investigar o magnetismo sob a nova denominação de hipnotismo⁴. Nesse momento, a hipnose passou a fazer parte da investigação médica e começou-se a observar a ocorrência de fenômenos de adivinhação e leitura de pensamento entre o hipnotizador e o hipnotizado, o que alimentou a idéia de que essas habilidades estivessem intimamente ligadas ao transe hipnótico⁵. No entanto, mais tarde, as pesquisas do fisiologista francês Charles Richet (1850-1935) levaram à descoberta de que se poderia prescindir da hipnose e obter os mesmos fenômenos incomuns e comunicação. Portanto, a hipnose e a transmissão de pensamento seriam fenômenos distintos. Estabelecida essa distinção, a telepatia – como a transmissão de pensamento ficou conhecida mais tarde – constituiu-se, em si mesma,

³ Um dos personagens mais conhecidos nesse contexto é Andrew Jackson Davis, um aprendiz de sapateiro que vivia em Poughkeepsie, NY, EUA. Em 1845, tendo Andrew ido assistir a uma sessão de hipnotismo e se oferecido como voluntário, entrou facilmente em transe hipnótico. Foi convidado a se tornar assistente do hipnotizador e começou a diagnosticar e curar enfermidades enquanto hipnotizado. Passou a prescindir do magnetizador - como ainda era chamado o hipnotizador - e já se magnetizava sozinho. Com o tempo, durante o transe, começou a se ocupar com temas a respeito da origem, função e funcionamento do universo. Dizia ser inspirado pelo espírito de Swedenborg (cientista, filósofo, teólogo e místico cristão que viveu entre 1688 e 1772), que supostamente lhe passava ensinamentos. Dizendo-se inspirado por esse espírito guia, escreveu um livro a respeito do mundo dos espíritos, preparando o terreno para o viria a ser, logo depois, o Espiritismo.

⁴ Na época, destacaram-se na pesquisa sobre do magnetismo e da hipnose: o químico industrial Barão Karl von Reichenbach; o oficial politécnico do exército francês, Coronel Albert de Rochas, que continuou o trabalho de Reichenbach; Liebault e sua equipe da Escola Médica de Nancy; Charcot e sua equipe da escola Médica de Paris (Salpêtrière); Pierre Janet, um dos médicos que trabalhava com Charcot; o fisiólogo e professor da Sorbonne Charles Richet e o físico e químico inglês, William Crookes. (Fantoni, 1981, pp. 240 e 241)

⁵ Na segunda metade do século XIX, Ambroise Liebault foi um dos primeiros a sustentar que a hipnose seria o produto de uma ação mental, denominada por ele de sugestão. Jean Martin Charcot, por sua vez, negava que o sonambulismo fosse um fenômeno normal e vinculava-o a fenômenos histéricos. No entanto, Pierre Janet, um dos discípulos de Charcot, se interessou pelos fenômenos extraordinários relatados e realizou com o colega Gibert experiências de hipnose à distância.

um objeto de investigação, considerando-se outras variáveis que não apenas o estado hipnótico.

Enquanto os estudos e especulações acerca dos transe mesméricos e da hipnose ocupavam a Europa – que também contava com especulações populares a respeito desses estados de consciência ou de interferência sobrenatural – nos EUA havia muitas especulações em torno da possibilidade de comunicação com os mortos. Essas especulações ganharam força com o conhecido episódio das Irmãs Fox, que acabou por marcar formalmente a origem do que chamamos hoje de espiritismo. Em breves palavras: em 1848 veio a público a notícia de que as irmãs, Margaret Fox, com 15 e Katherine Fox com 12 – que haviam se mudado para Hydesville, Condado de Wayne, NY, em 1847 juntamente com os pais, o Sr. E a Sra. Fox e sua irmã mais velha, Leah, então com 23 anos – alegavam estabelecer contato com um espírito desencarnado. Esse contato se daria por meio de *raps* (sons de batidas) vindos das paredes e do assoalho da casa, sempre quando as duas filhas menores estavam presentes. Como relata Fantoni:

Numa noite de fevereiro de 1848, quando as crianças já tinham se deitado, voltou-se a ouvir aquele ruído peculiar. Katie, caçoando, gritou: ‘Senhor perna de pau, faça como eu’ e começou a bater palmas, e o ruído imitou o mesmo ritmo. A criança, então, exclamou: ‘conta um, dois três, quatro’ e antes de cada número batia com as duas mãos. O ser desconhecido batia da mesma maneira. A Sra. Fox pediu que contasse até dez e se ouviram outros tantos golpes. Em seguida, perguntou que idade tinham as crianças, e para cada uma delas, soou o número correto de golpes. Então a mulher perguntou: ‘É um ser vivo quem responde tão corretamente a minhas perguntas? Em caso afirmativo, dê dois golpes’. A isso não teve nenhuma resposta. Em vista disso, tornou a perguntar: ‘Homem ou mulher?’ Tampouco obteve resposta. Finalmente, disse: ‘É uma alma?’, e se escutaram dois golpes. ‘É uma alma do inferno?’. Novamente, dois golpes. (Fantoni, 1981, p. 221)

A família Fox, que era metodista, foi expulsa de sua igreja e viu-se obrigada a se mudar para Rochester, onde continuaram a realizar sessões sistematicamente, como faziam em Hydesville. Além dos *raps*, relatou-se que durante as sessões também ocorriam movimentações de mesas que rodopiavam pela sala, fenômenos que ficou conhecido como “mesas girantes”⁶. (Wantuil, 1958)

Sessões espíritas ou as chamadas *séances* eram realizadas em todos os EUA e também na Europa e no Brasil, onde as notícias sobre esses fatos chegariam por volta de 1870. (Hess, 1987, p.472) Pessoas que demonstravam maior sensibilidade para perceber e/ou provocar *raps* e movimentação de mesas e objetos se destacavam e foram chamadas de médiuns, sendo consideradas como intermediárias entre este mundo e o mundo dos espíritos. O movimento cresceu de forma desordenada, até que o pedagogo francês Hyppolite Leon Denizard Rivail (1804-1869), acadêmico que dizia não acreditar

⁶ Apesar da repercussão dos episódios ocorridos em 1848, com o passar dos anos a carreira mediúca das irmãs Fox foi declinando. Diz-se que em 1888, elas encontravam-se em uma situação miserável, tendo elas perdido seus maridos e se tornado alcoólatras. Nessa ocasião, Margareth, com o apoio de Katherine, confessou que os *raps* ouvidos em sua casa quando crianças eram fraudulentos. Chegaram até mesmo a fazer uma demonstração pública de como provocavam aqueles sons através do estalar habilidoso das juntas dos pés. Pouco tempo depois, porém, retiraram tudo o que disseram sobre a fraude, alegando que receberam US\$ 1.500,00 para prestar aquelas declarações falsas. (Broughton, 1991, pp. 59 e 60) De qualquer modo, a idoneidade das irmãs Fox ficou para sempre comprometida. Não se pode negar, no entanto, que o episódio por elas protagonizado em meados do século XIX deu o primeiro impulso ao Espiritismo como movimento religioso, ainda que este não tenha desenvolvido um sistema formal de crenças ou de organização hierárquica peculiar às religiões “convencionais”.

na comunicação com os espíritos, foi convidado, em 1854, a colher relatos das ocorrências em vários grupos espíritas espalhados pela Europa e Estados Unidos e verificar sua coerência. Rivail decidiu organizar e codificar os ensinamentos supostamente transmitidos pelos espíritos nos diferentes grupos pois ao realizar o trabalho para o qual tinha sido convidado, “converteu-se” às crenças espíritas e adotou o pseudônimo Allan Kardec, seu nome druida em uma suposta vida passada. Kardec passou a ser conhecido como o codificador do Espiritismo, publicando vários volumes com orientações doutrinárias e práticas fornecidas pelos espíritos além de informações sobre a vida pós-morte (Kardec, 1857/1944a; 1859/1955; 1864/1944b; 1868/1944c; 1865/1944d).

Os chamados fenômenos espíritas e os transe mesméricos ocorriam e fascinavam o meio social na segunda metade do século XIX, inquietando os intelectuais da época. A questão era: o que haveria de objetivo nos relatos de eventos tão extraordinários que desafiavam os conhecimentos científicos acumulados até então? Já havia pesquisas sendo realizadas autonomamente por cientistas interessados naquelas ocorrências, e tornou-se premente a necessidade de sistematizar esses estudos, que nem sempre eram feitos com um controle científico rigoroso, considerando as condições da época. Dessa necessidade nasceu a *Society for Psychical Research* (SPR) de Londres em 20 de fevereiro de 1882, congregando cientistas renomados.

Os fundadores da SPR de Londres foram Frederic Myers e Henry Sidgwick, ambos professores da Universidade de Cambridge, sendo Sidgwick seu primeiro presidente⁷. O objetivo da SPR era, explicitamente, estudar de forma sistemática o fenômeno da leitura de pensamento, da clarividência, do mesmerismo e dos fenômenos chamados espíritas, “*sem preconceito ou prevenção de qualquer tipo, e com o mesmo espírito de inquirição exato e não apaixonado que tem possibilitado à Ciência resolver tantos problemas, se por um lado menos obscuros, por outro, não menos debatidos*” (1882)⁸. Desta forma, além de estabelecer métodos de pesquisa padronizados para a investigação das questões descritas acima, a SPR promoveu a divulgação dos avanços nesse novo campo de estudo, a Pesquisa Psíquica, através de publicações e de seminários científicos. (Broughton, 1991, pp. 63 a 66)

A fundação da SPR de Londres motivou o surgimento de outras sociedades e institutos com os mesmos propósitos: em 1885, foi fundada a *American Society for Psychical Research* (ASPR), em Nova York, uma espécie de filial da SPR de Londres. Além da ASPR, outras SPRs foram surgindo, como a SPR de Boston, EUA, e a SPR da Holanda; em 1919 foi fundado o *Institute Métapsychique International* (IMI) em Paris, por Charles Richet, professor de Fisiologia na Escola Médica da Universidade de Paris e, então, futuro ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia. Outras associações e institutos surgiram, muitos não tendo vida longa e nem sempre sendo fiéis aos propósitos científicos. Universidades européias e americanas começaram a ceder bolsas de pesquisa para que se investigasse os chamados fenômenos parapsíquicos, como a Universidade de Harvard, nos EUA, e a Universidade de Groningen, na Holanda.

Fazendo um recorte nas produções investigativas da SPR de Londres – que consistiram especialmente, no início, em pesquisas com os chamados grandes médiuns⁹ – há que se focar neste trabalho a pesquisa de levantamento de dados realizada por essa sociedade. Myers, Gurney e Podmore publicaram a respeito da experiência de ver ou sentir uma aparição, o que deu origem à maior coletânea de casos desse tipo, o livro *The Phantasms of Living*, em dois tomos, em 1889. A porcentagem de pessoas que

⁷ A SPR está em atividade até hoje e contou com a filiação de personalidades ilustres, como Arthur Conan Doyle, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e o brasileiro Monteiro Lobato.

⁸ Objetivos da Sociedade. Proceedings of the SPR, 1882, 1, pp.3-6.

⁹ Cabe observar que no termo “médium” era utilizado nessa época – e ainda hoje principalmente nos EUA – para referir-se a pessoas que apresentam habilidades extra-sensoriais e/ou extra-motoras, neste caso sendo chamados de médiuns de efeitos físicos. Mas essa denominação não implica a alguma filiação religiosa.

respondeu positivamente ao chamado Censo das Aparições foi altamente significativa e, o mais curioso é que a maioria dos relatos se referia não à aparição de pessoas já falecidas, mas sim de pessoas vivas que se encontravam distantes de quem passara pela experiência. Talvez esse estudo tenha sido a maior contribuição em termos de pesquisa deixada pela SPR.

A Pesquisa Psíquica não contava com pesquisas experimentais muito bem estruturadas, apesar de alguns pesquisadores já terem se aventurado a tentar fazer pesquisas experimentais em universidades. A investigação dos fenômenos proposta pela Pesquisa Psíquica não seguiu o mesmo caminho da Psicologia que, como ciência, se desenvolveu por duas vias, quase que concomitantemente: a clínica e a experimental¹⁰.

No caso da Pesquisa Psíquica, apenas na década de 1920 ocorreu o início do desenvolvimento das pesquisas experimentais propriamente ditas, com o trabalho dos fisiologistas americanos Joseph Banks Rhine (1895-1980) e sua esposa Louisa Ella Rhine (1891-1983) que provocaram uma verdadeira revolução dentro do campo da Pesquisa Psíquica.

Os Rhine trabalharam em conjunto com o Dr. William McDougall, que diferenciava-se dos acadêmicos da área de Psicologia de sua época por se opor à doutrina behaviorista de J.B.Watson, prevaente nos EUA. e por não esconder seu interesse pela pesquisa do paranormal. Pertencia à Academia Britânica de Psicólogos e foi um dos fundadores da *British Society for Psychology* e do *British Journal of Psychology*. McDougall tinha o perfil adequado às pretensões de William Few, então presidente da recém fundada *Duke University* (1924), que procurava alguém que não fosse behaviorista nem materialista para dirigir o departamento de Psicologia da universidade, de modo a não ferir o lema da instituição: *Eruditio et Religio*. (Beloff, 1993: 131)

A princípio, o Dr. Rhine auxiliava o Dr. McDougall em experimentos sobre a hipótese da herança lamarkiana, além de dar aulas de Psicologia. Enquanto auxiliava nas pesquisas, Dr. Rhine procurava desenvolver testes que envolvessem a percepção extra-sensorial e fossem aplicáveis a um grande número de pessoas comuns, não apenas a dotados, como se fazia nas pesquisas com os médiuns. Nesse período, a pedido de Rhine, o psicólogo Karl Zener, uma autoridade em teoria da percepção, desenvolveu o baralho ESP, ou baralho Zener (cf. nota de rodapé nº 71 que consta no Capítulo 4 desta tese). A partir do desenvolvimento desse baralho, várias técnicas de pesquisa foram desenvolvidas para testar a percepção extra-sensorial (ESP). A possibilidade de utilizar um método que permitia a obtenção de resultados estatísticos que apontassem para a evidência de habilidades extra-sensoriais marcou a história das pesquisas do que hoje denominamos psi. Por meio dos trabalhos de Rhine o termo percepção extra-sensorial e sua sigla ESP foram amplamente difundidos, bem como o termo Parapsicologia, marcando uma diferença entre o que realizava a Pesquisa Psíquica e a Metapsíquica – especialmente voltadas ao estudo de casos espontâneos – e o que realizava a Parapsicologia – corrente eminentemente experimental de estudos sobre habilidade extra-sensório-motoras. Várias universidades começaram a se interessar em realizar testes de ESP e a mídia explorou bastante o assunto na época com matérias publicadas nas revistas *Time*, *Reader's Digest*, *Scientific America*, *Harper's*, entre outros veículos o que fez o trabalho de Rhine se tornar conhecido. Além disso, Rhine publicou, em 1934, pela Sociedade de Boston, a monografia *Extrasensory Perception*, talvez o maior *best-seller* da história da pesquisa de psi.

¹⁰ “A Psicologia Clínica, em que pesem as diferenças entre suas escolas, sempre esteve voltada à história de vida do sujeito. Esta foi a abordagem utilizada por Charcot, Bernheim, Janet, Freud e seus seguidores. A Psicologia Experimental, por sua vez, se preocupa em descobrir propriedades universais da mente que possam ser aplicadas a todos os indivíduos no que diz respeito à percepção, cognição e motricidade. Esta foi a linha mestra dos trabalhos de Helmholtz, Fechner, Wilhem Wundt, J.B. Watson e outros.”

Desta forma, não foi difícil conseguir fundos para a realização de pesquisas e, em 1935, tornou-se independente do Departamento de Psicologia da Duke fundando o Laboratório de Parapsicologia nessa mesma universidade, o primeiro laboratório de Parapsicologia estabelecido no meio acadêmico. Nesse laboratório deu-se continuidade ao desenvolvimento de pesquisas de ESP, com a introdução de experimentos de precognição e também começaram a serem feitos experimentos de psicocinesia (PK), por meio, a princípio, da tentativa de influência sobre dados de jogar. O sujeito deveria influenciar mentalmente os dados para que caíssem sempre com determinada face voltada para cima, cada vez que um braço mecânico girasse o recipiente onde se encontravam os dados e provocasse a queda aleatória dos dados.

Em 1937, o Laboratório lançou o *Journal of Parapsychology*, uma das mais importantes revistas especializadas da área. Publicado até hoje, traz artigos predominantemente experimentais e resumos de livros e artigos científicos referentes à Parapsicologia. (Beloff, 1993, p. 139) Além do Journal, J.B. Rhine publicou livros que traziam os resultados de suas pesquisas e reflexões sobre as capacidades humanas de interação, tais como *New Frontiers of the Mind* (1937), *The Reach of the Mind* (1947) e *New World of the Mind* (1953).

Apesar da popularidade e do sucesso de J.B. Rhine, muitos acadêmicos criticavam suas pesquisas pois não conseguiam replicá-las de modo satisfatório. A questão da replicação sempre voltaria à tona e permanece como um problema a ser enfrentado pelos pesquisadores da área. Apesar desse entrave, é inegável que o trabalho de Rhine – e de sua esposa, Louisa Rhine – provocou uma verdadeira revolução que teve três objetivos principais que foram, de certa forma, bem-sucedidos: (a) tentar introduzir um programa progressivo de pesquisa experimental no estudo do paranormal de acordo com uma metodologia que propiciasse uma esfera de conhecimento sempre em expansão; (b) tentar conseguir o *status* acadêmico e o reconhecimento científico para o campo; e (c) demonstrar que a habilidade parapsicológica está talvez presente em todas as pessoas, não apenas em algumas especialmente dotadas (Beloff, 1993, p.127).

Além de ter se dedicado a estudos experimentais, a partir de 1948, a Dra. Louisa Rhine se ocupou da coletânea desses casos espontâneos sobre percepção extra-sensorial e também de efeitos físicos, selecionando-os de acordo com os tipos de ocorrências que descreviam. Dessa coletânea nasceu o livro *Hidden Channels of the Mind* (1965) traduzido para o português com o título de *Canais Ocultos do Espírito*. Essa compilação de casos e sua análise forneceram importantes subsídios para a elaboração de pesquisas experimentais que passaram a tentar aproximar o máximo possível o ambiente laboratorial do ambiente “natural” de ocorrência de psi.

Na década de 1960, por ocasião de sua aposentadoria, J.B. Rhine se afastou da Duke University e fundou, em 1965, a *Foundation for Research on the Nature of Man* (FRNM), próxima ao campus da universidade. Na FRNM foram realizados vários estudos experimentais, cursos e atividades variadas para a divulgação do conhecimento obtido na área. A FRNM passou por diferentes administrações desde a morte de J.B. e Louisa Rhine (1980 e 1983, respectivamente), tendo se transformado no *Rhine Research Center* (RRC) em 1995, por ocasião do centenário de nascimento de J.B. O RRC é mantido sob os cuidados de Sally Feather, filha dos Rhine, e de colaboradores, mas já não tem o brilho e excelência acadêmica de que gozava até meados da década de 1990.

A Parapsicologia que nasceu com enfoque principalmente na pesquisa experimental, aos poucos se abriu à importância do estudo de casos espontâneos, que nunca deixaram de ser considerados importantes na Europa, berço da Pesquisa Psíquica e da Metapsíquica, que nasceram principalmente de estudos de casos espontâneos.

Na década de 1960, o behaviorismo começou a entrar em baixa e novas abordagens psicológicas passaram a ser privilegiadas. A contra-cultura trouxe consigo formas alternativas de encarar o mundo e a busca de novos meios de expressão. Nesse

contexto, os testes elaborados por Rhine e seus colaboradores já não despertavam tanto interesse e se mostravam cansativos e desestimuladores. Era preciso que novas técnicas de pesquisa fossem desenvolvidas. Assim, nasceram os chamados *testes de respostas livres*. Nesses testes, ao contrário dos testes de respostas forçadas feitos com as cartas Zener, o alvo pode ser uma figura, um vídeo-clip, ou uma cena da vida real. O sujeito, sob condições controladas, tenta “adivinhar” o alvo descrevendo suas imagens mentais ou sensações durante o experimento. Considera-se um acerto quando um juiz cego consegue, a partir da descrição feita pelo sujeito, identificar dentre várias opções, o alvo correto que estava sendo utilizado no teste. (Beloff, 1993, p. 161) Pode-se dizer que, a partir da utilização dos testes de respostas livres iniciou-se uma revolução na Parapsicologia. Os experimentos se aproximaram muito mais da ocorrência dos fenômenos na vida cotidiana e os resultados obtidos foram muito superiores em termos qualitativos se comparados aos testes feitos por Rhine. O único senão em relação aos testes de respostas livres é que sua avaliação ainda é feita nos mesmos moldes quantitativos dos testes de respostas forçadas. Esse é um tema de constante discussão dentre os pesquisadores que tentam criar métodos mais adequados para quantificar acertos, pois pode-se estar perdendo de vista algumas evidências importantes em termos de resultados por falha no sistema de avaliação.

Os principais testes de respostas livres em Parapsicologia são: testes com sonhos, *Ganzfeld* e visão remota.

Considerando que pesquisas como as de Louisa Rhine indicavam que cerca de 65% das experiências de ESP acontecem durante o sono e se relacionam com os sonhos, viu-se aí um caminho interessante para o estudo da ESP. Havia sido descoberto que o movimento rápido dos olhos (MRO ou REM, *rapid eye movements*) que se dá enquanto alguém dorme corresponde ao período em que essa pessoa está sonhando. Acordando-a logo em seguida a esse período, a lembrança do sonho ainda está nítida. Aproveitando essa informação, foi iniciada uma pesquisa sistemática com sonhos em 1964, no Laboratório de Sonhos fundado por Montague Ullman no *Maimonides Medical Center*, Brooklyn, Nova Iorque. A equipe de pesquisadores incluía, além de Ullman, Stanley Krippner, diretor do laboratório, e Charles Honorton, que se juntou a eles em 1967. Basicamente, o experimento consistia em colocar um sujeito experimental dormindo em uma sala isolada acusticamente, com aparelhos monitorando seu sono. Na fase REM do sono, isto é, na fase em que ocorreria o movimento rápido dos olhos, uma outra pessoa, chamada de *agente*, em outra sala, era avisada que deveria tentar transmitir telepaticamente ao sujeito um alvo escolhido de forma aleatória. Esse alvo consistia numa fotografia ou numa seqüência de slides. Dez minutos após terem sido detectados os primeiros movimentos rápidos dos olhos, o sujeito era acordado e narrava seu sonho. Depois, comparava-se o sonho ao alvo. Os resultados foram bastante satisfatórios.¹¹ Entre 1964 e 1972, cerca de quinze estudos formais foram realizados e tiveram seus resultados publicados. (Beloff, 1993, p. 164)

Charles Honorton passou a ser o diretor de pesquisa do projeto quando Stanley Krippner deixou o grupo em 1974. Honorton tornou-se um expoente da pesquisa de respostas livres importando da Psicologia da *Gestalt* um procedimento chamado *Ganzfeld* e criando uma situação experimental que alcançou (e ainda alcança) resultados surpreendentes tanto em termos qualitativos quanto quantitativos.

Percebendo que os estados alterados de consciência parecem facilitar a ocorrência de ESP, Honorton colocou um sujeito em situação *Ganzfeld*, ou seja, instalado confortavelmente em uma poltrona reclinável, com duas meias bolinhas de pingue-pongue sobre os olhos e uma luz vermelha iluminando o ambiente. Com os olhos abertos, o sujeito só enxergava uma amplidão avermelhada que fazia com ele perdesse a

¹¹Pretendendo ser esta uma breve revisão do desenvolvimento da pesquisa de experiências anômalas relacionadas a psi, não serão descritos detalhadamente todos os experimentos.

noção de profundidade. Além disso, fones de ouvidos com ruído branco propiciavam um estado de homogeneização sensorial que facilitava a formação de imagens mentais. Enquanto o sujeito se encontrava nessa posição, um agente que estava em outra sala tentava transmitir a ele um alvo (uma imagem estática à princípio e, posteriormente, com o aprimoramento da pesquisa, um trecho curto de filme) escolhido de forma aleatória. Durante o experimento, o sujeito narrava tudo o que lhe vinha à mente, e o seu relato era gravado em fita cassete e, ao final do experimento, comparado com outras quatro figuras uma, dentre as quais, é o verdadeiro alvo. O sujeito escolheria a que mais se aproximasse das imagens mentais ou das sensações que tivera. Essa técnica tem sido aperfeiçoada e variada desde 1974, sendo os controles e desenho experimental melhorado com os novos recursos tecnológicos, especialmente os digitais, disponíveis. Os resultados são, em geral, surpreendentemente bons e muito acima do esperado pela acaso em termos estatísticos. (Honorton, 1974, 1978, 1983, 1985; Honorton et. al., 1990) Há diferentes desenhos experimentais de *Ganzfeld* de acordo com as variáveis que se quer medir, conservando, contudo, sua característica básica: a homogeneização e diminuição de estímulos sensoriais que proporcionem ao sujeito experimental voltar sua atenção para suas imagens mentais.

Em um experimento de visão remota ou visão à distância, o sujeito experimental não precisa é levado a estar em um estado alterado de consciência para acertar o alvo. Basicamente nesse experimento uma pessoa se dirige a um determinado local selecionado aleatoriamente e o observa detidamente em cada um de seus detalhes por determinado período de tempo estipulado. Enquanto isso, o sujeito experimental tenta descrever onde está essa outra pessoa, narrando imagens que lhe vêm à mente ou desenhando o suposto local. Esse tipo de experimento foi desenvolvido originalmente pelos físicos Russell Targ e Harald Puthoff na década de 1970, no Stanford Research Instituto, em Menlo Park, próximo a São Francisco. (Targ & Puthoff, 1978) Os resultados foram estatisticamente significativos. Na década de 1990 foram anunciadas notícias sobre milhões de dólares que foram empregados pelos Estados Unidos durante vinte anos no projeto *Star Gate* que apoiava pesquisas de visão remota com vistas a aplicações militares. O pesquisador Edwin May, esteve à frente dessas pesquisas cujos resultados foram significativos, porém controversos. (May, 1998; Wiseman & Milton, 1998) A técnica ainda está sendo aprimorada e variações do experimento têm sido testadas.

Quanto à psicocinesia (PK), a partir do final da década de 1960, o físico Helmut Schmidt desenvolveu aparelhos com geradores de números aleatórios para testar a capacidade de influenciar mentalmente sistemas eletrônicos. Schmidt construiu um painel circular com lâmpadas dispostas ao longo de sua borda que poderiam se acender uma após a outra para a direita ou para a esquerda, aleatoriamente. O sujeito experimental deveria procurar fazer com que as luzes seguissem uma mesma direção (horária ou anti-horária) pré-determinada pelo experimentador, desafiando a lei da probabilidade segunda a qual, as luzes aleatoriamente seguiriam em uma outra direção aleatoriamente numa proporção de 50% para cada lado ao longo do tempo. Esse estudo apresentou resultados significativos e ajudaram a impulsionar a pesquisa laboratorial de PK.

Além da influência sobre aparelhos eletrônicos, testes sobre a influência sobre sistemas vivos também têm sido realizados. O Dr. William Braud é um dos mais importantes pesquisadores da influência de um agente sobre os batimentos cardíacos, resposta galvânica e pressão arterial de sujeitos sob condições controladas. Esses testes visam investigar as possibilidades de curas alternativas através de processos anômalos.

Desde a década de 1990, novos estudos têm sido realizados com vistas a se aproximar cada vez mais a situação laboratorial da ocorrência de psi na vida cotidiana. Especialmente o pesquisador Dean Radin, violinista, mestre em Engenharia Elétrica e doutor em Psicologia, tem desenvolvido projetos experimentais criativos com objetivos variados: investigar a influência do campo geomagnético nas ocorrências de ESP e PK;

verificar a possibilidade de alterações orgânicas por PK, testar a influência mental à distância; e perscrutar as características do *pressentimento* (Radin, 1996; Radin, Machado e Zangari, 2002; Radin e Rebman, 1996a; 1996b; 1996c; Radin & Roll, 1996, dentre outros estudos).

As pesquisas de casos espontâneos também têm sido valorizadas e são incentivadas, com sugestões para melhorias na qualidade de investigação. Destaca-se, nesse tipo de estudos, o Dr. William Roll que investiga primordialmente casos de *Poltergeists* e aparições.

A Parapsicologia é considerada uma ciência controversa, uma vez que a constatação empírica de que por volta de 55% da população de um modo geral¹² vivencia experiências parapsicológicas não é alcançada nos testes laboratoriais. Apesar de os experimentos também apresentarem resultados significativos, estão longe dessa alta porcentagem de forma consistente. Além disso, há histórias de pesquisadores que fraudam resultados, como foi o caso de Walter Levy¹³, em 1974, ou de sujeitos que trucaram e enviesaram o resultado de testes, o que faz com várias críticas sejam lançadas à pesquisa de psi.

Em 1976, foi criado nos Estados Unidos o *Committee for the Scientific Investigation of Claims of the Paranormal* (CSICOP), composto por vários cientistas, acadêmicos e alguns mágicos com o propósito de investigar as alegações sobre fatos supostamente paranormais e sua pesquisa de um ponto de vista científico e de distribuir a informação factual sobre os resultados para a comunidade científica e o público em geral. O CSICOP mantém uma publicação chamada *Skeptical Inquirer*, que traz artigos que discutem não apenas assuntos referentes a fenômenos parapsicológicos, mas todo e qualquer fato que pareça fugir das explicações normais. Há também críticos¹⁴ que não fazem observações construtivas acerca dos estudos, mas têm como finalidade última provar que os estudos parapsicológicos são completamente equivocados, fechando-se aos pontos positivos das pesquisas realizadas. Isto, definitivamente, não traz nenhuma contribuição ao campo. Porém, os críticos não servem apenas para desencorajar as pesquisas, mas, ao contrário, contribuem para o aprimoramento dos experimentos, apontando falhas que podem ser corrigidas. Isto ocorreu, por exemplo, no debate Ray Hyman *versus* Honorton, quando Hyman criticou os experimentos *Ganzfeld* e Honorton, o que resultou no aperfeiçoamento da técnica e culminou com um artigo escrito por ambos sobre o assunto. (Hyman & Honorton, 1986; Palmer, 1993, p. 185 a 187)

Os avanços nas pesquisas de psi, ainda que lentos, animam algumas importantes empresas a investirem no estudo da possível aplicação do potencial extra-sensório-motor humano. Pesquisas experimentais são financiadas com a finalidade de descobrir meios de transmitir e captar informações, dominar a gravidade e levitar objetos, acender e apagar as luzes com a força do pensamento e coisas desse tipo. A AT&T, a Sony Corporation e outras empresas japonesas de telecomunicações¹⁵, além da Fundação Bial de Porto, Portugal, mantida por uma importante indústria farmacêutica, já investiram milhões em pesquisas com o objetivo de descobrir algo nesse sentido.

Nos últimos anos, vem se popularizando o uso do termo anomalia para se referir a psi, enquadrando as experiências extra-sensório-motoras no quadro das chamadas

¹²Números baseados na média aproximada dos resultados de levantamentos feitos em diversos países.

¹³Levy era pesquisador da equipe de Rhine e fazia experimentos sobre psi em animais. Dois de seus colegas o flagraram fraudando os resultados de seus experimentos. Como consequência, Levy foi sumariamente despedido, deixando no entanto, a marca da fraude para o campo de estudo.

¹⁴Dentre os principais críticos da Parapsicologia, encontram-se Ray Hyman, James Randi, Paul Kurtz, James Alcock e C.E.M. Hansel. Marcelo Truzzi e Susan Blackmore são críticos, mas também realizam trabalhos na área.

¹⁵Dean Radin descreve projetos de pesquisa sobre habilidades humanas extra-sensoriais e psicocinéticas da AT&T, da Sony e de outras corporações em seu livro *The Conscious Universe*. (Radin, 1997: 196-202)

experiências anômalas. Apesar de esse termos não ser de fácil aceitação no Brasil uma vez que sugere patologia, aos poucos tem se tornado claro seu significado no contexto em que é utilizado para denominar as vivências de ESP e PK.

No Brasil, apesar de haver pesquisadores interessados nos estudos das experiências psi, não temos ainda tradição nessa área de pesquisa. No entanto, contamos com alguns grupos e pesquisas de mestrado e doutorado sendo realizadas a respeito do tema. O interesse pelas experiências anômalas de uma forma geral tem aumentado no meio acadêmico. Há que se destacar a disciplina *Experiências Anômalas: Introdução Crítica à Psicologia Anomalística e suas relações com a Psicologia Social* que começa a ser ministrada neste primeiro semestre de 2009 no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pelo Prof. Dr. Wellington Zangari, principal divulgador desses estudos no Brasil.

Os Estados Unidos deixaram de ser o centro das pesquisas parapsicológicas desde o final da década de 1990, contando basicamente com: a *American Society for Psychical Research* e o *Rhine Research Center*, que deixaram de ser um pólos de interesse para pesquisadores da área; o Institute dor Noetic Sciences, que tem interesse em estudos sobre psi, entre outros tópicos; a *Division of Perceptual Studies* do Departamento de Medicina Psiquiátrica da University of Virginia, onde atuam os pesquisadores Carlos Alvarado e Nancy Zingrone, especialmente interessados no estudos das experiências anômalas; e a *Parapsychology Foundation*, instituição que apóia não apenas pesquisas americanas e que também serve como difusora de informação de qualidade na área através de suas publicações.

Hoje, a Europa concentra o interesse e a produção de conhecimento no estudo das experiências anômalas especialmente na Grã Bretanha: na Escócia a *Koestler Parapsychology Unit no Departamento de Psicologia da Universidade de Edimburgo*; na Inglaterra, há a *Society for Psychical Research* em Londres, o *Center for Research on Consciousness and Anomalous Psychology* do Departamento de Psicologia da Universidade de Londres; o *Centre for Study of Anomalous Psychological Processes* da Divisão de Psicologia da Universidade de Northampton, a *Anomalous Experience Research Unit* do Departamento de Sociologia da Universidade de York, o *Psychology of Exceptional Human Experiences – (MSc degree)* do Departamento de Psicologia da *Coventry University*, e o curso *Psychology of Paranormal Phenomena* na Universidade de Derby. Ainda na Europa temos ainda o *Center for Research on Consciousness and Anomalous Psychology* na Universidade de Lund, na Suécia, dirigido por Etzel Cardeña, um dos autores do livro *Varieties of Anomalous Experiences*, além de institutos de pesquisa, como, por exemplo, o *Institute Métapsychique* Internacional em Paris, França, o *Institut für Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene* em Freiburg, Alemanha, e o *Parapsychologische Instituut* em Utrecht, Holanda. Além destes mencionados, há outros pólos de interesse pelo estudo das experiências anômalas se formando, dentre os quais se destaca Portugal.

Referências

- BELOFF, J. (1993) *Parapsychology: A Concise History*. London: The Athlone Press.
- BROUGHTON, R.S. (1991) *Parapsychology: The Controversial Science*. New York: Ballantine Books.
- FANTONI, B. (1981) *Magia e Parapsicologia*. São Paulo: Loyola.
- GURNEY, E.; MYERS, F.W.H. & PODMORE, F. (1970) *Phantasms of the Living*. Gainesville, FL: Scholars' Facsimiles and Reprints. (Publicado originalmente em 1886.)
- HESS, D. (1987a) *Religion, Heterodox Science and Brazilian Culture*. In *Social Studies of Science*. Beverly Hills: SAGE. Vol.17, pp. 465 a 477.
- HONORTON, C. (1974) *Psi-Conducive States*. In J. White (Ed.), *Psychic Exploration*. New York: Putnam's, pp. 616-638.

- HONORTON, C. (1978) *Psi and Internal Attention States: Information Retrieval in the Ganzfeld*. In B. Shapin & L. Coly (Eds.), *Psi and States of Awareness*. New York: Parapsychology Foundation, pp. 79-90.
- HONORTON, C. (1983) *Response to Hyman's Critique of Psi Ganzfeld Studies*. In *Research in Parapsychology 1982*. Metuchen, NJ: Scarecrow Press, pp.23-26.
- HONORTON, C. (1985) *Meta-Analysis of Psi Ganzfeld Research: A Response to Hyman*. *Journal of Parapsychology*, 49, pp. 51-91.
- HONORTON, C. et al. (1990) *Psi Communication in the Ganzfeld*. *Journal of Parapsychology*, 54, pp. 99-139.
- KARDEC, A. (1944c) *A Gênese*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Publicado originalmente em 1868.)
- KARDEC, A. (1944d) *Céu e Inferno*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Publicado originalmente em 1865.)
- KARDEC, A. (1955) *O Livro dos Médiuns*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira. (Publicado originalmente em 1859.)
- MACHADO, F.R. (1996) *A Causa dos Espíritos: Um estudo sobre a utilização da Parapsicologia para a defesa da fé católica e espírita no Brasil*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião PUC/SP
- MAY, E. (1998) Response to "Experiment One of the SAIC Remote Viewing Program: A Critical Re-evaluation". *The Journal of Parapsychology*, 62, 4, 309-318.
- MACHADO, F.R. (2003) *A Ação dos Signos nos Poltergeists: Estudo do processo de comunicação dos fenômenos Poltergeist a partir de seus relatos*. Tese de Doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- RADIN, D. (1996) Unconscious Perception of Future Emotions: An Experiment in Presentiment. In E. May (Ed.) *Proceedings of presented Papers in The Parapsychological Association 39th Annual Convention*. San Diego, CA: Impresso pela Parapsychological Association, Inc., pp. 171-186.
- RADIN, D. I., MACHADO, F. R., ZANGARI, W. (2002) Effects of Distant Healing Intention Through Time & Space: Two Exploratory Studies. *Subtle Energies and Energy Medicine Journal*, v.XI, p.34 - 58.
- RADIN, D. & REBMAN, J. (1996a) *Seeking Psi in the Casino*. In E. May (Ed.) *Proceedings of presented Papers in The Parapsychological Association 39th Annual Convention*. San Diego, CA: Impresso pela Parapsychological Association, Inc., pp. 13-34.
- RADIN, D & REBMAN, J. (1996b) *Towards a Complex System Model of Psi Performance*. In E. May (Ed.) *Proceedings of presented Papers in The Parapsychological Association 39th Annual Convention*. San Diego, CA: Impresso pela Parapsychological Association, Inc., pp.75-98.
- RADIN, D. & REBMAN, J. (1996c) *Deep Interconnectedness and Group Consciousness: Exploring the Limits of Mind-Matter Interaction*. In E. May (Ed.) *Proceedings of presented Papers in The Parapsychological Association 39th Annual Convention*. San Diego, CA: Impresso pela Parapsychological Association, Inc., pp. 219-246.
- RADIN, D. & ROLL, W. (1996) *Investigation of Two Haunted Castles in Scandinavia*. In E. May (Ed.) *Proceedings of presented Papers in The Parapsychological Association 39th Annual Convention*. San Diego, CA: Impresso pela Parapsychological Association, Inc., pp. 271-278.
- RHINE, J.B. (1937) *New Frontiers of the Mind*. New York: Farrar & Rinehart.
- RHINE, J.B. (1947) *The Reach of the Mind*. New York: William Sloane.
- RHINE, J.B. (1953) *The New World of the Mind*. New York: William Sloane.
- RHINE, L.E. (1965) *Hidden Channels of the Mind*. New York: William Morrow.
- TARG, R. & PUTHOFF, H. (1978) *Extensões da Mente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- WANTUIL, Z. (1958) *As Mesas Girantes e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- HYMAN, R. & HONORTON, C. (1986) Joint-Communiqué: The Psi Ganzfeld Controversy. *Journal of Parapsychology*, 50: 351-364
- PALMER, J. (1993) The Psi Controversy. *Journal of Parapsychology*, 57, pp. 176 a 189.
- WISEMAN, R. & MILTON, J. (1998) Experiment One of the SAIC Remote Viewing Program: A Critical Re-evaluation. *The Journal of Parapsychology*, 62, 4, 297-308.

ANEXO 2

Material utilizado para a coleta de dados:

- Questionário de Prevalência e Relevância das Experiências Psi (Q-PRP) (questões 1 a 35);
- Escala de Bem-Estar Subjetivo desenvolvida e validada por Albuquerque e Tróccoli (2004) (questões 37 e 38);



Pesquisa de Levantamento de Dados

Caro(a) participante,

Você está colaborando com uma pesquisa sobre experiências pessoais que talvez ocorram ou tenham ocorrido no seu dia-a-dia.

Suas informações são extremamente importantes para o sucesso desta pesquisa. Você está ajudando a compor uma amostra da população brasileira e suas respostas farão parte de um banco de dados que permitirá mapear e conhecer mais sobre essas experiências pessoais e, posteriormente, comparar as informações sobre as experiências coletadas no Brasil com dados coletados em outros países.

Os resultados desta pesquisa serão divulgados de tal forma que as pessoas que responderem as questões não serão identificadas, portanto **será mantido sigilo sobre a identidade dos(as) respondentes.**

A análise dos dados coletados nesta pesquisa comporá uma tese de doutoramento a ser apresentada no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Seus resultados serão publicados em forma de artigo científico, e estarão à disposição de todos aqueles(as) que tiverem interesse em conhecê-los.

Leia atentamente cada questão e procure respondê-la da forma mais precisa possível.

Agradecemos por sua colaboração.

Fátima Regina Machado
Doutoranda

Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos
Orientador

Obs.: Se desejar relatar mais detalhadamente alguma das experiências apontadas no questionário, escreva para **fatimaregina@usp.br**

QUANDO HOUVER ALTERNATIVAS, CIRCULE O NÚMERO CORRESPONDENTE A SUA RESPOSTA.

- 1.) Biologicamente, você é do sexo: 1. feminino 2. masculino
- 2.) Idade: anos
- 3.) Cidade, Estado e País onde nasceu: / /
(cidade) (Estado) (País)
- 4.) Bairro, Cidade e Estado onde reside atualmente: / /
(bairro) (cidade) (Estado)
- 5.) Estado civil: 1. Nunca fui casado(a).
2. Sou casado(a).
3. Sou separado ou divorciado.
4. Sou viúvo(a).
5. Vivo maritalmente com um(a) companheiro(a).
- 6.) Você é estudante universitário? 1. não
2. sim (Que curso/habilitação?.....)

6A) Se você não é universitário ou já fez algum outro curso superior, qual é seu nível de escolaridade?

- | | |
|--|--|
| 1. Ensino fundamental incompleto – entre 1º e 4º ano | 5. Ensino médio completo (antigo colegial) |
| 2. Ensino fundamental incompleto – entre 5º e 8º ano | 6. Ensino superior incompleto (faculdade) |
| 3. Ensino fundamental completo – 1º ao 8º ano | 7. Ensino superior completo (faculdade) |
| 4. Ensino médio incompleto (antigo colegial) | 8. Pós-Graduação |

- 7.) Você trabalha? 1. não
2. sim Profissão / Cargo / Função:

7A) Quem sustenta você financeiramente?

1. Você mesmo(a) 2. Família (pai, mãe ou responsável)

7B) Sua renda mensal (no caso de você se sustentar) ou a renda mensal de sua família (no caso de você ser sustentado por ela) é:

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1.() até R\$ 207,00 | 5.() entre R\$ 1.669,00 e R\$ 2.803,00 |
| 2.() entre R\$ 207,01 e R\$ 423,00 | 6.() entre R\$ R\$ 2.804,00 e R\$ 4.647,00 |
| 3.() entre R\$ 424,00 e R\$ 926,00 | 7.() entre R\$ 4.648,00 e R\$ 7.792,00 |
| 4.() entre R\$ 927,00 e R\$ 1.668,00 | 8.() de R\$ 7.793,00 para mais |

8.) Qual é sua crença / religião / posição religiosa ou não-religiosa?

(Pode assinalar mais de uma alternativa, se for o caso.)

1. Católica Apostólica Romana
2. Judaica
3. Islâmica
4. Luterana
5. Calvinista
6. Metodista
7. Presbiteriana
8. Batista
9. Evangélica (Especifique a denominação:))
10. Umbanda
11. Candomblé
12. Uma outra religião de origem africana ou afro-brasileira (Especifique:.....)
13. Espiritismo Kardecista
14. Budista (Alguma tradição em especial? Especifique:.....)
15. Alguma outra religião oriental (Especifique:.....)
16. Wicca
17. Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.
18. Sou agnóstico(a), ou seja, não pertenço a nenhuma religião, tenho dúvidas quanto à existência de um Ser Divino, mas não nego a possibilidade de sua existência.
19. Sou ateu/atéia.
20. Sou esotérico(a).
21. Outra, não apontada acima:.....

- 9.) Você se considera: 1. nem um pouco religioso(a)
2. um pouco religioso(a)
3. moderadamente religioso(a)
4. muito religioso(a)

10.) Você acredita que a mente tem capacidade de captar informações de outras mentes e/ou do ambiente sem a utilização da visão, da audição, do tato, do paladar ou do olfato? 1. não 2. tenho dúvida 3. sim

11.) Você acredita no poder da mente sobre a matéria, ou seja, que a mente é capaz, por exemplo, de movimentar objetos sem que estes sejam tocados ou sem usar qualquer força física conhecida?
1. não 2. tenho dúvida 3. sim

12.) Você acredita em reencarnação, ou seja, que é possível, depois da morte, voltar à vida terrena em um outro corpo? 1. não 2. tenho dúvida 3. sim

13.) Você acredita: **(Pode assinalar mais de uma alternativa)**
1. no poder dos cristais
2. no poder dos pêndulos
3. na numerologia
4. na astrologia
5. Não acredito em nada disso.

14.) Você já praticou/fez meditação transcendental ou zen, hipnose, yoga ou usou alguma outra técnica formal para "relaxar" a mente? 1. não 2. sim

15.) Você já usou drogas ou remédios que tenham provocado um "aumento ou expansão" de sua consciência ?
1. não 2. sim

16.) Você já buscou ajuda para si mesmo ou se consultou com: **(Pode assinalar mais de uma alternativa)**
1. psicólogo 3. psicanalista
2. psiquiatra 4. Nunca busquei ajuda ou me consultei com algum desses profissionais.

17.) Você acredita que a sobrevivência da alma ou do espírito após a morte é:

- | | |
|---------------|--|
| 1. impossível | 4. provável |
| 2. improvável | 5. uma certeza |
| 3. possível | 6. Não tenho nenhuma opinião a respeito disso. |

18.) Com quais dos tipos de pessoas listadas abaixo, você já buscou seriamente informação, ajuda ou aconselhamento para si mesmo? **(Pode assinalar mais de uma alternativa.)**

1. médium, clarividente ou "paranormal"
2. cartomante e/ou tarólogo(a)
3. astrólogo(a)
4. pessoa que realiza cura espiritual
5. quiromante (pessoa que faz leitura da mão)
6. jogador(a) de búzios
7. Outros. (Por favor especifique:.....)
8. Nunca procurei informação, ajuda ou aconselhamento com nenhum dos tipos de pessoas listadas acima.

Se você assinalou o item 8 na questão anterior, passe diretamente à questão 19. Se você assinalou algum dos outros itens, responda as questões de 18A a 18C abaixo.

18A) Quantas vezes você já consultou essa(s) pessoa(s) ? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

18B) Alguma dessas informações, auxílios ou aconselhamentos influenciou ou mudou alguma decisão importante que você tenha tomado em sua vida ? 1. não 2. sim

18C) Em média, como você avaliaria sua(s) experiência(s) com essa(s) pessoa(s)?

1. Muito proveitosas
2. Proveitosas de alguma forma
3. De nenhum valor
4. Prejudiciais
5. Muito prejudiciais

Nos itens seguintes, se a questão se referir a quantas vezes você teve um determinado tipo de experiência, por favor, circule o número de vezes que julgar mais aproximado.

20E) Quantas dessas experiências diziam respeito a pessoas que você conhece, mas com as quais você não tem laços de amizade? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20F) Quantas dessas experiências diziam respeito a pessoas que você não conhecia? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20G) Quantas dessas experiências diziam respeito a você mesmo(a)? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20H) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

20I) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas? 1. não 2. sim

20J) Em quantos desses casos você contou a alguém que você tinha tido essa experiência antes de saber, por "vias normais", da ocorrência do fato? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20L) A que você atribui essa intuição, impressão ou visão?

- | | |
|---|---|
| 1. Mensagem de Deus | 7. Mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Mensagem do Espírito Santo | 8. Mensagem do demônio |
| 3. Mensagem do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Mensagem de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Mensagem de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

20M) Quantas dessas experiências envolveram fatos trágicos como acidentes ou mortes ? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

20N) Quantas dessas experiências envolviam coisas positivas, como, por exemplo, boas notícias? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21.) Alguma vez, enquanto estava acordado(a), você já teve a nítida impressão de ver, ouvir ou ser tocado por alguém ou alguma coisa, sendo que essa impressão não parecia ser devida a nenhuma causa externa física ou "natural"? (**Por favor, não inclua aqui experiências com figuras religiosas.**) 1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 21A a 21O. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 22.

21A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21B) Em quantos desses casos você "viu" alguma coisa? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21C) Em quantos desses casos você "ouviu" alguma coisa ? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21D) Em quantos desses casos você sentiu ser tocado por algo/alguém? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21E) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por um membro de sua família? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21F) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por um(a) amigo(a)? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21G) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por alguém que você conhece, mas com quem você não tem laços de amizade? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21H) Quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por pessoas que você não conhecia? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21I) Em quantos desses casos você julga ter visto, ouvido ou sentido ser tocado(a) por alguém que já havia morrido? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21J) Em quantos desses casos a experiência trouxe para você alguma informação importante, inesperada, que avisou você de algo ou auxiliou na resolução de algum problema? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21L) Em quantos desses casos você contou a alguém que você teve essa experiência?
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

21M) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

21N) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

21O) A que você atribui a ocorrência dessa experiência de ver, ouvir ou ser tocado por alguma coisa ou alguém que aparentemente não estava presente?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

22.) Alguém já lhe contou que teve um sonho, "visão" ou intuição que parecia conter uma informação sobre um fato envolvendo você , sem que tal informação pudesse ter sido adquirida por alguma via "normal" ou convencional?
1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 22A a 22J. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 23.

22A) Quantas vezes isso ocorreu ? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22B) Em quantos desses casos você estava pensando nessa outra pessoa justamente quando ela teve esse sonho, visão ou intuição sobre algo que tinha acontecido, aconteceria ou estava acontecendo com você ?
não sei 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22C) Em quantos desses casos essa pessoa era um membro de sua família?
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22D) Em quantos desses casos essa pessoa era um(a) amigo(a) seu? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22E) Em quantos desses casos essa pessoa era sua conhecida, mas você não tinha laços de amizade com ela? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22F) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

22G) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

21H) A que você atribui essa maneira de obter informação sobre alguém ou um fato?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

22I) Quantas dessas experiências envolveram fatos trágicos como acidentes ou mortes ?
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

22J) Quantas dessas experiências envolviam coisas positivas, como, por exemplo, boas notícias?
0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

23.) Você já teve alguma experiência em que você sentiu como se se deslocasse "para fora" ou "para longe" de seu corpo, isto é, sentiu que sua consciência ou que sua mente estava em algum lugar diferente de seu corpo físico? (Se estiver em dúvida se teve ou não esse tipo de experiência, por favor, responda "não".)
1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 23A a 23E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 24.

23A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência ? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

23B) Em quantos desses casos você "viajou" para lugares distantes e/ou desconhecidos, "viu" ou "ouviu" o que estava acontecendo lá e, depois, mais tarde, confirmou que essas informações correspondiam à realidade? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

23C) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

23D) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

23E) A que você atribui a possibilidade de conhecer o que está distante do corpo físico durante a experiência de "sair do corpo"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

24.) Você já presenciou algum objeto se mover "sozinho" e/ou se quebrar sem que fosse possível descobrir algum meio natural ou físico responsável pelo movimento ou pela quebra? 1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 24A a 24D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 25.

24A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

24B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

24C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

24D) A que você atribui a ocorrência desse tipo de movimentação e/ou quebra de objetos?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

25.) Você já presenciou luzes se acenderem e/ou se apagarem repetidamente ou aparelhos elétricos se ligarem sozinhos, ou pararem de funcionar, de forma "misteriosa", sem que aparentemente houvesse algum problema com esses aparelhos ou com a energia elétrica no local? 1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 25A a 25D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 26.

25A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

25B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

25C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

25D) A que você atribui esses eventos "misteriosos" ocorridos com a eletricidade e/ou com aparelhos?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

26.) Você já presenciou o aparecimento de água em um local sem que fosse encontrado algum vazamento ou alguém que fosse responsável pela origem daquela água? 1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 26A a 26D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 27.

26A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

26B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

26C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

26D) A que você atribui a ocorrência de aparecimento "misterioso" de água?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

27.) Você já presenciou o aparecimento de fogo (pequenos incêndios) sem que aparentemente alguém tivesse ateadado fogo no local ou sem que o fogo tivesse sido gerado por algum problema elétrico? 1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 27A a 27D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 28.

27A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

27B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

27C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

27D) A que você atribui a ocorrência desses incêndios "misteriosos"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

28.) Você já presenciou tijolos ou pedras caindo ou que apareceram dentro de um local fechado (casa, apartamento, escritório, escola, igreja etc.) sem que aparentemente alguém tivesse atirado esse material para dentro do local?
1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 28A a 28E. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 29.

28A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

28B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

28C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

28D) As pedras ou tijolos caíram ou surgiram dentro do local sem danificar o telhado? 1. não 2. sim

28E) A que você atribui essa "misteriosa" chuva de pedras ou tijolos?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

29.) Você já presenciou o aparecimento de dejetos (fezes, lixo) ou terra em mantimentos e/ou comida preparada, e/ou infestação repentina de insetos sem que se pudesse encontrar um motivo normal para essa ocorrência ou alguém que fosse responsável por isso? 1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 29A a 29D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 30.

29A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

29B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

29C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

29D) A que você atribui esse aparecimento de insetos ou dejetos/terra em mantimentos e/ou na comida?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

30.) Você já sentiu correntes de ar (vento) e/ou quedas repentinas de temperatura dentro de um local onde não houvesse nenhuma janela ou porta aberta nem sistema de ar ou ventilação que pudessem causá-las?
1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 30A a 30D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 31.

30A) Quantas vezes você teve esse tipo de experiência? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais

30B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

30C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

30D) A que você atribui essas correntes de ar ou repentinas quedas de temperatura "misteriosas"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

31.) Você já esteve ou morou em alguma casa ou lugar que você acreditava ser "assombrado" ? 1. não 2. sim

Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões 31A e 31D. Se você respondeu "não", passe diretamente à questão nº 32.

31A) Nesse lugar ou casa, você viu algum vulto ou fantasma, ouviu ruídos ou vozes, que lhe trouxessem alguma informação que pudesse se referir ao passado daquele local? 1. não 2. sim

31B) Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. não 2. sim

31C) Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas?
1. não 2. sim

31D) A que você atribui os eventos que fazem com que um local seja considerado "assombrado"?

- | | |
|---------------------------------------|---|
| 1. Ação de Deus | 7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais |
| 2. Ação do Espírito Santo | 8. Ação do demônio |
| 3. Ação do Anjo da Guarda | 9. Coincidência. |
| 4. Ação de um(a) santo(a) protetor(a) | 10. Outro. Especifique..... |
| 5. Ação de espíritos desencarnados | |
| 6. Poder da mente | |

32.) Assinale todas as alternativas que combinam com o que você pensa / sente sobre as experiências pessoais tratadas neste questionário:

1. Gosto de comentar com amigos(as) e/ou familiares sobre as minhas experiências indicadas neste questionário.
2. Gosto de saber que outras pessoas também passam por experiências parecidas com aquelas que vivenciei e estão indicadas neste questionário.
3. Apesar de ter vivido experiências indicadas neste questionário, não gosto de falar sobre elas com as outras pessoas com medo de que me achem maluco(a) ou ridículo(a).
4. Tenho muito medo dessas experiências que ocorrem comigo e, se eu pudesse, gostaria de me livrar disso e nunca mais passar por algo assim.
5. As pessoas que passam por essas coisas são demoníacas.
6. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário, mas me interesse por esse assunto.
7. Considero que as pessoas vivem esses tipos de experiências têm um dom especial.
8. A religião tem me ajudado a lidar com essas minhas experiências e a entendê-las.
9. Tenho medo desses fenômenos e não gosto nem de ouvir nem de falar sobre eles.
10. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário e não tenho interesse por esse assunto.
11. Já ouvi muitas pessoas relatarem sobre essas experiências ou fenômenos, mas considero que esses relatos devem ser fruto de imaginação.
12. Para mim, essas experiências ocorrem por falhas na percepção e/ou erros na interpretação de eventos absolutamente normais.
13. As pessoas que relatam essas experiências são loucas.
14. Nunca vivenciei experiências / fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos me impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças religiosas.
15. Essas experiências ou fenômenos são provas da existência de um mundo espiritual.

33.) Circule todas as alternativas que se apliquem a você, considerando suas experiências indicadas no questionário:

ATENÇÃO: Caso você não tenha vivenciado nenhuma das experiências referidas nas perguntas anteriores, não assinale nenhuma alternativa nesta questão nem nas questões 34 e 35. Vá direto para questão 36.

1. Alguma(s) das experiências pessoais que indiquei nesta pesquisa me "salvou"/"salvaram" [ou poderia(m) ter-me salvado] de um acontecimento sério ou trágico como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte.
2. Livrei-me de um problema, fui salvo(a) ou poderia ter sido salvo(a) de um acontecimento sério ou trágico como de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte porque uma pessoa disse ter tido um "aviso" (pressentimento, sonho, visão ou intuição) e me alertou sobre algo que aconteceria comigo.
3. Alguma(s) das minhas próprias experiências indicadas nesta pesquisa "salvou"/"salvaram" outra(s) pessoa(s) [ou poderia(m) tê-la(s) salvado] de um acontecimento sério ou trágico, como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte, ou ajudou a evitar algum outro tipo de problema.
4. Minhas experiências apontadas neste questionário, ou algumas delas, confirmaram as minhas crenças religiosas.
5. Mudei de religião por causa de minhas experiências. (Antiga religião:; Religião atual:.....)
6. Eu não tinha religião, mas por causa dessas minhas experiências, adotei uma religião. (Qual?
7. Por causa dessas experiências, deixei de ter uma religião específica e passei a freqüentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes.
8. Por causa dessas minhas experiências, me tornei esotérico(a).
9. Por causa dessas minhas experiências, passei a acender velas.
10. Por causa dessas minhas experiências, passei a fazer mais orações.
11. Por causa dessas minhas experiências, passei a praticar mais a caridade (ajudar os outros).
12. Por causa dessas minhas experiências, deixei de ser supersticioso(a).
13. Por causa dessas minhas experiências, passei a ser supersticioso(a).
14. Já era supersticioso(a) e, por causa dessas minhas experiências, passei a ser mais supersticioso(a) ainda.
15. Por causa dessas minhas experiências passei a acreditar mais em Deus.
16. Por causa dessas minhas experiências, passei a estudar mais para entendê-las.
17. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei no questionário, elas não tiveram nenhuma influência sobre as minhas crenças ou descrenças religiosas.
18. Por causa das minhas experiências, ocorreu/ocorreram mudança(s) nas minhas crenças ou atitudes religiosas que não foi/foram citada(s) acima. Essa(s) mudança(s) foi/foram:

34.) Alguma das experiências que você indicou até aqui influenciou ou ajudou alguma das importantes decisões que você tomou em sua vida em relação a: **(Circule todas as alternativas que se aplicam a você.)**

1. sua escolha de um amigo ou círculo de amigos.
2. sua escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou da faculdade, ou a decisão sobre que curso fazer.
3. entrar ou não para as forças armadas e/ou qual delas escolher (Marinha, Exército ou Aeronáutica)
4. se iria aceitar ou abrir mão de um emprego ou se ia entrar ou sair de uma sociedade.
5. se deveria tirar uma folga do trabalho ou umas férias, ou passar a se dedicar um *hobby*.
6. mudar-se para uma outra parte do país ou do mundo.
7. qual partido político apoiar ou em que candidato votar.
8. com quem namorar/ficar ou não; com quem se casar ou não se casar; divorciar-se.
9. ter ou não um filho.
10. que nome dar ao filho(a).
11. adquirir uma casa ou parte de uma propriedade.
12. adquirir um carro ou algum utensílio importante.
13. mudar sua dieta ou hábitos alimentares; melhorar seu estado de saúde ou aptidão física.
14. seu estilo de vida; seus ideais, propósitos ou objetivos de vida.
15. Outros. (Por favor, especifique.....)
16. Nenhuma das minhas experiências indicadas neste questionário influenciou nas decisões que já tomei.

35.) Circule todas as alternativas abaixo que se apliquem a você.

Alguma das suas experiências indicadas por você até agora nesta pesquisa influenciou ou mudou significativamente algum de seus sentimentos ou atitudes em relação a:

1. você mesmo, quem você é, o tipo de pessoa que você é
2. sua visão da natureza humana, de seu companheiro ou de alguma raça em particular
3. sociedade, governo, burocracia, cumprimento das leis
4. Terra, natureza, ecologia, viver no campo
5. vida, seu significado e propósito, juventude, saúde
6. medo da morte, envelhecimento, dor
7. guerra, exército, ódio
8. sexo, casamento, amor
9. família, pais, filhos, amigos
10. estudo, formação educacional
11. negócios, indústria, trabalho, capitalismo
12. ciência e tecnologia.
13. riquezas materiais, posses, egoísmo
14. reputação pessoal, posição de poder e controle.
15. mídia, publicidade, fontes de entretenimento, notícias e informações (TV, rádio e jornais)
16. suas emoções, arte, divertimento, alegria, prazer, lazer
17. Outro(s). (Por favor, especifique.....)
18. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei no questionário, elas não fizeram nenhuma diferença na minha visão de mundo ou no modo como encaro a vida.

36.) Você gostaria de participar de outras pesquisas sobre os temas tratados neste questionário?

1. não 2. sim

Se você respondeu “não”, vá diretamente para a questão 37. Se respondeu “sim”, deixe aqui seu e-mail e/ou telefone para contato:

37.) Gostaria de saber como você tem se sentido ultimamente. Esta escala consiste de algumas palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Não há respostas certas ou erradas. O importante é que você seja o mais sincero(a) possível. Leia cada item e depois **escreva o número que expressa sua resposta** no espaço ao lado da palavra, de acordo com a seguinte escala.

1 Nem um pouco	2 Um pouco	3 Moderadamente	4 Bastante	5 Extremamente
-------------------	---------------	--------------------	---------------	-------------------

Ultimamente tenho me sentido ...

- | | | |
|--------------------------|----------------------------|---------------------------|
| 1) aflito(a) _____ | 17) transtornado(a) _____ | 33) abatido(a) _____ |
| 2) alarmado(a) _____ | 18) animado(a) _____ | 34) amedrontado(a) _____ |
| 3) amável _____ | 19) determinado(a) _____ | 35) aborrecido(a) _____ |
| 4) ativo(a) _____ | 20) chateado(a) _____ | 36) agressivo(a) _____ |
| 5) angustiado(a) _____ | 21) decidido(a) _____ | 37) estimulado(a) _____ |
| 6) agradável _____ | 22) seguro(a) _____ | 38) incomodado(a) _____ |
| 7) alegre _____ | 23) assustado(a) _____ | 39) bem _____ |
| 8) apreensivo(a) _____ | 24) dinâmico(a) _____ | 40) nervoso(a) _____ |
| 9) preocupado(a) _____ | 25) engajado(a) _____ | 41) empolgado(a) _____ |
| 10) disposto(a) _____ | 26) produtivo(a) _____ | 42) vigoroso(a) _____ |
| 11) contente _____ | 27) impaciente _____ | 43) inspirado(a) _____ |
| 12) irritado(a) _____ | 28) receoso(a) _____ | 44) tenso(a) _____ |
| 13) deprimido(a) _____ | 29) entusiasmado (a) _____ | 45) triste _____ |
| 14) interessado(a) _____ | 30) desanimado(a) _____ | 46) agitado(a) _____ |
| 15) entediado(a) _____ | 31) ansioso(a) _____ | 47) envergonhado(a) _____ |
| 16) atento(a) _____ | 32) indeciso(a) _____ | |

38.) Agora você encontrará algumas frases que podem identificar opiniões que você tem sobre a sua própria vida. Por favor, para cada afirmação, marque com um **X** o número que expressa o mais fielmente possível sua *opinião* sobre sua vida atual. Não existe resposta certa ou errada, o que importa é a sua sinceridade.

1 Discordo plenamente	2 Discordo	3 Não sei	4 Concordo	5 Concordo plenamente
-----------------------------	---------------	--------------	---------------	-----------------------------

- | | |
|---|---------------------|
| 48. Estou satisfeito(a) com minha vida. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 49. Tenho aproveitado as oportunidades da vida. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 50. Avalio minha vida de forma positiva. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 51. Sob quase todos os aspectos minha vida está longe do meu ideal de vida. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 52. Mudaria meu passado se eu pudesse. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 53. Tenho conseguido tudo o que esperava da vida. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 54. A minha vida está de acordo com o que desejo para mim. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 55. Gosto da minha vida. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 56. Minha vida está ruim. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 57. Estou insatisfeito(a) com minha vida. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 58. Minha vida poderia estar melhor. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 59. Tenho mais momentos de tristeza do que de alegria na minha vida. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 60. Minha vida é "sem graça". | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 61. Minhas condições de vida são muito boas. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |
| 62. Considero-me uma pessoa feliz. | _1_ _2_ _3_ _4_ _5_ |

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!

LEMBRE-SE: Se desejar contar mais detalhadamente alguma(s) das experiências apontadas no questionário, escreva para fatimaregina@usp.br ou deixe seu telefone/endereço para contato.

ANEXO 3

Guia para Análise de Conteúdo com o meta-questionário elaborado para a validação semântica do Q-PRP.



GUIA PARA REALIZAÇÃO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Nome do(a) colaborador(a):

Profissão/Ocupação:

Data (dia / mês / ano) da análise de conteúdo:

Obrigada por sua disposição em colaborar na realização de análise de conteúdo que será proposta a seguir.

Siga as etapas indicadas abaixo, cumprindo-as estritamente na ordem em que estão enumeradas:

- 1)** Responda o questionário **Q-PRP** (Questionário de Prevalência e Relevância das Experiências Psi) apresentado no arquivo anexado, intitulado “Questionário Q-PRP para validação semântica.doc”.
- 2)** Após responder o questionário, retorne a este “Guia” e leia, na seqüência desta página, a “Apresentação” do material a ser utilizado para proceder à análise de conteúdo para validação semântica do referido instrumento de coleta de dados.
- 3)** Faça a análise de conteúdo de acordo com as orientações dadas ao longo do material de análise que vem após o item “Apresentação”. Esse material de análise é composto de 39 questões.
- 4)** Por gentileza, devolva o material respondido por e-mail, em arquivos anexados, **até dia 04 de abril de 2007**. Caso prefira devolver o material na forma impressa, entre em contato para combinarmos como fazê-lo.

Agradeço, antecipadamente, por sua preciosa colaboração.

Fátima Regina Machado



APRESENTAÇÃO

Prezado(a) colaborador(a),

Este material contém questões que ajudam a compor o questionário **Q-PRP** (Questionário de Prevalência e Relevância das Experiências Psi) que será utilizado como instrumento de coleta de dados a fim de mapear ocorrências de experiências psi (percepção extra-sensorial e psicocinesia) em uma amostra da população brasileira com idade a partir de 17 anos, com diferentes níveis de escolaridade¹. Vale notar que, neste caso, “prevalência” é um conceito utilizado em estatística e epidemiologia que refere-se à proporção de casos existentes numa determinada população e num determinado momento temporal. Além desse mapeamento, a pesquisa a ser realizada visa estudar a relevância dessas experiências pessoais no que se refere a sua relação com as crenças, atitudes e bem-estar de seus *experenciadores*. As questões do **Q-PRP** aqui apresentadas são acompanhadas de perguntas que se referem à sua qualidade de elaboração e pertinência à coleta de dados pretendida.

O **Q-PRP** nasceu da tradução e/ou adaptação de algumas questões que compõem o questionário elaborado por Palmer (1979)², juntamente com a elaboração de novas questões que visavam direcionar o instrumento para os objetivos específicos da pesquisa proposta – incluindo-se dados sócio-demográficos, que ficarão de fora do material de análise de conteúdo. Alguns itens foram, em parte, inspirados pelos instrumentos de coleta de dados elaborados por Kennedy e Kanthamani (1995)³. Além das questões que compõem o **Q-PRP**, a coleta de dados contará também com uma Escala de Bem-Estar Subjetivo desenvolvida por Albuquerque e Tróccoli (2004)⁴. Devido ao fato de já ter sido validada no Brasil, as questões pertinentes a essa escala não comporão o presente material a ser analisado.

Sua contribuição para este estudo consistirá na análise das questões aqui apresentadas quanto a sua sintaxe (“Está bem escrita?”), clareza (“Está clara em seu sentido?”), compreensão (“Apresenta termos simples e claros, compreensíveis para a amostra respondente?”), adequação (“É boa para coletar o dado pretendido?”) e tradução (para o caso das questões traduzidas do questionário elaborado por Palmer, 1979). Os modos de avaliação serão orientados ao longo do material de análise.

Sua contribuição é essencial para a validação semântica do questionário e para a realização da pesquisa proposta.

Agradeço, mais uma vez, por sua colaboração.

Fátima Regina Machado
Doutoranda

Orientação: Prof. Dr. Esdras Guerreiro Vasconcellos

¹ A princípio, o questionário será aplicado a estudantes universitários, mas pretende-se estender a aplicação também a outras pessoas de diferentes níveis de escolaridade a partir da idade mencionada.

² PALMER, J. (1979) A community mail survey of psychic experiences. *Journal of the American Society for Psychical Research*, 73, 221-251.

³ KENNEDY, J.E. e KANTHAMANI, H. (1995) An Exploratory Study of the Effects of Paranormal and Spiritual Experiences on Peoples' Lives and Well-Being. *The Journal of the American Society for Psychical Research*, 89, 249-265.

⁴ ALBUQUERQUE, A.S. e TRÓCCOLI, B.T. (2004) Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Maio-Agosto, Vol. 20, nº 2, 153-164

3º) Considere a questão abaixo:

11. Você acredita no poder da mente sobre a matéria, ou seja, que a mente é capaz, por exemplo, de movimentar objetos por meios "paranormais" (isto é, sem tocá-los ou usar qualquer força física conhecida)? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

4º) Considere a questão abaixo:

12. Você acredita em reencarnação? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

5º) Considere a questão abaixo:

13. Você acredita: (Pode assinalar mais de uma alternativa.)	1. no poder dos cristais 2. no poder dos pêndulos 3. na numerologia 4. na astrologia 5. Não acredito em nada disso.
---	---

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

6º) Considere a questão abaixo:

23. Você já presenciou algum objeto se mover "sozinho" e/ou se quebrar sem que fosse possível descobrir algum meio natural ou físico responsável pelo movimento ou pela quebra? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

7º) Considere a questão abaixo:

24. Você já presenciou luzes se acenderem e se apagarem repetidamente ou aparelhos elétricos se ligarem sozinhos sem que aparentemente houvesse algum problema com esses aparelhos ou com a energia elétrica no local? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

8º) Considere a questão abaixo:

25. Você já presenciou o aparecimento de água em um local sem que fosse encontrado algum vazamento ou alguém que fosse responsável pela origem daquela água? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

9º) Considere a questão abaixo:

26. Você já presenciou o aparecimento de fogo (pequenos incêndios) sem que aparentemente alguém tivesse ateado fogo no local? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

10º) Considere a questão abaixo:

27. Você já presenciou tijolos ou pedras caindo ou que apareceram dentro de um local fechado (casa, apartamento, escritório, escola, igreja etc.) sem que aparentemente ninguém tivesse atirado esse material para dentro do local? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

11º) Considere a questão abaixo:

28. Você já presenciou o aparecimento de dejetos (fezes, lixo) ou terra em mantimentos e/ou comida preparada, e infestação repentina de insetos sem que se pudesse encontrar um motivo normal para essa ocorrência ou alguém que fosse responsável por isso? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

12º) Considere a questão abaixo:

29. Você já sentiu correntes de ar (vento) ou quedas repentinas de temperatura dentro de um local onde não houvesse nenhuma janela ou porta aberta? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

13º) Ao final das questões sobre sonhos, sentimentos (intuições), impressões ou visões que envolvam a obtenção de algum tipo de informação ou mensagem durante essa vivência, pergunta-se a que o(a) respondente atribui as experiências por ele(a) vivenciadas. Considere as alternativas de resposta apresentadas:

1. Mensagem de Deus
2. Mensagem do Anjo da Guarda
3. Mensagem de um(a) santo(a) protetor(a)
4. Mensagem de espíritos desencarnados
5. Poder da mente
6. Energias sutis
7. Mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
8. Mensagem do demônio
9. Coincidência.
10. Outro. Especifique.....

Você considera que essas alternativas de resposta:

Estão bem escritas? () sim () não
Estão claras em seu sentido geral? () sim () não
Apresentam termos claros e simples? () sim () não
São boas para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

14º) Ao final das questões sobre experiência de ver, ouvir ou ser tocado por alguma coisa que aparentemente não estava presente, ou a possibilidade de conhecer o que está distante do corpo físico durante a experiência de “sair do corpo”, ou presenciar eventos físicos “misteriosos (movimentação e quebra de objetos, aparecimento de água e fogo sem motivo plausível, chuva de pedras dentro de casas fechadas, acender e apagar de luzes, correntes de ar, aparecimento de dejetos ou de terra nos alimentos), pergunta-se a que o(a) respondente atribui as experiências por ele(a) vivenciadas. Considere as alternativas de resposta apresentadas:

1. Ação de Deus
2. Ação do Anjo da Guarda
3. Ação de um(a) santo(a) protetor(a)
4. Ação de espíritos desencarnados
5. Poder da mente
6. Energias sutis
7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
8. Ação do demônio
9. Coincidência.
10. Outro. Especifique.....

Você considera que essas alternativas de resposta:

- Estão bem escritas? () sim () não
Estão claras em seu sentido geral? () sim () não
Apresentam termos claros e simples? () sim () não
São boas para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

15º) Nos sub-itens das questões relacionadas à incidência de cada uma das experiências vivenciadas, sempre ocorre a pergunta:

Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

16º) Nos sub-itens das questões relacionadas à incidência de cada uma das experiências vivenciadas, sempre ocorre a pergunta:

Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

17º) Considere as alternativas de resposta apresentadas:

31. Assinale todas as alternativas que combinam com o que você pensa/sente:

1. Gosto de comentar com amigos(as) e/ou familiares sobre as minhas experiências indicadas neste questionário.
2. Gosto de saber que outras pessoas também passam por experiências parecidas como aquelas que vivenciei e estão indicadas neste questionário.
3. Apesar de ter vivido as experiências indicadas neste questionário, não gosto de falar sobre elas com as outras pessoas com medo de que me achem maluco(a) ou ridículo(a).
4. Tenho muito medo dessas experiências que ocorrem comigo e, se eu pudesse, gostaria de me livrar disso e nunca mais passar por algo assim.
5. As pessoas que passam por essas coisas são demoníacas.
6. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário, mas me interessa por esse assunto.
7. Considero que as pessoas vivem esses tipos de experiências têm um dom especial.
8. A religião tem me ajudado a lidar com essas minhas experiências e a entendê-las.
9. Tenho medo desses fenômenos e não gosto nem de ouvir nem de falar sobre eles.
10. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário e não tenho interesse por esse assunto.
11. Já ouvi muitas pessoas relatarem sobre essas experiências ou fenômenos, mas considero que esses relatos devem ser fruto de imaginação.
12. As pessoas que relatam essas experiências são loucas.
13. Nunca vivenciei experiências / fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos me impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças pessoais.
14. Essas experiências ou fenômenos são provas da existência de um mundo espiritual.

Você considera que essas alternativas de resposta:

- | | | |
|---|------------------------------|------------------------------|
| Estão bem escritas? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
| Estão claras em seu sentido geral? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
| Apresentam termos claros e simples? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
| São boas para coletar o dado pretendido? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

18º) Considere as alternativas de resposta apresentadas:

32. Circule todas as alternativas abaixo que se aplicam a você*:

4. Essas experiências confirmaram as minhas crenças religiosas.
5. Mudei de religião por causa dessas experiências. (Antiga religião:; Religião atual:.....)
6. Eu não tinha religião, mas por causa dessas minhas experiências, adotei uma religião. (Qual?)
7. Por causa dessas experiências, deixei de ter uma religião específica e passei a freqüentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes.
8. Por causa dessas minhas experiências, me tornei esotérico(a).
9. Por causa dessas minhas experiências, passei a acender velas.
10. Por causa dessas minhas experiências, passei a fazer mais orações.
11. Por causa dessas minhas experiências, passei a praticar mais a caridade (ajudar os outros).
12. Por causa dessas minhas experiências, deixei de ser supersticioso(a).
13. Por causa dessas minhas experiências, passei a ser supersticioso(a).
14. Já era supersticioso(a) e, por causa dessas minhas experiências, passei a ser mais supersticioso(a) ainda.
15. Por causa dessas minhas experiências passei a acreditar mais em Deus.
16. Por causa dessas minhas experiências, passei a estudar mais para entendê-las.
17. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei aqui, elas não fizeram nenhuma diferença na minha vida.
18. Nunca vivenciei as experiências/fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos me impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças pessoais.

* **Obs:** as alternativas 1, 2 e 3 foram traduzidas e, por isso, avaliadas e separado.

Você considera que essas alternativas de resposta:

- | | | |
|---|------------------------------|------------------------------|
| Estão bem escritas? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
| Estão claras em seu sentido geral? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
| Apresentam termos claros e simples? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |
| São boas para coletar o dado pretendido? | <input type="checkbox"/> sim | <input type="checkbox"/> não |

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

19º) Considere a seguinte orientação dada:

Nos itens seguintes, se a questão se referir a quantas vezes você teve um determinado tipo de experiência, por favor, circule o número de vezes que julgar mais aproximado. (Alternativas apresentadas: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais)

Você considera que essa orientação:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
É boa para coletar o dado pretendido? () sim () não

Se você julga que a redação da orientação dada deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

As questões abaixo mencionadas foram traduzidas do questionário de Palmer (1979), com algumas adaptações para a cultura brasileira. Examine a pergunta original, em inglês, e sua tradução para o português e proceda à avaliação conforme solicitado.

20º)

Original em inglês	Tradução para o português
How religious do you consider yourself be? 1. Very religious 2. Moderately religious 3. Slightly religious 4. Not at all religious	9. Você se considera: 1. muito religioso(a) 2. moderadamente religioso(a) 3. pouco religioso(a) 4. nem um pouco religioso(a)

Você considera que esta tradução:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

21º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever practiced meditation? (For example, Transcendental or Zen meditation or another formal technique of stilling the mind.) 1. Yes 2. No	14. Você já praticou/fez meditação transcendental ou zen, hipnose, yoga ou usou alguma outra técnica formal para "relaxar" a mente? 1. sim 2. não

Você considera que esta tradução e adaptação:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Você considera que esta tradução / adaptação:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

25º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever had a rather clear and specific <u>dream</u> which matched in details an event which occurred before, during, or after your dream, and which you did not know about or did not expect at the time of the dream? 1. yes 2. no	18. Você já sonhou de modo bem claro e específico com algum fato ocorrido antes, durante ou depois do momento em que você estava sonhando, sem que você tivesse conhecimento do fato previamente ou não estivesse esperando que aquilo acontecesse? 1. sim 2. não

Você considera que esta tradução:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

26º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever had, <u>while awake</u> , a strong feeling, impression, or "vision" that a previously unexpected event had happened, was happening, or was going to happen, and learn that you were right? 1. yes 2. no	19. Você já teve, <u>enquanto acordado(a)</u> , um forte sentimento (intuição), impressão ou "visão" de que um fato inesperado tivesse acontecido, estava acontecendo ou iria acontecer e soube, mais tarde, que esse fato realmente aconteceu? 1. sim 2. não

Você considera que esta tradução:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

27º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever had, <u>while awake</u> , a vivid impression of seeing, hearing, or being touched by another being, which impression, as far as you could discover, was not due to any external physical or "natural" cause? (Please, <u>do not</u> include here experiences of the Christ or other religious figures.) 1. yes 2. no	20. Alguma vez, <u>enquanto estava acordado(a)</u> , você já teve a nítida impressão de ver, ouvir ou ser tocado por alguém ou alguma coisa, sendo que essa impressão não parecia ser devida a nenhuma causa externa física ou "natural"? (Por favor, <u>não inclua</u> aqui experiências com figuras religiosas.)? 1. sim 2. não

Você considera que esta tradução:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

28º)

Original em inglês	Tradução para o português
Has any other person ever told you they had a dream, "vision", or definite feeling in which they seemed to get information about an event involving <u>you</u> which they could not have gotten in any "normal" or conventional way? 1. yes 2. no	21. Alguém já lhe contou que teve um sonho, "visão" ou intuição que parecia conter uma informação sobre um fato envolvendo <u>você</u> , sem que tal informação pudesse ter sido adquirida por alguma via "normal" ou convencional? 1. sim 2. não

Você considera que esta tradução:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

29º)

Original em inglês	Tradução para o português
Has you ever had an experience in which you felt that "you" were "locate outside" or "away from" your physical body; that is, the feeling that your consciousness, mind or center of awareness was at a different place than your physical body? (If in doubt, please, answer "no".) 1. yes 2. no	22. Você já teve alguma experiência em que você sentiu como se se deslocasse "para fora" ou "para longe" de seu corpo, isto é, sentiu que sua consciência ou que sua mente estava em algum lugar diferente de seu corpo físico? (Se estiver em dúvida se teve ou não esse tipo de experiência, por favor, responda "não".) 1. sim 2. não

Você considera que esta tradução:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

30º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever lived in a house you believed to be haunted? 1. yes 2. no	30. Você já esteve ou morou em alguma casa ou lugar que você acreditava ser "assombrado" ? 1. sim 2. não

Você considera que esta tradução / adaptação:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

31º)

Original em inglês	Tradução para o português
Did any of <u>your own</u> experiences you have indicated in this survey "save" <u>you</u> (or could have saved you) from a serious or tragic event such as illness, severe emotional crisis, accident, or death?	32. item 1: Alguma(s) das experiências pessoais que indiquei nesta pesquisa me "salvou"/"salvaram" [ou poderia(m) ter-me salvado] de um acontecimento sério ou trágico como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte.

Você considera que esta tradução / adaptação:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

32º)

Original em inglês	Tradução para o português
Has any other person ever told you of a "warning" experience they had received concerning you which "saved" you (or could have saved you) from a serious or tragic event such as illness, severe emotional crisis, or death?	32. item 2: Livrei-me de um problema, fui salvo(a) ou poderia ter sido salvo(a) de um acontecimento sério ou trágico como de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte porque uma pessoa disse ter tido um "aviso" (pressentimento, sonho, visão ou intuição) e me alertou sobre algo que aconteceria comigo.

Você considera que esta tradução / adaptação:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

33º)

Original em inglês	Tradução para o português
Did any of your own experiences you have indicated in this survey "save" another person (or could have saved them) from a serious or tragic event such as illness, severe emotional crisis, accident, or death?	32. item 3: Alguma(s) das minhas próprias experiências indicadas nesta pesquisa "salvou"/"salvaram" <u>outra(s) pessoa(s)</u> [ou poderia(m) tê-la(s) salvado] de um acontecimento sério ou trágico, como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte, ou ajudou a evitar algum outro tipo de problema.

Você considera que esta tradução / adaptação:

- Está bem escrita? () sim () não
Está clara em seu sentido geral? () sim () não
Apresenta termos claros e simples? () sim () não
Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

34º)

Original em inglês	Tradução para o português
<p>Have any of the experiences you have indicated so far in this survey SIGNIFICANTLY influenced or changed any of the important decisions you have made in your life concerning: (Circle ANY that apply)</p> <p>1. Your choice of a friend or circle of friends</p> <p>2. Your choice of whether to go, stay in, or drop out of school or college, what to study as a major, etc.</p> <p>3. Whether to join the armed forces or a particular branch of the military, the draft, etc.</p> <p>4. Whether to take or quit a job; type of occupation; relationship with co-workers, etc.</p> <p>5. Whether to take a breath from work or a vacation, taking up a hobby, etc.</p> <p>6. Moving to another part of the country or the world</p> <p>7. Which political party to support or candidate to vote for</p> <p>8. Your religion, choice of denomination or church, etc.*</p> <p>9. Whether to get married or divorced, who to marry or not to marry</p> <p>10. Whether or not to have a child</p> <p>11. What to name a child</p> <p>12. Purchasing a home or piece of property</p> <p>13. Purchasing a car or major appliance</p> <p>14. Your diet or eating habits; improving your state of health or physical fitness</p> <p>15. Your life style; how to spend your time; your ideals, purposes or goals in life, etc.</p> <p>16. Other(s): (Please, specify) _____</p>	<p>33. Alguma das experiências que você indicou até aqui <u>influenciou</u> ou <u>ajudou</u> alguma das importantes <u>decisões</u> que você tomou em sua vida em relação a:</p> <p>(Circule todas as alternativas que se aplicam a você.)</p> <p>1. sua escolha de um amigo ou círculo de amigos.</p> <p>2. sua escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou da faculdade, ou a decisão sobre que curso fazer.</p> <p>3. entrar ou não para as forças armadas e/ou qual delas escolher (Marinha, Exército ou Aeronáutica)</p> <p>4. se iria aceitar ou abrir mão de um emprego ou se ia entrar ou sair de uma sociedade.</p> <p>5. se deveria tirar uma folga do trabalho ou umas férias, ou passar a se dedicar um <i>hobby</i>.</p> <p>6. mudar-se para uma outra parte do país ou do mundo.</p> <p>7. a qual partido político apoiar ou em que candidato votar.</p> <p>8. com quem namorar ou não; com quem se casar ou não se casar; divorciar-se.</p> <p>9. ter ou não um filho.</p> <p>10. que nome dar ao filho.</p> <p>11. adquirir uma casa ou parte de uma propriedade.</p> <p>12. adquirir um carro ou algum utensílio importante.</p> <p>13. mudar sua dieta ou hábitos alimentares; melhorar seu estado de saúde ou aptidão física.</p> <p>14. seu estilo de vida; seus ideais, propósitos ou objetivos de vida.</p> <p>15. Outros. (Por favor, especifique:)</p>

* **Obs.:** O item 8 foi suprimido na tradução porque foi tratado ao longo do questionário com relação a cada experiência abordada.

Você considera que esta tradução / adaptação:

Está bem escrita? () sim () não
 Está clara em seu sentido geral? () sim () não
 Apresenta termos claros e simples? () sim () não
 Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Original em inglês	Tradução para o português
<p>Have any of the experiences you have indicated so far in this survey SIGNIFICANTLY influenced or changed any of your feelings or attitudes toward: (<u>Circle ANY that apply</u>)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Yourself, who you are, the kind of person you are 2. Your view of human nature, your fellowman, or a particular race 3. Society, government, bureaucracy, the law 4. God, your religious beliefs, the life of the spirit* 5. The earth, nature, ecology, living in the countryside, etc. 6. Life, its meaning and purpose, youth, health 7. Death, old age, pain 8. War, the military, hate 9. Sex, marriage, love 10. Family, parents, children; friends 11. Education 12. Business, industry, work, capitalism, etc. 13. Science, technology 14. Material wealth and possessions, selfishness 15. Personal fame, position of power and control 16. media, advertising, news and information such as TV, radio and newspapers 17. Your emotions, art, play, fun, joy, pleasure, leisure. 18. Other(s): (Please, specify) _____ _____ _____ 	<p>34. Circule <u>todas</u> as alternativas abaixo que se apliquem a você.</p> <p>Alguma das suas experiências indicadas por você até agora nesta pesquisa influenciou ou mudou <u>significativamente</u> algum de seus sentimentos ou atitudes em relação a:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. você mesmo, quem você é, o tipo de pessoa que você é 2. sua visão da natureza humana, de seu companheiro ou de alguma raça em particular 3. sociedade, governo, burocracia, cumprimento das leis 4. Terra, natureza, ecologia, viver no campo 5. vida, seu significado e propósito, juventude, saúde 6. medo da morte, envelhecimento, dor 7. guerra, exército, ódio 8. sexo, casamento, amor. 9. família, pais, filhos, amigos. 10. estudo 11. negócios, indústria, trabalho, capitalismo 12. ciência e tecnologia. 13. riquezas materiais, posses, egoísmo 14. reputação pessoal, posição de poder e controle. 15. mídia, publicidade, fontes de entretenimento, notícias e informações (TV, rádio e jornais) 16. suas emoções, arte, divertimento, alegria, prazer, lazer. 17. outro(s). (Por favor, especifique:) 18. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei aqui, elas não fizeram nenhuma diferença na minha vida.

* **Obs.:** O item 4 foi suprimido na tradução / adaptação porque foi tratado ao longo do questionário com relação a cada experiência abordada. Foi acrescentado o item 18 na tradução / adaptação para aqueles(as) cujas experiências não provocaram mudanças.

Você considera que esta tradução / adaptação:

Está bem escrita?	() sim	() não
Está clara em seu sentido geral?	() sim	() não
Apresenta termos claros e simples?	() sim	() não
Está adequada à cultura brasileira?	() sim	() não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

36º) Considere as orientações dadas ao longo do questionário (aqui, como exemplo, utilizamos as questões 18 e 19):

Original em inglês	Tradução para o português
If "yes", answer A through F below: (If not, skip to #19)	Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 18A a 18M . Se você respondeu "não", passe diretamente à questão 19 .

Você considera que esta tradução / adaptação:

Está bem escrita?	() sim	() não
Está clara em seu sentido geral?	() sim	() não
Apresenta termos claros e simples?	() sim	() não
Está adequada à cultura brasileira?	() sim	() não

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

37º) A questão apresentada em português, abaixo, é fruto da junção de duas questões apresentadas no questionário de Palmer (1979) sobre a possibilidade de conhecer o que está distante do corpo físico durante essa experiência de “sair do corpo”:

Original em inglês	Tradução para o português
<p>C. In how many of these cases did you “travel” to distant place and “see” or “hear” what on going on there? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9-or-more</p> <p>D. In how many of these cases did you get information about previously unknown places or events that later proved to be accurate? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9-or-more</p>	<p>22B) Em quantos desses casos você "viajou" para lugares distantes e/ou desconhecidos, "viu" ou "ouviu" o que estava acontecendo lá e, depois, mais tarde, confirmou que essas informações correspondiam à realidade? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais</p>

Você considera que esta adaptação:

- Está bem escrita? () sim () não
 Está clara em seu sentido geral? () sim () não
 Apresenta termos claros e simples? () sim () não
 Está adequada à cultura brasileira? () sim () não

Se você julga que a adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

38º) Há alguma observação sobre os subitens de cada questão apresentada no questionário Q-PRP? Se julgar que algum dos itens deve ser reformulado, por gentileza, apresente sua sugestão de reformulação indicando a numeração do mesmo.

.....

.....

.....

.....

.....

39º) Qual é sua opinião geral sobre o questionário Q-PRP?

.....

.....

.....

.....

.....

MUITO OBRIGADA, MAIS UMA VEZ, POR SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO 4

Resultado da Análise de Conteúdo para a Validação Semântica do Q-PRP, com os percentuais de concordância entre os juízes para cada item, e seus comentários e sugestões. Alguns poucos comentários não implicaram na solicitação de modificações na redação das perguntas. Outros, apresentaram-se contraditórios à alternativa “não” assinalada, desaprovando algum item. Nesses casos, considerou-se o conteúdo do comentário mais do que a alternativa assinalada. Como já foi dito, apesar de a porcentagem de concordância entre os juízes ter se mostrado de início satisfatória para a validação semântica do Q-PRP, algumas sugestões foram acatadas a fim de aperfeiçoar o instrumento.

Os juízes que participaram do processo de validação semântica foram:

- Angela Serrano Nunes (dentista, ex-membro do Inter Psi)
- Maria Cecília de Barros Lima Bueno (dentista, membro do Inter Psi*)
- Everton Maraldi (estudante de Psicologia, membro do Inter Psi*)
- Fátima Fontes (psicóloga)
- José Rogério Machado de Paula (psicólogo, professor universitário)
- Julio Cesar de Siqueira Barros (biólogo e professor de inglês)
- Leila Xavier de Araújo (professora e tutora de Educação à Distância da UnB)
- Leon Lopes (psicólogo e biólogo)
- Leonardo Roxo Stern (estudante de Ciência da Computação, membro do Inter Psi*)
- Mário Celso Ramiro de Andrade (professor da ECA – USP)
- Mauro Celso Destácio (assessor de Imprensa e Editor de Publicações da USP especializado em divulgação científica)
- Victor Rafael Rezende Celestino (engenheiro, participante do Inter Psi*)
- Rosana Aparecida Vieira (estudante de Psicologia, membro do Inter Psi*)
- Tarcísio Roberto Pallú (professor, licenciado em Letras)
- Vanessa Duarte Corredato (professora de inglês e do Ensino Fundamental)
- Vera Lúcia O´Reilly Cabral Barrionuevo (escritora, formada em Letras, membro do Inter Psi*)

Além dos juízes mencionados, expressaram opinião sobre o Q-PRP o Dr. Carlos S. Alvarado, professor-assistente de pesquisa em Medicina Psiquiátrica da Universidade de Virgínia, EUA e Maurício Henrique Alves Gomes, estudante de Enfermagem da UNIFESP, membro do Inter Psi*. O Dr. Alvarado, por ser pesquisador estrangeiro, não sentiu-se apto a responder a respeito da adequação das questões à cultura brasileira, não respondendo-as; e o graduando Maurício, alegou não ter bom conhecimento de inglês, deixando em branco as questões referentes à qualidade das traduções. No entanto, ambos fizeram observações pertinentes e importantes para as demais questões – que correspondem à opinião de outros juízes - que foram consideradas de modo qualitativo nas poucas adequações feitas no questionário, mas não foram consideradas no cálculo estatístico para validação do Q-PRP.

* O Inter Psi – Grupo de Estudo em Semiótica, Interconectividade e Consciência pertence ao Centro de Estudos Peirceanos do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUCSP, e dedica-se ao estudo de psi e aspectos a ela correlatos, partindo do conceito de interconectividade proposto por Peirce, mas não utilizando-o de modo exclusivo.



ANÁLISE DE CONTEÚDO: PERCENTUAIS DE CONCORDÂNCIA ENTRE OS JUÍZES PARA CADA ITEM, COMENTÁRIOS E SUGESTÕES

1º) Considere a questão abaixo:

8. Qual é sua crença / religião / posição religiosa ou não-religiosa? (Assinale apenas **uma** das alternativas.)

1. Católica Apostólica Romana
2. Judaica
3. Islâmica
4. Luterana
5. Calvinista
6. Metodista
7. Presbiteriana
8. Batista
9. Evangélica (Outra denominação. Especifique:.....)
10. Umbanda
11. Candomblé
12. Uma outra religião de origem africana ou afro-brasileira (Especifique:.....)
13. Espiritismo Kardecista
14. Budista (Alguma tradição em especial? Especifique:.....)
15. Alguma outra religião oriental (Especifique:.....)
16. Wicca
17. Não sou adepto de nenhuma religião específica, mas acredito em Deus.
18. Sou agnóstico(a) (não pertencço a nenhuma religião, tenho dúvidas quanto à existência de um Ser Divino, mas não nego a possibilidade de sua existência)
19. Sou ateu/atéia.
20. Sou esotérico(a).
21. Outra, não apontada acima:.....

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Tarcísio: Qual é sua crença religiosa, ou se preferir, sua posição religiosa dominante? (Essa questão pode ser aberta – resposta por escrito)

Mauro: Penso que há não poucas pessoas, ainda mais aqui no Brasil, que são adeptas de mais de uma religião, ainda que parcialmente e não admitam publicamente. Por isso, talvez a questão deva ser aperfeiçoada.

2º) Considere a questão abaixo:

10. Você acredita que a mente tem capacidade de captar informações de outras mentes e do ambiente sem a utilização dos órgãos dos sentidos (visão, audição, tato, paladar, olfato)? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	87,5	12,5	14/2
Está clara em seu sentido geral?	93,75	6,25	15/1
Apresenta termos claros e simples	87,5	12,5	14/2
É boa para coletar o dado pretendido?	87,5	12,5	14/2

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Fátima: Você acredita que a mente tem capacidade de captar informações de outras mentes e do ambiente sem precisar utilizar os órgãos dos sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato?)

Leonardo: visão, audição, tato, paladar e olfato não são "órgãos dos sentidos"

Leon: Eu acredito que em casos muito raros isso possa acontecer, porém optei por responder "Não" para não ser taxado de crédulo. Talvez esse quesito pudesse ser ampliado para: sim – não – raramente.

Julio: Na verdade, não é que ela não esteja boa, mas penso haver um leve problema no termo "capacidade de captar informações". Talvez fosse interessante acrescentar o termo "telepatia" no que se refere a captar informações de outras mentes. "Clarividência" poderia também ajudar no que tange ao captar informações do ambiente, mas talvez algumas pessoas não conheçam o termo clarividência. Sugiro a busca de um ou dois termos de bom conhecimento do público brasileiro e que explique essa idéia de obter informações do ambiente. Poderia-se fazer como na questão abaixo, ou seja, fornecer exemplos.

3º) Considere a questão abaixo:

11. Você acredita no poder da mente sobre a matéria, ou seja, que a mente é capaz, por exemplo, de movimentar objetos por meios "paranormais" (isto é, sem tocá-los ou usar qualquer força física conhecida)? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	93,75	6,25	15/1
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Leonardo: Acredito que falar em "forças físicas conhecidas" assuste um pouco as pessoas que não são da área de exatas. Talvez seja melhor explicitar que trata-se do uso de mãos, braços, máquinas ...

4º) Considere a questão abaixo:

12. Você acredita em reencarnação? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	87,5	12,5	14/2
É boa para coletar o dado pretendido?	81,25	18,75	13/3

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Tarcísio: Você acredita em reencarnação, ou seja, que é possível retornar à vida em novo corpo após a morte.

Ramiro: alguém pode não acreditar exatamente nisto, mas poder ter alguma opinião de que a morte não é o fim de tudo e que, muito menos, exista um "céu" ou um "inferno".

Julio: Penso ser quase impossível alguém entender errado essa questão. Contudo, talvez fosse interessante pensar na possibilidade de explicar que não se trata da "ressurreição da carne".

5º) Considere a questão abaixo:

13. Você acredita: (Pode assinalar mais de uma alternativa.)	1. no poder dos cristais
	2. no poder dos pêndulos
	3. na numerologia
	4. na astrologia
	5. Não acredito em nada disso.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	87,5	12,5	14/2

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Mauro: Há sempre gradações que se devem observar. Há aqueles que acreditam muito, outros que acreditam parcialmente etc. Além do mais, há os que crêem na "astrologia de horóscopo", e outros que crêem numa astrologia mais próxima dos antigos, admitidas como ciência por diversas correntes espiritualistas ou esotéricas. E é fato que há muita mistificação em torno de práticas como estas, que até podem ter seu fundo de verdade.

Ramiro: não fica claro o que se pretende saber: na crença em esoterismo?

6º) Considere a questão abaixo:

23. Você já presenciou algum objeto se mover "sozinho" e/ou se quebrar sem que fosse possível descobrir algum meio natural ou físico responsável pelo movimento ou pela quebra?	1. sim	2. não
---	--------	--------

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	93,75	6,25	15/1
Está clara em seu sentido geral?	87,5	12,5	14/2
Apresenta termos claros e simples	93,75	6,25	15/1
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Fátima: Você já presenciou algum objeto se mover "sozinho" e/ou se quebrar sem que fosse possível explicar de forma natural ou física o movimento ou a quebra?

Leon: Eu já presenciei com outras pessoas uma xícara duralex se quebrar "sozinha", eu tinha conhecimentos que isso era comum em objetos com vidro temperado, já as pessoas que não sabiam, acharam que era um espírito. Portanto, tal questão coletará mais dados sobre as crenças e conhecimentos do examinado do que sobre a falta de meio físico. Acredito que isso já seja previsto.

7º) Considere a questão abaixo:

24. Você já presenciou luzes se acenderem e se apagarem repetidamente ou aparelhos elétricos se ligarem sozinhos sem que aparentemente houvesse algum problema com esses aparelhos ou com a energia elétrica no local?	1. sim	2. não
--	--------	--------

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0

Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

8º) Considere a questão abaixo:

25. Você já presenciou o aparecimento de água em um local sem que fosse encontrado algum vazamento ou alguém que fosse responsável pela origem daquela água? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Julio: Confesso que achei essa pergunta estranha, digo, ela parece se referir a algo que eu nunca havia ouvido falar. É lógico que de imediato associei a algum fenômeno "paranormal" que eu desconheço; mas houve em mim um ímpeto inicial (e primitivo) de achar que a pergunta pudesse se referir a um evento não paranormal (um vazamento de origem desconhecida, por exemplo). Se alguns dos entrevistados tiverem esse mesmo ímpeto que eu, e se eles (ou elas) não tiverem um mecanismo "corretor semântico" (que reassocie a pergunta a um evento presumivelmente paranormal), então talvez possa vir a haver um certo grau de contaminação nas respostas.

9º) Considere a questão abaixo:

26. Você já presenciou o aparecimento de fogo (pequenos incêndios) sem que aparentemente alguém tivesse ateado fogo no local? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Julio: Relativamente similar à questão anterior, mas talvez muito menos capaz de ser entendida errado. Acredito que o simples fato dos entrevistados saberem que se trata de coleta de dados sobre "vivências paranormais" ajude a sanar completamente qualquer equívoco. Então provavelmente essa pergunta, e a anterior também, não terão problemas.

10º) Considere a questão abaixo:

27. Você já presenciou tijolos ou pedras caindo ou que apareceram dentro de um local fechado (casa, apartamento, escritório, escola, igreja etc.) sem que aparentemente ninguém tivesse atirado esse material para dentro do local? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

11º) Considere a questão abaixo:

28. Você já presenciou o aparecimento de dejetos (fezes, lixo) ou terra em mantimentos e/ou comida preparada, e infestação repentina de insetos sem que se pudesse encontrar um motivo normal para essa ocorrência ou alguém que fosse responsável por isso? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

12º) Considere a questão abaixo:

29. Você já sentiu correntes de ar (vento) ou quedas repentinas de temperatura dentro de um local onde não houvesse nenhuma janela ou porta aberta? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Sugestão: Você já sentiu correntes de ar (vento) ou quedas repentinas de temperatura, sem motivo aparente, dentro de um local onde não houvesse nenhuma janela ou porta aberta nem sistema de ar que pudessem causá-las?

13º) Ao final das questões sobre sonhos, sentimentos (intuições), impressões ou visões que envolvam a obtenção de algum tipo de informação ou mensagem durante essa vivência, pergunta-se a que o(a) respondente atribui as experiências por ele(a) vivenciadas. Considere as alternativas de resposta apresentadas:

1. Mensagem de Deus
2. Mensagem do Anjo da Guarda
3. Mensagem de um(a) santo(a) protetor(a)
4. Mensagem de espíritos desencarnados
5. Poder da mente
6. Energias sutis
7. Mensagem de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
8. Mensagem do demônio
9. Coincidência.
10. Outro. Especifique.....

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	93,75	6,25	16/1
É boa para coletar o dado pretendido?	81,25	18,75	13/3

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

Leon: Achei o quesito 9. Coincidência muito fechado, pois nele pode incluir dedução, indução, conhecimento sobre os hábitos da pessoa, etc., enquanto as “mensagens” poderiam ser agrupadas em espirituais (anjo, santo, espírito, fadas).

Vanessa: Existe uma forma mais clara de dizer Energias sutis? Sugestão: Ao invés de Deus, colocar Deus/Espírito Santo.

Rosana: O item “6. Energias sutis” a que isto se refere? No momento de responder uma das questões tive dúvida quanto ao significado de “energias sutis” no questionário. Existem vários tipos de concepção de energia, e isto poder gerar dúvidas em quem responde, já que o meu significado de energia pode ser diferente do seu.

Mauro: Eu particularmente penso que sempre há uma gama de fatores atuando em fenômenos como os aqui abordados: influências espirituais, energia sutis, questões psicológicas etc. É sempre um tanto perigoso, a meu ver, dizer que determinado fenômeno foi causado por apenas um fator, ou tenha apenas uma causa.

Ramiro: “energias sutis” é apenas próxima à idéia de uma “força espiritual”, que muitos acreditam existir.

14º) Ao final das questões sobre experiência de ver, ouvir ou ser tocado por alguma coisa que aparentemente não estava presente, ou a possibilidade de conhecer o que está distante do corpo físico durante a experiência de “sair do corpo”, ou presenciar eventos físicos “misteriosos (movimentação e quebra de objetos, aparecimento de água e fogo sem motivo plausível, chuva de pedras dentro de casas fechadas, acender e apagar de luzes, correntes de ar, aparecimento de dejetos ou de terra nos alimentos), pergunta-se a que o(a) respondente atribui as experiências por ele(a) vivenciadas. Considere as alternativas de resposta apresentadas:

1. Ação de Deus
2. Ação do Anjo da Guarda
3. Ação de um(a) santo(a) protetor(a)
4. Ação de espíritos desencarnados
5. Poder da mente
6. Energias sutis
7. Ação de fadas, gnomos ou outros seres elementais/sobrenaturais
8. Ação do demônio
9. Coincidência.
10. Outro. Especifique.....

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	93,75	6,25	16/1
É boa para coletar o dado pretendido?	81,25	18,75	13/3

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

Leon, Vanessa, Rosana, Mauro, Ramiro: Idem à anterior.

15º) Nos sub-itens das questões relacionadas à incidência de cada uma das experiências vivenciadas, sempre ocorre a pergunta:

Essa experiência provocou alguma mudança nas suas crenças religiosas? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	87,5	12,5	14/2

Se você julga que a questão deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Rosana: Surge uma pergunta: esta mudança acontece quando da ocorrência do fenômeno e em função dele? Porque pode ocorrer de a pessoa mudar por um tempo e depois achar que isto não tem nada a ver e se desligar desta crença, retrocedendo, e ou optando por não crer em mais nada, ou mudar para outra crença, etc. Isto afetaria a forma de resposta, pois se hoje não acreditasse em mais nada, poderia responder “não” sendo que pode ter provocado

mudanças na época da experimentação do fato e não mais no momento atual. Caberia incluir “na época” nesta frase? [Rosana]

Mauro: As palavras “mudanças” e “crenças” têm, a meu ver, um caráter um tanto peremptório. Talvez fosse melhor trocar por algo como “influências” e/ou “visão religiosa” ou “comportamento religioso” etc. Além do mais, há pessoas espiritualizadas que não gostam da palavra “religião”, identificando-a com rituais, instituições ou comportamentos padronizados.

Ramiro: a alternativa de “reafirmação” não foi considerada (isso não implica em mudanças) e, para o caso de não haver uma crença por trás disso, não foi apresentada esta opção.

16º) Nos sub-itens das questões relacionadas à incidência de cada uma das experiências vivenciadas, sempre ocorre a pergunta:

Essa experiência provocou alguma mudança em sua relação/atitude para com as pessoas? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	6/0
É boa para coletar o dado pretendido?	87,5	12,5	14/2

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

Rosana: Essa atitude manteve-se alterada ou a pessoa depois de um tempo voltou ao que era, ou mudou ainda mais de atitude?

Ramiro: Idem à anterior.

17º) Considere as alternativas de resposta apresentadas:

31. Assinale todas as alternativas que combinam com o que você pensa/sente:

1. Gosto de comentar com amigos(as) e/ou familiares sobre as minhas experiências indicadas neste questionário.
2. Gosto de saber que outras pessoas também passam por experiências parecidas como aquelas que vivenciei e estão indicadas neste questionário.
3. Apesar de ter vivido as experiências indicadas neste questionário, não gosto de falar sobre elas com as outras pessoas com medo de que me achem maluco(a) ou ridículo(a).
4. Tenho muito medo dessas experiências que ocorrem comigo e, se eu pudesse, gostaria de me livrar disso e nunca mais passar por algo assim.
5. As pessoas que passam por essas coisas são demoníacas.
6. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário, mas me interesse por esse assunto.
7. Considero que as pessoas vivem esses tipos de experiências têm um dom especial.
8. A religião tem me ajudado a lidar com essas minhas experiências e a entendê-las.
9. Tenho medo desses fenômenos e não gosto nem de ouvir nem de falar sobre eles.
10. Não vivenciei nenhum tipo de experiência apontada neste questionário e não tenho interesse por esse assunto.
11. Já ouvi muitas pessoas relatarem sobre essas experiências ou fenômenos, mas considero que esses relatos devem ser fruto de imaginação.
12. As pessoas que relatam essas experiências são loucas.
13. Nunca vivenciei experiências / fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos me impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças pessoais.
14. Essas experiências ou fenômenos são provas da existência de um mundo espiritual.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

Leon: Acho que poderia acrescentar às questões um quesito que considere a atribuição das experiências a: “erros de julgamento, falhas na percepção, tendenciosidade da consciência” e não necessariamente a loucura.

18º) Considere as alternativas de resposta apresentadas:

32. Circule todas as alternativas abaixo que se aplicam a você*:

4. Essas experiências confirmaram as minhas crenças religiosas.
5. Mudei de religião por causa dessas experiências. (Antiga religião:; Religião atual:.....)
6. Eu não tinha religião, mas por causa dessas minhas experiências, adotei uma religião. (Qual?
7. Por causa dessas experiências, deixei de ter uma religião específica e passei a freqüentar cultos e/ou reuniões de religiões diferentes.
8. Por causa dessas minhas experiências, me tornei esotérico(a).
9. Por causa dessas minhas experiências, passei a acender velas.
10. Por causa dessas minhas experiências, passei a fazer mais orações.
11. Por causa dessas minhas experiências, passei a praticar mais a caridade (ajudar os outros).
12. Por causa dessas minhas experiências, deixei de ser supersticioso(a).
13. Por causa dessas minhas experiências, passei a ser supersticioso(a).
14. Já era supersticioso(a) e, por causa dessas minhas experiências, passei a ser mais supersticioso(a) ainda.
15. Por causa dessas minhas experiências passei a acreditar mais em Deus.
16. Por causa dessas minhas experiências, passei a estudar mais para entendê-las.
17. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei aqui, elas não fizeram nenhuma diferença na minha vida.
18. Nunca vivenciei as experiências/fenômenos mencionados neste questionário, mas soube de vários casos desses ocorridos com outras pessoas e esses casos me impressionaram tanto que influenciaram minhas crenças pessoais.

* **Obs:** as alternativas 1, 2 e 3 foram traduzidas e, por isso, avaliadas e separado.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que alguma(s) alternativa(s) deveria(m) ser melhorada(s), escreva sua sugestão de reformulação:

Mauro: Semelhantemente à observação que fiz anteriormente, penso que talvez seja melhor ponderar sobre as diferenças entre espiritualidade/espiritualização/religiosidade e religião. No entanto, é possível que isso torne a pesquisa ainda mais complexa, embora seja necessário atentar a essas sutilezas.

19º) Considere a seguinte orientação dada:

Nos itens seguintes, se a questão se referir a quantas vezes você teve um determinado tipo de experiência, por favor, circule o número de vezes que julgar mais aproximado. (Alternativas apresentadas: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais)

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	93,75	6,25	15/1
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a redação da orientação dada deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Fátima: Quantas vezes você passou por essas experiências? Circule o número de vezes que julgar mais aproximado. (Alternativas apresentadas: 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais) [Fátima Fontes]

Mauro: Está bem formulada, mas a verdade é que nem sempre as pessoas se lembram com exatidão sobre o número de vezes em que tais fenômenos ocorreram. É preciso relativizar os resultados.

As questões abaixo mencionadas foram traduzidas do questionário de Palmer (1979), com algumas adaptações para a cultura brasileira. Examine a pergunta original, em inglês, e sua tradução para o português e proceda à avaliação conforme solicitado.

20º)

Original em inglês	Tradução para o português
How religious do you consider yourself be? 1. Very religious 2. Moderately religious 3. Slightly religious 4. Not at all religious	9. Você se considera: 1. muito religioso(a) 2. moderadamente religioso(a) 3. pouco religioso(a) 4. nem um pouco religioso(a)

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	93,75	6,25	15/1
Está clara em seu sentido geral?	87,5	12,5	14/2
Apresenta termos claros e simples	93,75	6,25	15/1
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Julio: No meu entender, "slightly religious" seria melhor traduzido por "um pouco religioso", e não por "pouco religioso". "Slightly" tem uma conotação "positiva" (igual a "um pouco"), ao invés de "little", que teria uma conotação "negativa" (igual a "pouco"). Isso também ocorreria na oposição entre "a little religious" (um pouco religioso - conotação "positiva") e "little religious" (pouco religioso - conotação "negativa"). Isso também ocorre entre "few" vs "a few".

José Rogério: A Questão 9 do Q-PRP não está incluída nesta análise de conteúdo, mas fiquei com uma dúvida a respeito: quando se pergunta para o sujeito o quanto ele é religioso, esta religiosidade está mais ligada à frequência e à prática de rituais (portanto, mais "externa") ou à intensidade do sentimento da pessoa (mais "interna"). A pergunta pareceu não captar esta nuance.

21º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever practiced meditation? (For example, Transcendental or Zen meditation or another formal technique of stilling the mind.) 1. Yes 2. No	14. Você já praticou/fez meditação transcendental ou zen, hipnose, yoga ou usou alguma outra técnica formal para "relaxar" a mente? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

José Rogério: *Stilling* poderia ser traduzido por apaziguar. O verbo relaxar retira a idéia de imobilizar a mente, de não permitir que ela seja perturbada pelos pensamentos.

22º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever used "mind expanding" drugs or medicines? 1. Yes 2. No	15. Você já usou drogas ou remédios que tenham provocado um "aumento ou expansão" de sua consciência? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0

É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0
---------------------------------------	-----	---	------

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Ramiro: só uma coisa: “remédio” está associado a tratamento, enquanto “medicação” a outras curiosidades além disso.

23º)

Original em inglês	Tradução para o português
Do you believe the concept that the human “soul” survives after death is: 1. Untrue 2. Unlikely 3. A possibility 4. A probability 5. A certainty 6. No opinion	16. Você acredita que a sobrevivência da alma ou do espírito sobrevive depois da morte é: 1. impossível 2. improvável 3. uma possibilidade 4. uma certeza 5. não tenho nenhuma opinião a respeito disso.

Você considera que esta tradução / adaptação:

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	87,5	12,5	14/2
Está clara em seu sentido geral?	87,5	12,5	14/4
Apresenta termos claros e simples	87,5	12,5	14/2
É boa para coletar o dado pretendido?	87,5	12,5	14/2

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Fátima: Você acredita que a sobrevivência da alma ou do espírito depois da morte é:

Leon: Está redundante “a sobrevivência sobrevive”, talvez ficasse melhor “...a alma ou espírito sobrevive após a morte física”.

Tarcísio: Você acredita que a idéia/pensamento que... Em relação à idéia/pensamento que a alma ou espírito humano sobrevive após a morte física, você acredita que isso é? ___ 1. Falso

24º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever seriously sought information, help, or guidance from any of the following? (please, do NOT include cases where you did so primarily for amusement, as at a carnival). (Circle ALL that apply.) 1. Medium, clairvoyant, or psychic 2. Palm reader 3. Astrologer 4. Faith (or psychic) healer NOTE: If you circled ANY of the above, answer A through D below: (If “no”, skip to #37.) A. How many times have you gone to such people? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9-or-more B. How many different people have you gone to? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9-or-more C. Has any of this information, help or guidance influenced or changed any important decisions you have made in your life? 1. yes 2. no D. On the average, how would you evaluate your experiences with these people? 1. Very helpful 2. Somewhat helpful 3. Of no value 4. Harmful 5. Very harmful	17. Com quais dos tipos de pessoas listadas abaixo, você já buscou seriamente informação, ajuda ou aconselhamento? (Pode assinalar mais de uma alternativa.) 1. médium, clarividente ou "paranormal". 2. cartomante ou tarólogo(a) 3. astrólogo(a). 4. pessoa que realiza cura espiritual 5. quiromante (que faz leitura da mão). 6. jogador(a) de búzios 7. Outros. (Por favor especifique:) 8. Nunca procurei informações, ajuda ou aconselhamento com nenhum tipo de pessoa listada acima. Se você assinalou o item 8 na questão anterior, passe diretamente à questão 18. Se você assinalou algum dos outros itens, responda as questões de 17A a 17C abaixo. 17A) Quantas vezes você já consultou essa(s) pessoa(s) ? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais 17B) Alguma dessas informações, auxílios ou aconselhamentos influenciou ou mudou alguma decisão importante que você tenha tomado em sua vida ? 1. sim 2. não 17C) Em média, como você avaliaria suas experiências com essas pessoas ? 1. Muito proveitosas 2. Proveitosas de alguma forma 3. De nenhum valor 4. Prejudiciais 5. Muito prejudiciais

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	93,75	6,25	15/1
Está clara em seu sentido geral?	93,75	6,25	15/1
Apresenta termos claros e simples	93,75	6,25	15/1
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Mauro: Mas não entendi por que se suprimiu uma das perguntas.

Julio: Talvez fosse interessante manter a ênfase dada no inglês pelo trecho "(please, do NOT include cases where you did so primarily for amusement, as at a carnival)". Eles também perguntaram "How many times" e "how many different people", o que poderia ser mantido. Esses comentários que faço nesse item não são sugestões que me pareçam fundamentais ou mesmo importantes. Apenas um ponto para reflexão.

25º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever had a rather clear and specific dream which matched in details an event which occurred before, during, or after your dream, and which you did not know about or did not expect at the time of the dream? 1. yes 2. no	18. Você já sonhou de modo bem claro e específico com algum fato ocorrido antes, durante ou depois do momento em que você estava sonhando, sem que você tivesse conhecimento do fato previamente ou não estivesse esperando que aquilo acontecesse? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	87,5	12,5	14/2
Está clara em seu sentido geral?	87,5	12,5	14/2
Apresenta termos claros e simples	87,5	12,5	14/2
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Leon: Penso que "algum fato que aconteceu antes, durante ou depois" seja mais coloquial e de fácil compreensão do que "algum fato ocorrido.." E também sugiro "sem que você soubesse" no lugar de "tivesse conhecimento".

Julio: Sugiro checar o significado de "rather". Minha impressão é de que rather quer dizer, nesse contexto, algo como "mais ou menos". Dei uma checada no site www.dictionary.com e minha impressão é confirmada pelo verbete. Contudo, eles assinalam que os ingleses usam no sentido de "certamente". A diferença talvez não seja importante.

26º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever had, while awake, a strong feeling, impression, or "vision" that a previously unexpected event had happened, was happening, or was going to happen, and learn that you were right? 1. yes 2. no	19. Você já teve, enquanto acordado(a), um forte sentimento (intuição), impressão ou "visão" de que um fato inesperado tivesse acontecido, estava acontecendo ou iria acontecer e soube, mais tarde, que esse fato realmente aconteceu? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

27º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever had, <u>while awake</u> , a vivid impression of seeing, hearing, or being touched by another being, which impression, as far as you could discover, was not due to any external physical or "natural" cause? (Please, <u>do not</u> include here experiences of the Christ or other religious figures.) 1. yes 2. no	20. Alguma vez, <u>enquanto estava acordado(a)</u> , você já teve a nítida impressão de ver, ouvir ou ser tocado por alguém ou alguma coisa, sendo que essa impressão não parecia ser devida a nenhuma causa externa física ou "natural"? (Por favor, não inclua aqui experiências com figuras religiosas.)? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juizes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

28º)

Original em inglês	Tradução para o português
Has any other person ever told you they had a dream, "vision", or definite feeling in which they seemed to get information about an event involving <u>you</u> which they could not have gotten in any "normal" or conventional way? 1. yes 2. no	21. Alguém já lhe contou que teve um sonho, "visão" ou intuição que parecia conter uma informação sobre um fato envolvendo <u>você</u> , sem que tal informação pudesse ter sido adquirida por alguma via "normal" ou convencional? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juizes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

29º)

Original em inglês	Tradução para o português
Has you ever had an experience in which you felt that "you" were "locate outside" or "away from" your physical body; that is, the feeling that your consciousness, mind or center of awareness was at a different place than your physical body? (If in doubt, please, answer "no".) 1. yes 2. no	22. Você já teve alguma experiência em que você sentiu como se se deslocasse "para fora" ou "para longe" de seu corpo, isto é, sentiu que sua consciência ou que sua mente estava em algum lugar diferente de seu corpo físico? (Se estiver em dúvida se teve ou não esse tipo de experiência, por favor, responda "não".) 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juizes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

30º)

Original em inglês	Tradução para o português
Have you ever lived in a house you believed to be haunted? 1. yes 2. no	30. Você já esteve ou morou em alguma casa ou lugar que você acreditava ser "assombrado" ? 1. sim 2. não

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	93,75	6,25	15/1
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Leon: No questionário a pergunta relativa à crença não é pessoal. Lá tem "acreditava-se", já aqui tem "que você acreditava".

31º)

Original em inglês	Tradução para o português
Did any of <u>your own</u> experiences you have indicated in this survey "save" <u>you</u> (or could have saved you) from a serious or tragic event such as illness, severe emotional crisis, accident, or death?	32. item 1: Alguma(s) das experiências pessoais que indiquei nesta pesquisa me "salvou"/"salvaram" [ou poderia(m) ter-me salvado] de um acontecimento sério ou trágico como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

32º)

Original em inglês	Tradução para o português
Has any other person ever told you of a "warning" experience they had received concerning you which "saved" you (or could have saved you) from a serious or tragic event such as illness, severe emotional crisis, or death?	32. item 2: Livrei-me de um problema, fui salvo(a) ou poderia ter sido salvo(a) de um acontecimento sério ou trágico como de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte porque uma pessoa disse ter tido um "aviso" (pressentimento, sonho, visão ou intuição) e me alertou sobre algo que aconteceria comigo.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

33º)

Original em inglês	Tradução para o português
Did any of your own experiences you have indicated in this survey "save" another person (or could have saved them) from a serious or tragic event such as illness, severe emotional crisis, accident, or death?	32. item 3: Alguma(s) das minhas próprias experiências indicadas nesta pesquisa "salvou"/"salvaram" outra(s) pessoa(s) [ou poderia(m) tê-la(s) salvado] de um acontecimento sério ou trágico, como, por exemplo, de uma doença, de uma crise emocional grave, de um acidente ou da morte, ou ajudou a evitar algum outro tipo de problema.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

34º)

Original em inglês	Tradução para o português
<p>Have any of the experiences you have indicated so far in this survey SIGNIFICANTLY influenced or changed any of the important decisions you have made in your life concerning: (Circle ANY that apply)</p> <p>1. Your choice of a friend or circle of friends</p> <p>2. Your choice of whether to go, stay in, or drop out of school or college, what to study as a major, etc.</p> <p>3. Whether to join the armed forces or a particular branch of the military, the draft, etc.</p> <p>4. Whether to take or quit a job; type of occupation; relationship with co-workers, etc.</p> <p>5. Whether to take a breath from work or a vacation, taking up a hobby, etc.</p> <p>6. Moving to another part of the country or the world</p> <p>7. Which political party to support or candidate to vote for</p> <p>8. Your religion, choice of denomination or church, etc.*</p> <p>9. Whether to get married or divorced, who to marry or not to marry</p> <p>10. Whether or not to have a child</p> <p>11. What to name a child</p> <p>12. Purchasing a home or piece of property</p> <p>13. Purchasing a car or major appliance</p> <p>14. Your diet or eating habits; improving your state of health or physical fitness</p> <p>15. Your life style; how to spend your time; your ideals, purposes or goals in life, etc.</p> <p>16. Other(s): (Please, specify) _____</p>	<p>33. Alguma das experiências que você indicou até aqui <u>influenciou</u> ou <u>ajudou</u> alguma das importantes <u>decisões</u> que você tomou em sua vida em relação a:</p> <p style="text-align: center;">(Circule todas as alternativas que se aplicam a você.)</p> <p>1. sua escolha de um amigo ou círculo de amigos.</p> <p>2. sua escolha de ir, ficar ou desistir da escola ou da faculdade, ou a decisão sobre que curso fazer.</p> <p>3. entrar ou não para as forças armadas e/ou qual delas escolher (Marinha, Exército ou Aeronáutica)</p> <p>4. se iria aceitar ou abrir mão de um emprego ou se ia entrar ou sair de uma sociedade.</p> <p>5. se deveria tirar uma folga do trabalho ou umas férias, ou passar a se dedicar um <i>hobby</i>.</p> <p>6. mudar-se para uma outra parte do país ou do mundo.</p> <p>7. a qual partido político apoiar ou em que candidato votar.</p> <p>8. com quem namorar ou não; com quem se casar ou não se casar; divorciar-se.</p> <p>9. ter ou não um filho.</p> <p>10. que nome dar ao filho.</p> <p>11. adquirir uma casa ou parte de uma propriedade.</p> <p>12. adquirir um carro ou algum utensílio importante.</p> <p>13. mudar sua dieta ou hábitos alimentares; melhorar seu estado de saúde ou aptidão física.</p> <p>14. seu estilo de vida; seus ideais, propósitos ou objetivos de vida.</p> <p>15. Outros. (Por favor, especifique:)</p>

* **Obs.:** O item 8 foi suprimido na tradução porque foi tratado ao longo do questionário com relação a cada experiência abordada.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

35º)

Original em inglês	Tradução para o português
<p>Have any of the experiences you have indicated so far in this survey SIGNIFICANTLY influenced or changed any of your feelings or attitudes toward: (Circle ANY that apply)</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Yourself, who you are, the kind of person you are 2. Your view of human nature, your fellowman, or a particular race 3. Society, government, bureaucracy, the law 4. God, your religious beliefs, the life of the spirit* 5. The earth, nature, ecology, living in the countryside, etc. 6. Life, its meaning and purpose, youth, health 7. Death, old age, pain 8. War, the military, hate 9. Sex, marriage, love 10. Family, parents, children; friends 11. Education 12. Business, industry, work, capitalism, etc. 13. Science, technology 14. Material wealth and possessions, selfishness 15. Personal fame, position of power and control 16. media, advertising, news and information such as TV, radio and newspapers 17. Your emotions, art, play, fun, joy, pleasure, leisure. 18. Other(s): (Please, specify) _____ _____ _____ 	<p>34. Circule <u>todas</u> as alternativas abaixo que se apliquem a você.</p> <p>Alguma das suas experiências indicadas por você até agora nesta pesquisa influenciou ou mudou <u>significativamente</u> algum de seus sentimentos ou atitudes em relação a:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. você mesmo, quem você é, o tipo de pessoa que você é 2. sua visão da natureza humana, de seu companheiro ou de alguma raça em particular 3. sociedade, governo, burocracia, cumprimento das leis 4. Terra, natureza, ecologia, viver no campo 5. vida, seu significado e propósito, juventude, saúde 6. medo da morte, envelhecimento, dor 7. guerra, exército, ódio 8. sexo, casamento, amor. 9. família, pais, filhos, amigos. 10. estudo 11. negócios, indústria, trabalho, capitalismo 12. ciência e tecnologia. 13. riquezas materiais, posses, egoísmo 14. reputação pessoal, posição de poder e controle. 15. mídia, publicidade, fontes de entretenimento, notícias e informações (TV, rádio e jornais) 16. suas emoções, arte, divertimento, alegria, prazer, lazer. 17. outro(s). (Por favor, especifique:) 18. Apesar de ter vivenciado algumas experiências que indiquei aqui, elas não fizeram nenhuma diferença na minha vida.

* **Obs.:** O item 4 foi suprimido na tradução / adaptação porque foi tratado ao longo do questionário com relação a cada experiência abordada. Foi acrescentado o item 18 na tradução / adaptação para aqueles(as) cujas experiências não provocaram mudanças.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

36º) Considere as orientações dadas ao longo do questionário (aqui, como exemplo, utilizamos as questões 18 e 19):

Original em inglês	Tradução para o português
If "yes", answer A through F below: (If not, skip to #19)	Se você respondeu "sim" na questão anterior, responda as questões de 18A a 18M . Se você respondeu "não", passe diretamente à questão 19.

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	100	0	16/0
Está clara em seu sentido geral?	100	0	16/0
Apresenta termos claros e simples	100	0	16/0
É boa para coletar o dado pretendido?	100	0	16/0

Se você julga que a tradução / adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

37º) A questão apresentada em português, abaixo, é fruto da junção de duas questões apresentadas no questionário de Palmer (1979) sobre a possibilidade de conhecer o que está distante do corpo físico durante essa experiência de "sair do corpo":

Original em inglês	Tradução para o português
<p>C. In how many of these cases did you "travel" to distant place and "see" or "hear" what on going on there? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9-or-more</p> <p>D. In how many of these cases did you get information about previously unknown places or events that later proved to be accurate? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9-or-more</p>	<p>22B) Em quantos desses casos você "viajou" para lugares distantes e/ou desconhecidos, "viu" ou "ouviu" o que estava acontecendo lá e, depois, mais tarde, confirmou que essas informações correspondiam à realidade? 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 ou mais</p>

Você considera que essa questão (englobando as alternativas de resposta):			
Juízes (N = 16)			
ITEM AVALIADO	SIM (%)	NÃO (%)	N
Está bem escrita?	93,75	6,25	15/1
Está clara em seu sentido geral?	93,75	6,25	15/1
Apresenta termos claros e simples	93,75	6,25	15/1
É boa para coletar o dado pretendido?	93,75	6,25	15/1

Se você julga que a adaptação deveria ser melhorada, escreva sua sugestão de reformulação:

Julio: Apenas uma reflexão/sugestão: o original em inglês está fazendo uma distinção entre dois tipos (subtipos) de fenômenos: 1- ver algo ocorrendo em local distante. 2- ver algo ocorrendo em local distante + comprovar, posteriormente, que se tratava de uma percepção verídica. A versão em português não realiza tal discriminação. Penso ser interessante resgatar o original inglês.

38º) Há alguma observação sobre os subitens de cada questão apresentada no questionário Q-PRP? Se julgar que algum dos itens deve ser reformulado, por gentileza, apresente sua sugestão de reformulação indicando a numeração do mesmo.

Everton: 21º) Você já praticou/fez meditação transcendental ou zen, hipnose, yoga ou usou alguma outra técnica formal semelhante?

José Rogério: A questão 17. Imaginei que poderia haver pessoas que em certas fases da vida buscaram aconselhar-se com gurus, médiuns e outros mas que no presente, de fato, não consideram seriamente esta hipótese. Como o sujeito responderia nesta situação?

Julio: Apenas um "alerta": sugiro darem uma olhada cautelosa nos locais onde apareçam a expressão "não acredito" ("I do not believe"). Tanto no inglês quanto no português existe uma ambigüidade insidiosa nessa expressão. "Não acredito" (ou quaisquer similares) pode significar: 1- "Não tenho em mim a crença, mas também não tenho em mim a certeza da negativa". 2- "Tenho em mim a certeza da negativa". Ou seja, "Não acredito em Deus" pode querer dizer que "Não tenho em mim a crença em Deus, mas não sei se ele existe ou não", mas também quer dizer "Tenho em mim a convicção de que Deus não existe". Essa "sutilliza", no meu entendimento, mancha um pouco diversas

pesquisas de opinião desse tipo, conforme inclusive fortemente criticado por mim no link abaixo, sobre um artigo de Larson & Witham (Nature, 1998): http://paginas.terra.com.br/educacao/criticandokardece/victor_stenger_went_bananas.htm

Leon: 2, 13, 14, 17, 20, 22, 23, 25, 26

Leonardo: Nenhuma observação adicional.

Mauro: Há algumas questões que merecem ao menos séria reflexão, e talvez reformulação:

Questão 9: há diferentes formas de se lidar com sua própria religiosidade. Eu, por exemplo, me considero muito religioso, mas vejo minha religião de maneira muito diferente da maioria das pessoas. Tenho, digamos, uma fé mais raciocinada que vivenciada (as duas coisas são igualmente importantes). Procuo mais saber do que crer. Além do mais, muitos têm altos graus de religiosidade ou espiritualidade, sem seguir uma religião determinada.

Questão 17: fiquei em dúvida diante da palavra “consulta”. Já conversei com vários médiuns, mas nunca pedi um conselho propriamente dito, especialmente para algum espírito que nele se incorporasse.

Questão 18L: é preciso diferenciar um sonho com o qual se prevê um acontecimento inevitável, daquele que remete a uma possibilidade, ou então daquele que indica uma solução para um problema.

Questão 30: há diferença entre casa ou lugar que “acreditava-se” ser assombrado, ou que “parecia” ser assombrado.

Ramiro: a solicitação de colaboração realmente exige uma disposição acadêmica colaborativa. Especialmente este item de análise comparativa das traduções é exaustivo e, muitas vezes, parece se ocupar de uma checagem desnecessária (como a questão de n. 36, totalmente banal).

Vera: Uma única observação: No que tange às opções quanto ao número de vezes das diversas ocorrências e reações, poderia ser acrescentado: "número indeterminado de vezes".

39º) Qual é sua opinião geral sobre o questionário Q-PRP?

Angela: Interessante, mas um pouco cansativo.

Cecília: é bem feito, perguntas claras e objetivas, também não é cansativo.

Everton: Trata-se de um questionário bem desenvolvido e de fácil compreensão.

Fátima: Achei bastante adequado à investigação proposta.

José Rogério: Depois da questão 25 comecei a ficar um pouco cansado. Não sei se haveria alguma maneira de amenizar isto.

Julio: Gostei do questionário. Acredito que ele trará insumos valiosos.

Leila: O questionário está muito bem elaborado, claro e objetivo.

Leon: É uma boa ferramenta para coleta de informações sobre as crenças das pessoas sobre eventos paranormais e as possíveis influências dessas crenças sobre seus próprios comportamentos.

Leonardo: Completo e adequado para a aplicação a estudantes universitários mas um pouco longo e intimidador para a aplicação ao público em geral. Se possível, seria mais adequado que um email da usp (@usp.br) fosse disponibilizado como endereço para contato, reforçando a autenticidade e o caráter acadêmico da pesquisa (maior confiança para o pesquisado). Um formulário eletrônico para o envio de emails poderia ser disponibilizado para possibilitar o envio anônimo de emails com relatos, assim como um endereço físico.

Mauro: Achei o questionário excelente, instigador, podendo levantar uma série de dados importantes sobre fenômenos ainda muito pouco estudados pela ciência. Entretanto, penso ser este questionário muito mais importante como suporte à pesquisa do que como caminho para se chegar a conclusões propriamente ditas. Há sempre muitas sutilezas que precisam ser observadas, e que questionários como este, por mais bem elaborados que sejam, muito dificilmente conseguirão apurar. A pesquisa qualitativa é, a meu ver, muito mais relevante que a pesquisa quantitativa ou baseada em respostas limitadas pela incompletude da linguagem falada ou escrita. Ademais, é preciso estar atendo às próprias limitações tanto da ciência como das religiões. O método científico nem sempre – ou melhor, quase sempre não – alcança integralmente a verdade dos fatos. As religiões, por sua vez, podem trazer muitas verdades imiscuídas com fatores mistificantes, confundindo os estudiosos. De qualquer modo, parabeno-a por esta excelente iniciativa.

Rafael: Eu achei o questionário um pouco longo, o que pode afastar algumas pessoas. No entanto, as questões são bastante abrangente. Fiquei curioso em entender como se pretende fazer a tabulação e a análise fatorial ou de variância.

Ramiro: não fica claro qual o enfoque da pesquisa, para que ela será utilizada e especialmente o quanto a avaliação do meu estado de felicidade ou não com a vida pode servir para a avaliação de minhas crenças nas experiências psi ou de minha total descrença nelas.

Rosana: Muito interessante e bastante abrangente dentro da área pesquisada.

Tarcísio: não expressou opinião.

Vanessa: Apesar de ser um questionário longo, acho que todas as informações são importantes e não poderiam faltar. Seria importante talvez orientar as pessoas que irão responder que precisarão dedicar um tempo a ele, para que não o façam correndo e sem dedicar-lhe a atenção que merece. Mas acredito que foi muito bem elaborado e se adequa bem ao objetivo proposto

Vera: Excelente: todas as questões denotam o propósito de elucidação de quem montou o questionário, bem como o aprofundamento de sua fundamentação teórica.

MUITO OBRIGADA, MAIS UMA VEZ, POR SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO 5

Compact disc com todas as tabelas
geradas pelo SPSS para a análise dos dados